



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Centro de Ciências Sociais  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Guilherme Nogueira de Souza

**Os negros ascendentes na região metropolitana do Rio de Janeiro:  
trajetórias e perspectivas**

Rio de Janeiro

2012

Guilherme Nogueira de Souza

**Os negros ascendentes na região metropolitana do Rio de Janeiro:  
trajetórias e perspectivas**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Claudia Barcellos Rezende

Rio de Janeiro

2012

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/ BIBLIOTECA CCS/A

S657Sn Souza, Guilherme Nogueira.  
Os negros ascendentes na região metropolitana do Rio de Janeiro: trajetórias e perspectivas/ Guilherme de Sousa Nogueira. – 2012.  
174 f.

Orientadora: Claudia Barcellos Rezende  
Tese (doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.  
Bibliografia.

1. Negros – Condições sociais - Rio de Janeiro (RJ) - Teses. 2. Mobilidade social – Rio de Janeiro (RJ) - Teses. 3. Rio de Janeiro (RJ) - Relações raciais – Teses. I. Rezende, Claudia Barcellos. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 308(815.3)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte

\_\_\_\_\_  
Assinatura

\_\_\_\_\_  
Data

Guilherme Nogueira de Souza

**Os negros ascendentes na região metropolitana do Rio de Janeiro:  
trajetórias e perspectivas**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em: 18 de outubro de 2012.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Claudia Barcellos Rezende (Orientador)  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

---

Prof. Dr. Peter Henry Fry  
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – UFRJ

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Edlaine de Campos Gomes  
Centro de Ciências Humanas e Sociais - UNIRIO

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Márcia Contins Gonçalves  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Sandra de Sá Carneiro  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Rio de Janeiro

2012

## DEDICATÓRIA

Aos meus pais,  
Oswaldo e Maria Alice de Souza,  
e à minha avó, Maria Elias Nogueira.

## AGRADECIMENTOS

Ao longo destes anos pude contar com o apoio e auxílio de dezenas de professores que contribuíram direta e indiretamente para este trabalho. Logo, sou grato aos professores do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro por terem participado de minha formação. Assim como sou grato aos funcionários que atuaram no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Sem o auxílio deles a trajetória teria tido percalços adicionais.

O presente trabalho também não teria sido possível sem o apoio oferecido pela FAPERJ ao longo de quase todo o processo.

Quero expressar a minha gratidão às professoras Michéle Lamont, por ter cedido o banco de dados que deu origem a esta tese para uso das equipes nacionais, Elisa Reis e Graziella Moraes, por terem me convidado a participar do processo de entrevistas e análises dos dados.

De igual modo, agradeço aos professores Peter Fry, Márcia Contins Gonçalves, Sandra Maria de Sá Carneiro, Edlaine de Campos Gomes, Rachel Aisengart Menezes e Valter Sinder por terem realizado o acompanhamento e a avaliação deste trabalho. São partícipes dos êxitos e isentos de qualquer responsabilidade por eventuais equívocos que o tempo venha a indicar nestas linhas.

Sou especialmente grato a minha orientadora, professora Claudia Barcellos Rezende, por ter me acompanhado desde a graduação. Terminei esta etapa com a certeza de que aprendi muito com esta excelente profissional.

Por fim, agradeço com carinho todo especial aos meus pais, Oswaldo e Maria Alice; irmãos, Alcione e Fábio; e aos mais do que amados Richarlls Martins, Carlos Costa Rodrigues Luz, Hélen Barcellos da Silva Martins, Marcelo Henrique Pontes Vidal e Luís Claudio Borges.

## RESUMO

SOUZA, Guilherme Nogueira de. **Os negros ascendentes na região metropolitana do Rio de Janeiro**: trajetórias e perspectivas. 2012. 174 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

O presente trabalho tem como objeto de estudo homens e mulheres negros que estavam inseridos nos estratos médio e alto da sociedade fluminense. O interesse que fundamenta a pesquisa é compreender a trajetória social destas pessoas. Entender os caminhos que possibilitaram que elas estivessem presentes em níveis sociais pouco acessíveis para a população brasileira em geral, e para a população preta e parda, em especial, é um dos elementos centrais na perspectiva de mapear esta população e os mecanismos sociais que possibilitaram romper com a histórica sobreposição entre cor e estrato social, característica duradoura que as transformações sociais e econômicas não foram capazes de alterar plenamente. Focado na compreensão das trajetórias neste grupo, compreendendo a origem de sua família e o percurso feito para a inserção em uma posição de classe privilegiada ou reprodução desta posição herdada, o presente trabalho reconstrói, através de entrevistas, a trajetória dessas pessoas, dá acesso também ao conjunto das limitações que, eventualmente, possam ter se colocado frente a eles. Ou, quando possível, destaca os elementos importantes de uma configuração social que possibilitou esta inserção privilegiada.

Palavras-chave: Trajetória. Mobilidade social. Relações raciais.

## **ABSTRACT**

This thesis aims to study black men and women who were entered in medium and high strata of society fluminense. The interest that grounding the research is to understand the social trajectory of these people. Understanding the ways that enabled them to be present at social levels little affordable for the Brazilian population in general, and the black and “parda” population, in special, is a of the central element in the perspective of mapping this population and the social mechanisms that made it possible to break with the historical overlap between color and social stratum, durable feature that the social and economic transformations were not able to fully change. Focused on understanding the trajectories in this group, comprising the origin of his family and the journey made for insertion into a privileged class position or reproduction of this inherited position, the prexent work reconstructs, through interviews, the trajectory of these people, also provides access to set of constraints that eventually could have been placed against them. Or, where possible, highlight the important elements of a social configuration that allowed this privileged insertion.

**Keywords:** Trajectory. Social mobility. Race relations.



## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	08
<b>1</b>	<b>PROJETOS DE VIDA, TRAJETÓRIAS E ASCENSÃO SOCIAL</b> .....	19
1.1	Um caso exemplar.....	19
1.2	Reverendo conceitos.....	22
1.3	Analisando trajetórias.....	30
1.4	Considerações finais.....	51
<b>2</b>	<b>AS CATEGORIAS DE CLASSIFICAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL</b> .....	55
2.1	Um caso exemplar.....	55
2.2	Reverendo conceitos .....	61
2.3	Analisando narrativas.....	66
2.4	Considerações finais.....	79
<b>3</b>	<b>REPRESENTAÇÕES SOBRE O BRASIL E AS QUESTÕES RACIAIS</b> .....	84
3.1	Um caso exemplar.....	84
3.2	Reverendo conceitos.....	95
3.3	Analisando narrativas.....	99
3.4	Considerações finais .....	126
<b>4</b>	<b>RELAÇÕES SOCIAIS, RELAÇÕES AFETIVAS E MERCADO MATRIMONIAL</b> .....	129
4.1	Um caso exemplar .....	129
4.2	Reverendo conceitos .....	135
4.3	Analisando narrativas .....	141
4.4	Considerações finais .....	152
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	154
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	161
	<b>ANEXO A</b> - Tabela com dados gerais sobre os entrevistados .....	169
	<b>ANEXO B</b> - Roteiro de entrevista .....	170

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de estudo homens e mulheres negros que estavam inseridos nos estratos médio e alto da sociedade brasileira. O interesse que fundamenta a pesquisa é compreender a trajetória social destas pessoas. Entender os caminhos que possibilitaram que elas estivessem presentes em níveis sociais pouco acessíveis para a população brasileira em geral, e para a população preta e parda, em especial, é um dos elementos centrais na perspectiva de mapear esta população e os mecanismos sociais que possibilitaram romper com a histórica sobreposição entre cor e estrato social, característica duradoura que as transformações sociais e econômicas não foram capazes de alterar plenamente.

Para tanto, se faz necessário estudar a trajetória deste grupo, compreendendo a origem de sua família e o percurso feito para a inserção em uma posição de classe privilegiada ou reprodução desta posição herdada. Reconstruir, através de entrevistas, a trajetória dessas pessoas, dá acesso também ao conjunto das limitações que, eventualmente, possam ter se colocado frente a elas. Ou, o que também é central, destaca aos elementos importantes de uma configuração social que possibilitou esta inserção privilegiada.

Sabe-se que, mesmo antes dos impactos do crescimento de renda da classe C na última década, a sociedade brasileira já era marcada por uma intensa mobilidade, especialmente ascendente, mas também descendente (PASTORE, 1979; VALLE SILVA; PASTORE, 1999; VALLE SILVA, 2001). As características fundamentais deste processo de mobilidade são: mobilidade entre os estratos ocupacionais da base da pirâmide, caracterizados por ocupações profissionais manuais com ou sem qualificação; e mobilidade intra e intergeracional de curta distância. Em outras palavras, o elevado índice de mobilidade social se deu muito mais intensamente na base da pirâmide, dentre os mais pobres. Essa mobilidade, especialmente até os 80, foi marcada pela migração campo-cidade. Por outro lado, mesmo com a intensa mobilidade ascendente, a distância percorrida é pequena, especialmente quando se leva em consideração a mobilidade intergeracional. A mobilidade, portanto, é uma marca da sociedade brasileira e, como se verá, negros que chegaram aos estratos médio e superior foram afetados diretamente e indiretamente por esta conjuntura de transformações estruturais em nossa sociedade. Cabe frisar, no entanto, que muitos ascenderam pouco, e poucos ascenderam muito nos últimos anos. Ou seja, o teto para ascensão de boa parte das pessoas tem sido as profissões manuais qualificadas, havendo, portanto, pouca mobilidade para os estratos

superiores via acesso a profissões não-manuais, tradicionalmente demandantes de maior qualificação e ofertantes de maior status, o que hipoteticamente também tende a significar níveis mais elevados de renda e acesso a bens e serviços de melhor qualidade. Os poucos que obtiveram mobilidade de longa distância foram exatamente aqueles que conseguiram saltar da base da pirâmide para o seu topo. Ou seja, filhos de profissionais de inserção manual que conseguiram romper a barreira que separa as atividades manuais das não-manuais. Ora, é exatamente nessas profissões de maior status, não-manuais, que se encontram as pessoas que participaram desta pesquisa.

Este intenso processo de mobilidade percebido pelos autores está relacionado ao conjunto de mudanças estruturais na sociedade brasileira. Jannuzzi (2000) aponta para o efeito da migração campo-cidade como elemento central para compreender os efeitos longitudinais do processo de mobilidade constatado. O autor demonstra que a forte migração em direção à cidade de inúmeros trabalhadores do campo não significou redução da desigualdade tendo em vista que os pequenos ganhos obtidos com a migração em massa para a cidade e, com isso, para novas ocupações com maiores rendimentos, foram amplamente superados pelos ganhos da minoria que conseguiu ascender aos estratos médios, especialmente aquele pequeno grupo absorvido pelas indústrias modernas, demandantes de trabalhadores manuais qualificados, assim como aqueles que foram incorporados às funções burocráticas do Estado. Além disso, não se pode ignorar os efeitos da mudança de planta produtiva que transformou um país de economia agrária em um país industrializado.

A mobilidade estrutural, portanto, foi a marca da sociedade brasileira no século XX. Por mobilidade estrutural entende-se um conjunto de mudanças macrossociais que faz surgir novas demandas por trabalhadores. Essas vagas são ocupadas mesmo que não hajam trabalhadores realmente qualificados para elas. A ausência de mão de obra qualificada, associada a profundas mudanças na estrutura produtiva da sociedade, é a marca deste tipo de mobilidade. O Brasil, a partir dos anos 20 e, com mais intensidade, entre os anos 50 e 70, foi caracterizado por forte mobilidade estrutural devida às profundas mudanças na estrutura produtiva e na distribuição populacional. Assim sendo, parcelas expressivas destes migrantes foram incorporadas ao setor da construção civil como trabalhadores de baixa qualificação e, portanto, baixos rendimentos, num momento em que as dinâmicas econômicas das cidades em constante expansão tornavam este setor um demandante de mão de obra, mesmo que sem a qualificação necessária.

A mobilidade estrutural é uma característica de sociedades em rápido processo de transformação produtiva. Por outro lado, à medida que estas transformações vão se

desacelerando, a capacidade de incorporação de mão de obra não qualificada diminuiu. E com isso, torna-se preponderante a chamada mobilidade circular, na qual as chances de mobilidade estão mais fortemente vinculadas às capacitações dos sujeitos e ao aumento da competitividade entre trabalhadores (PASTORE, 1999).

Entretanto, se a mobilidade ascendente foi a principal transformação na estrutura social brasileira até a década de 80 no que se refere à distribuição da riqueza; esta mobilidade ascendente, por sua vez, não atingiu a todos os grupos populacionais da mesma forma. A acumulação inter e intrageracional de desvantagens por parte da população negra fez com que, quando considerados segundo a cor, os índices de mobilidade fossem claramente distintos. Em grande medida, todos experimentaram deslocamentos na pirâmide, especialmente deslocamentos rumo ao seu topo, mas uns se deslocaram bem mais que outros.

Na verdade, a previsão da geração de intelectuais dos anos 50 (FERNANDES, 2008; AZEVEDO, 1996, 1966) de que a modernização da economia e a alteração nos padrões produtivos no Brasil geraria uma maior integração do negro na sociedade de classes – tendo em vista que a desigualdade social manifesta segundo homogeneidade de cor nas classes sociais seria um produto arcaico do sistema escravista e, como tal em processo de desaparecimento – não se concretizou. O que se percebeu, após décadas de intensa transformação na estrutura produtiva, foi a manutenção dos negros em posições de baixa remuneração e atuando em profissões de baixo status (HASENBALG, 1979; 1983; 1988; VALLE SILVA, 1988; 1999). A modernização da estrutura produtiva não foi capaz por si de alterar o status ocupacional da população negra, algo já indicado anos antes por Costa Pinto (1998). As profundas alterações na produção econômica, apesar de possibilitar mobilidade estrutural em massa, não foram capazes de modificar os elementos fundamentais na reprodução da desigualdade: a transmissão intergeracional de desvantagens, a precariedade de acesso ao sistema escolar e ação de mecanismos variados, não objetivos, nas seleções para o acesso ao mercado de trabalho (OSORIO, 2004, p. 20 – 21).

Assim sendo, apesar da formação dos estratos médios durante o período de transformação da sociedade brasileira entre os anos 20 e 80, marcadamente ocupantes de profissões não-manuais e obtendo, por isso, maiores rendimentos, a população negra permaneceu contida nas profissões de menor status e menor rendimento, como parte de um acúmulo diferencial de desvantagens que não podem ser explicadas apenas pela herança escravista. Logo, os negros que ascenderam aos estratos médios na atualidade continuam sendo, até o momento, as “honrosas exceções” como percebidas por Costa Pinto seis décadas atrás.

O número de negros que acessam a universidade – pré-requisito para a execução de atividades de maior status profissional, especialmente no contexto de mobilidade de tipo circular – é tão pequeno “que não são o suficiente para serem registrados no gráfico” (BARCELOS, 1992, p. 55). Aos menos em 1992, essa era a perspectiva, alterada pela implantação de um conjunto de políticas públicas nos últimos 20 anos. Segundo Valle Silva et al (2009, p. 263), “em 1993, a taxa de frequência líquida na educação superior era de 7,7 para brancos e 1,5 para negros. Em 2007, esta sobe para 19,8 para brancos e 6,9 para negros. Esta trajetória significou que a diferença de 6,2 pontos subiu para 12,9 pontos, mais do que dobrou em 14 anos.” A ampliação do acesso ao ensino superior, especialmente através do aumento do número de vagas nas universidades privadas, é um exemplo concreto da acumulação de desvantagens e seus efeitos na distribuição de oportunidades.

Assim sendo, os homens e mulheres que compõem o conjunto de entrevistados desta pesquisa ainda se caracterizam como exceções quando comparados ao conjunto da população preta e parda brasileira. Não somente por possuírem ensino superior, mas também porque conseguiram inserção no mercado de trabalho em posições maior status e rendimento. Assim sendo, não bastava apenas compreender a trajetória que possibilitou a presente posição de classe, era possível e preciso entender o conjunto dos valores que esta posição socialmente privilegiada possibilita. Ora, a inserção de classe comporta a construção de um estilo de vida variado e também um olhar diferenciado sobre si e sobre o país. Teoricamente, a ascensão social, a diferenciação, permite ao sujeito a elaboração de narrativas condizentes com a sua posição na estrutura social. Logo, uma das questões que norteou este trabalho foi a necessidade de compreender quais são os valores e a interpretação que essas pessoas atribuem ao mundo que lhes circunda. Em outras palavras, estando numa posição diferenciada, privilegiada, como estas pessoas pensam o país no qual estão inseridos e, especialmente, como compreendem a sua própria posição neste mundo. Estes homens e mulheres, ao se estabelecerem nas suas posições sociais, se distanciaram não somente da população preta e parda, mas da população brasileira em geral, visto que a inserção no ensino superior e a execução de atividades demandantes deste nível de escolaridade ainda se constituem de difícil acesso a grande maioria da população.

Obviamente, no que se refere às perspectivas de vida e mundo deste grupo, não se pode ocultar que eles estão, de alguma forma, portando corpos dotados de sentido. Estes sentidos, estas cores, se tornam mais intensas ao se levar em consideração o fato de que este pequeno grupo circula em espaços nos quais se constituem como minoria e são percebidos – quando o são – como exceção. Ou seja, a sua cor, os seus traços físicos, são parte de uma

linguagem que transmite algum nível de informação. Este corpo se constitui como elemento simbólico numa sociedade em que a marcação da diferença sempre esteve assentada nos traços físicos (NOGUEIRA, 2007). E, por sua vez, os traços físicos sempre foram elementos centrais na distribuição de bens materiais e simbólicos. Logo, ao longo da pesquisa, era importante compreender quais eram os eixos interpretativos destes sujeitos a respeito de sua posição no mundo e dos elementos centrais que envolvem a sua cor, seus traços e seu corpo. Corpo este que também é produto simbólico e dotado de múltiplos sentidos socialmente partilhados, objetos de construção e reconstrução (GOMES, 2006).

Mais do que isso, era preciso investigar os eventuais efeitos da cor no conjunto das interações sociais destes sujeitos. Era necessário compreender se o eixo central das relações sociais era orientado pelo critério classe ou cor, ou alguma conjugação dos dois. Entendo ambos como elementos socialmente estruturantes das relações sociais e, potencialmente, influentes nos processos de construção dos laços e redes sociais. Como se verá adiante, aparentemente, estes elementos são centrais no processo de eleição, por exemplo, dos parceiros afetivos e sexuais. Teria a cor algum peso no processo de construção das redes sociais? Ou seria ela, um elemento limitador das inserções sociais? Neste sentido era preciso, além de compreender os elementos importantes a respeito da construção das redes de sociabilidade, a perspectiva quanto às vivências sociais, mas também compreender os sentidos da categoria cor e qual o seu uso. Supondo que este elemento seja importante na vivência das pessoas como categoria estruturante das relações sociais no Brasil, se fazia preciso entender como a cor, a marca, era vivenciada por estes sujeitos.

Autores célebres da tradição sociológica tem afirmado que a ascensão social dos negros esteve, durante muito tempo, atrelada à negação de tudo o que associasse o sujeito em ascensão da posição social dos negros em geral. O negro – enquanto um conjunto de traços culturais e até mesmo físicos –, como síntese daquilo que precisava ser rejeitado e superado, o negro como elemento cristalizado, como lugar a ser abandonado para que o sujeito em ascensão pudesse ser inserido nas classes superiores, majoritariamente branca, socialmente branca. O embranquecimento social foi tido por muitos como central para a consolidação de uma posição diferenciada de classe. Esse embranquecimento estaria assentado tanto na recusa aos elementos culturais outrora mais vinculados a alguma entidade que se pudesse chamar de “cultura negra”, quanto estava associado ao uso de categorias de classificação de minorassem os efeitos dos traços físicos. O clarear, o embranquecer como parte da mobilidade social, portanto, não seria apenas uma estratégia de adaptação a novos modos culturais, seria a

reinterpretação do próprio corpo, a reclassificação dentro deste outro grupo e nesta nova posição (AZEVEDO, 1955; PIERSON, 1971).

Entretanto, apesar destas perspectivas clássicas, trabalhos mais recentes tem indicado uma mudança nessas relações e, portanto, mudanças também nas categorias de classificação e nos seus usos. Elas seriam, na verdade, expressão de uma nova elaboração do sentido de ser negro, elaborado prioritariamente por pessoas em processo de ascensão e constituídas menos como um elemento de diferenciação cultural e mais como uma identidade de consumo e também como uma instância política (FRY, 2002; FIGUEIREDO, 1999). Os anos após a ditadura e a reorganização dos movimentos sociais, as transformações dos discursos políticos, a emergência de novas pautas sociais e novos mecanismos de luta, além de uma lenta transformação na posição socioeconômica da população preta e parda, foram alguns dos elementos que possibilitaram alterações ainda em curso sobre o sistema de classificação racial no Brasil. Mais do que isso, as mudanças sociais também têm produzido perspectivas novas a respeito da identidade social e novas narrativas sobre si.

O conjunto de entrevistas que compõe este trabalho foi produzido no âmbito da pesquisa “A Comparative Study of Responses to Discrimination by Members of Stigmatized Groups”, um projeto que será explicado mais adiante. A participação nesta pesquisa trouxe a solução para uma limitação intrínseca ao projeto de doutoramento como elaborado: como obter as informações a respeito destes homens e mulheres. As técnicas quantitativas, apesar de centrais para a produção do conhecimento, não se apresentam como mecanismo eficiente para compreender as trajetórias e vivências deste grupo. Seriam necessários instrumentos bastante sofisticados e onerosos para se estabelecer um mapeamento macro, estatístico, sobre os negros ascendentes. Isso se torna verdade especialmente na região metropolitana do Rio de Janeiro, cujas dinâmicas internas de ocupação do espaço não possibilitam reconhecer uma área de maior concentração de negros de estratos médios, por exemplo. Assim como não é mais possível encontrar espaços de entretenimento dominado por este grupo social como foram no passado os clubes negros, inicialmente redutos de pretos e pardos ascendentes desejosos por distinção e aceitação social (GIACOMINI, 2006).

Tendo em vista estas características: o caráter minoritário e a dispersão pela cidade., não foi possível para uma pesquisa que pretendia estudar os negros que ascenderam aos estratos médios utilizar outra metodologia que não a construção de uma rede de entrevistados, através de indicação. Todos os entrevistados foram contatos obtidos direta ou indiretamente com outros membros da pesquisa. Ou então, indicação de outros entrevistados. Assim sendo, foi no bojo do projeto “A Comparative Study of Responses to Discrimination by Members of

Stigmatized Groups”, coordenada pela Dr<sup>a</sup>MichéleLamont, professora do Departamento de Sociologia da Universidade de Harvard, que nasceu o conjunto do material utilizado para a elaboração desta tese de doutoramento. O projeto visava compreender as narrativas e as estratégias anti-estigmatização utilizadas por grupos em diferentes contextos e estruturas sociais. Além de focar nos impactos de experiências de estigmatização sobre a saúde física e emocional dos membros destes grupos. O projeto estava dividido em alguns eixos, sendo eles: “Self-Perceptionand Ethno-racial identity”, “Perception of Society”, “Symbolic Boundaries”, “Experience so Racism” e “Anti-Racistand Equalization Strategies”.

A pesquisa foi realizada simultaneamente em diferentes cidades “racialmente” mistas pelo mundo, focando em grupos sociais específicos; fazendo recorte de gênero – quando possível – e de statusprofissional. Além da população “preta” e “parda” do Rio de Janeiro, dividida entre profissionais de baixa qualificação e profissionais de elevada qualificação, a pesquisa foi realizada entre os afro-americanos residentes em Nova York, e os imigrantes etíopes – Mizharis – e cidadãos muçulmanos palestinos em Jaffa/ TelAviv.

No Brasil, a coordenação da pesquisa coube a Elisa Reis e Graziella Moraes da Silva – professoras do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais /UFRJ. Além das coordenadoras, a equipe brasileira era composta por nove pesquisadores, estudantes de pós-graduação em Ciências Sociais. A minha inserção já se deu na segunda fase do projeto e no intuito de entrevistar os profissionais pretos e pardos de classe média.

A concepção metodológica da pesquisa originária, centrada no processo de codificação das entrevistas realizadas através do programa “ATLAS.ti”, tendo como orientador um livro código compartilhado por todas as equipes envolvidas mundo afora, permitia a inserção de questões extras de acordo com as problemáticas locais e interesses das equipes e pesquisadores participantes. Assim sendo, o material utilizado na presente tese tem origem no material produzido pela equipe de pesquisadores de campo, com as alterações necessárias ao contexto social brasileiro. O roteiro de entrevista segue no anexo 2.

A técnica aplicada na pesquisa, tendo em vista o grande número de entrevistas realizadas, foi a formação de um banco de dados de caráter qualitativo através da codificação, de acordo com livro código previamente elaborado e constantemente atualizado ao longo do processo de processamento das entrevistas. Ao todo foram realizadas 280 entrevistas, sendo 80 com profissionais de alta qualificação. Particpei diretamente destes processos no que se refere aos profissionais de alta qualificação, chamados apenas de “profissionais” nas categorias da pesquisa, em oposição a “trabalhadores”, categoria que designava aqueles que



possuíam baixa escolaridade e/ou exerciam uma profissão que demandasse baixa escolaridade.

A seleção dos profissionais entrevistados se deu pela construção de uma rede multivariada de indicações, como já dito anteriormente. Os critérios mínimos para classificação como profissional de alta qualificação seriam: formação superior, preferencialmente, em profissões de maior status; atuação em atividade que exigisse formação superior, não necessariamente na mesma área de atuação; residência na região metropolitana do Rio de Janeiro; e, por fim, ser classificado como “preto” ou “pardo” segundo as categorias oficiais. A pesquisa previa uma amplitude etária que iria dos 18 aos 70 anos para todos os grupos estudados. No entanto, tendo em vista as exigências mínimas para o grupo dos profissionais de elevada qualificação, a amplitude etária ficou entre 25 e 70 anos. Manteve-se o controle visando o equilíbrio de gênero na seleção dos entrevistados.

Para este trabalho faço uso das entrevistas na sua íntegra. Diferentemente da pesquisa internacional que organizou um banco de dados, entendo que as entrevistas são unidades discursivas marcadas pela especificidade do momento de interação entre entrevistador e entrevistado, exatamente por isso, optei por trabalhar com um número menor de entrevistas mas tomando-as como unidades fundamentais, integrais, para manter exatamente este caráter de unidade. Obviamente, esta opção metodológica produz consequências. O trabalho com o banco de dados possibilitaria da maneira como estava estruturada uma gama muito mais ampla de comparações tanto de narrativas, quanto de fatos biográficos. No entanto, o caráter fragmentário do banco teria o ônus de reduzir as possibilidades de análises intratextuais. Ademais, por outro lado, não seria possível fazer uma análise intratextual, tomando as entrevistas como um discurso contextualizado, das 80 entrevistas realizadas pelo conjunto dos pesquisadores.

Apesar das 80 entrevistas realizadas pelo conjunto dos pesquisadores – excluindo as entrevistas realizadas com trabalhadores –, para o presente trabalho foram utilizadas apenas 22 entrevistas com profissionais de formação no ensino superior e inserção profissional exigente deste nível de qualificação, mesmo que fora da área de formação inicial. A divisão das entrevistas, segundo o gênero, deu-se de maneira equitativa de modo que são 11 entrevistas realizadas com homens e 11 com mulheres. A amplitude etária ficou entre 29 e 65 anos, prevalecendo entrevistados com mais de 40 anos, faixa etária em que, geralmente, as pessoas já se consolidaram profissionalmente, iniciando a curso descendente. No que se refere às formações, há uma predominância das carreiras tradicionais e de elevado status: Medicina, Engenharia, Economia etc. No entanto, também há profissões de menor status ou não

tradicionais, como Serviço Social e Turismo. Estes dados mais gerais estão coligidos em tabela no anexo 1. A seleção das 22 entrevistas dentre as 80 seguiu alguns critérios elementares. O primeiro foi a priorização das entrevistas as quais eu mesmo havia realizado. Isto sempre possibilita uma gama mais ampla de informações que a leitura e análise apenas das transcrições, mesmo com as notas e comentários feitos pelos entrevistadores, não oferecem. Ademais, tendo em vista o caráter estrutural de nossas assimetrias de gênero, era necessário manter igualdade nas entrevistas de homens e mulheres, por isso a divisão equitativa. Por fim, como o critério utilizado para definir posição na estrutura sócio-ocupacional na pesquisa matriz possibilitava dubiedades quanto a posição social dos sujeitos, a seleção das entrevistas priorizou aqueles homens e mulheres inseridos em profissões de maior status e renda, o que não significa que não haja entrevistas de outros profissionais.

As páginas que se seguem são o produto de um conjunto amplo de interações que deram origem ao material que será apresentado. Estas entrevistas, em sua maioria, foram marcadas por uma profunda empatia entre o cientista social e o entrevistado. Enquanto pesquisador e negro, foi impossível não reconhecer em narrativas diversas parte de minha própria biografia. É importante que isto esteja claro pois, o que se segue, é uma versão possível, construída a partir de um lugar social específico, marcado por empatias e receios. A interação entre o antropólogo e as pessoas que encarnam o seu “objeto” não pode ser marcada pela objetividade positivista. Logo, não sendo possível um fazer antropológico que esteja assentado numa observação objetiva, é preciso esclarecer os locais a partir dos quais as informações foram obtidas. O distanciamento não se confunde necessariamente com ausência de empatia. Antes, a objetividade precisa estar assentada em transmitir os elementos reais que possibilitaram a construção daquele conhecimento. Parte dos elementos que possibilitaram a construção deste conhecimento está relacionada com a percepção do cientista social a respeito do seu próprio mundo, a respeito da posição social ocupada e partilhada com outras pessoas. No entanto, que isso não se confunda com a projeção das minhas inclinações pessoais sobre pessoas que não tem a ver com elas. A opção por citar em abundância as falas dos entrevistados, apresentá-los como sujeitos com origens sociais reais, dar-lhes um nome (fictício), uma profissão, enfim, dar-lhes personalidade foi com o intuito de que, pela profusão de informações, se reduzisse o impacto da empatia e da identificação do antropólogo com os seus colaboradores.

O processo de interação durante as entrevistas é sempre um momento rico e potencialmente tenso. Como o primeiro contato com os entrevistados, em sua maioria, foi intermediado por outro colaborador da pesquisa, a grande maioria já tinha alguma representação de quem seria o antropólogo. Assim como os entrevistados, a posição de cientista social e estudante de

doutorado negro também é – ou melhor, tem sido até o presente momento – uma situação minoritária no interior da academia brasileira. No entanto, não há registros relacionados a uma aparente quebra de expectativa. Mais do que isso, em muitas entrevistas, categorias inclusivas como “nós” e “a gente”, referindo-se a mim como incluído no mesmo grupo do entrevistado, foram utilizadas no processo de interação para narrar alguma suposta especificidade da situação da população preta e parda. O efeito deste reconhecimento foi, por um lado, pessoas mais a vontade para expressar algumas opiniões e fazer algumas considerações que, eventualmente, não seriam ditas se o entrevistador tivesse outros traços físicos. Por outro lado, algumas perguntas pareciam soar como óbvias no processo de entrevista, o que sempre precisava ser contornado com a reelaboração das mesmas ao longo do processo.

A tese está estruturada em quatro capítulos e em todos eles mantem-se a mesma estrutura. A introdução ao tema é feita a partir do caso exemplar que apresente os elementos que serão discutidos no capítulo. Estou tratando estes casos como exemplares porque servem para refletir sobre as discussões que serão tratadas adiante. Apesar da inegável singularidade de trajetória do grupo investigado, os casos introdutórios são exemplares tendo em vista a estrutura da tese, assim como no conjunto das narrativas que se seguem ao longo do trabalho. No bloco seguinte, faz-se uma revisão teórica sobre o tema para, em seguida, apresentar os demais dados correlatos. Assim sendo, não há um capítulo exclusivamente teórico ou de exclusivamente analítico. Todos os capítulos contém uma pequena revisão bibliográfica. Além disso, priorizou-se por apresentar minimamente a biografia dos entrevistados em cada capítulo de modo que o leitor possa saber mais a seu respeito e não somente conhecer, eventualmente, um fragmento da entrevista. Logo, todos os entrevistados estarão apresentados com certo nível de detalhamento no que se refere a sua biografia.

O primeiro capítulo trata especificamente da trajetória dos entrevistados, quais foram os caminhos percorridos para chegar na posição social que ocupam. Discute-se noções como projetos de vida, os efeitos do capital social acumulado, ascensão social e inserção de classe. A opção por tomar a entrevista como unidade narrativa gera a possibilidade de encarar os recursos linguísticos acionados pelo próprio entrevistado para organizar os elementos da sua biografia que permitiram que chegasse à posição social presente. Logo, o uso da categoria trajetória tenta dar conta de nomear os processos socialmente partilhados e, ao mesmo tempo biográficos, que justificam, na perspectiva do próprio entrevistado, a sua posição no mundo. O mesmo se processa com a categoria ascensão social, visto que a estratégia para obter esta informação passava por perguntas indiretas e diretas. . O roteiro de entrevistas, como pode ser visto no anexo B, está estruturado de maneira a saber do próprio entrevistado qual seria a

relação entre a posição social familiar de origem e a posição presente, além de outras questões sobre a origem familiar que permitem ao entrevistador obter maiores informações sobre as diferenças e similitudes dentre as posições sociais de origem e destino. Já no segundo capítulo, discutem-se as categorias de classificação e as identidades sociais. A intenção deste capítulo é dar conta das categorias acionadas como mecanismos de classificação e identificação deste grupo, tendo em vista a sua posição particular na pirâmide social brasileira.

No terceiro capítulo discutem-se as representações sobre o Brasil, as expectativas quanto ao futuro, a avaliação a respeito das demandas que se apresentam a sociedade brasileira; mas também discute-se as expectativa deste grupo a respeito da desigualdade social e o conjunto das representações sociais e avaliações individuais quanto as questões “raciais” enfrentadas pelo país.

O quarto capítulo, por fim, discute-se a inserção deste grupo em suas redes sociais, o estabelecimento de contatos enquanto parte de uma classe social e, especialmente, foca-se na constituição das relações afetivas e fraternas.

## 1 **PROJETOS DE VIDA, TRAJETÓRIAS E ASCENSÃO SOCIAL**

Neste presente capítulo pretende-se discutir a trajetória e os projetos de vida de homens e mulheres negros pertencentes aos estratos médios da região metropolitana do Rio de Janeiro. Apesar do reconhecimento de que as narrativas sobre o passado são elaborações feitas no presente, claramente circunstanciadas pela heterônoma experiência de uma entrevista biográfica, este capítulo pretende discutir quais foram os caminhos percorridos por essas pessoas, caminho este que possibilitou a elas uma posição social bastante particular. Distantes socioeconomicamente da maioria da população preta e parda, estes agentes históricos ascenderam socialmente, ou reproduziram inserções de classe herdadas das gerações anteriores, em configurações sociais, econômicas e familiares específicas. O tema central deste capítulo são estas trajetórias e as condições sociais concretas que possibilitaram a efetivação – ou não – de determinados projetos de vida.

### 1.1 **Um caso exemplar**

Jorge Luís tornou-se participante desta pesquisa através de Giane – médica, com 49 anos no momento da entrevista e sua irmã–, que também havia sido entrevistada dias antes. Jorge é casado, militar, Oficial da Marinha do Brasil, atualmente na reserva. Com 52 anos no momento da entrevista, o simpático oficial abriu as portas da casa de seus pais, uma das poucas casas sobreviventes na vertical Copacabana, para nossa conversa.

Nascido em Madureira, sua família mudou-se para Copacabana quando ainda era criança. E neste local morou durante toda a sua juventude. Filho de um barbeiro com uma funcionária pública, os avós de Jorge moravam na antiga favela da Catacumba, local que o entrevistado chegou a conhecer quando era criança. Segundo se recorda, sua avó morava em um barraco de madeira naquela favela que, anos mais tarde, daria lugar ao sofisticado bairro da Lagoa. A família materna é originária da cidade do Rio de Janeiro, já a família paterna, de Macaé.

A vida escolar na infância e juventude foi marcada pela intensa cobrança de êxito acadêmico. Ao longo da entrevista, cita mais de uma vez o quanto o sucesso escolar era uma preocupação frequente de seus pais, mesmo eles não tendo tido a oportunidade de investir na própria escolaridade enquanto jovens. Conforme explica Giane, os pais só puderam voltar a estudar quando os filhos já estavam na adolescência. Talvez exatamente por isso, a preocupação com a formação.

A trajetória profissional dos pais de Jorge e Giane é bem particular. O pai, barbeiro, conseguiu comprar a barbearia na qual trabalhava em Copacabana. Foi de funcionário a pequeno empresário. A mãe, ingressa no funcionalismo público como auxiliar administrativa, conseguiu ascender na estrutura administrativa do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) e tornar-se, após conclusão do curso superior, em contadora nesta instituição.

Jorge, ao concluir o ensino básico no Colégio Pedro II, prestou vestibular para o Instituto Militar de Engenharia (IME) e foi aprovado em 8º lugar. Ao se recordar deste período, relata que as elevadas expectativas em relação a sua aprovação foram frustradas. Havia a expectativa de que fosse o primeiro colocado na seleção. Expectativa esta alimentada por seus pais e também pelo curso pré-vestibular que frequentava.

Os cursos têm aquele objetivo de ter o primeiro lugar, porque isso vai permitir a propaganda. Na época saía fotografia no jornal e tinha um destaque. Hoje não vejo assim tanto. Na época, o vestibular como um todo, não era só IME não. A educação não é mais assim, mas na época tinha. Eu era um desses estudantes de quem se esperava conseguir o primeiro lugar. Mas quer dizer, esse peso todo... Eu sempre senti um peso muito grande pra carregar nas costas. Não gostaria de ter sido com foi não. Gostaria que tivesse sido mais leve. [...]  
 Não só isso. É que isso gera uma responsabilidade que, de repente, eu não sei se eu estava preparado pra carregar. Sabe? Você se sair bem deixa de ser uma coisa bacana, se sair bem é parte da sua obrigação. E você tem que sempre mostrar algo. Além disso, por exemplo, eu acabei passando, eu passei pro IME. Só que eu, naquele ano, era o favorito pra passar em primeiro lugar. E eu acabei ficando em oitavo. [...] Você sente aquela cobrança. Acho que eu era muito jovem pra isso.

A aprovação para o IME teve inúmeras consequências na vida de Jorge. Para além dos impactos profissionais – aos quais voltarei adiante – a aprovação possibilitou investimentos em outras áreas até então negligenciadas, como afirma ao longo da entrevista. A sua adolescência e juventude foram marcadas, por um lado, pelos investimentos escolares, mas também por uma inserção problemática na rede de sociabilidade do bairro no qual residia, Copacabana, assim como na escola que frequentava, isto se expressava no fato de Jorge não ter uma vivência afetiva promissora durante esta fase.

Nós éramos... Pertencíamos à coletividade daqui, mas você pertencia até certo ponto. Por exemplo, como é que eu me via? Eu tinha os meus colegas, um grupo de colegas daqui e, naquela época, na adolescência, todo mundo iniciando aquela fase de namoro e aquela coisa toda e isso era algo que eu não tinha acesso. Porque eu era diferente. Todo mundo me via como um amigo, como um cara legal, “sair com a gente e não sei o que”. Então, você... pra namorar você não existe como alguém. Ai você já sai daquele grupo. Você não faz parte do grupo, você é acompanhante. Eu acompanhava a todos e tal. Estava sempre no grupo. Vai sair todo o mundo, vão os casais e vamos. Então, quer dizer, foi por isso que eu disse que no IME demorou porque eu tentei me dedicar pra resolver essa dificuldade que eu tinha em termos de relacionamento. Que era decorrente da cor. Você pode até fingir que não era, e muita gente dizia, muitos colegas e adultos tentaram colocar na minha cabeça que não era, mas era. Eu que vivia as experiências.

Os alegados “efeitos da cor” na vida social e afetiva de Jorge ao longo de sua juventude viriam a se concretizar em um episódio marcante nesta mesma época, quando havia passado a atuar como professor particular. Os seus alunos eram moradores das redondezas, um público de classe média alta ou superior que tinha condições de contratar um jovem estudante do IME para ensinar para os seus filhos. O episódio relatado abaixo ocorreu com uma família moradora da Gávea, amigos de Giane, irmã de Jorge.

E numa dessas ocasiões a coisa acabou evoluindo pra um relacionamento. Então, quer dizer, era uma casa em que eu era recebido fantasticamente, mas quando se observou que a coisa tinha evoluído pra isso, fui chamado pela mãe da menina. “Adoro você e tal, mas você não nega... Então está na rua”. “Você é um negro”. A mãe não era de meias palavras. [...] Falou claramente. “Você é negro”. “Você veio bem recomendado, não tem nada de errado mas...”

O episódio acima é um exemplo do que Jorge definia como um “pertencimento imperfeito”. Pelo o que relata, as situações de acesso e tratamento diferenciados foram constantes ao longo do final da sua adolescência e início da juventude.

Estes problemas, no entanto, não impediram uma carreira com relativa facilidade dentro do IME. Segundo afirma, esta trajetória exitosa foi decorrente da habilidade com que lidava com os conteúdos das disciplinas, e não necessariamente produto de um investimento intenso nos estudos. Esta maior familiaridade com o raciocínio matemático possibilitou que o jovem voltasse sua atenção para outras áreas, os relacionamentos sociais e afetivos que, até então, haviam sido relegadas a plano secundário.

Jorge formou-se em Engenharia Mecânica e entrou para o mestrado na mesma instituição. Tendo tido uma boa trajetória na graduação, pretendia seguir carreira acadêmica. A opção pelo curso de Engenharia foi influência de sua mãe. O gosto de Jorge pela Matemática quando criança só poderia levá-lo a duas trajetórias possíveis: professor ou engenheiro. Por influência materna, o jovem estudante optou pela segunda. Na perspectiva materna, a atuação como engenheiro possibilitaria maior status e maiores rendimentos. No entanto, Jorge Luís nutriu um forte interesse pela produção do conhecimento e pela pesquisa. E neste sentido, a entrada no mestrado seria um caminho natural dentre as possibilidades de projeto de vida do recém-formado. A centralidade do fazer científico na vida dele era tão intensa que, ao ser questionado a respeito do como se definiria enquanto sujeito, enquanto pessoa, Jorge deu a seguinte resposta:

[...] Eu me vejo como um homem da ciência. Um cientista praticamente. Desenvolvi muito a capacidade científica. Até porque eu vim do instituto científico da Marinha. O que me permitiu trabalhar em pesquisa praticamente durante toda a minha trajetória na Marinha. Então, profissionalmente, eu me definiria assim, como um cientista. Uma pessoa sempre em

busca do conhecimento. Eu estou sempre procurando esse caminho. Aprender. E eu acho que até como ser humano também eu tenho essa característica que não muda. Eu sou uma pessoa que est sempre procurando aprender. Acho que a gente aprende com todo mundo. Tudo. Todas as pessoas. Todo mundo tem o que ensinar. Não só através do ensino formal, mas da experiência de vida. Pode ser pequena a experiência, mas é diferente da sua. Então, a gente sempre tem que trocar. Então eu estou sempre procurando aprender. Não sou uma pessoa, digamos assim, muito ambiciosa no sentido, eu diria, financeiro, de bens materiais. Eu tive a oportunidade de ter, de ter outras profissões que em termos de remuneração eu me daria muito melhor do que a que eu escolhi. Mas eu vim a escolher essa profissão. Eu até costumo dizer que eu não entrei pra Marinha, eu entrei pro Instituto de Pesquisa da Marinha [IPqM].

Jorge prestou dois concursos para ingresso como Oficial da Marinha. O primeiro concurso foi realizado logo após o término da graduação. Apesar de aprovado na seleção, o recém-formado, e estudante no curso de mestrado em Engenharia Nuclear, foi convencido por seus superiores a permanecer no curso de pós-graduação e viver durante um período com a bolsa de estudos. No entanto, passado o primeiro ano, a bolsa recebida era significativamente menor do que o valor prometido, por volta de 1/3. Frente a esta situação, e não podendo manter-se com este valor, Jorge fez um segundo concurso para Oficial da Marinha, sendo novamente aprovado. Desta vez em primeiro lugar. Esta passagem, por certo, é um dos momentos mais decisivos daquilo que viria a ser a sua trajetória pessoal e profissional.

Fazendo parte do Corpo de Oficiais Engenheiros da Marinha, Jorge teve que reconstruir seu projeto de tornar-se acadêmico dentro das possibilidades oferecidas por sua inserção profissional. Como destaca na entrevista, conseguiu ser um “homem de ciência” dentro IPqM e, com isso, atuar naquilo que desejava desde o final da adolescência. Esta inserção trouxe consigo possibilidades e restrições. Ao longo da sua vida conseguiu atuar como engenheiro, realizando pesquisas na área naval e tendo a possibilidade de realizar parte daquilo que pretendia inicialmente, o que incluiu um mestrado e doutorado nos EUA junto aos militares americanos. No final de sua carreira, Jorge Luís havia alcançado a patente mais elevada possível a um oficial do corpo técnico e, já na reserva, fazia planos para realizar um segundo doutorado fora do país.

## 1.2 Revendo conceitos

A narrativa a respeito da vida de Jorge possibilita refletir sobre como os sujeitos, na construção da sua vida cotidiana, elaboram aquilo que poderíamos chamar de “projetos de vida”. As escolhas feitas, os projetos frustrados, as curvas e desvios no percurso, todas essas questões, típicas na biografia de qualquer pessoa, apontam para o dilema real – mas nem sempre óbvio, especialmente para o sujeito – de se estar vivendo em sociedade, em condições materiais, sociais, emocionais e políticas limitadas. Jorge, enquanto sujeito de sua história e



narrador de sua biografia, apresenta os dilemas de uma trajetória, as bifurcações e os limites de um sujeito vivendo em uma determinada sociedade, com a estratificação particular e em um momento específico da história.

Seguindo as trilhas de Gilberto Velho (2004), podemos compreender que o conceito de projeto de vida possibilita compreender melhor as sociedades complexas – nas palavras do autor – tendo em vista o fato de que a principal característica dessa sociedade seria a desigualdade de riqueza e prestígio oriunda de divisão social do trabalho que possibilita diferenciação e multiplicidade. Isso não significa que um sujeito inserido em outra estrutura social distinta das sociedades ocidentais modernas não tenha que enfrentar o processo de construção de sua própria trajetória, mas apenas que as sociedades complexas modernas apresentam uma multiplicidade muito maior de caminhos aos seus membros. Velho entende que a ampliação da divisão social do trabalho possibilita uma maior individuação, a diferenciação como consequência da multiplicidade de trajetórias igualmente legítimas.

Velho (2003), em suas reflexões sobre o fazer antropológico nos espaços urbanos, destacou com maestria a centralidade do conceito de projeto de vida para compreender o mundo contemporâneo. Sociedades complexas seriam, como dito acima, aquelas que vinculariam a existência de categorias de estratificação permanentes no tempo, associadas a mecanismos de ampliação da divisão social do trabalho. Obtendo, como decorrência das formas da divisão do trabalho e suas hierarquias, uma distribuição desigual da riqueza e do prestígio. Portanto, o termo complexo está vinculado à ideia de existência de diferenças vivenciadas como concretas pelos membros do referido grupo. O conceito de projeto de vida seria central para compreender as dinâmicas nessas sociedades.

A narrativa de Jorge nos possibilita pensar em como se constrói a vida cotidiana de sujeitos metropolitanos em um mundo moderno que, ao centralizar-se na defesa do individualismo (DUMONT, 1985), celebra a autonomia do “indivíduo-no-mundo” em oposição ao “indivíduo-fora-do-mundo”. O individualismo moderno, nascido em oposição às sociedades holistas, centra-se nas possibilidades de atuação dos sujeitos em diferentes direções, uma liberdade socialmente construída frente aos mecanismos reais de estratificação social. Apesar da contundente explanação de Dumont ao apresentar o caráter inovador que a noção de sujeito assume na modernidade – noção esta que nasce em oposição e, ao mesmo tempo, suplementar às noções holistas, tendo João Calvino como seu principal formulador teórico – não se pode ignorar que a modernidade também está fundada na existência de um conjunto amplo de hierarquias e desigualdades. O valor simbólico fundamental e estruturante do individualismo convive diuturnamente com mecanismos produtores e reprodutores das

mais diversas formas de hierarquização social. A ruptura moderna com as sociedades holistas, tradicionais, não significa supressão das hierarquias, apenas que, no plano ideal e simbólico, estas hierarquias tendem a frequentes reformulações e deslocamentos, mantendo um elevado nível de porosidade, mesmo que seja apenas no plano ideal. O individualismo, e seu complemento lógico necessário, a igualdade, estão em perpétuo processo de aprimoramento desde que a modernidade converteu o “indivíduo-fora-do-mundo” em “indivíduo-no-mundo”.

Os sujeitos modernos e suas trajetórias são produto do conjunto das inovações sociais originadas a partir das transformações nos mecanismos de produção e o advento do industrialismo como expressão de um modo de vida e de organização do tempo social no mundo moderno. A industrialização, enquanto fenômeno social estruturante, gerou um conjunto de transformações no mundo conhecido e na maneira como os homens se relacionavam com o tempo e se inseriam nas redes sociais. A modernidade, marcadamente industrial e urbana, gerou uma nova subjetividade, um novo sujeito histórico, produto de um conjunto novo de relações sociais. O sujeito moderno-metropolitano é, antes de tudo, um sujeito exposto a uma multiplicidade de estímulos e exposto a uma gama variável, segundo a posição de classe, de trajetórias possíveis. A metrópole não somente faz nascer um novo sujeito histórico, uma nova subjetividade e uma nova forma de estabelecer relações com o mundo; como ela é o cenário da vivência e da realização deste novo sujeito (SIMMEL, 1987). A este respeito, Velho afirma que “a grande metrópole contemporânea é, portanto, a expressão aguda e nítida desse modo de vida, o lócus, por excelência, das realizações e traços mais característicos desse novo tipo de sociedade” (2004, p. 17)

Frente a esta nova realidade, marcadamente múltipla e, em grande medida, incerta, o homem moderno é um agente com consciência mais clara de sua particularidade no mundo. Ou, o que não seria exatamente a mesma coisa, o homem moderno, mais do que em configurações socioculturais anteriores, não somente tem consciência de sua particularidade, como vive em um mundo no qual esta particularidade é socialmente celebrada. Ele não somente passou por um processo de individuação, mas tornou-se a unidade de análise socialmente construída de todas as coisas. O individualismo, por certo um dos elementos típico-ideias que definem a modernidade, é a representação de um conjunto de relações sociais e históricas que celebram o sujeito como unidade jurídica dos processos. No entanto, cabe frisar que, assim como a democracia e a igualdade – valores modernos fundamentais – o individualismo se encontra em constante processo de reinvenção. A noção de particularidade individual e de sua legitimidade também está intimamente relacionada a outros determinantes

sociais importantes. Como afirmam Duarte; Gomes(2008, p. 248), “o tema da ‘individualização’ é indissociável do tema da ‘modernização’”.

Tradicionalmente se fala em classe social como o mediador de vivência e representação a respeito dessa modernidade desigualmente distribuída. Entretanto, é possível pensar em outros elementos que são importantes na constituição desta configuração social. Bourdieu (2007) ao discutir a questão da inserção de classe dos sujeitos como parte relacionada ao seu percurso social no mundo, afirma que a constituição das trajetórias está intimamente relacionada aquilo que ele chama de “processo de inculcação” dos valores sociais do grupo de origem através da socialização do sujeito via família e como consequência das posições sociais objetivas. O que significa dizer que, para além do conjunto dos valores sociais originários dos indivíduos, o sujeito constrói novas perspectivas à medida que passa pelo processo de mobilidade social, seja ascendente ou descendente. A posição de origem deixa de ser o determinante para o lugar social do sujeito, apesar dela ser central para compreensão de uma biografia particular.

Mais do que isso, é preciso pensar naquilo que o autor define como “inculcação” posto que os processos de formação e apropriação de valores morais e perspectivas de vida são centrais para dotar de sentido as trajetórias individuais. As perspectivas “inculcadas” revelam o conjunto dos valores com os quais o sujeito teve – e tem – que lidar para a construção de sua própria trajetória. Estas perspectivas, como se verá adiante na análise dos casos, podem objetivamente incentivar ou não trajetórias particulares e/ou diferenciadas, como é o caso de muitos dos entrevistados desta pesquisa. A ascensão e a ruptura com o lugar social de origem pode ser um projeto coletivo incentivado direta ou indiretamente por uma família ou coletividade, como pode ser um projeto cuja legitimidade é negada frente às orientações morais e culturais que não reconhecem a legitimidade da intenção do sujeito de seguir um roteiro diferente daquele tradicional ou mais recorrente.

A modernidade – especialmente em seu lócus mais emblemático, a metrópole – gerou o conjunto de condições que possibilita ao sujeito moderno a construção de uma trajetória particular. Assim sendo, a noção de “projeto de vida” nada mais é que a forma teórico-conceitual para tratar o processo tipicamente social e enfaticamente moderno de construção de uma história – entendida como particular – por parte do sujeito que mantém relação direta com o conjunto de condicionantes que o circundam e oportunidades aos quais tem acesso. O individualismo, assim como sua versão ideológica mais aguda, o self-made-man, não pode ser tomado como explicação suficiente da realidade social. O individualismo é um produto tipicamente social, uma das bases fundamentais sobre as quais se assentam o conjunto das

representações sociais nativas. Concretamente – não que as representações não se convertam em concretude no momento em que orientam a ação humana – os homens modernos estão permanentemente inseridos em estruturas sociais com características socioeconômicas e linguagens culturais específicas. Assim sendo, os sujeitos metropolitanos respondem ao conjunto mais amplo de características estruturais sobre as quais possuem uma influência relativa e limitada. As pessoas em qualquer estrutura social, e mais agudamente no mundo moderno, se constroem mantendo relações com outros homens, de acordo com uma linguagem cultural particular e num lócus social definido, com suas desigualdades e hierarquias.

O caráter relativo da influência do sujeito sobre as configurações sociais nas quais ele está inserido precisa ser compreendido no interior do conjunto das relações sociais típicas da comunidade, estrato ou grupo social. “Obviamente, nenhuma cultura elimina inteiramente a escolha dos assuntos cotidianos, e todas as tradições são efetivamente escolhas entre uma gama indeterminada de padrões possíveis de comportamento” (GIDDENS, 2002, p. 79). No entanto, apesar de nenhuma cultura ter eliminado a possibilidade da escolha, há de se questionar qual outra cultura tornou o particular em regra e o individual em valor celebrado coletivamente. Na realidade, a representação moderna que celebra o indivíduo e as trajetórias particulares é produto de um mundo que, apesar de ter afrouxado os nós, ainda mantém fortes laços entre os sujeitos com seus locais sociais de origem e as perspectivas de vida que foram elaboradas a partir destes locais. A construção das perspectivas de vida se dá sempre em relação às inserções culturais objetivas. O que não significa dizer que o sujeito não venha a romper com roteiros recorrentes em seu grupo de origem. Mesmo a ruptura com um conjunto de valores sociais do grupo originário no processo de construção de uma trajetória particular, eventualmente irruptiva, trás consigo estas perspectivas que, em grande medida, são formadoras da realidade social, afetiva e simbólica dos sujeitos (BERGER; LUCKMANN, 2004). Até mesmo no ato de negar, o sujeito torna os conteúdos culturais e as condições sociais de origem como elemento importante na consolidação de sua própria trajetória. A capacidade de recriar o mundo a partir do nada é uma habilidade reservada aos demiurgos, os homens constroem seu mundo sempre a partir de valores culturais e condições sociais compartilhadas, mesmo frente aos processos de mobilidade social. Neste sentido, a mobilidade social apresenta um caráter dúbio, pois, ao mesmo tempo em que o sujeito se desprende de sua realidade originária, acessando a uma nova realidade, mantém vínculos valores originais e as condições sociais formativas. Por outro lado, apesar do inegável poder da socialização, também não se pode supor que os sujeitos sejam meros reprodutores de

padrões culturais. As alterações nas condições objetivas, especialmente condições de inserção material, podem levar os sujeitos a reconstruir seu mundo e as ideias relacionadas a ele. Assim sendo, a relação entre sujeito e sociedade é fundamentalmente uma relação dinâmica.

É neste cenário marcadamente dialético que são construídos os projetos de vida. Em parte, eles são produto da ação intencional dos sujeitos a partir da maneira como este apreende o conjunto de determinantes sociais que o circundam. Neste sentido, Velho afirma que “é essencial frisar o caráter consciente do processo de projetar e que vai diferenciá-lo de outros processos determinantes ou condicionadores da ação que não sejam conscientes” (2004, p. 27). E continua ao afirmar que “o projeto não é um fenômeno puramente interno, subjetivo. Formula-se e é elaborado dentro de um campo de possibilidades, circunscrito histórica e culturalmente, tanto em termos da própria noção de indivíduo como dos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes.” (VELHO, 2004, p.27).

A ação intencional do sujeito só se torna compreensível quando tido em perspectiva o conjunto dos condicionantes sociais que o circundam. Se, por um lado, celebra-se no discurso nativo moderno o individualismo e, por conseguinte, o potencial produtivo da ação individual; por outro, esta ação individual é limitada pelas condições “objetivas” nas quais o sujeito está inserido. Entenda-se por “objetivas” não somente as condições materiais, mas também o conjunto das representações culturais objetivadas na vivência cotidiana. As representações se tornam concretas e objetivadas no momento em que orientam a ação individual e dotam o mundo e as práticas de sentido, um sentido culturalmente construído e vivido também como realidade subjetiva.

A obra de Elias (1995) a respeito de Mozart está inscrita no mesmo registro complexo da relação entre as ações do sujeito na consolidação de seu projeto de vida – projeto este construído a partir da percepção individual e/ou coletiva dos condicionantes sociais – e o conjunto mais amplo de orientações concretas que delimitam e enquadram a ação individual na sua relação com a estrutura social e as representações dominantes. Segundo aponta Elias, Mozart possuía clara percepção de seu talento musical e de suas qualificações enquanto artista, no sentido moderno da palavra. Entretanto, a categoria artista, como vivenciada modernamente, ainda não existia enquanto realidade social, especialmente no caso dos músicos. A tese central de Elias é que Mozart passou a vida tendo que lidar com uma configuração social de transição que, em parte permitia a ele ter uma percepção diferenciada de seu próprio talento e, como parte disto, tentar uma inserção inovadora no “mercado musical” de sua época. Mozart, se assim tiver sido, não se pensava como um mero artesão, prestador de serviços, mas como um artista, buscando liberdade de criação. Por outro lado, as

circunstâncias sociais nas quais o músico estava inserido não ofereciam respaldo para a objetivação de um projeto particular de vida oriundo de uma percepção de si e de sua produção. Não havia surgido a categoria artista – não no universo da música – apesar de pensar-se como tal, Mozart ainda era visto como um simples artesão burguês e, necessariamente, seu status dependia do status da corte na qual tocava. Mais do que isto, sua própria sobrevivência material estava atrelada aos vínculos de dependência e submissão artística às cortes aristocráticas. A rejeição artística a Mozart na sua vida foi expressão de um profundo descompasso entre as noções particulares de autoimagem e os padrões sociais dominantes a respeito do lugar social de um burguês artesão na Áustria do século XVIII. Nas palavras de Elias, Mozart era “um gênio, um ser humano excepcionalmente dotado, nascido numa sociedade que ainda não conhecia o conceito romântico de gênio, e cujo padrão social não permitia que em seu meio houvesse qualquer lugar para um artista de gênio altamente individualizado” (1995, p. 23 – 24).

A posição ocupada por um sujeito numa determinada estrutura social oferece a ele um conjunto de possibilidades, um “campo de possibilidades”. O sujeito age de forma intencional, segundo a sua apreensão do mundo circundante naquele momento, tendo em vista o conjunto das possibilidades existentes para a construção de um projeto de vida. As possibilidades que se apresentam aos sujeitos são distintas e limitadas, se orientam segundo a configuração social. Assim sendo, esse campo de possibilidades varia segundo um conjunto de elementos. “É claro que para todos os indivíduos e grupos, as oportunidades de vida condicionam as escolhas de estilo de vida [...]. A emancipação de situações de opressão é o meio necessário de ampliar o alcance de certos tipos de opção por estilo de vida” (GIDDENS, 2002, p. 84). Mozart, por estar numa fase de transição, antevia possibilidades de autonomia artística que ainda não poderiam ser plenamente realizadas na sua geração, apenas na geração seguinte. Mozart foi um visionário em um mundo que não estava preparado para ele. Ou, pelo menos, não estava preparado para celebrar sua originalidade nomeá-lo que a sua autoimagem sugeria.

Assim sendo, os projetos de vida, enquanto constructos individuais, operam relacionados com projetos coletivos de vida. “Os projetos individuais sempre interagem com outros dentro de um campo de possibilidades. Não operam num vácuo, mas sim a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por um universo específico” (VELHO, 2003, p. 46). Mozart, como aponta Elias, tornou-se o músico excepcional porque foi formado por seu pai para sê-lo, a habilidade e o talento não emergiram do nada. Antes, foram produtos de uma inserção particular. Muito frequentemente, na verdade, os projetos individuais são

versões interiorizadas de projetos construídos coletivamente no seio da família ou do grupo, por exemplo. Entretanto, quanto mais diferenciada uma sociedade, quanto mais diversa, menores as chances de coincidência entre o projeto individual de vida e o projeto coletivo. A divergência entre o projeto individual e coletivo se torna mais intensa à medida que o sujeito tem acesso a configurações socioculturais distintas das da sua origem.

A construção dos projetos de vida traz em si uma visão particular de mundo. O sujeito, ao elaborar um projeto de vida, está se orientando a partir de uma visão de si e de mundo. Os projetos de vida só podem ser plenamente compreendidos se vistos como parte, como expressão, de uma visão de mundo que, obviamente, sempre se constrói em relação ao grupo e à posição social ocupada pelo sujeito.

Giddens (2002), ao discutir a questão da construção das identidades na modernidade, aponta para a centralidade do ato de escolha como parte de uma forma de organização social que deu origem a um sujeito “reflexivo”, capaz de pensar a si mesmo nos processos e fazer opções frente a uma gama de possibilidades sempre socialmente limitadas. A escolha é central na vivência moderna e ela é parte integrante daquilo que o autor vai se referir como “planos de vida”. A conceituação de planos de vida não mantém diferenças significativas, do ponto de vista operacional, quando comparada ao conceito de projeto de vida. No entanto, Giddens foca em uma questão importante para se compreender o processo de construção das trajetórias biográficas, o lugar do estilo de vida na construção da individualidade e na execução dos projetos de vida.

“Um estilo de vida pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade” (GIDDENS 2002, p. 79). Os estilos de vida estão relacionados aos projetos de vida. Os estilos vão além da mera consideração material, consumista, eles são uma linguagem que diz algo a respeito de alguém para um conjunto de pessoas em determinadas circunstâncias. Os estilos de vida possibilitam a concretização material dos projetos individuais e/ou coletivos de vida. A adesão a um estilo de vida é fundamentalmente uma adesão instável, ela varia de acordo com a inserção do sujeito no seio de um grupo ou segundo as circunstâncias históricas – como também variam os próprios projetos de vida.

### 1.3 Analisando trajetórias

Assim como Jorge Luís, todos os demais entrevistados tiveram que lidar com escolhas que foram centrais para o estabelecimento do lugar social no qual se encontravam no momento da entrevista. Alguns mais realizados do que outros com as consequências de seus projetos de vida, por certo. Alguns ainda iniciando a vida profissional, a minoria, outros já na sua maturidade.

Um dos relatos mais surpreendentes é o de Lourdes que, nascida numa família que não visualizava mais do que uma função que exigisse pouca ou nenhuma escolaridade, relata ter decidido ainda criança que seria “doutora”. As escolhas que Lourdes fez tiveram consequências ao longo de toda a sua vida. Pronta para se aposentar no momento da entrevista, relatava com orgulho o fato de ter conseguido superar a pobreza na infância e a violenta “pedagogia” familiar para se tornar uma cientista de sucesso. Por outro lado, o foco na sua carreira, associado ao conjunto de suas inserções particulares, a levaram, por exemplo, a não constituir matrimônio. Lourdes afirma nunca ter namorado ninguém em Salvador com receio de que engravidasse, o que inviabilizaria os seus planos de sair da cidade e das condições sociais circundantes. Salvador era a síntese de tudo o que ela não desejava na vida. Ela tinha pavor de se imaginar com “monte de criança puxando minha saia, e [ela] com uma sandália amarrada de cordão”.

Mais do que isto, Lourdes, assim como muitas mulheres com maior escolaridade ou com projetos de vida com foco na realização profissional, retardou o projeto de ter filhos, mas não abandonou este desejo. Quando questionada se tinha filhos, responde que “ainda não, mas quem sabe depois da aposentadoria”. A resposta, acompanhada de um sorriso largo, é seguida por um “agora eu não tenho tempo”. Lourdes é mais uma das muitas mulheres que fizeram a escolha entre uma vida profissional em ritmo acelerado e a realização do desejo da maternidade. Como aponta Bruschini (1995), o custo da maternidade à vida profissional, tendo em vista um mercado de trabalho desigual e que exige maiores investimentos por parte da mulher caso deseje alcançar o mesmo êxito que os homens de sua área, é um elemento importante para entender tanto as chamadas gestações tardias, como a opção por não ter filhos.

A centralidade do trabalho na sua biografia gerou uma imagem para os outros que a entrevistada recusa:



Eu gosto tanto de fazer o que faço, que é difícil te dizer. Mas eu adoro ter minha vida particular, estar com amigos, de ir a teatro, cinema, jantar fora, receber pessoas em casa. Muita gente achava que eu só trabalhava. Mas eu tenho uma vida fora daqui muito intensa. Eu até consigo levar bem as duas coisas. Posso até trabalhar sábado aqui e, quando sair, passo a noite inteira jogando, jogando conversa fora, um baralho. É que as pessoas colocam um rótulo, e não tem jeito de tirar esse rótulo, mas não me preocupo com o que as pessoas pensam de mim. Isso não me diz respeito. Eu acho que sou assim, mas se você me vê assim, não posso fazer nada.

Lourdes, assim como outros entrevistados, via nos concursos públicos a chance de ascender, um caminho seguro para chegar aos seus objetivos. A entrevistada relata que, com o intuito de sair de casa, obter a independência e se desvincular do ambiente familiar que pretendia empurrá-la para o exercício de atividades simples, como empregada doméstica, por exemplo, prestou vários concursos públicos. No entanto, o ano era 1964, em meio às conturbações políticas às quais a entrevistada chama de “revolução” os concursos, como relata, foram suspensos. O único concurso mantido foi o que concedia bolsa de estudos, a mesma bolsa de estudos que possibilitou a Lourdes sair de casa, mudar de estado e iniciar uma carreira brilhante na sua área.

O único concurso que realmente foi levado pra frente foi o das bolsas. Eu tinha feito concurso pra rede ferroviária, pros correios, todos os que abriram, porque o meu negócio era trabalhar, porque eu não tinha uma situação financeira boa. E entre esses concursos, um deles foi pra bolsa de estudos. Aí, era pra começar em março. A Revolução veio em março, parou tudo. Todos os outros concursos foram cancelados, e minha chance foi pro espaço. Mas, quando chegou junho, a assistente social avisou as famílias que o concurso tinha sido homologado, mesmo com a ditadura. A partir daí que eu saí de Salvador. Toda parte de Química ia ser em Recife, aí já foi outro drama porque ninguém queria que eu saísse de Salvador. Ninguém me dava nada. Eu não recebia a ajuda de ninguém, mas na hora de sair... Meu pai disse que não ia me deixar sair. Aí eu disse “Não vim aqui pedi pro senhor, eu vim dizer que estou saindo, afinal de contas tenho mais de 18 anos”. Peguei um avião e fui embora.

A escolaridade não é o único elemento a determinar o lugar de chegada dos sujeitos numa sociedade de classes, especialmente uma marcadamente desigual e tradicionalmente patrimonialista como a sociedade brasileira (RIBEIRO, 2011). Há fatores não objetivos e difíceis de quantificar que interferem neste processo, a origem familiar é um destes fatores. Supondo um modelo de competição plena entre sujeitos, apenas os elementos associados à escolaridade, qualificação e aptidões individuais deveriam ser determinantes nos lugares de chegada dos sujeitos. No entanto, com um sistema escolar falho, o peso da rede social permanece grande na trajetória profissional dos sujeitos (MEDEIROS, 2005). Assim sendo, o peso da escolaridade pode ser menor quando comparado a uma rede social que possibilite acesso a melhores oportunidades. Ademais, do ponto de vista das redes sociais, os pobres estão, geralmente inseridos em redes pequenas e homogêneas, as chamadas “redes

homofílicas” (MARQUES, 2009a). Esta era, por certo, a situação de Lourdes. Pobre e inserida numa rede social de curto alcance, sem pontes para posições de prestígio.

A bolsa de estudos possibilitou que Lourdes concretizasse um projeto que, segundo relata, havia sido construído – a partir de referências desconhecidos – ainda na infância.

Sempre foi meu projeto. Foi mais fácil porque ganhei uma bolsa e fazia um curso gratuito. Mas eu sempre falei, desde os quatro anos: quero ser doutora. [...] Eu não tinha nem cinco anos, me lembro de como se fosse hoje. Entrou uma senhora pra falar com minha mãe, me lembro de como ela estava penteada, o jeito como ela me olhou. E eu estava lendo o jornal, pequenininha, sentada com o jornal aberto e lendo, antes dos seis anos. Eu era muito metida, não à toa era chamada de neguinha metida a besta. Ela passou, voltou, olhou pra mim e falou: “essa neguinha é muito metida a besta, ô neguinha metida a besta”. Eu me lembro que olhei pra cima, essa cena foi muito forte, marcou. Ela perguntou: “você quer ser o que quando crescer, menina?”. Aí eu disse: “vou ser doutora”. Na minha época isso era ser médico. Ela falou: “é muito metida a besta”

A reação desta mulher, moradora da vizinhança e membro da família, seria a expressão de algo recorrente ao longo da adolescência de Lourdes. Como se destacava frente aos padrões sociais de seu tempo e destoava da trajetória mais recorrente das jovens de sua idade e localidade, Lourdes também sofria estigma de parte dos membros da rede social na qual estava inserida. Como a entrevistada afirmou, não era uma rejeição meramente perversa, era um reconhecimento tácito das limitações concretas que se impunham a todas aquelas pessoas no contexto de pobreza na periferia de Salvador. A própria Lourdes, ao citar a reação da tia que a criou quando disse que pretendia entrar na universidade, concorda que, naquele momento, o acesso à universidade se dava muito mais por pertencimentos a redes sociais privilegiadas do que por habilidades intelectuais exclusivamente. E rede social privilegiada era o que Lourdes não tinha, mas, por outro lado, era tomada por uma significativa força de vontade. Esta inclinação pessoal encontrou-se com a política de estado que pretendia a formação de profissionais através do acesso a universidade via bolsas da antiga Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE).

Sair de casa para Lourdes era mais do que morar noutra lugar, era romper com um ciclo de dominação e violência cujo intuito era domar seu corpo segundo os padrões de gênero dominantes. Ademais, como aponta Bruschini (1998; 2008) o trabalho fora de casa e, preferencialmente em atividades não compreendidas como extensão do trabalho doméstico, foi construído como mecanismo possível para romper com a dominação masculina no âmbito doméstico. A narrativa de muitas feministas celebrava a inserção no mercado formal como uma forma de romper com os processos de dominação aos quais as mulheres em geral estavam submetidas. Na perspectiva de Lourdes, que nada tinha com as discussões teóricas das feministas, as surras aplicadas por seu pai e por sua tia pretendiam exercer controle sobre

uma individualidade que desde muito cedo não se demonstrava inclinada a cumprir uma trajetória socialmente recorrente numa estrutura social e familiar opressiva.

Neste contexto, assim como para muitas mulheres de sua geração, a busca pelo trabalho fora do âmbito doméstico era central para Lourdes. E, claramente, frente a todo o processo de tentativa de romper com aquela estrutura fortemente repressora de suas potencialidades individuais e anseios, não bastava sair de casa. Era preciso sair com um projeto que possibilitasse não ter que voltar. Somente na chave das relações de gênero e o lugar potencialmente transformador da atividade produtiva não doméstica é que se podem compreender as muitas tentativas de Lourdes para ser aprovada em concursos públicos. Ou era isso, ou sucumbir frente a uma estrutura social que, na sua combinação entre classe, cor/raça e gênero, não ofereciam muitas outras oportunidades de vida que fossem além da divisão sexual do trabalho doméstico, o casamento e a reprodução.

Não se pode ignorar, no entanto, que o entendimento do trabalho produtivo, em suposta oposição ao trabalho reprodutivo, como mecanismo de ruptura de uma configuração social limitadora, oculta a manutenção de uma divisão sexual do trabalho doméstico (BRUSCHINI, 2008; HIRATA; KERGOAT, 2007). No entanto, apesar do não conhecimento das teorias de gênero ou dos dados a respeito da entrada no mercado de trabalho, Lourdes sabia que a escolha por sair de casa, manter distância das relações afetivas em Salvador e cursar a universidade seriam, em conjunto, a combinação perfeita que permitiria àquela jovem determinada alcançar novos horizontes. Horizontes estes restritos para boa parte das mulheres brasileiras há 50 anos e, especialmente restritos, para uma jovem pobre, negra e nordestina.

Por certo, a trajetória de Lourdes ofereceu os elementos que dão sustentação a uma perspectiva bastante individualista de carreiras, trajetórias e oportunidades (ou ausência delas). A construção retórica que fez a respeito de si e as suas correlatas expectativas quanto aos outros estavam assentadas na ideia de que o indivíduo é o único responsável por seus sucessos e fracassos, o que fica expresso na narrativa abaixo:

Eu digo que a genética é de cada um. O homem não é produto do meio, é produto dele mesmo. Se fosse produto do meio, eu não estaria aqui hoje, não teria saído dali. O meio era pra eu não sair dali, não estudar. Eu descordo completamente que o homem seja produto do meio, o homem é produto dele mesmo. Não adianta chegar num ambiente pobre e achar que ele não tem dentro dele as características daquele ambiente. Agora, se ele tiver, ele vai em frente. Se ele não tiver, pode deixar ali. E vice-versa. [...] Você não vai tirar dele o que ele não tiver pra dar. Tanto de ruim como pra bom. [...] Eu tenho o feeling, eu tenho a experiência, eu tenho exemplos, eu sou um exemplo, e de pessoas da minha família que eu ajudei, mas ninguém saiu daquilo ali.

Outro que também possui uma trajetória interessante é Marcelo. Engenheiro, 50 anos, morador de Niterói, é outro cujo projeto de vida exigiu um conjunto amplo de renúncias, apesar de sua história não ter sido marcada pelas mesmas tensões que a biografia de Lourdes. Nascido no Rio, era filho de um baiano com uma carioca, parte de uma família de sete irmãos. Seu pai foi pedreiro ao longo de toda a vida, chegando a mestre de obras, sua mãe era dona de casa. A família residiu por muitos anos no município de Duque de Caxias. Estudante de escola pública, fez a escolha profissional por constatar que tinha habilidades para as Engenharias, além de ser uma área que tradicionalmente oferece boa empregabilidade e salariais acima da média. A escolha da carreira foi central para as demais escolhas feitas adiante. Como era filho de um casal pobre, tinha a necessidade de investir em uma profissão que desse retorno o mais rapidamente possível. “Tinha desejo de fazer, não uma área de exatas, porque minha vocação era da área de humanas, mas tinha uma questão importante, que como eu era bom em matemática e pobre, na situação econômica, não social, qualidade de vida, investi numa área que aparentemente me daria mais recursos financeiros”.

Marcelo cursou a carreira escolar na rede pública municipal de Duque de Caxias e o antigo ginásio na escola do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE), fundada em 1953 com o intuito de preparar um corpo de técnicos e especialistas para a atuação no instituto. Apesar de não explorar esta inserção na sua narrativa biográfica, as escolhas profissionais de Marcelo, possivelmente, foram fortemente influenciadas pela passagem neste curso. Basta ter em mente que o entrevistado é, atualmente engenheiro no instituto, tendo passado por diferentes posições na administração do mesmo.

Por questões políticas, a vivência profissional de Marcelo no instituto tornou-se secundária durante um período da sua vida. Ele e sua esposa eram militantes do Partido dos Trabalhadores (PT), tendo sido ela eleita para o Legislativo na cidade do Rio de Janeiro. Ele, por sua vez, assumiu cargo de confiança na administração do Governo do Estado do Rio de Janeiro durante um determinado período da administração Anthony Garotinho/ Benedita. A longa inserção na política teve consequências amplas em sua vida profissional. Um exemplo disto, é que Marcelo tornou-se servidor público antes de 1988, como técnico de pesquisa. Com as novas regulamentações introduzidas pela Constituição 1988, ele, segundo relata, por já ter se formado em Engenharia, teria o direito de mudar de patamar profissional, saindo de técnico para analista. Entretanto, isto não ocorreu. A este respeito afirma:

Em 1988, abriu-se processo de ascensão profissional para todos os funcionários aqui de dentro, e eu fui vetado do processo tendo todas as condições que foram colocadas. Foi uma questão que eu até hoje brigo no sindicato pra conseguir aquela mesma equidade de 88, mas fui vetado. Então, fiquei muitos anos como sendo de nível médio, enquanto todo mundo subiu para o nível superior de maneira automática. E, depois, eu estava muito focado na vida política, então abandonei um pouco minha vida profissional, em função de que aqui dentro eu era técnico, embora fosse engenheiro.

A explicação que Marcelo oferece para este episódio conjuga duas esferas específicas. De um lado, atribui a não ascensão a sua inserção nos processos políticos e o que isto ainda significava no final da década 80, logo após o fim dos governos militares. Por outro lado, ele compreende este processo como expressão de discriminação de caráter étnico-racial. A este respeito prossegue afirmando que:

As pessoas atribuem ao racismo, as pessoas não entendem como um engenheiro cartógrafo, com noção de Letras, de Geografia, de Direito, de N profissões... E o chefe da área resolveu me vetar por razões insanas. Então, eu diria, tem fator racial. E eu sou da área que o cara me indicou pra chefia naquela época, inclusive. A questão racial permeia isso. Dizer que ele é racista é redundante, porque não é novidade nenhuma o racismo nesse país. E tem outro motivo: eu era militante do partido? Era. Mas outros militantes ascenderam também. É um fator subjetivo, não há nenhum fator objetivo. Então o que sobrou disso tudo é que o componente racial foi o motivo do meu veto. E todo mundo coloca isso. Foi importante. Não foi explícita, mas também esse chefe tinha um amigo negro, muito amigo dele, que era militante do movimento negro, mas isso não quer dizer que ele não pense através da lente racial. Talvez, da maneira dele, ele agiu.

Obviamente, se nem o autor da própria história pode confirmar se a sua exclusão do processo se deu unicamente por práticas discriminatórias, menos ainda o cientista social que não teve acesso aos documentos do processo e aos diferentes pontos-de-vista envolvidos. Entretanto, cabe frisar que o próprio Marcelo reconhece a complexidade destas relações e a impossibilidade de explicações monocausais para os fenômenos biográficos que são, necessariamente, sociais no sentido de partilhados e construídos tendo em referência uma configuração social e política específica.

Não tendo obtido acesso à carreira de engenheiro na sua instituição na década de 80, Marcelo focou-se na política plebiscitária e institucional, como já citado acima, e apenas posteriormente, no início dos anos 2000, conseguiu ingressar como engenheiro no mesmo instituto no qual já trabalhava há mais 20 anos, através de um novo concurso público.

Como boa parte dos entrevistados desta pesquisa que tiveram algum nível de envolvimento político-militante – como é o caso de Vânia, que veremos a frente – Marcelo estava, no período da entrevista, decidido a manter distância destes processos e focar na carreira profissional. O seu foco atual é o trabalho. Afirma que, ao contrário do seu pai que trabalhava muito para complementar a renda doméstica e criar os sete filhos, ele tem se

dedicado muito ao trabalho por estar motivado e desejar cumprir metas pessoais, não pagar contas elementares. O reconhecimento de que a geração de Marcelo superou, do ponto de vista da renda e das condições gerais de vida, a geração de seus pais parece algo compartilhado por toda família. Dos cinco irmãos que chegaram à vida adulta, um morreu por envolvimento com o tráfico, o filho caçula, os demais possuem condições sociais e econômicas superiores a dos pais. Ou, ao menos, esta era a percepção de Marcelo. O emprego público se constitui como elemento central na mobilidade intergeracional ascendente.

Marcelo elabora reflexões sobre o fato dos jovens negros, especialmente na sua geração, ter pouco acesso às redes sociais que possibilitassem o ingresso em posições de maior status social. A este respeito, afirma que só pode entrar no instituto no qual trabalha hoje porque teve contato a informações importantes ainda durante a graduação. Informações estas que culminaram na sua inserção profissional da vida toda.

Um colega que era do trabalho, que era chefe da área, inclusive, comentou comigo... Ele descobriu que eu fazia engenharia, me lembro como se fosse hoje a seguinte frase, ele é meu amigo hoje, mas na época agiu a partir da ótica racial. Ele disse pra mim: “nem parece que você faz engenharia”. O que é alguém que pareça que faz engenharia? Qual a característica dessa pessoa? É muito plural. Tinha negro, branco, mulheres, todas as características. Então a fala dele era permeada pela questão racial também. Ele perguntou pra mim, anteriormente, de quem eu era parente. Eu falei que era do meu pai e da minha mãe. Isso também mostra o nosso isolamento, não temos uma rede pra sustentar, nem familiar. Da minha família, sou o primeiro, o mais velho. Nenhum dos meus irmãos tem curso superior, só a minha irmã tem. Mas dois cursos de graduação, só eu. E as condições dele foram iguais às minhas, ou melhores, e se a cadeia funciona é a partir de mim, que sou o mais velho. Quando a tendência é, quando os mais novos vêm que eu consigo, é ir além de mim, subirem nos meus ombros pra dar o salto. Mas nós não tínhamos cadeia. Então, parente de quem você é? Não sou parente de ninguém, nem amigo de ninguém, meu acesso sempre foi concurso público.

A questão levantada por Marcelo é importante para pensar a construção dos projetos de vida. A rede na qual os sujeitos estão inseridos pode ser peça fundamental para a compreensão das escolhas feitas ao longo da vida, especialmente as escolhas profissionais e as expectativas de trajetórias projetadas. Frequentemente a rede familiar foi a chave principal da ascensão, mas nem sempre. Teixeira (2003) relata que a recorrência da inserção materna como empregada doméstica em casas de famílias de classe média parece ter sido um elemento fundamental que levou mães e filhos a desejar uma vida melhor através da maior escolarização. A compreensão dos investimentos familiares em educação e dos anseios por patamares mais elevados de renda e status passou, segundo a autora, pelo acesso a um mundo no qual a escolarização era o elemento explicativo para a posição de classe. As mães dos entrevistados seriam vetores e, em grande medida, promotoras e financiadoras de um projeto de vida para os filhos que possibilitaria a ascensão social.

Esta inserção em redes sociais mais privilegiadas e seus efeitos sobre a trajetória da geração seguinte não seria nenhuma novidade do ponto de vista sociológico. Dados semelhantes apareceriam nas obras de Freyre e Fernandes (TEIXEIRA 2003, p. 204 – 205). Também Nogueira (1992), ao relatar a biografia do médico negro e líder político Alfredo Casemiro da Rocha durante a Primeira República, poucos anos após o fim do trabalho escravo, numa comunidade majoritariamente branca no interior de São Paulo, no livro “Negro político, político negro” – uma espécie de romance biográfico e sociológico, tendo em vista a assumida supressão de lacunas históricas pela imaginação sociológica de Oracy Nogueira – trata dos possíveis impactos do contato do adolescente com os frequentadores da pensão de Felipa, mãe de Alfredo Rocha, mulher que financiou os seus estudos. Mais do que isso, o autor sugere que foi no contexto da frequência de jovens estudantes de medicina na referida pensão que mãe e filho deram origem a um projeto de vida marcado por uma clara aspiração por mobilidade ascendente. Por certo, supondo que a lacuna biográfica preenchida pela imaginação sociológica de Nogueira esteja correta, a ascensão do Dr. Alfredo Casemiro Rocha foi além do imaginado. Sua migração da Bahia em direção a São Paulo lhe possibilitou ascensão econômica, status social e um amplo poder político que perdurou até mesmo após o Estado Novo.

Diferentemente dos entrevistados de Teixeira, no entanto, as narrativas construídas pelas pessoas que contribuíram com esta pesquisa acionam pouco a figura do trabalhador doméstico inserido nas redes de classe média ou do paternalismo típico de uma relação tradicional como apontado por Fernandes (2008). Entretanto, a centralidade da rede familiar ainda permanece.

Considerando a centralidade da inserção nas redes sociais e, por outro lado, o fato destes recursos estarem distribuídos desigualmente na sociedade – como aponta Thomé (2010) – a percepção de Marcelo dá conta de parte das causas desta desigualdade. No entanto, como toda discussão sobre desigualdade no Brasil, não é simples definir os limites os efeitos do elemento classe e do elemento cor. Logo, não dá para dizer se as redes sociais dos jovens negros são limitadas por conta do elemento raça/cor ou do elemento classe. Ainda seriam necessários estudos mais aprofundados a respeito. No entanto, aparentemente, as redes possuem um caráter prioritariamente de classe e secundariamente de cor (MARQUES, 2009). A dificuldade concreta em se estabelecer até onde vai uma questão e onde começa a outra não é de fácil solução, se é que não se trata de uma falsa questão tendo em vista o perfil socioeconômico e étnico-racial da distribuição da riqueza no Brasil. Estudos recentes e bastante sofisticados têm tentado dar conta deste problema. Ribeiro (2006) aponta que os

efeitos da origem de classe e da origem étnico-racial variam segundo as etapas da vida do sujeito quando se tem como referência a trajetória escolar. Segundo Ribeiro, os impactos da condição de classe são mais fortes no que se refere aos anos iniciais de escolaridade. Em contrapartida, os impactos do perfil étnico-racial se fazem sentir mais nos anos finais da trajetória escolar básica e no acesso ao ensino superior. Apesar de interessante, esta posição está longe de ser consensual.

Voltemos à biografia de Marcelo. O engenheiro possui três filhos jovens-adultos. Como o mesmo faz questão de relatar, os três foram registrados com nomes de origem africana, isto foi parte de um projeto político convertido em prática pedagógica junto aos filhos. Marcelo frisa o fato de ter que preparar os filhos, negros como o pai, para viverem num ambiente de classe como minoria.

Eu sou um homem negro. Então, eles têm que entender que são pessoas negras, e a partir dessa posição reconhecer as coisas que estão ligadas à sua vida. Se fazer inteiro e saber que são negros. Acho que não tem como no Brasil não tem como não se reconhecer como negro, porque você vai estar exposto à humilhação, a uma redução da condição da sua pessoa sem perceber. E você vai estar submetido a essa condição. Quando você se reconhece como negro, você começa a ter conflitos e se mantém íntegro. A minha filha mais nova sofreu muito com isso, muito vulnerável à questão racial, muita pancadaria. Afetou até fisicamente. Ela se começou a recuperar desse massacre racial de um tempo para cá. Outros fatores também, não só racial mas a questão racial foi muito sensível pra ela. Eu lembro dos conflitos dela na escola muito nova. Tinha que tratar com muito carinho. Meus filhos todos têm nome com significado negro. Todos os três têm dimensão desde o nome, a ideia era essa, das mães e minha. Então, eles já nasceram como pessoas negras, pessoas de origem negra. Pra eles é muito evidente que são negros. E não trazer que ser negro é menos que uma pessoa humana, menos que um homem, menos que uma mulher. A ideia não é essa, é de fortalecer a condição de consciência de si mesmo e servir nesse mundo com mais qualidade.

Com exceção da filha mais velha, que cursou o ensino fundamental em escola pública, a formação escolar dos filhos se deu em instituições privadas. Ao contrário da trajetória de Marcelo, que afirma ter estudado a vida toda em escolas públicas, incluindo a graduação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), as filhas fizeram sua formação em universidades privadas de tradição na cidade do Rio. O filho caçula, ainda prestando o vestibular para uma carreira concorrida, e presente em poucas universidades públicas, estava na terceira tentativa. O investimento na educação dos filhos aparece como categoria central em todas as entrevistas, mecanismo – consciente ou não – de garantir a reprodução de classe ou a ascensão da geração seguinte.

Assim como Jorge Luís, Lourdes e Marcelo, Eduardo também é servidor público, ocupando uma posição no topo da hierarquia salarial das carreiras do serviço público federal. Eduardo é auditor fiscal, ocupava cargo de chefia quando marcamos os nossos encontros, três ao todo. O encontro com Eduardo foi ocasional. Estava entrevistando Vânia, também auditora



fiscal, quando, ao final da entrevista, ela disse que precisava muito apresentar uma pessoa. Levado até a sala de Eduardo, o projeto foi apresentado rapidamente e o dia e horário da entrevista marcada com secretária. Aos 45 anos de idade à época da entrevista, nascido no bairro de Olaria, Eduardo, apesar de claramente atarefado, foi extremamente solícito ao longo de toda entrevista. Seus pais vieram de Pernambuco para o Rio de Janeiro no final da década de 50 em busca de trabalho e melhores condições de vida. Sua mãe foi dona-de-casa por toda a vida e seu pai, pedreiro, tendo atuado durante décadas nos empreendimentos da Petrobrás.

Segundo conta, sua infância foi tranquila. Tendo uma irmã e a mãe sempre presentes em casa, era tido como um bom estudante, sempre preso em casa, “mauricinho”, como ele mesmo diz a respeito do modo como os pais o criaram até a adolescência. Assim como com sua irmã, a mãe exercia controle constante sobre suas práticas escolares e notas. Apesar da baixa escolaridade dos pais, Eduardo relata a intensidade da preocupação deles com seus estudos e, especialmente, com suas notas. Por conta disto, ao contrário da maioria dos meninos de sua rua, não saía de casa com frequência e não tinha muitos amigos de vizinhança. A preocupação de seus pais, especialmente da mãe, era que o menino pudesse se desvirtuar se tivesse contato com a vizinhança.

Minha infância e adolescência foi toda em Olaria, no subúrbio. Então, era uma infância muito presa, muito controlada pelos pais, principalmente pela minha mãe, que era quem estava próxima da gente, mais tempo. [...] Minha mãe era daquelas mães que criam o filho... O filho não podia pisar descalço na rua, não podia sair de casa, ela queria saber exatamente com quem eu estava. Ela controlava muito as minhas notas na escola.

A infância de Eduardo transcorreu com relativa tranquilidade. Seu pai, apesar das limitações, conseguia manter um padrão razoável de vida, e sua mãe mantinha normalidade da casa e a cuidava dos filhos. O percurso casa – escola – casa só foi alterado no início da puberdade quando Eduardo começou a forçar os limites do controle materno e estabelecer uma imagem de si com maior autonomia. A fonte inspiradora para esta mudança era um dos adolescentes da vizinhança que sua mãe mais tentava manter afastado de seus filhos, ele era a “má influência” do bairro. E foi exatamente com este rapaz que Eduardo estabeleceu um vínculo de amizade que, segundo informou, perdura até hoje.

Foi muito interessante que, mesmo preso em casa, a gente sabia quem eram as figurinhas da mesma idade que circulavam na rua. Então, tinha fulano, sicrano, beltrano, tinha curiosidade de conhecer e tudo. E tinha um menino na rua que era, por todos, considerado o moleque mais rebelde, mais malcriado. Todo mundo, todas as mães, principalmente, não queria o seu filho junto dele. E foi esse que eu criei uma amizade muito forte, é meu amigo até hoje e, junto dele, eu, digamos assim, me libertei, na adolescência. Então, mais ou menos a partir dos 11 anos de idade, houve uma mudança radical, assim, de comportamento, da minha parte, em relação ao que era antes e o que era depois. Não que eu tenha ficado igual a esse garoto, mas

passsei a acompanhar ele por tudo quanto era lado. E é interessante que ele aceitou muito a minha amizade, apesar de a gente ser muito diferente um do outro. Mas foi uma amizade — foi, não, é uma amizade, talvez a amizade mais forte que eu tenho, que transformou essa fase. É óbvio que você sempre se transforma, entre a fase de infância e adolescência, mas essa foi marcante. E, a partir daí, eu perdi um pouco da timidez, que eu era muito tímido, muito retraído.

Os pais de Eduardo eram, segundo percepção do filho, muito conservadores e optaram por uma educação mais tradicional. Daí a preocupação com os amigos de vizinhança que poderiam desviar as crianças de um caminho entendido como mais adequado. O entusiasmo político de seu pai pelos generais-presidentes era expressão deste conservadorismo presente na família.

A minha mãe é muito fechada, ela tem dificuldades de fazer amigos e amigas. Meu pai, não, o meu pai era o contrário, ele fazia muitos amigos, muitas pessoas que adoravam ele. Mas ele era, no fundo, um conservador, sempre foi, reacionário. Para ele, a ditadura tinha que estar aqui, até hoje. Porque ele considerava que a vida dele era melhor, e a vida do país era melhor, quando você estava nos 20 anos da ditadura. Ele adorava o Figueiredo, adorava o Médici.

Se, por um lado, o controle materno sobre sua educação era encarado como um problema; por outro, este problema possibilitou que Eduardo fosse aprovado na seleção para a Escola Técnica Nacional Celso Suckow da Fonseca, atual Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET), no Maracanã. A inserção nesta escola foi fundamental na vida de Eduardo. Se não pela rede social mais ampla para a qual entrou, ao menos pelo fato desta formação técnica permitir a ele acessar o seu primeiro emprego, aos 19 anos, na Petrobrás, via concurso.

No caso do meu primeiro emprego, que foi a Petrobras, foi um pouco diferente. Quase todos os meus colegas que saíram da Escola Técnica Federal foram para a Petrobras. Foi até interessante que uma turma inteira, por exemplo, do CEFET, numa mesma época resolveu fazer o concurso da Petrobras. E, naquela época, esse concurso não era aberto. Foi antes da Constituição de 88. Então, a Petrobras podia limitar o concurso dela só para a área técnica. Então, só quem era formado em algum curso técnico poderia fazer as provas de algumas carreiras, dentro da Petrobras. Então, isso facilitou muito. [...] Estava com 19 anos — foi o meu primeiro emprego. Então, eu comecei a trabalhar na REDUC, na refinaria e, da refinaria, eu fui para a plataforma. Então, até mais ou menos a época em que eu fiquei na Petrobras, que foi por volta de 29 ou 30 anos, eu curti a vida. Era garotão, morava com meus pais, não queria saber, não me importava com dinheiro, entrava um salário razoável, que não era pouco.

O acesso a Petrobrás só foi possível por conta da formação técnica. Logo, esta formação, consequência da atuação exigente se sua mãe, possibilitou a entrada no mercado de trabalho em condições bastante favoráveis. Como afirma Eduardo, o concurso para a Petrobras não foi exatamente uma escolha refletida, foi muito mais parte do processo pelo qual passavam todos os alunos egressos daquela escola naquele momento. A afirmação de Eduardo nos remete, novamente, a complexa relação existente entre o sujeito e os contextos

social e político que o circundam. O acesso ao primeiro emprego foi facilitado, segundo o entrevistado, não somente por ter entrado numa escola tradicional, mas também pelo perfil da seleção: o concurso público restrito aos candidatos com formação na área técnica.

A entrada na Petrobrás não somente permitiu a Eduardo ganhos financeiros, mas também ganhos simbólicos. Acompanhado pela maior autonomia obtida a partir do momento que se tornou um trabalhador, Eduardo consolidou sua posição como homem independente através da mudança simbólica que o trabalho, especialmente o trabalho formal, é capaz operar na vida dos sujeitos, principalmente os do gênero masculino. Como apontam Marques; Amâncio (2004), a construção da masculinidade ainda permanece centrada no mundo do trabalho, mas, ao mesmo tempo, esta construção varia de acordo com o tipo de inserção deste homem e sua posição de classe. Ademais, como aponta Vale de Almeida (1996), a masculinidade, assim como a feminilidade, não é apenas parte de uma gramática simbólica, ela se converte em concretude na vivência dos indivíduos. A masculinidade hegemônica ainda está articulada na auto-realização decorrente do trabalho no mercado, na “chefia” familiar e na heterossexualidade. Ainda segundo Vale de Almeida, não sendo a masculinidade hegemônica mais que um modelo ideal, sua função é hierarquizar os diferentes homens. A posição ocupada no trabalho é um elemento importante nesta hierarquização. Adentrar o mercado de trabalho, mais do que possibilitar renda, também assume um caráter emancipador, do ponto de vista da construção desta masculinidade. Assim como para Lourdes, mas por motivos muito distintos, o trabalho tornou-se a porta real rumo a uma autonomia mais ampla em relação à família para Eduardo. Esta perspectiva ainda aparece como atual, tendo em vista que está presente em trabalho recente no qual aponta a busca por autonomia como um dos sentidos que os jovens atribuem ao trabalho (THOMÉ, TELMO E KOLLER, 2010).

O acesso à universidade se deu um ano após a aprovação no concurso, aos 20 anos. Contrariando as expectativas familiares, Eduardo optou por uma universidade privada, pois pretendia manter-se no trabalho. O desejo dos pais para que fizesse universidade pública, não trabalhasse e permanecesse em casa foi frustrado pelos anseios de maior liberdade pessoal e financeira. Neste sentido, ele destoou de sua irmã que cumpriu a trajetória arquitetada pela mãe.

[...] pelo meu pai, por exemplo, eu não trabalharia, na época. Eu teria que fazer como a minha irmã fez, uma escola pública federal. Porque é assim, o que eu mais queria, antes da faculdade, era ter um emprego, porque iria ter liberdade, iria ter o meu dinheiro, que eu ainda era sustentado pelos meus pais. Então, eu queria um emprego, por isso que eu fiquei um ano sem estudar. E, depois, continuar a faculdade. Os meus pais não queriam isso, eles queriam que eu começasse a estudar para fazer uma escola, seja UERJ, seja UFF, seja UFRJ, mas eles queriam que eu fizesse uma escola pública e continuasse lá, na minha rotina, em casa, escola, escola, casa. Mas eu não fiz isso. Essa tomada de decisão foi uma tomada de decisão minha, assumi todos os riscos e consequências dessa decisão, mas foi minha, não foi deles, eles não

tiveram influência. Até por conta de uma certa reação, principalmente da influência que a minha mãe fazia. Porque, até aquela época, ela praticamente dava as direções que eu tinha que tomar. Então, eu queria me libertar daquilo de qualquer jeito.

O primeiro emprego de Eduardo possibilitou a ele viver com tranquilidade ao longo de quase 10 anos. Ao final da juventude estendida, deparou-se com o dilema do que faria daquele momento em diante. Eduardo queria mais porque pretendia mais da própria vida. Com um pouco mais de 30 anos, já formado em sua primeira graduação, o entrevistado fez concurso para o serviço público municipal carioca para a vaga de fiscal, no qual permaneceu por mais de cinco anos. Depois disso, passou a planejar outros concursos e chegou ao local que está hoje.

Para chegar na posição de chefia que está hoje, Eduardo teve que se deslocar por diferentes regiões do país. Como chefe financeiro de sua casa – a sua atual esposa recebe um pouco mais que 1/10 de sua renda –, as demandas de trabalho e a exigência de viagens e deslocamentos nunca foram grandes empecilhos para Eduardo. A este modelo de formação de chefia no ambiente de trabalho que Vânia faz referência em sua entrevista como favorecendo mais aos homens, visto que as pressões sociais para que as mulheres não se apartem dos filhos é muito maior do que a coerção social sobre homens no que se refere aos cuidados domésticos e familiares. A análise de Vânia pode dar alguns indicativos da diferença de posição institucional entre ela e Eduardo, atuando na mesma instituição e há praticamente o mesmo tempo, na mesma carreira:

Quando eu vim trabalhar aqui, tinha creche, meu filho não precisou ficar na creche porque ele já estava grandinho, hoje não tem, então é um fato que dificulta. Você vê aqui pouquíssimas mulheres com cargo melhor, inspetor, delegado. Mesmo que ela tenha mais oportunidade, geralmente os homens ocupam mais esses cargos porque se dispõem mais ao trabalho, ao contrário das mulheres que tem a dupla jornada. Eu acho que a questão da mulher ainda é uma questão que está esquecida. [...] Eu por exemplo, se eu falar que não seria mentira. Aqui quando você entra perguntam onde você quer trabalhar, então se você se dispôr a ter status, você é tratada de uma forma, aí você não tem horário pra trabalhar, tem que trabalhar a noite, viajar muito. A minha opção foi pegar um cargo que pudesse me deixar mais em casa, agora te marca, eu e a maioria das mulheres aqui, porque você optou na entrada, por ficar num cargo, trabalhar como as pessoas chamam, na ponta e não nos cargos de status.

Ao contrário de Vânia, Eduardo optou pelo o que ela chama de “cargos de status”. Não reduzindo sua ascensão profissional a apenas efeitos colaterais da estrutura do mercado de trabalho – visto que Eduardo fez amplos investimentos em escolaridade, tendo, inclusive, três graduações – não se pode, por outro lado, ignorar o fato de que sua ascensão profissional esteve assentada numa trajetória que seria mais árdua para uma mulher casada ou, especialmente, com filhos, como foi o caso de Vânia.

A comparação da trajetória de Eduardo e Vânia remete às discussões já clássicas na Sociologia a respeito da interpenetração das categorias gênero e classe. Como apontam Hirata; Kergoat (1994), não se pode conceber a categoria “trabalhador” sem levar em consideração questões reais que demarcam esta categoria como heterogênea. As relações sociais de sexo (ou gênero) e a inserção no mercado de trabalho estão intimamente relacionadas, compondo um complexo sistema no qual os sujeitos se inserem. Mesmo não se tratando exatamente de operários, os dois entrevistados precisaram lidar, mesmo que não se apercebendo disto – especialmente no caso de Eduardo –, com a estrutura do mercado de trabalho atravessada por um conjunto outro de relações sociais. Neste caso, a questão de gênero e a divisão social do trabalho doméstico e dos cuidados filiais, para além de todas as questões relacionadas ao pertencimento étnico-racial, estão articuladas para criar as circunstâncias concretas nas quais estes sujeitos, portadores de um conjunto de marcadores sociais em seus corpos, precisam lidar na vida cotidiana.

O sucesso profissional de Eduardo, no entanto, não pode ser confundido com realização plena. Ao longo de toda entrevista, ele afirma que, por vezes, sente inveja daquele seu amigo de infância por ter a liberdade e a satisfação pessoal que Eduardo diz ainda não ter encontrado. A busca por estabilidade financeira, e o sucesso nessa busca, o impossibilitou de exercer atividades que realmente fossem dotadas de sentido pleno e de realização emocional. Em um dado momento, Eduardo afirma, inclusive que não se sentia tendo uma carreira desde que saiu da Petrobrás. E isto porque a sua atividade era tão específica que ela só poderia existir na estrutura do Estado.

Eu me considero uma pessoa de sorte, porque com todas as dificuldades que o meu pai teve na vida, eu consegui chegar onde eu cheguei, não tenho muito problema em admitir que eu faço parte de uma elite dentro deste país, não é? Eu tive sorte, também, por nunca ter, por exemplo, necessidade de abrir um jornal de classificados para procurar um emprego. Acho que tudo o que eu tenho é por conta de estudos, não é por conta de um esforço acima do normal. Eu me esforcei mais estudando, mesmo, aprendendo no dia a dia e dei muita sorte. Então, eu acho que essa é uma coisa que, às vezes, eu penso assim: “Isso existe ou não existe? A sorte existe ou não existe?” Mas eu acho que existe, no meu caso acho que sim. Então, eu estou aí. A verdade é essa. Eu posso ter me realizado economicamente, mas não profissionalmente, não é exatamente o que eu quero. Eu, como falei para você, já fiz algumas graduações, e ainda não — eu gosto muito da última, mas eu prefiro mesmo Engenharia Mecânica. Se eu pudesse — então, na verdade, o que me fez fazer os concursos foi um salário melhor. Só que isso foi, digamos assim, teve um custo e o custo principal foi da falta de realização profissional.

O projeto de vida de Eduardo priorizou a obtenção de rendimentos em detrimento de uma série de outras coisas; não somente a realização profissional, mas também a vivência social. Eduardo, por já ter morado em diversas localidades, afirma que, ao contrário das relações sociais que estabeleceu em São Paulo junto aos companheiros de trabalho, marcadas

por um convívio que extrapolava os muros da instituição, a vivência social no Rio era frágil, a separação entre relações sociais de trabalho e relações pessoais seria mais nítida. Esta separação, associada às dinâmicas da vida de um homem cujo trabalho é central na constituição do mundo cotidiana, levava-o a uma segunda esfera de frustração pessoal: a fragilidade de seus laços sociais. A saída de Olaria em direção a Tijuca também não facilitou este processo.

Como relata, Eduardo mantinha relações pessoais mais próximas com os companheiros de trabalho quando morava em São Paulo. As viagens familiares coletivas e os encontros na casa de companheiros de trabalho foram a tônica das relações sociais de Eduardo, tanto na capital paulista quanto em Macaé, no curto período que atuou naquela cidade. No entanto, no presente, suas relações sociais estavam mais para aquilo que Rezende (2002) define como “colega” em oposição a “amigo” no uso cotidiano das categorias feito pelas camadas médias cariocas. A ausência de um contato entendido como mais próximo e, especialmente, a ausência do intercâmbio fraternal através das atividades e práticas sociais na casa dos amigos era algo do qual Eduardo se ressentia. Ora, se como aponta Rezende (2002, p. 95), o acesso a casa poderia ser interpretado como expressão de uma relação de amizade mais próxima, Eduardo estava, no que se refere às suas relações sociais a partir do espaço de trabalho, fora desta categoria. No entanto, não se pode ocultar uma série de outros elementos presentes na relação dele com os demais companheiros de trabalho, talvez um dos mais importantes seja o fato dele ocupar posição de chefia. Não se pode ignorar que 3/4 do tempo de Eduardo na instituição foi ocupando posição hierarquicamente superior aos demais membros da sua equipe. Apesar das hierarquias serem relativizadas nas relações na maneira como as relações de amizade se constroem nas classes médias cariocas, como apontam Rezende; Coelho (2010, p. 71 – 74), o nosso entrevistado se queixava das dificuldades de entrosamento real entre ele e seus companheiros de trabalho. A mesma questão se reproduzia nas suas relações de vizinhança na Tijuca. Apesar de estar fora de Olaria há muitos anos, o centro das relações fraternas de Eduardo ainda estava no bairro da zona norte carioca no qual foi criado.

O êxito financeiro de Eduardo também não estava em consonância com outro problema: lidar com um filho adolescente. Eduardo era pai de um adolescente com 14 anos, no momento da entrevista. Fruto do seu primeiro casamento, o menino só foi morar com o pai na adolescência. Até então, eram apenas Eduardo e sua segunda esposa. Como afirma na entrevista, ele ainda não havia aprendido a ser pai, pois havia passado boa parte da vida da criança como um amigo, sem ter a totalidade das responsabilidades de cuidar diuturnamente

de um adolescente. Como pai, Eduardo tinha planos de vida para seu filho e, ao mesmo tempo, uma consciência entristecida de que tais planos não se realizariam, que o menino seguiria o seu próprio caminho.

Eduardo, apesar de reconhecer ter inveja de seu amigo de infância andarilho – cuja vida é marcada pela pobreza e inconstância – conseguiu realizar seu projeto de ser bem-sucedido financeiramente. Conseguiu obter um bom salário, uma posição profissional de respeito e a vida confortável que almejou. Cabe frisar, por fim que Eduardo, apesar de ter uma narrativa sobre si como homem negro, não aciona esta categoria em praticamente nenhum momento para dar conta de sua trajetória. A questão étnico-racial, ao contrário do que relata João Luís sobre sua própria trajetória, não parece ter tido peso nas chances que teve na vida ou no acesso a lugares e posições. Quando indagado se considera ter sido tratado de maneira justa ao longo da vida, responde:

Acho que sim. Eu não tenho problemas com as situações, ao longo da minha vida e as oportunidades que eu tive. As oportunidades que eu perdi, eu perdi por minha culpa, não foi por algum critério injusto que tivesse sido utilizado. Eu entendo que essas oportunidades que eu perdi, que reconheço que perdi, foram por minha responsabilidade, não foi por algo que o sistema não permitiu, por algum motivo, que eu atingisse. Não, fui eu mesmo, não vejo injustiça. Eu acho até, pelo contrário, acho até que, na maior parte dos casos, na maior parte das situações, o sistema foi justo comigo, não foi injusto. Não acho que houvesse injustiça, em algum momento, comigo, não.

Concretamente Eduardo só tem lembranças de dois episódios no qual a sua cor teve impacto sobre sua trajetória, ambos sem grande importância ou impacto. No entanto, ele atribui esta posição confortável devido aos concursos públicos que fez. Quando indagado se teria a mesma trajetória se estivesse na iniciativa privada, Eduardo crê que não. Afirma que os negros necessitam investir muito mais para compensar desvantagens e preconceitos.

O preconceito está aí e essa discussão, por exemplo, das cotas, eu acho que já veio tarde, muito tarde. Eu acho que essa discussão já tinha que ter acontecido, pelo menos, na mesma época em que essas ações afirmativas foram implantadas nos Estados Unidos. Já naquela época isso deveria ter tido alguma repercussão, porque a gente copia muito os americanos. Então, a gente percebe, aí, se a gente, por exemplo, for em uma reunião aqui, da Receita Federal, de administradores, no meio de 15, 16 pessoas, você vai ter dois negros. Você vai ter, não, você tem dois negros. Na UFRJ, eu era o único negro da minha turma. Então, que há diferença há e essa diferença não é só de fundo econômico. A questão econômica, é lógico, influencia. A maioria dos pobres é negro. Mas é só um fator, existe um preconceito, existe uma atitude dissimulada das pessoas em relação aos negros e isso interfere. Isso interfere na questão das oportunidades oferecidas ao negro, na questão até do reconhecimento do talento, que é difícil, para algumas pessoas, apesar de todas as demonstrações que existem, de uma dada pessoa negra, reconhecer que aquela pessoa tem realmente talento. Você percebe que duas pessoas no mesmo pé de igualdade, um branco e um negro, para a maioria das pessoas em volta, até para os negros, reconhecer que o negro tem o mesmo talento e, talvez, até, mais talento do que o branco, é mais difícil, talvez demore um pouco mais. [...] Para poder igualar as condições, eles têm que se superar. Eu não faço de mim um exemplo, não. Eu já falei aqui, durante a entrevista, que dei muita sorte. Eu não acho que me esforcei acima da média, para chegar aonde cheguei, conquistar o pouco que eu conquistei, não acho. Mas eu vejo que a

maioria dos negros tem, sim, que demonstrar muito mais, se esforçar, se aplicar muito mais, para poder mostrar para as pessoas que eles são realmente capazes.

Ademais, Eduardo, dando ênfase ao caráter relacional e fenotipicamente assentado do sistema de classificação de cor no Brasil, acredita que se tivesse a cor da pele mais escura teria passado por mais episódios de discriminação do que ocorreu na sua vida. O entrevistado acredita que o sistema de classificação de cor e seus efeitos variam segundo os traços físicos. Quando indagado sobre como imaginava que seria sua carreira na iniciativa privada, aciona questões estéticas como potenciais dificultadores de uma boa trajetória, especialmente se ele tivesse atuado na área do Direito, uma de suas três formações.

Eu, de alguma maneira, realmente não passei, tirando esses exemplos que a gente conversou aqui, sobre essas duas situações, que foram as duas únicas situações que eu me lembro de ter passado algum tipo de discriminação ou preconceito, mas eu creio que uma pessoa mais escura na pele do que eu sofreria muito mais do que eu mesmo. É um fato e eu percebo isso porque as pessoas mesmo declaram isso. [...] Já tive, já com amigo meu. É aquilo que eu falei, tem diferença. Um amigo, muito mais escuro, um negro mesmo, azul. Eu tive, por conta de estar junto com ele, com a polícia, a gente teve um problema. Não, não tem muito tempo, não. Têm uns dois anos. Foi até aqui, no Aterro, uma *blitz*, eu estava com ele, o carro dele, ele estava dirigindo e o carro dele foi parado. E eu nunca fui parado em *blitz*. Foi a primeira vez e, com certeza, ele foi parado porque ele estava dirigindo um carro caro. E foi parado, houve uma insistência com relação aos documentos dele. [...] Eu só posso entender que aquele tipo de comportamento foi porque ele era negro.

As trajetórias de Eduardo, Marcelo ou Lourdes, apresentadas acima, trazem elementos que estão presentes também na trajetória de Vânia. Como dito anteriormente, Vânia atua na mesma instituição que Eduardo. Na verdade, foi ela a ponte entre nós. Vânia é psicóloga, com especialização em comércio exterior pela UFRJ, 52 anos, moradora de Botafogo.

Filha de baianos, Vânia nasceu em Madureira, mas foi criada em Copacabana. Sua mãe foi dona-de-casa ao longo de quase toda a vida, tendo atuado apenas como escriturária antes do casamento. Segundo conta Vânia, sua mãe, “apesar de branca, estava imersa na cultura negra”, ela era mãe de santo. Seu pai, Oficial da Marinha, atuou na 2ª Guerra Mundial e seguiu toda a vida nas Forças Armadas. Assim como Jorge Luís, Vânia é oriunda de uma família com boas condições financeiras. Se Jorge Luís e sua irmã Giane relatam ter acompanhado a ascensão dos pais e o conjunto dos sacrifícios que fizeram para se estabelecer em Copacabana, Vânia teve melhores condições na vida. Apesar de não ser de uma família rica, a posição paterna como militar possibilitava uma condição social diferenciada.

Vânia caracteriza sua família como estrutura nuclear centrada na figura do pai. Como os demais parentes eram de Salvador e ela e as irmãs foram criadas no Rio, a relação familiar ficou concentrada no núcleo doméstico. Apesar das relações mais frágeis com os demais



parentes, Vânia se recorda que o pai tinha por prática ajudar financeiramente os parentes da esposa, pois ele era o membro da família com maior ascensão social. Esta rede de ajuda familiar aparece também na narrativa de Lourdes a respeito dos sobrinhos, coincidentemente (ou não), também baianos.

Talvez por esta inserção social diferenciada, Vânia muito precocemente teve contato com as discussões sobre questão étnico-racial. Aos 12 anos, influenciada por Ângela Davis, optou por usar cabelo *blackpower*, o que lhe rendeu o convite para mudar de escola. Também é desta época a escolha em se auto-classificar como negra. Vânia poderia acionar a categoria mulata ou morena caso desejasse, mas optou por se classificar como uma mulher negra ainda na adolescência, reflexo do seu contato com as questões mais palpitantes da sociedade estadunidense nos anos 60 e 70. Essa embrionária e precoce “formação política” seria ampliada na nova escola, a única que, segundo relata, a aceitou sem exigências quanto ao trato com os cabelos. Ao longo de toda sua narrativa, Vânia falará com muito afeto sobre a tradicional Escola Orsina da Fonseca, na Tijuca. Ademais, o seu pai sempre a incentivou a participação política, o que parece excepcional tendo em vista o contexto político de seus anos de adolescência. A respeito da adolescência, Vânia afirma ter se dado conta muito cedo de ser minoria na sua classe social:

Pesou, eu me lembro que quando, engraçado justamente na época dos meus doze anos foi que eu senti assim, a maioria das minhas amigas eram brancas e eu era negra. Você ia na maioria dos lugares você olha, fora eu você contava um ou outro, você se sentia diferente, era um momento complicado. [...] Nos colégios nem tanto, me sentia mais em outros espaços, por exemplo, festas e clubes eu sentia mais dessa discriminação, mas no colégio não.

Na adolescência Vânia passaria por mais uma situação de discriminação que a marcaria, conforme o relato abaixo:

O lugar, por incrível que pareça, o único lugar que eu me senti discriminada na minha vida, foi em Salvador, pela primeira vez na minha vida fui proibida de entrar em um clube, foi em Salvador, nunca me aconteceu isso no Rio de Janeiro. E olha que aqui no Rio de Janeiro ia a lugares muito mais refinados, considerados de elite do que este lugar que eu fui em Salvador e fui simplesmente discriminada. Eu achei que fosse coisas de vinte ou trinta anos atrás quando eu era criança, agora a pouco tempo uma amiga minha retornou a Salvador e falou que aconteceu a mesma coisa. [...] Eu era adolescente, estava num baile de carnaval com minhas irmãs, e na família a mais pretinha sou eu e fui barrada... [...] É, normalmente quando era criança, as minhas irmãs agora todas usam cabelo assim, mas, te falei né, desde os meus doze anos que eu uso cabelo assim.

Apesar do relato de Vânia ter se passado em Salvador, narrativas semelhantes aparecem entre jovens e famílias negras de classe média no Rio de Janeiro daquele mesmo período (GIACOMINI, 2006; SOUZA, 2008). Curiosamente, Vânia não faz referência ao

Clube Renascença em sua entrevista. Talvez porque estivesse na adolescência quando o clube estava no auge de sua popularidade, anos 60 e 70. Ou ainda, porque, tendo em vista o perfil que a entrevistada desenha de sua própria família, seu pai estava mais para um membro “flor-de-lis” que para frequentador do “clube das mulatas” (GIACOMINI, 2000). Em outras palavras, a adolescência da entrevistada coincide com o processo de popularização do clube e de alteração de seu perfil. A narrativa que faz a respeito do próprio pai parece não coadunar com a de um frequentador do clube na sua fase de maior visibilidade e popularização.

Vânia possui mais três irmãs, todas com formação no ensino superior. Todas estudaram em escolas públicas durante toda a vida e cursaram as universidades públicas no Rio de Janeiro. A nossa entrevistada foi a única exceção. Diferentemente das irmãs e contrariando o desejo do pai, ela cursou Psicologia em uma instituição privada. A este respeito afirma que os seus pais nunca aceitaram a sua inserção numa instituição privada, acreditavam que aquilo era coisa de pessoas burras. Mais do que isso, o pai de Vânia acreditava que, por serem negras, suas filhas tinham que ser as melhores em tudo que fizessem. A excelência seria uma forma de superar os preconceitos. Esta narrativa centrada na excelência como forma de escapar de preconceitos, do destaque pela escolarização e eficiência, aparece também na narrativa que Jorge Luís fez a respeito das expectativas dos seus pais quanto a sua aprovação em primeiro lugar no concurso para o IME, assim como aparece como um elemento central na narrativa biográfica de Lourdes. Com Eduardo não foi diferente. Apesar de não haver discussão sobre racismo ou preconceito em casa, sempre houve uma cobrança entendida por ele como excessiva cujo intuito era escapar dos estigmas e se sobrepôr ao lugar comum no qual se espera a presença da população preta e parda.

A trajetória escolar de Vânia transcorreu sem grandes sobressaltos. Ou, ao menos, esta trajetória ocupa pouco espaço em sua narrativa biográfica. Os elementos mais importantes deste período foram a formação política no grêmio da escola e, posteriormente, no movimento negro. Entretanto, a entrada no mercado de trabalho já assumiu outra conotação. Vânia faz o seguinte relato a respeito de seu primeiro emprego:

[...] Por exemplo, assim que eu me formei em Psicologia, uma amiga da minha mãe arrumou um emprego pra mim, num setor médico, Pioneiros Associados. Aí quando a diretora dela me viu disse assim, “Pô você mandou aqui aquela neguinha, achei que você fosse mandar uma pessoa igual a gente”, e ela falou isso pra mim disse “você não foi, me desculpe, eu briguei com o médico”. Então eu sempre soube que eu ia ter muita dificuldade. Eu me formei, por exemplo, fui trabalhar no meu primeiro emprego no Amazonas que é um lugar que ninguém queria, então eu ia onde o emprego estava. Eu entrei aqui porque eu sabia que se eu fizesse a prova não ia ter como me barrar.

No relato acima, duas questões chamam a atenção: a primeira é a inserção numa rede social que possibilitou a candidatura à vaga de trabalho. O acesso não foi via classificados de jornal ou qualquer coisa parecida, mas através da rede de pertencimento construída pela mãe. A amiga da mãe foi a ponte entre ela e o potencial emprego. Entretanto, apesar do capital social acionado, parece que este não foi o suficiente para suplantiar uma perspectiva marcada por concepções racistas. A segunda é o reconhecimento de que, tendo em vista as características do mercado de trabalho no Rio de Janeiro para profissionais com maior escolaridade, áreas menos disputadas e, potencialmente pior remuneradas, se tornam mais atraentes.

Vânia passa a atuar como psicóloga durante os três anos no Amazonas. Durante este período, divide consultório com uma médica que, eventualmente, fazia encaminhamentos para ela. Novamente, a questão da cor aparece na narrativa de Vânia como uma questão a ser superada na relação com os clientes.

Com certeza, quando eu era psicóloga sentia mais ainda, do agora que sou fiscal. Eu dividia escritório com uma médica, quando ela me indicava, a pessoa me via e levava um susto. Percebi, mas é o tal negócio, desde que eu nasci eu sou negra, então sou discriminada desde o berço. Minha mãe que dizia que ela enfeitava a gente porque ninguém dizia que a gente era bonitinha, então fazia o possível pra gente ficar bem bonitinha pras pessoas falarem que a gente era bonitinha. Então você percebe o olhar o diferente, as pessoas não te acham igual, acham que você não é bonito, mas eu acho que você não pode ligar muito pra opinião assim, é complicado, você tem que se preocupar mais em mudar isso do que se deixar tomar conta, senão você vai dançar feio.

Vânia decidiu fazer o concurso para a instituição na qual trabalha hoje por desejar estabilidade financeira e segurança. Segundo relata, se retirou do mercado de trabalho para se preparar para esta seleção, uma das mais concorridas e difíceis do país. Isto só foi possível por conta da estrutura e aporte que seu pai lhe ofereceu neste período. Foram anos de investimento, ausência do mercado, em busca do trabalho atual. Como já dito anteriormente, Vânia foi aprovada nesta seleção, mas, por conta de ser mãe, não pode seguir a trajetória que lhe possibilitasse, do ponto de vista da progressão profissional interna, ocupar cargos de maior status dentro da instituição. No entanto, como afirma, esta também não era a sua intenção. Vânia, ao contrário de seu pai, não pretendia ser sempre a melhor colocada em tudo. Julga que isso é um peso demasiado para uma pessoa carregar. O seu trabalho lhe oferece o conforto e segurança que almejava. E, ao mesmo tempo, a tornou menos suscetível às questões que envolvem as práticas de discriminação no Brasil.

A entrevistada supõe, assentada em suas próprias vivências, que as práticas discriminatórias aparecem no momento em pessoas pretas e pardas ascendem socialmente. Segundo afirma, a mobilidade social, ao invés de eliminar o preconceito, o torna visível.

Mas a impressão que eu sinto, é que você sente o racismo quando você sai da favela. Você ser negro, morar na favela, andar de ônibus... Agora o problema é quando você mora na Vieira Souto, você é estranho. A maioria dos negros são pobres, não houve muita mobilidade entre os negros de ascensão social. Então por esse fato, você se torna exceção, eu esperava que houvesse mais mobilidade, como ainda é pequena os poucos que estão em status mais elevado eles sofrem mais discriminação porque ele tem uma cara negra, uma cultura negra, um jeito que é diferente do outro que está lá, do Europeu. Ele não é europeu, ele é negro, fala como negra eu respiro, eu cheiro, eu tenho riso, cabelo solto totalmente diferente daquelas pessoas que tão na minha classe social. [...] Não é que gera problemas, mas é uma coisa que eu tenho claro de que, por exemplo, existe e não é uma situação confortável pra mim, é desconfortável, você vive bem entre os comuns né, se fossem mais comuns os negros na classe média alta, seria melhor pra mim se eu fosse num restaurante e encontrasse um monte de negros. Eu faço até que questão de ir a lugares onde geralmente as pessoas de classe média não vão pra ver um bocado de gente parecida comigo.

Vânia, apesar de ter uma vida confortável, relata não ter conseguido manter o mesmo padrão de seus pais. Em primeiro lugar porque os pais construíram uma relação afetiva sólida e marcada por uma intensa hombridade. A este elemento claramente subjetivo, se junta uma percepção concreta de que, do ponto de vista da renda e daquilo que ela propicia, seus pais tinham condições materiais melhores que as condições materiais dela. A expressão disso seria o local de moradia. Como já dito, os pais de Vânia moravam em Copacabana, próximo a Lagoa. Vânia, por sua vez, morava na Tijuca e, por insistência do filho, mudou-se para Botafogo. Apesar de relatar preferir morar na zona sul da cidade, o imóvel que possuía na Tijuca era mais confortável. Ainda assim, não era compatível com o padrão desenvolvido pelos pais em Copacabana. Não é possível precisar, mas seria pertinente cogitar que Vânia, ao contrário da maioria dos entrevistados desta pesquisa, passou por mobilidade intergeracional descendente, aparentemente uma excepcionalidade.

O filho de Vânia – um jovem a quem a mãe classifica como mulato – assim como o avô, e contrariando os desejos da mãe, é militar. Já no período da entrevista, havia abandonado os planos de ser engenheiro em troca de maior autonomia financeira e estabilidade nas Forças Armadas. O que era para ser uma estratégia temporária, virou projeto de carreira. O jovem que outrora pretendia ser engenheiro, hoje segue carreira militar e pretende ser piloto de caça. Mais uma geração que constrói seu projeto de vida assentado em posições trabalhistas no interior do Estado, na máquina pública. Assim como todos os demais citados anteriormente, o jovem que não cheguei a conhecer, reproduz uma estratégia de inserção profissional na estrutura pública.

#### 1.4 Considerações finais

Neste capítulo foram apresentadas algumas trajetórias de homens e mulheres que, tendo diferentes origens, conseguiram se estabelecer em profissões cujo rendimento e status os qualificam como membros da classe média alta fluminense. Destas narrativas, alguns elementos se destacam. O primeiro deles é o lugar central da inserção em bons sistemas escolares. De uma maneira ou de outra, a inserção numa rede educacional eficiente está na base dos elementos que possibilitaram que estes homens e mulheres, quando jovens, tivessem uma formação que os capacitasse a inserções profissionais de maiores rendimentos na vida adulta. Todos os citados anteriormente, tiveram sua formação em escolas que foram no passado – e algumas o são até hoje – referências na formação de qualidade. Jorge Luís foi aluno do Colégio Pedro II, o que possibilitou sua inserção no Instituto Militar de Engenharia; Vânia foi aluna da Escola Orsina da Fonseca, até hoje uma das melhores escolas da rede pública municipal, segundo os dados recentes do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)<sup>i</sup>. Eduardo, além de ter tido uma boa formação no ensino básico, foi aluno do atual CEFET, obtendo formação técnica que lhe possibilitou uma inserção profissional bem remunerada quando estava saindo da adolescência. Marcelo foi aluno da Escola Nacional de Ciências Estatísticas, ENCE, vinculada ao IBGE e conhecida nacionalmente como uma das melhores instituições na sua área de atuação. Por fim, Lourdes foi aluna do Liceu em Salvador que, segundo relata, era a escola pública que atendia às crianças das famílias de elite.

A escolarização é parte fundamental do processo de ascensão social (RIBEIRO, 2006). Era assim no passado, quando boa parte dos entrevistados era jovem, e hoje se intensificou. A mudança na estrutura econômica alterou o caráter dos processos de mobilidade, tornando o que antes era mobilidade estrutural em mobilidade circular, o que demanda maiores investimentos nos sistemas educacionais com estruturas de qualidade. (PASTORE, 1999)

Ademais, é preciso levar em consideração o contexto social e político desta geração, todos com mais de 40 anos, cujo acesso ao sistema escolar fundamental ainda não era universalizado, a estrutura escolar estava diante de demandas de formação distintas das atuais e qual era o significado de completar a carreira escolar, especialmente para população negra. A expansão dos sistemas escolares e a universalização do ensino fundamental esbarraram numa progressiva perda de qualidade (MARCHELLI, 2010). O processo de massificação e de inclusão de grupos sociais distintos, de estratos sociais diversos, no sistema escolas impôs a escola contemporânea um desafio que os sistemas escolares no passado, fundamentalmente elitizados e /ou excludentes, não enfrentaram. Ademais, neste novo contexto de absorção de

estratos sociais historicamente excluídos do sistema escolar, torna-se fundamental ampliar a capacidade dos sistemas escolares de compensarem as desigualdades sociais que se expressam nas redes sociais de pertencimento de origem, de forma a garantir que a posição social dos sujeitos na vida adulta seja expressão apenas de suas habilidades e não fruto das posições herdadas das gerações anteriores.

A verdade é que esta geração ascendeu calcada naquilo que Joaquim Nabuco, em pleno debate sobre a decadente instituição da escravidão negra no Brasil, proclamava ainda no século XIX: “depois que os últimos escravos houverem sido arrancados ao poder sinistro que representa para a raça negra a maldição da cor, será ainda preciso desbastar, por meio de uma educação viril e séria, a lenta estratificação de trezentos anos de cativo, isto é, de despotismo, superstição e ignorância”<sup>ii</sup>. O empenho político de Nabuco, apesar de pressupostos evolucionistas e etnocêntricos, era que a estratificação social assentada nas bases da desigualdade de cor fosse suplantada por sociedade efetivamente igualitária através da inserção da população descendente de escravos em um sistema educacional eficiente. O fim real da escravidão, e de suas consequências, só se realizaria no momento em que esta questão fosse enfrentada. De fato, apesar das honrosas exceções citadas acima, o sonho de Joaquim Nabuco parece ainda não ter se concretizado.

No entanto, não apenas a inserção educacional foi central para compreender a trajetória destas pessoas. Outro elemento, igualmente importante, precisa ser destacado: o investimento familiar que possibilitou esta boa formação. Com exceção de Lourdes – cuja família não apoiava seus planos de ser “doutora” – todos os outros relatam o apoio familiar para que seguissem estudando. Em alguns casos, como de Vânia, Jorge Luís e Eduardo, esse apoio se convertia em pressão excessiva por excelência e/ou incentivo a constante busca pelas melhores posições e os primeiros lugares. A centralidade da escolarização na perspectiva dos pais, assim como o apoio financeiro possível para a manutenção dos filhos na escola é um elemento central para compreender como estes homens e mulheres romperam com linha de cor que separa ricos e pobres no Brasil e obtiveram ascensão ou reprodução do status de classe da família de origem. Logo, a ascensão experimentada também foi devida a uma cultura que valorizava o processo escolar e a formação.

Não se pode ignorar também a ação destes sujeitos nesta configuração social. Estes homens e mulheres não foram meros produtos de forças sociais que se lhe impuseram – seja a família, seja o meio social ou o Estado, através da instituição escolar – a trajetória de cada um deles foi o produto de potências individuais produzidas coletivamente frente a configurações sociais determinadas. Assim como ocorreram trajetórias distintas no seio destas famílias,

inseridos nas mesmas condições “objetivas”, também ocorreram trajetórias muito distintas quando levadas em consideração a inserção de vizinhança, por exemplo. Enquanto Eduardo fez três graduações e estava na faixa dos maiores salários do serviço público federal, o seu melhor amigo de infância é pescador no Espírito Santo.

Ademais, apesar de ainda necessitar de um trabalho mais aprofundado chama a atenção o fato destes entrevistados, na sua maioria, serem filhos de imigrantes. Os seus pais se deslocaram em busca de emprego e condições melhores de vida. Fato parecido está presente também em algumas entrevistas feitas para um trabalho anterior (SOUZA, 2008). Levando em consideração que a posição de classe é, em grande medida, herdada das gerações anteriores, a perspectiva de ascensão via migração dos pais pode ter tido efeito sobre os filhos. Esses homens e mulheres se deslocaram de seus locais com um projeto de construir uma vida melhor e acabaram contribuindo para que seus filhos, em sua maioria, chegassem a posições sociais muito melhores do que a deles. Ademais, mesmo a migração dos sujeitos, como foi o caso de Lourdes, é parte importante de um projeto de construir a própria trajetória em outra terra com melhores oportunidades do que as que estavam presentes na terra de origem. O processo migratório vivenciado por seus pais era parte do grande rearranjo da economia brasileira daqueles, parte da construção do país urbano e industrial que emergiria depois décadas de investimentos estatal em grandes empreendimentos de infraestrutura e numa gigantesca engenharia populacional que deslocou milhares de pessoas em poucos anos.

Por fim, seria necessário um amplo trabalho para compreender a magnitude da categoria servidor público na construção das trajetórias ascendentes da população como um todo e, em especial, da população negra brasileira. Se tomarmos como referência o trabalho do DIEESE (2011) sobre o perfil dos servidores públicos do Estado de São Paulo, perceberemos que pretos e pardos são minoritários, especialmente em posições de maior remuneração. O acesso aos cargos públicos, além de cada vez mais disputados, exige qualificação crescente. A estrutura do concurso aparece em todas as narrativas como mecanismo eficiente para reduzir as desvantagens simbólicas que pesam contra os negros, mesmo tendo as credenciais teoricamente fundamentais no mercado de trabalho: formação e qualificação. E não somente as desvantagens simbólicas, o concurso público serve como anteparo frente a inexistência ou fragilidade de redes sociais que capacitem para assumir posições de maior prestígio e remuneração (MARQUES, 2009).

As pessoas que optaram contribuir com esta pesquisa tiveram suas trajetórias construídas dentro de configurações sociais específicas. Estas configurações produziram as portas e as barreiras com as quais tiveram que lidar na vida cotidiana desde a infância. A

interação entre valores sociais, rede familiar, estrutura estatal e inclinações íntimas estão na base para a compreensão das narrativas históricas de cada uma dessas pessoas.



## 2 AS CATEGORIAS DE CLASSIFICAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL

Neste capítulo pretende-se discutir a maneira como as categorias de classificação de cor são acionadas nos discursos pelos entrevistados. Como nos diz a literatura (NOGUEIRA, 2007; SANSONE, 1993;) é de se esperar que o uso das categorias de classificação de cor no Brasil varie segundo posição de classe, contextos de interação, intencionalidade da fala e nível de proximidade. O que se pretende observar são como estas categorias são acionadas, em quais contextos e qual o significado delas para a construção das identidades sociais destes sujeitos.

### 2.1 Um caso exemplar

Nascida e criada no Méier, local de residência de toda a família, Laura é filha de uma professora de língua portuguesa, aos 70 anos no momento da entrevista, e de um técnico em contabilidade, que atuou durante toda a vida no sistema bancário, com bem mais de 70 anos em 2010. Tendo apenas irmãos mais velhos, fruto de um relacionamento anterior de seu pai, foi criada como filha única.

Estudou durante toda a vida em escolas privadas e foi alfabetizada em inglês por interferência da mãe. Ao longo de toda entrevista, atribuirá o seu percurso profissional a sua familiaridade com esta língua. A sua inserção profissional deveu-se menos a sua excepcional escolaridade e muito mais a ser fluente numa língua estrangeira central no mundo corporativo, além de falar espanhol e italiano.

Eu tinha na minha cabeça de criança de que a minha língua era o inglês e as outras pessoas é português. Só que chega um momento que é o momento da alfabetização que eu tinha um vocabulário pobre. E aí eu comecei a trocar... O que eu não sabia em inglês eu falava em português e o que eu não sabia em português eu trocava por inglês. E aí virou o samba do crioulo doido. Aí a minha mãe foi chamada na escola: “você, como educadora, jamais poderia fazer isso! Ela ainda não aprendeu a ler e escrever ainda, ela está nesse processo e tal.” Conclusão, isso me deu um probleminha, mas eu nem tive nem que fazer o C. A.

A trajetória escolar de Laura foi bastante conturbada. Como sua mãe era professora, ela acabou estudando nas escolas privadas nas quais a mãe estava empregada. O intuito era reduzir os gastos com a educação da filha tendo em vista que filhos de funcionários, habitualmente, possuem descontos. E, ao mesmo tempo, era uma forma a mãe de Laura estar próxima, pois trabalhava manhã, tarde e noite.

Minha mãe como trabalhava de manhã, de tarde e de noite ela tinha aquela culpa de: “eu só tenho uma filha e eu não passo tempo nenhum com ela.” Então, ela tinha a preocupação de trabalhar nas escolas onde eu estudava. Primeiro porque financeiramente pra gente foi sensacional. Não pagava a escola privada que fosse porque a minha mãe era funcionária do colégio. Então, a parte da alfabetização eu fiz em uma escolinha perto da minha casa, escolinhas pequenininhas. Quando eu fui da terceira pra quarta série ela teve uma ascensão maior na área profissional dela. Um colégio grande chamou a minha mãe pra trabalhar lá, em todas as unidades. Da Tijuca, Méier, Botafogo...era o colégio Hélio Alonso. Então, ela dava aula em Botafogo, no Méier e o Hélio Alonso na época tinha o pré-vestibular também.

No entanto, Laura não concluiu o ensino médio nesta instituição. Como sua mãe fora demitida anos depois, Laura esforçou-se para ser expulsa da escola. Ao sê-lo, foi fazer curso técnico em Propaganda e Marketing, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Segundo relata, foi a primeira vez que teve contato cotidiano com turmas mais diversificadas no que diz respeito à classe social, mas, especialmente no que diz respeito à cor das pessoas. Laura estava acostumada a ser a única negra nas escolas nas quais estudou até então. Ou, pelo menos, fazer parte de um grupo sub-representado nas escolas privadas na região do Méier.

Geralmente, na grande maioria das vezes, numa turma de quarenta alunos tinha três negros. (interrupção). E ai, em todos os colégios que eu estudei... As turmas eram muito grandes nessas escolas, mas essas escolas naquela época tinham 40, 35 alunos e assim, era notório, você tinha três negros em cada turma, em sala de aula. Não era o preconceito, mas sim a condição social que está atrelada com a cor.

A atenção de Laura para esta diferença de representatividade numérica foi atizada durante a sua estadia de um mês nos Estados Unidos aos 15 anos de idade. Até então, não era uma questão familiar ou um tema importante para ela. No entanto, o contato com a cultura americana fez com que Laura passasse a comparar as relações sociais aqui e lá, o que permitiu a jovem elaborar uma narrativa comparativa na qual celebra como positivos diferentes elementos das duas sociedades e suas distintas formas de organizar e conviver com a diferença e também com a desigualdade.

[...] O tempo que eu morei nos Estados Unidos, o negro lá tenha aquele negócio do “self pride” que é muito forte. E eu adoro. Eu acho justo. Então eu não deixo as pessoas fazerem o que querem.. É aquele ditado: “quem fala o que quer, escuta o que não quer”. Pra mim ele está valendo. [...] Pelo amor de Deus gente! É esse lance do “self-pride” que aqui a gente não tem e que nos Estados Unidos existe. Em contrapartida nos Estados Unidos..você não pode pensar no extremo. Lá eles são o extremo...existe uma universidade só pra negros. É! Pra não acontecer esse tipo de coisa que acontece aqui. “Cotas? Está bom então, eu vou abrir uma faculdade só de pretos e outra só de brancos!”. Hoje isso está caindo. Os Estados Unidos

agora é um país..., não vou dizer tão miscigenado quanto o nosso, mas muito mais do que era antes. Porque era um país muito racista.

Ao concluir o ensino médio, Laura volta aos Estados Unidos para passar uma temporada. Na verdade, ela pretendia reencontrar um namorado que havia conhecido anos antes, na sua primeira viagem, aos 15 anos. A segunda viagem foi presente de aniversário de 18 anos. “Cheguei lá, eu me encontrei com o cara, arrumei um emprego... Falei pro meu pai que ia ficar lá dez dias, quando tinha seis dias eu liguei pro meu pai e: ‘Olha só, eu não volto mais não está!’”. Fiquei um ano porque o cara queria casar e eu não queria. E lá eu fiz de tudo, hein! Garçonete, faxineira, babá, recepcionista de hotel...”

Ao voltar para o Brasil, Laura resolveu aproveitar sua capacidade de comunicação e fluência em língua inglesa para encontrar emprego. Fez curso de formação em comissariado de bordo e passou a atuar na área. Foi durante este curso que Laura relata a forte influência que a cultura política americana teve sobre ela. Como já era recorrente em sua vida, ela era a única aluna negra no curso de formação. E, neste sentido, ela era uma novidade na estrutura do curso, o que ocasionou o relato abaixo:

Eu quando voltei dos Estados Unidos, eu cismei de fazer um curso. Curso de comissária de bordo. Tinha um inglês sensacional e a minha mãe falou: “cara, vamos aproveitar isso! Faz o curso”. Eu era a única negra da minha turma. Dentro do curso de comissária de bordo tem aulas que você não usa porcaria nenhuma. É tipo, de cultura inútil...mas a cultura nunca é inútil, um dia eu vou usar. Aula de (incompreensível), maquiagem, etiqueta...sabe...coisa que pra maioria das pessoas realmente não serve pra nada, mas pro meu segmento que é o turismo muitas vezes faz a diferença. Tipo quando vai tentar a vaga em um hotel. Acho que as pessoas não enxergam dessa forma. Primeira aula de maquiagem.. Hoje nós estamos no ano de 2009 e você encontra maquiagem pra pele negra em todos os lugares. Quer dizer, todos não, mas na grande maioria dos lugares. Hoje até o pobre tem facilidade de acesso a esse tipo de coisa. Acesso assim, onde encontrar e não de ter dinheiro. Mas eu fiz o curso...os meus pais pagaram por ele. No dia da aula de maquiagem a mulher deu aula de maquiagem pra todas as alunas ignorando o fato de ter uma aluna negra na sala de aula, sabendo que a aula dela teria que ter uma parte direcionada pra uma pessoa que tem a pele de cor negra. E ela ignorou completamente. Aquilo me deixou arrasada. Imagina, uma mulher que acabou de voltar dos Estados Unidos, onde..lá eles batem naquela tecla né...lá é tudo eco-preto...tem maquiagem pra preto, tem canal de preto...Eu acho até a segregação muito forte...Mas no caso deles (incompreensível), e quem sou eu pra discutir o problema do país dos outros? A gente não consegue nem discutir os nossos. Ai...acabou a aula eu esperei todo mundo sair e eu perguntei a ela: “professor por favor, você podia me tirar uma dúvida?”. “Ah, pois não!” Ai eu: “eu achei a sua aula muito técnica, muito boa, mas a senhora há de convir que a sua aula não serviu pra mim.” Ai ela: “como assim não serviu pra você?” “A senhora está fingindo que é cega ou não viu realmente, porque está tão acostumada a ver pessoas brancas na sala de aula, que não percebeu que eu sou negra e eu preciso de indicações base, sombra, batom, referentes à minha cor, a cor da minha pele.” Ai ela: “Você me desculpe, eu nunca tive uma aluna da sua cor. Eu vou fazer uma pesquisa e vou passar isso pra você”. Eu passei seis meses fazendo o curso e ela passou os seis meses me ignorando.

Laura atuou durante algum tempo no setor de aviação. No entanto, como relata: “Eu fui comissária de bordo por uns alguns anos. Eu não gostei, achei aquilo maior bagunça. Filha única, imagina! Morando com cinquenta mil pessoas dentro de um apartamento em São Paulo. Ai eu voltei e resolvi fazer faculdade.”

Não há grandes relatos quando a sua inserção universitária. Formada em Turismo pela Universidade Estácio de Sá, atuava como guia atendendo exclusivamente viajantes estrangeiros, especialmente estadunidenses, há mais de 5 anos. Havia se especializado numa modalidade de atendimento exclusivo a turistas ricos, o público preferencial da empresa na qual trabalhava.

Laura era casada com um analista de tecnologia em uma multinacional – a quem ela chamava carinhosamente de “nerd” –, sem filhos e morando no bairro da Glória, zona sul da cidade do Rio de Janeiro, mas na percepção dela:

É um bairro que está... Pra mim a Glória é a zona norte da zona sul... Acho que lá as coisas são mais descontraídas... Não tem aquele lance da zona sul de cada um na sua. Não tenho nem como dizer se é uma coisa que gosto ou não gosto, mas que eu vivi com isso. É um bairro que eu me identifico muito... O meu marido é de Engenho de dentro. Somos da mesma área.

Laura se define como “negra, preta... pretinha”, garantindo ser a pessoa “mais preta da família”. Entretanto frisa que a questão da cor não é central na sua vida, o elemento mais importante de sua identidade é o fato de ser mulher.

[...] Pra mim.. Não necessariamente ser negra, mas ser uma mulher, acima de todas as coisas, é um privilégio muito grande. Mulher aguenta muita coisa que homem não aguenta não. A questão de ser negra...Eu sofri muito preconceito já, mas não é uma coisa que me incomoda. Eu conheço pessoas que ficam muito incomodadas sim, que ficam o tempo inteiro nessa paranoia. Igual aos americanos. “Ah, porque eu sou preto que essas coisas acontecem!”

Laura retoma na passagem acima a comparação que marcará toda a sua narrativa de pertencimento étnico-racial. O auto-reconhecimento como negra, e até mesmo ter passado por experiências de preconceito e discriminação, não tornam este um elemento central na sua identidade. Mais do que isso, recusa em diferentes momentos da entrevista a possibilidade de tornar a questão racial ou a questão do preconceito como elementos nodais de sua trajetória. Apesar de criticar seu pai pela ausência de uma classificação “racial” mais condizente com a sua aparência, Laura utiliza o mesmo recurso adotado por ele como forma de enfrentamento de eventuais episódios de preconceito e/ou discriminação. Segundo seu pai, “ah, isso é besteira. Você vai viver isso a sua vida toda”. Assim sendo, era um assunto a ser ignorado e superado, sem dar grande destaque a ele.

No que se refere à construção de sua identidade e a classificação das pessoas com quem convive, por um lado, reconhece-se como negra, por outro, tem a necessidade permanente de pontuar os traços físicos deste pertencimento. E, ao mesmo tempo, expressa uma grande plasticidade no uso das categorias. Quando perguntada sobre a cor de sua mãe responde: “minha mãe tem essa cor de... É tão sarará que não tem nenhuma outra pessoa da

cor dela. A minha mãe é mais branca que eu”. A sua classificação racial como mulher negra, preta, cede rapidamente para, em seu lugar, surgir a categoria “mais branca que eu”, o que, possivelmente, tendo em vista o contexto e, posteriormente, as fotos apresentadas, tenha o sentido de “mais clara do que eu”. Cabe frisar que Laura recusa a autoclassificação da mãe como negra. Diz que, apesar dela se apresentar desta maneira, na verdade não é negra. A composição de sua família também é muito diversa, o que possivelmente, esteja na base dos usos que Laura faz do sistema de classificação, o que não a diferencia de boa parte dos brasileiros, apenas torna mais agudo aquilo que é típico da forma de classificação, a classificação relacional e circunstancial das pessoas segundo a cor.

A minha mãe ela é mais clara do que eu, e o meu pai também. Mas a minha avó ela é bem pretinha mesmo, aquela negona azul! A minha avó paterna é branca de cabelo liso e escorrido. Um cabelo branco, liso, escorrido...com uma boquinha pequenininha. Mas eu peguei a cor da minha avó, do lado materno. Inclusive, eu adorei! Eu adoro brincar com a minha mãe de: “vai pra praia que você não tem cor!”. Sem cor, sarará...sei lá o que é aquilo que ela é. A minha mãe tem essa cor de ... É tão sarará que não tem nem uma outra pessoa da cor dela. A minha mãe é mais branca que eu. E o meu pai é meio Etíope, porque ele tem aquela cor negra e o cabelo mais liso, sabe? Um gato!

A incógnita com relação à cor da mãe se repete com relação ao marido. Quando questionada a respeito, Laura responde que o marido tem a cor da mãe. Tendo em vista o fato de que a cor da mãe já não havia ficado definida anteriormente, a entrevistada resolve mostrar fotos de toda família presentes em seu notebook. Deste momento em diante, fica claro que o sistema de classificação com o qual a entrevistada operava não estava baseado na lógica de ascendência, e sim de aparência, na marca. Ao longo da apresentação das primas, do marido, da mãe, das tias e do pai, todas as informações apresentadas diziam respeito à classificação segundo os traços físicos. E, ao mesmo tempo, evidenciando um choque de geração quanto aos modelos de classificação. O pai de Laura se definia como “moreno” por ter cabelo liso. A filha, por sua vez afirmava que ele era “negão”, o mais preto da família, segundo ela.

O meu pai diz que é moreno, só que ele tem aquele cabelo liso...Ai eu falo: “Sai daí seu Etíope, tu é o mais negro de todos! Tu é preto de preto. Sai daí negão!” Ai ele: “eu sou moreno!”. As outras gerações sofreram muito mais... Antigamente era feio dizer que era preto. Imagina que absurdo ter... Na certidão de nascimento... Eu sou filha do segundo casamento do meu pai. Os meus irmãos são bem mais velhos do que eu. Eu tenho trinta e um e o meu irmão mais novo deve estar com quarenta. A minha irmã cinquenta... Ai, eles dois são negros. Na certidão de nascimento deles está ‘asterisco’ no lugar da cor. Não, mintoo... a minha irmã que é da minha cor, a minha irmã é da minha cor e na certidão dela tem asterisco. Você já viu isso? Já ouviu falar nisso? Procura saber... Pessoas que tem cinquenta anos que sejam bem negras, pede a certidão de nascimento pra você ver. Ai, quando a pessoa é preta pra não dizer que é preta bota asterisco. E o meu irmão como ele é mais claro do que eu – o meu irmão é da cor do meu marido – tem escrito na certidão de nascimento dele pardo. Pardo pra mim é japonês, me desculpa.

Laura nunca teve nenhuma relação com o movimento negro ou qualquer movimento social. Também nunca teve nenhuma forma institucionalizada de pertencimento coletivo na vida adulta. Suas reflexões sobre “negritude” na construção de sua identidade pessoal são produto do contato direto com a cultura americana. Em certos aspectos, ela celebra essa centralidade do orgulho negro americano, vendo nele possibilidades concretas de construção de uma saída à discriminação historicamente consolidada. No entanto, isto seria uma solução para eles. Na perspectiva de Laura, a história no Brasil foi diferente e o preconceito aqui também é diferente. Assim sendo, seria preciso pensar em outras maneiras de resolver estes problemas.

Relacionado à solidariedade étnico-racial americana e os seus efeitos na vida econômica numa sociedade que conheceu a segregação racial instituída por lei, Laura descobriu um nicho de mercado até então pouco explorado no ramo do turismo. Na perspectiva do “preferencialismo” cujo critério de seleção é racial, Laura tem se especializado em atender turistas negros americanos visto que estes se sentem mais a vontade com ela. A transposição da solidariedade racial americana e a compreensão de que Laura é “uma irmã” possibilita a ela ter clientes com elevado poder aquisitivo e que não ficariam plenamente satisfeitos se o guia não fosse negro. Mais do que isso, e já conhecendo bastante da cultura negra norte-americana, Laura organiza a estadia dos turistas negros com atividades repletas de “mais irmãos”, locais com mais incidência de população negra.

Por outro lado, apesar de reconhecer os impactos que as políticas de combate à desigualdade racial tiveram nos Estados Unidos, Laura é muito crítica da adoção de políticas de ação afirmativa ou políticas compensatórias no Brasil. Para ela, a chave da desigualdade e também do preconceito está na desigualdade de renda. Na sua perspectiva, os negros sofrem preconceito porque são pobres; os negros estão fora das posições de destaque porque não possuem acesso a um sistema de formação com qualidade que possibilite a eles ascensão. A ascensão social seria, portanto, a chave para eliminar o preconceito de cor no Brasil.

Igual pra todos. Sou completamente contra o sistema de cotas. Não vai ser assim que eles vão conseguir igualar a diferença social e cultural que existe. Não vai ser assim. Se você me perguntar qual é o caminho eu também não sei. Mas definitivamente esse não é o caminho. Isso aí pra mim é mais uma forma de discriminação. Eu acho que a educação de base tem que ser revista. Independente das pessoas serem brancas ou pretas. As escolas públicas do Brasil têm que funcionar. Porque você quer ver uma coisa: “ah, porque só tem branco nas universidades públicas brasileiras!” Porque as pessoas que tiveram o melhor ensino, por uma questão socioeconômica, são as pessoas brancas. Estudaramos melhores colégios e são mais preparados pra fazer o vestibular. Então, é obvio que isso tem que começar da base e não abrir exceções e cotas pros “coitadinhos afrodescendente”. Pelo amor de Deus, gente!

Todo mecanismo de classificação utilizado por Laura era comparativo. E ela pode utilizar um recurso único dentre todas as entrevistas: as fotos da família que estavam em seu computador. Foi a única forma de tornar inteligíveis para o entrevistador as categorias utilizadas para classificar os membros da família. A dificuldade no uso das categorias por parte de Laura não possibilitava um pleno entendimento apenas assentado na linguística. Antes, ela expressava via o uso das fotos uma maneira tradicional de classificar. Em grande medida, os termos utilizados diziam respeito aos parentes, pessoas próximas, e, portanto, eram acionadas categorias diversas, algumas que, dificilmente, seriam acionadas ao se referir a um desconhecido sem ter a intenção de ofender. A gramática de classificação racial brasileira externalizada pela entrevistada reflete uma forte inconstância e circunstancialidade no uso das categorias. A maneira como Laura procede para classificar os seus entes e a forma como utiliza as categorias oficiais de classificação remetem às discussões a respeito da própria estrutura das categorias oficiais de classificação e a maneira como elas são acionadas pelas pessoas na vida cotidiana.

## 2.2 **Reverendo conceitos**

Ao longo dos anos, muitos estudos têm sido feitos a respeito dos sistemas de classificação segundo cor ou “raça” no Brasil (NOGUEIRA, 1985/1998; FRY, 2005; RAMOS, 1995; MAIO; SANTOS, 2006) . O que se tem apontado em vários deles é a existência de um complexo e multivariado sistema de classificação composto por um conjunto de fatores que, em combinação, enquadram os sujeitos nas categorias deste sistema. Atributos físicos – como cor da pele ou textura do cabelo, por exemplo –, inserção de classe, escolaridade, status profissional, grau de proximidade, contexto interacional, gênero e região são algumas das variáveis acionadas no processo de auto e alterclassificação segundo a cor ou “raça”.

Um elemento importante neste processo são as categorias oficiais de classificação, aquelas usadas pelo IBGE. Os resultados das pesquisas realizadas por este instituto são fundamentais para as políticas públicas e a produção científica nacional. Entretanto, também estas categorias apresentam limitações e são alvo de críticas, tanto de especialistas, quanto de alguns movimentos sociais. Segundo o modelo atual, nascido no Censo de 1991, a população nacional pode ser classificada, segundo o pertencimento étnico-racial, como branca, preta,

parda, amarela ou indígena. Entretanto, estas categorias foram sendo alteradas ao longo das décadas, acompanhando as mudanças sociais que se desenvolveram no campo.

Até o século XIX, a informação relevante era a classificação da população em termos de sua condição civil, entre "livres" e escravos, e os recenseamentos de 1872 e 1890 já introduziam as questões de raça ou cor. Ao longo do século XX, é provável que as ideias racistas e as preocupações então existentes com o "melhoramento da raça" brasileira tenham influenciado na reintrodução do item de raça no recenseamento de 1940, da mesma maneira com que a noção de que no Brasil "não existe problema de raça" parece ter levado à exclusão do tema no censo de 1970. (SCHWARTZMAN, 1999, p. 2)

No Censo de 1940, apenas três categorias estavam disponíveis no sistema de classificação oficial de cor: preta, branca e amarela. Todas as demais formas de classificação foram enquadradas na categoria abrangente “parda”. Portanto, “mulatos”, “morenos”, “caboclos”, “cafusos”, “índios” e toda uma ampla gama de categorias utilizadas para a classificação social, e que fugiam dos extremos do gradiente de cor entre o “branco” e o “preto”, foram agrupadas em uma categoria intermediária com baixa representação social no que se refere à vida cotidiana do homem comum até a sua inserção no sistema oficial de classificação.

Diferentemente do Censo anterior, no ano de 1950, o formulário não previa as três categorias, abrindo caminho para a autoclassificação. No entanto, quando da liberação dos resultados, operou-se o mesmo procedimento de agrupar as categorias excedentes dentro do termo “pardo”. Devido à conjuntura política, o Censo de 1960 não teve seus resultados publicados. Como parte do mesmo contexto político-social, e enfrentando diretamente a percepção dos governos militares a respeito da questão racial no Brasil, o Censo de 1970 não incluía o item “cor” dentre as suas perguntas tendo em vista que a “questão racial” não era um problema nacional (GUIMARÃES, 2001), na perspectiva dos governos militares. O cenário político, portanto, é peça chave para compreender a inserção da “questão racial” e a sua operacionalização e conversão através da categoria “cor”.

No Censo de 1980 a questão é reintroduzida com o mesmo conjunto de categorias da década de 50: “preta”, “branca”, “amarela” e “parda”. No Censo de 1991, acrescenta-se a estas categorias o termo “indígena”, como forma de pensar a questão étnica dos povos indígenas, retirando, portanto, este grupo social da classificação “pardo”, e dando mais claramente o contorno étnico da classificação de “raça” ou cor. Esta estrutura se manteve no Censo de 2000 e não sofreu alteração para o Censo de 2010.

Mesmo com toda controvérsia sobre o processo de construção das categorias oficiais de classificação e seus efeitos político-sociais, os dados são fundamentais para pensar a



construção e reprodução de desigualdades na estrutura social, assim como as mudanças e continuidades nas relações de classe, status e poder. Entretanto, e exatamente devido a sua funcionalidade, há um grande número de críticos a forma como as categorias de classificação étnico-racial estão dispostas, como argumenta Schwartzman (1999).

Na perspectiva de problematizar a maneira como os dados sobre cor e etnia são produzidos, Wood; Carvalho (1994), ao discutirem a complexa relação entre classificação oficial e a percepção subjetiva quanto à cor, apontam para as dificuldades de processar essas categorias e demonstram que houve um processo de reclassificação segundo a cor. Através de um conjunto de instrumentos estatísticos, os autores observam que ao longo dos anos o contingente populacional que se enquadrava em cada uma das categorias oficiais se alterou de maneira significativa, sendo este processo, possivelmente, indicativo de mudanças na estrutura social brasileira e também, mais recentemente, no âmbito das representações e da valoração dos termos classificatórios.

Baseados na perspectiva sociológica de que, tradicionalmente, a ascensão social possibilita uma reclassificação para as populações que se encontram mais próximas ao extremo escuro de nosso gradiente de cor – tanto na autoclassificação quanto, e especialmente, na alterclassificação–, os autores se propõem a pesquisar se, no período de grande crescimento econômico, entre os anos 50 e 80, que afetou desigualmente os grupos segundo a cor, mas afetou a todos os grupos de uma maneira ou de outra, houve um processo massivo de reclassificação, qual teria sido o sentido dessa reclassificação e os grupos de cor mais afetados.

Contrariando as expectativas iniciais do modelo estatístico, concluem que o número de brasileiros autodeclarados de cor “branca” se reduz entre os anos de 50 e 80; por outro lado, a contingente de “pardos” aumentou e o de “pretos” também declinou de maneira significativa. A respeito do declínio de autodeclarados “brancos”, comentam:

Podemos apenas especular sobre as possíveis razões destes achados. Por exemplo, se houve um declínio do estigma associado ao ser pardo desde 1950, esta mudança tornaria mais fácil para as pessoas se classificarem como pardas em 1980, em comparação com o que ocorrera 30 anos antes, quando eram presumivelmente compelidas a se classificarem como brancas. Similarmente, pode ter havido um forte descenso, em termos de mobilidade, de pessoas que se auto-definiram como sendo brancas e que, pelo fato de ocuparem uma posição social inferior em 1980, se reclassificaram como pardas. (WOOD; CARVALHO, 1994, p. 12)

Entretanto, os autores dão indícios claros de que as categorias estatísticas apresentam um elevado grau de variação no tempo e também de acordo com o tipo de pergunta feita. Wood; Carvalho argumentam que, dependendo da estrutura da pergunta – se pré-codificada

nas categorias “preta”, “branca” ou “parda”<sup>1</sup>; ou não – a distribuição populacional varia. Isto ocorre, prosseguem eles, porque na classificação aberta o conjunto de categorias é muito maior que as usadas na classificação oficial. Cabe frisar que na PNAD de 1976, no seu suplemento especial sobre cor/ “raça”, foram catalogados aproximadamente 200 termos para classificação de cor. Entretanto, 93,6% dos indivíduos respondentes da pesquisa se concentravam na articulação dos termos: “branca”, “clara”, “morena-clara”, “morena”, “parda” e “preta”, dando uma estrutura de gradiente de cor. Chama a atenção o fato de não aparecerem, de maneira significativa, as categorias “negra” e “mulata”.(WOOD; CARVALHO, 1994)

Em estudo similar realizado para os Censos de 1980 e 1991, Carvalho *et al.* (2003), apesar de uma alteração metodológica importante, obtêm o mesmo resultado a favor de um maior fluxo líquido de população em direção à categoria “parda”. No entanto, demonstram que a categoria “branca” apresenta maior constância tanto no tempo quanto de acordo com o modelo de questionário aplicado. E, neste sentido, a fronteira entre as categorias “parda” e “preta” seriam bem menos definida que a fronteira entre as categorias “branca” e “parda”. Apesar dos autores não explorarem esta maior estabilidade do contingente populacional autodeclarado de cor “branca”, é possível indagar em que medida esta maior estabilidade não está intimamente associada às hierarquizações operacionalizadas na lógica do gradiente de cor. Por esta lógica, o polo negativo, menos valorizado, é exatamente aquele no qual estão as pessoas mais escuras – e não somente no sentido de tom da pele, mas no sentido de “marca” como um todo, incluindo situação de renda, status, escolaridade, atributos físicos e etc. Portanto, seria no entorno deste polo que as gradações hierárquicas em consonância com a lógica de “marca” tornariam a opção pelas categorias classificatórias mais fluídas. O que não exclui que o fato de que, como afirma Valle Silva:

A razão fundamental desse viés parece residir na natureza social do cálculo da identidade racial brasileira. As evidências aqui coletadas apoiam a ideia de que, no Brasil, não só o dinheiro embranquece como, inversamente, a pobreza também escurece (1999, p.123-124).

Nesse sentido de dinamismo e de diferentes graus de constância e estabilidade das categorias de “cor” também aponta o trabalho Maio *et al.* (2005, p. 171-180). Este artigo baseado no Estudo Pró-Saúde se propõe explicitamente a verificar, tendo em vista o crescimento das demandas e pesquisas na área de saúde por perfil “racial”, como são

---

<sup>1</sup> Os autores não utilizam as categorias “amarela” e “indígena” neste trabalho.

utilizadas as categorias de classificação “racial” e qual resultado se obtêm quando os mecanismos de coleta variam. O “survey”, aplicado entre os funcionários de uma universidade pública do Rio de Janeiro, continha duas maneiras distintas de perguntar a cor do entrevistado – uma aberta e outra com categorias fechadas, como as do IBGE. Ao contrário do trabalho de Carvalho *et al.*, no qual a categoria “negro” não apareceu de maneira significativa entre as respostas abertas, nesta pesquisa o termo aparece e deforma marcante. Não é possível afirmar conclusivamente, mas comparando as duas pesquisas é necessário ressaltar o fato da pesquisa de Maio ter sido realizada no Rio de Janeiro, em um ambiente universitário e uma década depois do trabalho de Carvalho. Ademais, o trabalho deste último foi baseado em dados nacionais obtidos no suplemento especial da PNAD de 1976. Estas diferenças são importantes de serem apontadas tendo em vista que o uso das categorias de classificação de cor possui uma marca de regionalidade, temporalidade e geração que são importantes neste processo.

Maio também conclui pela maior estabilidade do uso do termo “branca” entre a pergunta fechada e aberta, tanto entre homens como entre mulheres. Entretanto, o que chama atenção neste trabalho, é a relação que se estabelece entre as categorias “negra”, “preta” e “parda”. A este respeito os autores afirmam que: “cerca de 24% daqueles se identificaram como ‘pretos’ e 31% daqueles autotransclassificados como “negros” escolheram a cor/raça parda entre as categorias fechadas.” (MAIO *et al.*, 2005, p. 4) Isso evidencia algum nível de deslocamento na maneira como estas categorias são utilizadas pelos sujeitos.

Em relação aos participantes que se identificaram como morenos ou mestiços (pergunta aberta), 75% e 71%, respectivamente, classificaram-se como pardos. Entre os mulatos, 85% incluíram-se nessa categoria. Cabe salientar que nestes subgrupos intermediários, 23% dos morenos e 25% dos mestiços classificaram-se como brancos, e apenas 0,5% dos mulatos optaram por esta categoria na pergunta fechada. (Idem)

Os resultados da pesquisa de Maio demonstram a operacionalização das categorias classificatórias e como estas categorias convertem-se umas nas outras de acordo com as circunstâncias. Este processo de reclassificação não é aleatório, ele é operacionalizado pela lógica do gradiente de cor sob a égide da “marca” de acordo com a capacidade de negociação do indivíduo no processo de interação do conteúdo simbólico de cada termo. E nesse sentido alguns termos apresentam maior nível de ambiguidade, como é o caso do termo “moreno” (VALLE SILVA, 1999)

A discussão sobre o uso das categorias censitárias e sua variabilidade é uma forma de apreender as maneiras como os termos são operacionalizados no processo de identificação de

cor ou “raça”. Existem, por certo, outras estratégias, mas esta pareceu ser a mais adequada como forma de apresentar a maneira como pessoas autodeclaradas “negras” operam com a classificação e as variações possíveis. Pelo dito acima e pela reflexão a partir de trabalhos de autores variados, com focos variados, pode se indagar em que medida os processos de alteração no sistema de classificação estejam caminhando para um suposto binarismo; ou então, em que medida as alterações nesse processo não estejam operando com uma lógica fundamental do sistema de classificação assentado na “marca” e que, portanto, seria menos uma ruptura e mais uma realocação interna ao próprio sistema de classificação.

Como se viu, as categorias oficiais estão em relação com o mundo social que as produziu e a respeito do qual elas falam. De igual maneira, na vida cotidiana, homens e mulheres comuns precisam lidar de diferentes maneiras com estas categorias, apropriando-se e discutindo-as. Já sabemos que as categorias oficiais nunca agruparam a integralidade das formas de classificação utilizadas na vida cotidiana, mas, ao mesmo tempo, ao introduziram a categoria “pardo”, impuseram uma classificação oficial sem grande relevância social originalmente, mas que se tornou uma categoria usual, apesar das críticas. O que se segue é uma breve análise da maneira como um grupo social restrito – homens e mulheres, oficialmente classificados como pretos ou pardos, e pertencentes ao grupo social médio – utiliza as categorias de classificação e em quais circunstâncias.

### 2.3 Analisando narrativas

Assim como Laura, Pedro também é filho de uma professora. Criado em Copacabana, Pedro é design gráfico, formado pela UFRJ. Aos 38 anos de idade, havia atuado como diretor de artes de uma empresa durante alguns anos. E, mais recentemente, estava atuando com autônomo. Pedro possui um irmão, formado em Desenho Industrial. Ambos estudaram em boas escolas, como afirma. Sua mãe pretendia que tivessem uma boa formação desde cedo. O pai de Pedro não acompanhou a criação do filho. Os seus pais se separaram quando ele tinha 4 anos. E seu pai, técnico de futebol, foi trabalhar fora do país, só retornando quando na adolescência do entrevistado. Pedro foi criado, portanto, pela mãe, pela tia e pela avó materna. A mãe, como já dito é professora, tendo feito curso Normal quando jovem e nunca concluído

a graduação em Pedagogia. A tia – psicóloga – e a avó foram as grandes incentivadoras para que Pedro entrasse na universidade.

Apenas Pedro e o irmão concluíram o ensino superior na sua geração. Na geração seguinte, segundo relata, há duas primas iniciando a graduação. Na perspectiva do entrevistado, o acesso à universidade, quando comparado aos primos, tem a ver com a inserção em um bairro de classe média como Copacabana e por ter estudado nas escolas da região. Além do incentivo familiar, a rede de amigos constituída a partir da escola e o acesso a um tipo diferenciado de capital cultural teriam possibilitado a ele e ao irmão terem uma trajetória diferenciada dos demais parentes da sua geração. Entretanto, cabe frisar, que nenhum dos seus companheiros de escola foi aprovado no vestibular, ao menos é isso que o entrevistado relata.

O lado da família da minha mãe, os outros primos nenhum deles fez universidade ou é formado em universidade ainda. Eu tenho duas primas que devem se formar em dois ou três anos, são bem novas. Mas essa é a diferença porque muito novo, a gente com cinco, seis anos de idade veio pra Copacabana com a minha mãe, então isso fez uma diferença também pra esse caminho, pra acabar indo parar numa universidade, porque minha mãe como professora ela sempre procurou colocar a gente nos colégios que ela sabia que tinham um nível bom de educação, então acho que foi consequência, tanto eu quanto meu irmão a gente acabou estudando em universidade pública.

Pedro fez o ensino fundamental na rede pública. Já o ensino médio foi cursado em duas instituições diferentes: a primeira foi numa escola privada que faliu; a segunda numa escola pública. No terceiro ano, ele voltou para a primeira escola, pois ela havia sido comprada. Pelo que relata, os seus anos escolares foram marcados por uma forte rede de amigos, apesar das constantes mudanças de escola na última etapa. A única exceção teria sido o 3º ano do ensino médio por não ter se adaptado à dinâmica das relações sociais na escola.

Eu notei diferença de educação, eu sentia os alunos das escolas públicas muito mais educados do que das escolas privadas. É. Os alunos. Principalmente no terceiro ano, o meu terceiro ano foi em escola particular, em escola privada e eu achei muito ruim. Eu acabei estudando sozinho para o vestibular, independente da escola, na minha turma ninguém passou pra vestibular, eu passei pra UFRJ pra Belas Artes, era o que eu queria fazer. Depois eu fiz Comunicação, mas eu perdi o contato com toda essa turma, nenhuma das pessoas eu encontrei de novo na universidade, encontrei muito depois algumas pessoas, mas nenhuma delas tinha feito universidade.

Do ponto de vista da classificação por cor, a família de Pedro possui traços semelhantes dos relatados por Laura sobre a sua família. Pedro se define como um homem negro. Quando indagado sobre qual das categorias do IBGE se enquadraria, sustenta que ele é apenas negro, recusando o uso das categorias oficiais. Entretanto, a escolha por esta categoria no ato de se classificar diz respeito a uma posição aparentemente particular quando comparado a sua família, especialmente mãe e irmão.

Não, minha mãe não se define como negra. Na verdade meu pai é branco, ele é filho de portugueses e minha mãe ela é filha de negros. Minha família é do Maranhão, uma parte da família... Mas ela não se define, acho que é uma coisa até super sintomática, o que eu lembro da minha infância era minha mãe alisando o cabelo... O meu irmão também, na verdade o meu irmão ele é mais parecido com meu pai, então ele é... Eu acho que meu irmão e minha mãe eles se definiriam como brancos. Já minha avó, minha tia, o lado da minha mãe... Porque a minha mãe o que acontece é que ela é mais clara do que eu, tem traços mais finos, então ela não se define pelas origens dela. [...] Como eu te falei, quando a gente era muito novo, a minha mãe ela tinha muita vergonha de ser negra. A minha mãe ela tinha hábito de alisar cabelo, usava lente de contatoozul, então ela mudava a cara dela pra não ter essa... Não ter nenhuma lembrança. Mas, ao mesmo tempo, a minha avó e a minha tia eram super orgulhosas. No caso do meu irmão ele tem os traços parecidos com meu pai, então nunca foi uma questão. Mas pra minha tia e pra minha avó sim, principalmente com o trabalho. Eu acho que a minha avó pela formação que ela tinha aceitava muito mais fácil o preconceito. A minha tia ela foi a primeira da minha família a ter formação universitária, primeira a ter papel de chefia no trabalho, ela se aposentou como Fiscal do Ministério da Fazenda, então uma coisa que ela falava sempre, as pessoas tinham preconceito com ela, mas não tinham preconceito quando ela mostrava a carteira dela nos trabalhos. Isso era o respeito pela função, mas além dela sentir esse respeito, ela respeitava a ela mesma.

Por outro lado, segundo relata, Pedro possui muitas semelhanças físicas com a sua avó e com sua tia. Elas são mais escuras do que sua mãe e, ao contrário desta, se definem como negras. É dessa semelhança com elas que Pedro retirou o elemento classificatório e identitário deste pequeno: “Sempre. Sempre. Acho que desde pequeno, mais até, até por semelhanças físicas sou muito mais próximo da minha tia e da minha avó do que da minha mãe e do meu pai, então eu acho que sempre fiz essa definição.”

Pra mim a definição está menos na cor do que na cultura. Como eu tinha falado, como cor de pele eu sou muito mais claro do que a maioria dos meus amigos negros, porque o meu pai é branco, porque minha mãe não é negra e não se define como negra justamente porque ela tem traços super finos, então ao mesmo tempo pra mim essa é a cultura que eu aprendi desde novo tanto com os meus pais... Na verdade, menos pelos meus pais, mas pela minha avó e por amigos do que minha mãe e meu pai. A definição pra mim de ser negro é cultural.

Pedro não prossegue definindo qual seria o sentido deste “cultural”. Entretanto, sua colocação remete aos princípios fundamentais de que toda identidade é uma construção histórica e, como tal, se objetiva na vivência real das pessoas. Mais do que isso, as identidades são fundamentalmente relacionais (SILVA, 2000). O fato de entender-se como negro e isto ser um produto cultural pode ter múltiplas interpretações: é possível que seja “cultural” em oposição ao “biológico”. O que significa dizer que ele não reconhece a existência de fronteiras biológicas entre os grupos humanos. Cultural também pode ter um segundo sentido, a referência a um conjunto de bens culturais que, cristalizados no tempo, convertidos em estereótipos, se constituem como sinais reais de uma negritude. Levando em consideração que as identidades sociais podem tonar objetos em portadores de informações biográficas, não seria impossível.

No entanto, apesar de se definir como um homem negro, não necessariamente outras pessoas reconhecem esta classificação como legítima. O tom de pele mais claro, assim como

os próprios traços físicos, permitiram a Pedro se classificar de diferentes formas. “Assim, porque eu sou mais claro em tom de pele, as pessoas sempre falam... Ah, você não é negro. Acho que é uma questão super-recorrente, as pessoas falam da questão da cor da pele, quando pra mim o mais importante é essa bagagem cultural.”

Novamente Pedro fundamenta sua classificação como negro na sua bagagem cultural. No entanto, na sua narrativa, não há registros do que seja concretamente essa bagagem cultural. Ela aparece mais como construção eminentemente identitária, uma apropriação da história, do que como vivência real de práticas culturais específicas que pudessem ser tomadas como “cultura negra”. Seja como for, é emblemático o fato de Pedro, a quem potencialmente se nega a classificação como “negro”, insistir em assumir uma identidade historicamente associada aos estigmas de um passado colonial e escravocrata ainda presentes numa sociedade contemporânea fundamentalmente desigual.

Assim como Laura, Pedro não considera que tenha sofrido alguma injustiça ao longo da vida e nem que a sua cor tenha sido empecilho para a construção da sua trajetória. Segundo relata, alguns episódios ocorreram, mas nada que ele tivesse dado muita atenção, nada que o tenha impedido de prosseguir ou de ter acesso aos bens e serviços. No entanto, ele entende que o fato de ter estudado na UFRJ e ter encontrado tão poucos estudantes negros seria expressão de que há barreiras mais fortes para outras pessoas do que para ele. Ele teria conseguido escapar das limitações da desigualdade de acesso educacional. Como afirma: “eu trabalho desde muito cedo, mas porque eu quero, não precisei deixar de estudar pra trabalhar, por exemplo.”

Eu acho que é um problema, principalmente tendo estudado em universidade pública, pra mim é superclaro que existe desigualdade. Durante o tempo que eu estudei na UFRJ, principalmente na Comunicação, eu tive muito poucos colegas negros que são brasileiros. A maior parte era angolano, vinha pelo intercâmbio. E os brasileiros eram muito poucos. Você tinha um padrão na universidade nessa época, ou fazia parte do staff da UFRJ ou da UERJ ou Pedro II ou de escolas particulares, acho que essa era a grande maioria. Mas eram muito poucos. Isso pra mim é reflexo da desigualdade no ensino, tanto ensino público quanto de oportunidade de trabalho pros pais.

No entanto, é importante ter-se a percepção de que tanto Pedro quanto Laura não são reconhecidos como negros em boa parte das suas interações sociais. Os traços físicos mais claros, associados a uma posição de classe particular, precisa ser levada em consideração para se compreender contexto destas narrativas. Classificar-se como negro para os dois é uma possibilidade dentre outras categorias. Não é a mesma situação daqueles cuja posição no gradiente de cor não oferece mais de uma possibilidade. Por outro lado, Pedro argumenta

que o Brasil é um país com fortes barreiras raciais, mas que, no seu caso, não enfrentou limitações dessa ordem por ter tido sempre uma excelente formação escolar e cultural.

A diferença aqui é que no meu caso, o que eu te falei, não sofri nenhuma injustiça no trabalho porque eu tive uma formação que me deixa em igualdade com a maioria das pessoas que trabalham na mesma área que eu trabalho, eu tive condição de trabalhar num escritório em que as pessoas que trabalhavam comigo eram todas brancas, então, assim, eu nunca tive uma dificuldade, porque a minha formação permitiu isso. Agora, se eu não tivesse essa formação eu acho que sofreria preconceito como sofre a maior parte das pessoas. Por exemplo, se eu trabalhasse como pintor, não como designer, não como pintor artista plástico, mas como pintor de parede, eu acho que sofreria preconceito sim, acho que se eu trabalhasse numa loja sim. Eu acho que a questão ela tá relacionada assim, se você não tem uma formação que te permite questionar... O que acontece no Brasil é que as pessoas têm uma atitude defensiva. Não defensiva, mas não reativa, no caso reativa ao preconceito, aceitam o preconceito como uma coisa natural.

Para Pedro, não somente o elemento cor é parte do processo de construção hierarquizado da diferença, mas também o pertencimento de classe e a manifestação deste pertencimento classe. Logo, não ter sido vítima de formas de preconceito e discriminação de caráter racial seria, na verdade, resultado de uma múltipla combinação de fatores: o seu status profissional, a sua formação e o seu capital cultural.

Por fim, diferentemente de Laura, Pedro é favorável à adoção de políticas de ações afirmativas: “Sou a favor, porque na verdade ela não é para agora. Eu acho que isso não é uma solução eterna, que vai acontecer e vai se estabelecer durante dez anos só ou vinte anos... Pra mim é uma coisa muito sintomática ter feito uma universidade e ter tido muito pouco contato com negros.” Tanto Pedro quanto Laura apesar de expressarem opiniões distintas sobre o tema, apresentam a mesma características em suas respostas: a simplificação dos processos. A leitura de ambos, apesar de focadas em questões distintas, possui pouca elaboração a respeito do tema.

Assim como Laura e Pedro, Patrícia também teceu comentários a respeito de ações afirmativas, apresentadas mais a frente. Patrícia é médica, cardiologista, especialista em terapia intensiva. Nascida em Volta Redonda, tinha 47 anos no momento da entrevista. Solteira e sem filhos, ela mora no bairro das Laranjeiras e trabalha como cardiologista em três grandes hospitais da cidade.

Quando indagada sobre a sua origem familiar, Patrícia expressou um conhecimento incomum a respeito da origem dos seus pais. E mais do que isso, como se verá abaixo, não somente tinha conhecimentos sobre os seus parentes, como consciência de pertencimento étnico-racial deles.



Meu pai nasceu no interior de Minas, meu avô era descendente de índios e minha avó de negros. Meu avô nasceu em 1892 e minha avó em 1896, eu sei porque eu guardo toda a documentação deles. Eu já tentei levantar a árvore genealógica da minha família. Como eles nasceram logo depois da libertação dos escravos, naquela época os escravos tinham que ter nomes, eles não tinham nomes. E eles ficaram com o nome do fazendeiro que eles serviam e meu avô foi trabalhar na linha de trem em interior de Minas. Teve, que eu saiba, minha avó teve vinte e três filhos, desses treze viveram e eu conheci sete. Meu pai saiu de casa com quinze anos, foi trabalhar. Ele acabou indo pra Volta Redonda, meu pai nasceu em 1918, foi pra Volta Redonda praticamente com a fundação da Companhia Siderúrgica Nacional e lá viveu até morrer. Minha mãe era filha, da história da minha mãe eu sei menos, os pais dela se separaram. Minha avó era nordestina, meu avô descendente de baiano com ascendência holandesa. Ela era de Barra do Piraí, meus pais se casaram 1959 e viveram juntos até 1970 tiveram três filhos, o primeiro morreu os outros dois, eu e meu irmão somos de, meu irmão morreu de encefalopatia anóxica, nasceu asfixiado pelo cordão. Meu pai, grau de instrução dele foi o básico, até a quarta série, minha mãe tinha uma formação um pouco melhor, chegou a formar em professora de costura, eu não sei dizer exatamente, como técnico de alguma coisa não sei como era naquela época. Ela chegou a trabalhar um tempo com isso, meu pai não, meu pai só fez o básico técnico e trabalhava como metalúrgico na Siderúrgica Nacional. Depois ele se aposentou lá.

O momento em que o pai de Patrícia é contratado pela CSN é central para compreender a trajetória dela e de seu irmão. Descendentes de uma família marcadamente pobre e composta por uma forte diversidade étnica e de cor, Patrícia define-se como mulata. Segundo afirma, não dá pra dizer que é negra tendo este histórico familiar. Assim sendo, apesar de constar como branca na sua certidão de nascimento, Patrícia, ao ter que restringir-se às categorias oficiais, define-se como parda.

Eu sou mulata. Que na realidade é complicado, eu sou neta de índios com negros. Meu avô era descendente de índio e minha avó de negros, então meu pai era mameluco. Então eu sou filha de um mameluco com uma mulher que é mestiça também. Meu avo materno era descendente de holandês, era branco de olhos azuis e minha avó era nordestina. Minha mãe é branca com uma mistura. Dizer que eu sou negra, completamente negra, eu não sou, então eu sou mulata

Patrícia aciona todas as categorias de classificação ao descrever sua família e as suas origens. Na sua fala fica explícito o fato das categorias serem fortemente intercambiáveis e assentadas nos traços físicos. O seu uso das categorias demonstra esta instabilidade não acidental. Na realidade, o sistema foi se consolidando ao longo de séculos de estruturação de uma sociedade na qual a miscigenação era mais do que um acidente, era uma estratégia de povoamento e também de dominação colonial. Além das possibilidades abertas aos subalternizados que obtinham inserções diferenciadas neste sistema dependendo dos seus traços físicos (COSTA, 2002).

No entanto, apesar de mulata ou parda, a depender de qual sistema de classificação esteja usando, Patrícia desejava mesmo era ser preta. Apesar de ser muito feliz com o “sangue mameluco” que seu pai lhe transmitiu. Segundo afirma, o seu desejo não ter uma cor intermediária, mas ser preta de verdade.

Eu tenho um grande trauma, vou ser muito sincera com você. Meu sonho de consumo era ser preta, eu acho lindo, mas eu não nasci assim, é um trauma que eu tenho. Hoje pra mim, eu queria ter essa cor... Mais pretinho um pouquinho, eu acho lindo (risos). Então por isso eu não me defino como preta. Essa coisa assim, olha a diferença, tem muita água, muito branco nisso aí. Eu tenho o maior trauma, não sou preta como eu queria, não sambo, o maior desastre ecológico...Eu vou falar sério, de coração, eu já fiz aula de samba, a parte negra não pode, eu devo ser tingida, porque a coisa não funciona. [...] O que acontece, se eu fosse bem preta eu teria um cabelo duro, que eu acho lindo, ia cortar aquilo e estava resolvido o meu problema. Meu cabelo é intermediário. Então quando você o deixa ao natural, você parece um espantalho. Você tem que investir... Eu não posso acordar de madrugada e chegar com o meu cabelo, as pessoas tem um piripaque de susto, não dá! Então você tem que, até porque você vive em sociedade, tem todos aqueles padrões, que mesmo quem quer transgredir, e transgredir tem uma certa formalidade.

Aparentemente, o desejo de ser preta de Patrícia está assentado numa visão estereotipada. Afinal de contas, mudar a cor de sua pele não a tornará habilidosa no samba. Seja como for, a entrevistada desejava ser bastante preta. No entanto, ela enfrenta dificuldades para ser reconhecida como mulata. Afirma, como também na entrevista de outra médica, que os companheiros de trabalho e, especialmente os pacientes tendem a se referir a ela como morena. Isso aconteceria “porque eles acham que, pela minha posição de médica, seria uma ofensa. Eu já cometi muita grosseria respondendo ‘morena não senhor, não tomo banho de água sanitária, eu sou negra’. Exatamente essa resposta”

Patrícia, assim como seu irmão um ano mais novo, estudou em uma instituição católica privada. Uma escola para meninas. Toda a sua formação se deu em escolas privadas. O seu pai, apesar de trabalhador em funções básicas na siderúrgica, fazia todos os esforços necessários para garantir aos filhos um padrão de vida que ele não teve, o que incluía a melhor escola da cidade, visto que ele tinha estudado até a antiga quarta série. A entrevistada estudou na mesma escola na qual estudavam a filha do prefeito e as filhas dos diretores da CSN. Era uma inserção em um estrato social bem superior ao seu possibilitado pelo esforço paterno em arcar com a escolaridade dos filhos.

Eu tive a possibilidade do desenvolvimento intelectual porque se você come menos tem mais dificuldade de aprender. Tanto que meu pai, era uma das coisas que ele mais, sempre estimulou muito, meu pai usava uma frase, duas frases a vida inteira: “vocês não vão passar o que eu passei”, nunca disse o que passou, mas repetia isso quase que todos os dias. E lá em casa assim, meu pai é o que eu considero apesar de uma pessoa simples extremamente inteligente, extremamente visionaria, ele olhava e dizia “vocês não vão passar o que eu passei” e ele botava a gente pra estudar “vocês vão estudar”. Então não tinha esse negócio de “não quero”, lá em casa falar esse negócio de “não quero, não gosto, não faz parte de mim”. [...] Eu tinha dificuldade em português, verbos, eu lembro que numa série, de natal meu pai me deu um livro de verbos, ele me tomava lição todos os dias, eu era a melhor aluna de português da minha turma. Não é que eu fosse mais inteligente, mas é que todos os dias ele sentava meia hora, quarenta minutos abria aquele livro e falava assim “vamos começar minha filha”. Pode chocar um pouco essa coisa mas funciona muito bem. Meu irmão tipo assim era mais rebelde, mais solto e um dia conversando com ele eu perguntei “você não ficava chateado com mágoa do pai que ele te bateu, ele nunca me bateu e bateu em você, te dizia um monte de coisa...”, meu irmão é engenheiro ele disse, “Patrícia se o pai não tivesse feito o que fez, eu seria como os meus peões”.

Esta escola possuía poucas alunas negras. Apesar de ser uma escola grande, Patrícia recorda-se de apenas três ou quatro alunas dentre todas as turmas. Apesar deste caráter minoritário, isto não era uma questão para Patrícia. A adolescente sentia-se constrangida com a diferença social existente entre as amigas e a sua família. Apensar de estudarem no mesmo local, concretamente tinham inserções sociais e de classe bastante distintas.

Algumas coisas me chamavam atenção: primeiro, durante muitos anos você contava quantos alunos negros tinha na escola, não você via no pátio, você sabia se fulano tinha ido ou não, éramos três garotas negras. Na escola inteira eu, Elair e Carmem, depois entrou Abgail, num contingente de não sei quantas alunas, era um colégio bem grande. Mas isso porque é mais ou menos explicável, era um colégio particular muito caro. [...] Então essas eram as minhas amigas, durante uns anos eu sofri um pouco com isso. Em que sentido, eu vou falar da Bete que era filha do diretor da Siderúrgica, a Elizabete passa férias na Disney, era outro nível. Milena passava as férias no Guarujá. Imagina, eu costumo fazer analogia, imagina é o entrosamento..., um passava em Aspen. Essas eram minhas amigas, e eu não saía de casa nas férias, ou ia pra casa da minha avó que era em Paracambi de trem

Na perspectiva de Patrícia, não existe preconceito ou discriminação racial no Brasil. O que se tem aqui é uma profunda desigualdade, preconceito de classe, diferença econômica. E, desta forma, assume que nunca foi vítima de discriminação racial pois sempre teve uma posição social diferenciada. O seu pai possibilitou uma inserção social específica que só veio a ser superada por ela e por seu irmão, na vida adulta, como caminho natural de excelente formação educacional. O único momento em que Patrícia faz referência a ter enfrentado dificuldades financeiras na vida foi quando da morte de seu pai, no seu quarto ano de faculdade. Neste momento, Patrícia e seu irmão se viram órfãos – visto que a mãe já havia falecido anos antes. Entretanto, haviam herdado do pai um pequeno investimento ou seguro e três casas que foram alugadas para garantir a sobrevivência dos jovens.

Eu acho que a gente tem um preconceito econômico. Eu acho que o Brasil não tem preconceito racial, espero que nunca venha a ter, mas tem um preconceito econômico grande. Você está com dinheiro, está incluído; você está sem dinheiro, está excluído. É uma coisa muito simples de se definir. [...] Eu fui uma pessoa assim, eu nunca sofri preconceito, melhor dizendo, racial. Nós éramos a única família negra. Mais tarde a gente ia pra piscina, depois que... E olhava assim, não tinha, nós éramos a única família negra. E eu nunca fui barrada, nunca deixei de fazer qualquer atividade física, de ter direito a qualquer coisa por conta disso. Nunca deixei de entrar em qualquer clube, nem restaurante, de entrar na casa de qualquer pessoa. Então tipo assim, nunca me foi... Nunca foi preciso entrar pela porta da cozinha, nunca precisei buscar o elevador de serviço, nunca...

Ao mesmo tempo em que reconhece a existência de discriminação por classe e, conseqüentemente, exclusão por cor, Patrícia é uma árdua defensora das iniciativas individuais como forma de romper com a subalternização de grupos inteiros. Mesmo quando analise a própria trajetória e os seus êxitos e potenciais fracassos – potenciais porque estes não aparecem na narrativa – Patrícia entende que a responsabilidade é apenas individual. O seu

maior inimigo seria ela mesma. Quando indagada se considerava o Brasil um país de todos, responde:

De todos.... Aí eu volto a dizer, acho que o grande problema está dentro de você. Se você não se acha capaz, você não vai ser capaz. Se você não se acha, porque eu vou achar você? Se você mesmo não se acha... Uma coisa que eu acho muito bonita, essa coisa de catador de lixo, hoje material reciclável, até onde eu sei isso começou com um grupo de mendigos, mendigos não se usa mais, moradores de rua que começaram a separar material, vender. E nisso as pessoas conseguiram formar cooperativas, as pessoas mudaram a vida delas. Se isso não é um país de todos, é de quem? Sinceramente acho que dentro da nossa hierarquia, talvez a plebe seja o catador de lixo, isso não vai ser surpresa pra mim não. Mas sabe lá o que o cara conseguiu separar naquela imundícia de lixo, aquele cheiro horrível, e consegui quase um salário mínimo, mais que um salário mínimo... Só com lixo, isso não é oportunidade? O que é então? Tipo assim, você não vive pra passar fome, na realidade passar fome você não precisa, não estou dizendo que seja fácil, não acho a minha vida fácil nem a sua fácil. A minha faxineira tem duas casas... Uma é numa favela, e hoje ela mora em Cosmos, fora da favela. É longe é, mas ela mora num bairro simples fora de uma favela, ela tem duas casas dela. Não é de todos? É de quem?

Patrícia é uma mulher que, como ela mesma reconhece, faz parte do 1% mais rico da população brasileira. No seu entendimento, apesar de ser uma mulher mulata/parda/negra, não havendo preconceito racial no Brasil, apenas discriminação contra os pobres, e não sendo ela uma mulher pobre, a sua cor não foi nenhum impedimento para uma trajetória de exitosa ascensão. Ademais, do seu ponto de vista, a causa da desigualdade está na ação dos indivíduos e não na ação de algum “determinante estrutural”. E, exatamente por isso, não podendo ser diferente por questões de coerência intelectual, é contrária a toda modalidade de intervenção estatal que venha a privilegiar os negros.

Antônio, 41 anos, casado, nascido e criado no município de Duque de Caxias, é professor universitário. Farmacêutico por formação, cursou mestrado e doutorado. Sendo o último tendo sido feito metade no Brasil e metade no Canadá. Tendo concluído o doutorado na segunda metade da década de 90, Antônio passou anos mantendo vínculos precários com a universidade federal na qual trabalha hoje. Na verdade, passou sete anos atuando sem necessariamente ser professor efetivo, apesar de estar associado à docência e a pesquisa durante todo este tempo. Apenas em 2008 é que conseguiu ser aprovado em concurso para o instituto no qual trabalhava há quase uma década.

O pai de Antônio – nascido no nordeste, filho de uma espanhola com um caboclo – era pedreiro e sua mãe, que havia sido empregada doméstica antes dos filhos nascerem, deixou de trabalhar para cuidar dos seis filhos. Ambos com baixa escolaridade. Na verdade, o pai de Antônio era praticamente analfabeto. Apesar disso, dos seis filhos, quatro concluíram o ensino superior.

O ponto mais importante da minha formação, que eu até falei no memorial – eu não escrevi no memorial, mas eu falei – porque quando eu vinha pro Fundão, quando eu fazia Farmácia no Fundão – uma das coisas que eu tinha muito orgulho era vir pro Fundão. Mas não é porque vinha pro Fundão, é porque, na realidade, meu pai trabalhou na construção da UFRJ. Lá no centro de tecnologia tem umas colunas cilíndricas e meu pai trabalhou na construção daquelas colunas, isso na década de 40 ou 50. Então, quando eu fiz Farmácia, quando eu passei no Fundão, essa coisa não saiu da minha mente. Porque uma coisa é você estudar num local onde seu pai é professor. Você já tem orgulho já, “meu pai é professor”. O meu orgulho era talvez até maior. E eu ciente da dificuldade social, como é para um pedreiro analfabeto, dar condições para que seu filho conquiste como aluno um espaço na UFRJ, local onde ele trabalhou. Eu acho que isso é motivo de muito orgulho. O meu maior prêmio é ser testemunha de que o sistema pode funcionar.

Antônio possui grande admiração por seu pai, o principal responsável por acessado a posição social que ocupa. Segundo relata, o pai, ao reconhecer o esforço e o talento dos filhos, investiu o quanto possível para que pudessem estudar. Apesar de não participar diretamente da educação dos filhos, deixando o cuidado deles com a mãe e assumindo o papel tradicional de “provedor”, seu pai se tornou uma representação de um herói familiar, de quem fala com muito orgulho.

A trajetória escolar de Antônio se iniciou numa pública nas redondezas da sua casa na qual estudou até o final do ensino fundamental. Ao concluir este nível educacional, tornou-se bolsista de uma escola privada na qual o seu irmão já estudava. Sem muita convicção, o entrevistado especula que seu irmão entrou nessa escola por indicação de algum professor que reconheceu nele um potencial promissor. Antônio ingressou nesta escola como aposta de que reproduziria a dedicação e o êxito escolar do irmão dois anos mais velho. Assim sendo, o adolescente entrou na escola acompanhado por um conjunto de expectativas. Mais do que qualquer coisa, ele sabia que precisava ter um rendimento elevado se quisesse manter-se lá. Ademais, tinha que cumprir o legado do irmão que, no ano seguinte a sua entrada na escola, é aprovado em um curso concorrido em uma universidade pública.

Estudei na mesma escola que ele. Só que quando eu estudei nessa escola eu entrei com uma responsabilidade: eu era irmão do Oscar. O Oscar era um dos melhores alunos do colégio, e por causa disso ele não pagava tanto assim. O colégio tinha um percentual de cotas dos que pagavam menos. Porque o colégio vivia de aprovação no vestibular. Então, como o Oscar era muito bom, ele pagava pouco. Quando eu entrei no colégio, “ah, você é irmão do Oscar?” Ninguém sabia meu nome, eu era irmão do Oscar. Por isso eu tinha que ser um dos melhores também. E também porque eu pagaria menos. Ou seja: eu tinha que estudar muito para meu pai pagar menos. A máquina girava assim. [...] Para você ter uma ideia: o colégio vivia de aprovação no vestibular, eu sabia fazer vestibular e era professor, então eu tinha obrigação de passar. Era horrível. Pelos meus pais eu era tido como um garoto bom. No colégio eu também era tido como um garoto bom. Então, a cobrança era muito grande.

Antônio se classifica como um homem preto. No entanto, como afirma em diferentes momentos da entrevista, isto não tem significado algum “além uma quantidade maior de pigmentação”. Recusa, sob uma argumentação interessante, o uso do termo afrodescendente. Segundo ele, exatamente por ser mestiço, trazno seu corpo elementos de diferentes origens.

Assim sendo, ele é tão afrodescendente quando eurodescendente. E, exatamente por isso, os termos são inadequados para qualquer forma de classificação.

Se você perguntasse pra mim se eu sou afrodescendente eu diria que não. Foi até minha esposa que falou pra mim, “mas por que você diria que não?”, olha, se alguém perguntasse pra mim “você que é afrodescendente” – peraí, eu não sou afrodescendente. A pessoa ia ficar assustada ao ver a cor da minha pele. Como eu sou afrodescendente se eu tenho avós que vieram da Espanha, tenho avós que vieram de índio, mas índio e espanhol não são negros, então eu também sou europeu-descendente. Não sou? Eu também não sou índio-descendente? Então porque eu sou apenas afrodescendente? Eu não sou afrodescendente porque minha composição genética não me permite dizer que eu sou afrodescendente. Eu posso ter muito mais genes anglo-saxônicos do que muitos brancos que passam naquele corredor. Eu falaria isso, porque, se eu falo que sou afrodescendente eu estou negando a minha descendência indígena e estou negando a minha descendência europeia que fazem parte da minha vida. Não é a cor da minha pele que vai dizer que eu sou afrodescendente. Porque a descendência não é o observador que tem que impor. É o observado. Se eu não me declaro afrodescendente você não pode me chamar de afrodescendente. Mas a questão é, as pessoas não estão preparadas para esse discurso, olhar no espelho e perguntar: “eu sou mesmo afrodescendente?”

Desta forma, Antônio fez uma distinção classificatória que até então não havia aparecido nas entrevistas. O termo “afrodescendente” remete a origem e supõe unificar aquilo que, historicamente no Brasil, sempre foi marcado por diferenças. (Sansone, 2005, p. 251 – 252) E, mais do que isso, porque o entrevistado marca a diferença entre o uso dos termos negro/preto – como categorias sinônimas, ambas fazendo referência à cor da pele – em oposição à categoria afrodescendente que estaria – inevitavelmente – negando a ele a sua história genealógica e suas múltiplas origens.

Eu fui tão infeliz uma vez, eu tive uma estagiária de descendência sueca e eu falei brincando com ela, “você jamais poderia casar com um negão, essa família sueca”. Daí ela mostrou a foto do avô dela. Um baita de um negão. Eu fiquei sem graça, eu falei, “olha, olhando pra você eu jamais diria que você tem alguém com essa característica na sua família”. Ela era branquinha dos olhos azuis. Olhar a cor da pele e definir a descendência eu acho perigoso.

Igualmente surpreendente é a perspectiva de Antônio a respeito do preconceito de caráter racial na sociedade brasileira. O entrevistado, ao narrar uma experiência entendida como discriminatória durante a sua graduação – quando era sistematicamente instado a comprovar que era realmente aluno da UFRJ para ter acesso ao restaurante universitário, algo que não acontecia com os demais alunos, segundo ele – faz a seguinte narrativa:

Eu olhava assim: esse cidadão tem todo o direito de não gostar de mim porque eu sou preto. Porque eu não sei qual é a origem dele, eu não sei como ele foi formado, eu não sei o que o pai dele falava pra ele, então ele não é fruto só daquele momento. Ele é fruto de uma história. E eu, por ter um grau de educação maior que a dele era minha obrigação respeitá-lo. Eu poderia fazer um escândalo naquele bandeirão, mas aí eu teria sido menor que ele. Então o “ser superior”, talvez aí possa passar um pouco aquela coisa que você perguntou antes. É entender que aquele cidadão tem todo o direito de não gostar de mim porque eu sou preto. E eu não posso ter raiva dele por causa disso, porque o Brasil tem menos de 150 anos de libertação dos escravos.

Neste sentido, Antônio não reconhece como injustiça nenhum processo eventualmente discriminatório como os ocorridos no restaurante universitário. E, mais do que isso, não é

possível exigir reparação visto que se trata da manifestação individual de um processo histórico arraigado na sociedade brasileira. Logo, os movimentos sociais que buscam medidas de reparação ou que discutem essa temática são entendidos por Antônio como maneiras de rebaixar os negros, vitimizand-os. Entretanto, considera o sistema de cotas para escolas públicas um mecanismo eventualmente viável, apesar de precário e eficiência limitada.

Acho que quem dá a cota são pessoas que não gostam de pretos. É interessante para algumas pessoas que não gostam dizerem assim: “olha, você só vai entrar porque eu deixei”. Isso é ruim. E do outro lado você vê pessoas que são afrodescendentes e tudo na vida tem que acontecer porque ele é afrodescendente. Se ele ganha um prêmio é porque ele é afrodescendente. Se ele é maltratado em algum lugar é porque ele é afrodescendente. Isso pra mim é extremamente perverso. É horrível, porque você vive disso. Você vive da cor da sua pele. Tem pessoas que gostam disso. Tudo o que acontece na vida é porque ele é preto. Isso é um absurdo. Você vai encontrar pessoas na vida que gostem ou não de você. Não quer dizer que é porque você é preto.

Antônio, assim como Patrícia, talvez seja um dos entrevistados mais críticos ao conjunto das discussões sobre questão racial no Brasil. Profundamente crítico dos movimentos sociais, ele não tornou a sua cor um elemento fundamental na sua construção de identidade. E critica os movimentos sociais que atuam nessa discussão exatamente por terem feito este processo. A cor de Antônio é mais um elemento dentre aqueles que o compõe. Aparentemente, não é superior ou inferior a nenhum outro. Podendo, inclusive, ser descartado, se fosse possível:

Você pode reparar que meus traços são finos, isso não é muito comum para aquelas pessoas que tem um forte potencial genético dos africanos. Mas meu rosto é fino, meus lábios são finos. Às vezes eu me olho no espelho e digo: “se eu tirasse a minha cor de pele e colocasse uma cor branca, eu seria um anglo-saxônico padrão”.

Assim como Patrícia, Giane também é médica e, coincidentemente, também cardiologista. Moradora de Copacabana, divorciada, 49 anos, mãe de uma criança de 4 anos. Desde o seu divórcio, voltou a morar na casa em que foi criada, juntamente com a mãe, a irmã mais velha e uma sobrinha. Giane é irmã de Jorge Luís, citado em outro capítulo.

Os pais de Giane vivenciaram uma expressiva ascensão social enquanto os filhos eram criados. Seu pai conseguiu comprar a barbearia na qual trabalhava e sua mãe concluiu o ensino superior em Contabilidade. Entretanto, para que isso ocorresse o cuidado de Giane e os irmãos foram relegados a uma empregada que morava em na Ladeira dos Tabajaras, também em Copacabana. Quando essa mulher veio a morrer, os seus três filhos foram adotados pelos pais de Giane. Assim sendo, na verdade, é uma família de seis filhos, três naturais e três adotivos. Entretanto, Giane pouco fala dos irmãos adotivos. Dos três filhos biológicos, Giane foi a única que estudou em escola privada. Seus dois irmãos, fizeram escola pública próximo

de casa e, posteriormente, prestaram concurso para o Colégio Pedro II. Ambos foram aprovados. Giane, por sua vez, conseguiu bolsa de estudos em uma escola privada na Gávea.

Assim como seu irmão, a entrevistada fez curso preparatório e foi aprovada no vestibular no ano seguinte, tendo ingressado na faculdade de Medicina. Do ponto de vista das redes sociais, Giane comenta que teve uma vivência marcada pela ausência de negros nos espaços que frequentava enquanto jovem. Apesar de manter muitos amigos na favela ao final da sua rua, e estes eram majoritariamente negros, à medida que foi crescendo, o contato com essas pessoas foi se tornando rarefeito e progressivamente ela foi se tornando a única negra na maioria dos espaços que frequentava. Algo recorrente na trajetória da maioria dos pretos e pardos ascendentes.

Olha só, eu sempre estudei, principalmente depois... na faculdade só tinha eu e um outro garoto que éramos negros o resto, sempre foi isso, no São Marcelo não precisa nem dizer que eu era a única, mesmo no Pedro II não tinha muito não. A gente sempre foi minoria. Então eu não sei se isso gerou às vezes, mesmo no São Marcelo a gente estudava com gente rica, eu não era rica. Então às vezes eu ficava um pouco com o galho dentro, sabe às vezes assim com o galho dentro, às vezes isso acontecia. Hoje em dia eu me polício às vezes, quando eu me sinto meio assim também, porque médico também, eu sou a única sempre, aí as pessoas tem que dar uma brigada pra você se impor. Tipo assim, não tenho nada contra os enfermeiros mas eles tem uma tendência muito grande, eles acharem que sou enfermeira porque eu não tenho olhos azuis, não sou loira, entendeu? Existe aí, de vez em quando você tem que dar...

Giane se enquadra no grupo de pessoas que podem acionar categorias muito distintas como forma de se apresentar. A sua posição de classe e seus traços físicos, por certo, permitem que ela seja enquadrada como “morena clara”, por exemplo. Ou, até mesmo branca, como já aconteceu de ser assim chamada e protestar. No entanto, a entrevistada se apresenta como negra – parda, se tiver que utilizar as categorias oficiais. E, mesmo assim, não se sente isenta de passar por constrangimentos de caráter racial. Seja com os enfermeiros aos quais precisa comprovar eventualmente que é realmente médica e não exerce outra profissão outra profissão auxiliar na área de saúde, seja no atendimento em estabelecimentos comerciais. Entretanto, isso nunca se converteu em discriminação, propriamente dita.

Não, discriminação de deixar de fazer alguma coisa por causa da minha cor não. Tipo assim, em loja né. Entrei numa loja no Rio Sul, uma loja cara, fui ver umas roupas, aí eu senti uma parte das vendedoras um descaso, tipo assim “você tem de outra cor?”, “essa roupa é tal”, aí eu falei “não estou perguntando preço, eu quero saber que cor que tem essa roupa”. Às vezes você sabe que por trás disso tem uma discriminação, racismo, entendeu? Se eu fosse loira de olhos azuis ela não ia perguntar isso. E eu fico ligada nesse tipo de coisa. Já aconteceu em outras lojas, mas essa foi mais gritante. Chamei o gerente, dei lição de moral. Porque normalmente eu não gosto desse tipo de coisa, mas às vezes existe exagero e você tem que se impor né. Eu falei pra ela “quem tem problema é você minha filha, eu estou super feliz com a minha cor”. O gerente me pediu desculpas, ele mesmo me serviu. Eu não sou jogador de futebol! Porque se você for jogador de futebol você pode ser negro e você pode circular no meio de brancos, em ambiente de branco, mas eu não sou jogador de futebol e quero respeito também.



Apesar da afirmação de identidade no entorno da categoria negro, mesmo tendo traços físicos que a possibilitariam estar enquadrada em outras categorias, Giane recusa qualquer discurso essencialista ou que esteja assentado em um “diferencialismo” genético ou cultural. Para ela, a sua é apenas isso, a cor da sua pele. Ela relata que a sua avó materna insistia na necessidade de clarear a família e que somente aceitou que seu pai namorasse com sua mãe por ser branco, filho de portugueses. Caso contrário, ela não teria aceitado, especialmente porque o pai de Giane viveu a adolescência na rua, após ter fugido da violência doméstica em sua casa, no município de Macaé. A este tipo de discurso é que Giane rejeita. Para ela, não há diferenças e nem preferências.

#### **2.4 Considerações finais**

Quando Sheriff (2001) elabora seu estudo sobre categorias “raciais” no morro do Sangue Bom, percebe de maneira bastante contundente como o uso dos termos de classificação é marcado, não pela inconstância, mas pela multiplicidade circunstancial. A autora demonstra como os termos “preto”, “pardo”, “negro” e outros são acionados de maneiras diversas tendo em vista os interlocutores e o universo que envolve a interação; os termos são acionados sempre em referência aos demais envolvidos em cena e ao cenário preponderante da interação. Assim sendo, as categorias raciais apresentam-se como um roteiro no qual a linguagem varia com as posições. Em certa medida, o que a antropóloga percebe, no nível das interações interpessoais num espaço de classe supostamente homogêneo, é aquilo os estudos apresentados anteriormente constataram com uma metodologia quantitativa.

Se, por certo, tendo em vista os estudos quantitativos, a determinação circunstancial do uso das categorias de cor ou raça não é uma exclusividade da região estudada, é possível se indagar como se dá o uso destas mesmas categorias quando se altera a classe em questão. Sheriff demonstra como que para algumas pessoas o uso do termo “negro” assumia um caráter pejorativo e carregado de um sentido simbólico depreciativo. Diferentemente, os profissionais de classe média – cujo lugar na estrutura social é, supõe-se, significativamente distinto dos moradores de uma favela carioca – tomam esse termo como a expressão de seu lugar no mundo social; não somente no que se refere a uma inserção de classe que é

diferenciada do lugar estrutural ocupado pela maioria da população “preta” e “parda” – segundo categorias e dados oficiais – mas também pela excepcionalidade racial que a sua inserção profissional enquanto corpo não-branco em um espaço ou posição hierárquica dominado por pessoas reconhecidas socialmente como “brancas”. Essa dupla diferenciação é a chave interpretativa a partir da qual se pode compreender como se dá o processo de ressignificação do termo “negro” e seu uso mais ou menos homogeneizado dentro de um recorte de escolaridade, atividade e renda.

Em grande medida, permanece no corpo, e nas características deste, a chave para o processo de classificação. E, neste sentido, a forma como os profissionais operam com as categorias de classificação cor é semelhante a dos entrevistados de Sheriff. Não foge muito a lógica apresentada por Nogueira (2007) sobre a noção de “preconceito de marca”, o que varia é o sentido atribuído a categoria, mas não fundamento.

A lógica do “preconceito de marca” supõe a existência de um sistema classificatório multivariado no qual entram em operação traços físicos, grau de proximidade e caráter da relação social, status profissional e educacional, poder econômico e social, e, por fim, intencionalidade da interação. Esse conjunto de elementos são rapidamente acionados no processo de marcação simbólica da diferença. Nogueira não está focado na existência desse sistema e sim em uma forma particular de construir, reproduzir e manter desigualdades sociais de caráter “racial”. Porém, daquilo que escreve sobre o município de Itapetininga e suas relações “raciais”, é possível extrair a existência de uma forma mais ou menos socialmente compreensível de atuação de um sistema eficiente de marcação da diferença e de desqualificação ou supervalorização das diferenças. Em grande medida, apesar se falar de um público menos heterogêneo no sentido de classe, o que Sheriff demonstra é a atualização deste sistema de classificação no processo de interação.

Os profissionais de classe média que se autodeclaram negros são eficientes no processo de construção da imagem de si seguindo a lógica do uso do termo “negro” mas, ao mesmo tempo, operam também com a lógica do sistema de “marca”, com a lógica da gradação de cor e das diferenças assentadas no corpo e não necessariamente em alguma ancestralidade.

Em certa medida, os entrevistados acima citados são exemplos de uma postura recorrente no processo de autoclassificação destes profissionais negros quanto ao pertencimento “racial”. Ao definir-se como “negros” não estão abrindo mão de outras

categorias de classificação e não necessariamente estão supondo a construção de um sistema binário de classificação “racial” como existente no EUA. Há uma recorrente e significativa centralidade do corpo neste processo de construção de pertencimento racial. E este dado precisa ser levado em consideração no processo de análise deste pertencimento.

Um dado importante, tendo em vista as atuais discussões sobre políticas públicas e sistema de classificação de caráter étnico-racial, presente em todas as entrevistas, é a recusa a qualquer ideia que transpasse a desigualdade social e de oportunidades para alguma modalidade de diferença constitutiva, biológica e/ou genética. Há uma recorrente recusa a qualquer ideia que naturalize as diferenças, assim como uma afirmação sistemática da igualdade fundamental entre os homens para além das diferenças fenotípicas. Mesmo uma eventual narrativa que construísse a identidade negra com inclinações a superioridade moral ou racial da mesma sobre outros grupos de cor parece ausente. A recusa à argumentação que essencialize diferenças históricas é uma marca da fala a respeito da relação entre brancos e negros. Entretanto, mesmo neste registro, a facilidade com que os entrevistados acionaram as vantagens de ser branco na sociedade brasileira não se reproduziu quando a pergunta era a respeito das vantagens de ser negro.

Cabe ressaltar que não há referências à experiência religiosa como elemento fornecedor de alguma formulação identitária. A experiência religiosa não aparece como mecanismo importante na vida de nenhum entrevistado, mesmo quando indagados. E eventuais apropriações de alguma matriz religiosa específica como forma de construção dos conteúdos de uma identidade negra também estão ausentes. Se, em algum momento ou, o Candomblé forneceu os elementos necessários para a construção de uma identidade negra, neste grupo a referência está ausente. Apesar do argumento de Sales (2009) de que na década de 90 os movimentos sociais negros assumiram elevaram o Candomblé a fonte matriz de um discurso político, isso não se reflete na narrativa dos entrevistados. Possivelmente porque não poucos possuíam ou possuíram alguma inserção política ou militante.

As poucas referências que associam a diferença na constituição biológica do corpo dizem respeito ao fato de pessoas brancas terem maior dificuldade para se bronzear. Esta argumentação em prol da pele bronzeada e da “feição” das peles claras possivelmente seja algo intimamente relacionado ao Rio de Janeiro e a centralidade que a praia possui na narrativa identitária carioca. As narrativas que desvalorizam a pele branca em função dos múltiplos significados da pele bronzeada no Rio de Janeiro já foram apontadas por Farias

(2003). A narrativa da entrevistada acima uma linguagem social compartilhada na cidade do Rio de Janeiro e, particularmente importante para grupos sociais que utilizam a praia como espaço de lazer e interação. Isso fica explícito no comentário de Laura:

Coitados, eles ficam todos queimados, parecem um camarão, que coisa feia. Esteticamente horrível. Ah, nem eles mesmos gostam da brancura deles. Pergunta só! Não gostam...vão pra praia pra pegar sol. Você acha que uma pessoa que vai pra praia pra pegar sol gosta de ser branca?

O círculo social no qual estão inseridos os entrevistados é composto majoritariamente por homens e mulheres brancos. A classe social parece ser mais central do que outras formas de pertencimento no que se refere à construção de redes sociais. E, exatamente por isso, ao se referirem às redes de sociabilidade, é sempre presente a informação de que, ao longo de toda a vida, nunca tiveram dificuldades em estabelecer contatos fraternos e profissionais com pessoas brancas. Não aparece em nenhuma das entrevistas, narrativas assentadas na exclusão social segundo a cor de pessoas brancas. Antes, a recusa a uma sociedade segregada aparece como elemento central da crítica aos padrões de desigualdade no Brasil.

A categoria “pardo” aparece em várias entrevistas. Ora como classificação, ora como objeto de críticas. E, em alguns casos, a junção dos dois. A crítica mais frequente a esta categoria é a dificuldade de definir o seu conteúdo real. Alguns alegam que “pardo é papel”, “pardo é japonês” ou ainda, “não sei o que é ser pardo”. Todas as categorias de classificação são construtos, são produtos do processo social de construção da realidade. Entretanto, na fala dos interlocutores, é como se houvesse categorias mais reais que outras. E “pardo”, por certo, não está dentre as categorias com maior uso e legitimidade social, ao menos neste grupo social.

Outras categorias como “moreno” e “mulato” aparecem com um uso mais pontual. E mais do que isso, aparece mantendo uma dinâmica tradicional, uma concepção de mulato como resultado do intercâmbio sexual entre brancos e pretos. Mulato aparece mais como uma categoria descritiva do que como uma categoria identitária. Interlocutores com pais de cores distintas se apresentaram como negros e, ao mesmo tempo, se referiram a outros, com o mesmo arranjo familiar, como mulatos. Pais descrevem os próprios filhos como mulatos e, ao mesmo tempo, os definem como negros. Alice, uma linguista, 52 anos, em referência ao filho, assim o descreve:

Eu acho que ele é mulato pelo seguinte, ele mesmo se classifica como mulato. Então acho que tem que respeitar, o pai dele também é branco, ele mesmo fala que tem, teve uma vez que ele inventou, ele é militar do grupo Black da aeronáutica, então ele assume a questão da cor, não tem a menor dúvida. Mas ele é mulato, aparentemente não é negão, é mais pra mulato mesmo.

Em alguns casos, a categoria “negro” parece ser equiparada a categoria “preto”, como forma descritiva, e não necessariamente identitária. Nesses casos, parece que o termo “preto” e o termo “negro” se tornam sinônimos, forças descritivas negociando com a gramática racial brasileira. Quando o termo negro perde o caráter identitário, para se tornar apenas uma categoria descritiva, deixa de ser englobante das categorias “mulato”, “mestiço” ou “pardo” e passa a ser uma categoria concorrente.

Os usos das categorias classificatórias pelos interlocutores é expressão de parte de uma tradicional gramática classificatória cujos termos são intercambiáveis segundo as circunstâncias. Não há gramática que não sofra alteração com o uso, nem a gramática racial. É possível pensar que, no que se refere às categorias classificatórias e a construção das identidades sociais, em meio a um conjunto de alterações, com a emergência de novas categorias e a aposentadoria de outras. Apesar de parecer ser uma versão da mesma gramática, os homens e mulheres de classe média parecem ter um repertório bem mais limitado que o conjunto da população. Talvez efeito da região – Rio de Janeiro –, talvez efeito de uma escolarização/ socialização diferenciada, talvez como consequência de um projeto político-identitário particular, ou mesmo todas essas possibilidades congregadas, há a emergência de uma categoria que não era representativa no passado e torna-se agora, com forte caráter identitário.

### 3 REPRESENTAÇÕES SOBRE O BRASIL E AS QUESTÕES RACIAIS

Neste presente capítulo pretende-se discutir quais são as representações políticas que este grupo tem elaborado a respeito do Brasil, dos brasileiros e das questões étnico-raciais. Trata-se, portanto, de uma análise dos discursos e representações elaboradas a respeito da brasilidade e das tensões da vida cotidiana nesta sociedade. Estudar as representações significa, em grande medida, entender quais são os valores nutridos a respeito da Brasil e, especialmente, das atuais discussões sobre desigualdade de cor e políticas públicas de caráter compensatório.

#### 3.1 Um caso exemplar

Fellipe, com 51 anos no momento da entrevista, era médico, funcionário público municipal, casado, pai de um jovem de 18 anos e morador da zona norte da cidade do Rio de Janeiro, no bairro de Vaz Lobo. Bairro este no qual nasceu e viveu até os 29 anos de idade, quando, por conta do casamento, mudou-se para o bairro da Saúde, na zona central da cidade, próximo ao prédio da Central do Brasil.

Fellipe nasceu em uma família pobre, mas que estava em processo de ascensão ao longo de sua infância e adolescência. Afirma que toda a família paterna era formada por pretos e pardos pobres, com baixa escolaridade. Seu pai, segundo recolheu informações com amigos da família e vizinhos ao longo da vida, resolveu estudar como forma de sair da miséria na qual havia sido criado. A decisão do pai de Fellipe por estudar se deu quando já estava mais velho, ainda solteiro, mas fora da idade “adequada”. Segundo conta orgulhosamente Fellipe, seu pai não somente concluiu o ensino básico, como também conseguiu acesso ao ensino superior. Já na vida adulta, o pai de Fellipe formou-se em Direito e prestou concurso para a Polícia Federal, chegando a superintendente deste órgão. Foi neste contexto de mobilidade ascendente do pai que Fellipe e seus irmãos cresceram.

Ele chegou à superintendência da Polícia Federal, chegou ao top da carreira dele, e se ele conseguiu isso tudo foi por mérito dele porque várias vezes ele deixava os amigos pra estudar, os amigos iam pra farra, pro baile, e tudo mais e ele achava que não porque naquele dia ele achava que naquele dia ele tinha que estudar. Isso eu gravei bem porque vários amigos, separadamente, falavam a mesma coisa. Então, eu acho que meu pai era um visionário. Ele conseguiu vislumbrar naquele contexto complicado, a oportunidade dele sair daquilo, ele realmente conseguiu e foi um vitorioso. Então, ele é um exemplo pra mim.

A sua mãe, por sua vez, parece ter enfrentado um processo de empobrecimento ao longo da adolescência e juventude. Segundo relata, a morte de avô e o subsequente empobrecimento da família tiveram fortes impactos sobre a vida de sua mãe. No entanto, diferentemente da família de origem de seu pai, a família materna, aos olhos de Fellipe ainda jovem, parecia mais sólida, com relações morais e afetivas mais consistentes. Segundo relata, a marca de sua avó materna seria exatamente um rigor na criação dos filhos e das filhas cujo efeito foi a manutenção da família ao largo de “desvios indevidos”. Sua mãe, assim como seu pai, só concluiu os estudos básicos quando já estava adulta e casada. Por sugestão do marido, estudou em uma escola noturna, tornando-se professora do ensino fundamental, apesar de nunca ter atuado.

Então, ela levava a sério um curso profissionalizante do qual ela não precisaria pra sobreviver. Então, ela se formou no Normal e gostou muito, a experiência pra ela foi muito boa. Ela gosta de ler, sempre gostou, ela é uma pessoa muito inteligente tanto é que quando nós éramos pequenos ela estudava conosco e na realidade, hoje eu percebo isso, ela aprendia conosco. Ela é uma pessoa que se tivesse tido a oportunidade que eu tive certamente ela teria ido até mais longe do que eu fui.

A posição profissional do pai de Fellipe exigiu uma renúncia familiar: seu pai foi destacado para trabalhar fora da cidade. Diferentemente de outras famílias, a mãe de Fellipe decidiu que não acompanharia o marido nas suas mudanças para que não atrapalhasse a carreira escolar dos filhos.

A minha mãe teve a coragem de fazer a opção de não acompanhar meu pai porque vários colegas do meu pai levaram as famílias pros locais onde trabalhavam e isso repercutiu na formação dos filhos porque havia locais em que o ensino não tinha tanta opção; outros não, até que tinham. Então, aí se criava aquele problema onde o ensino é um pouco mais forte mais fraco a criança perdia a qualidade de ensino e aí quando voltava pra uma cidade com o ensino mais forte a criança não conseguia acompanhar. Então, filhos dos amigos do trabalho do meu pai tiveram que enfrentar este problema, entendeu? As crianças tiveram dificuldade de estabelecer relacionamentos porque as coisas mudavam de uma forma mais frequente. A minha mãe fez a opção “Você vai e eu vou ficar com os garotos” E essa coragem que ela teve é algo que até ela, às vezes, ficava surpresa porque não era muito comum, e ela teve essa visão. Eu acho que essa coragem de tomar uma decisão que não é, necessariamente, a mais fácil, não é mais a mais comum, e a que mais se espera com facilidade, e depois levar esta decisão até o fim isso nos deu uma coesão pra nós muito grande.

Segundo relata, a ausência paterna por questões de trabalho não teve o efeito desagregador, mito pelo contrário. A sua mãe teria conseguido dar a ele e aos irmãos um senso de unidade familiar e de presença parental que, segundo Fellipe, lhe parece surpreendente até hoje. Nas suas palavras, o fato da mãe estar aprendendo com eles, estar estudando ao mesmo tempo que eles, e seu contato com as teorias da Psicologia e Sociologia tiveram um efeito prático na forma como eles foram criados.

Fellipe iniciou sua trajetória escolar em escolas privadas da região. Segundo relata, sua formação nos primeiros anos foi fundamental para a sua carreira nos anos seguintes. A própria escolha pelo curso de Medicina teria sido feita ainda quando criança, segundo memória de uma amiga de infância dos tempos de escola. A escola na qual estudou, apesar de privada, não era uma escola de elite. Na verdade, ela atendia a um público que, como afirma abaixo, fazia um esforço financeiro grande para manter seus filhos estudando.

Eu estudei numa escola particular com a professora Alice, era uma escola de pé de morro. [...] A dona Alice ela tinha uma visão, quer dizer, hoje eu entendo isso... na época a gente sabia pelo que os pais falavam; mas hoje a gente vê voltando, lembrando certas coisas a gente vê a dedicação que ela tinha àquele colégio. Então, uma coisa que a minha mãe fala, que eu não sabia até porque na época a gente não tinha acesso a essa informação, a dona Alice exigia uniforme mas ela dosava a exigência porque ela tinha a consciência de que a escola dela era uma escola de pé de morro, então quem estudava ali eram pessoas que lidavam com certa dificuldade mas que dentro dessa dificuldade vislumbravam a educação como a melhor opção pros seus filhos. Então, essas pessoas faziam algum tipo de sacrifício pra ter os filhos na escola dela, ela tinha consciência disso.

Após os anos iniciais nas escolas privadas de Vaz Lobo e redondezas, Fellipe e seu irmão foram aprovados na seleção do Colégio Pedro II, o que teve um forte impacto da vila de trabalhadores na qual residia – e ainda reside até hoje.

Nós estudávamos no Pedro II e na minha época tinha gravata então era sapato preto, meias pretas, calça azul marinho, blusão branco abotoado e gravata. Então, eu fui, por ser o mais velho, o primeiro a passar pro Pedro II de nós três e quando eu ia pra aula as pessoas olhavam, elas não conheciam aquele uniforme; eu garoto, 12 anos, descia a rua, a minha rua descia no morro; a minha mãe sempre tratou da nossa roupa muito bem tratadinha, blusão, camisa, impecáveis o emblema era costurado no bolso, não era preso com colchete, ela fazia questão e a camisa muito branca as pessoas elogiavam muito, e eu saía de gravata, a gravata azul clarinha, eu com a pasta, quer dizer, era estudante “Mas que uniforme é esse?” Algumas pessoas até perguntavam “Está estudando?” “Sim” “No Pedro II” “Onde fica?” “Engenho Novo”. Isso chamava atenção. E lá na vila houve ocasiões que alguém precisou dar nó em gravata e eu moleque fui dar nó, nós três aprendemos que o meu pai ensinou. A gente, no caso eu, chamava atenção mesmo sem eu querer e não precisava fazer nada errado, e não estava fazendo, mas a minha condição era uma condição diferenciada, ninguém tinha estudado no Pedro II, pelo menos de garoto, até então; depois éramos nós dois, eu e meu irmão, nós dois, eu com minha gravata e ele com a gravata dele, e eu notava que a gente fazia a diferença. Então, a nossa condição no nosso bairro era uma condição diferenciada.

A condição diferenciada de Fellipe e seus irmãos se expressou, por certo, no fato dos três terem acessado o ensino superior, como ele mesmo diz como uma “evolução natural”. “Eu sempre tive essa ideia de fazer e o ambiente lá em casa sempre foi propício a isso, tanto é que eu fiz Medicina, o meu irmão do meio fez Direito e o caçula fez Direito.” Logo, não se pode ignorar o fato dessa formação ter ido efeitos particulares e possibilitado chances de vida aos três meninos, ex-estudantes do Colégio Pedro II. Por certo, como comentado em outro capítulo, a inserção em uma boa escola é um elemento central para compreender a trajetória dos irmãos.



Após formar-se no antigo Científico, Fellipe foi estudar Medicina na Universidade Gama Filho. Seus irmãos seguiram o mesmo caminho e também acessaram o ensino superior. Segundo relata, a universidade ocupa um lugar todo especial na sua trajetória. Ele não somente era estudante da instituição, como também foi atleta representando a mesma em eventos e competições. Na realidade, Fellipe foi primeiro atleta, ainda enquanto estudante do Científico, para posteriormente, tornar-se aluno da instituição.

Agora a Gama Filho tinha uma característica interessante, o curso de Medicina era um curso caro na época, e ainda é, e na época já era... era um curso muito bom principalmente no ciclo básico, eu fiz seriado né? Então, no primeiro e no segundo era fortíssima a Gama Filho. Era, portanto, uma faculdade cara no subúrbio e em frente à linha de trem. Eu notava que a maioria dos colegas era da zona sul, eram colegas que vinham de família de bom padrão; eu tinha colegas que vinham da Baixada, um bom padrão na Baixada; colegas do subúrbio com uma condição mediana como a minha, mais ou menos, classe média baixa, por aí. Então era, mais ou menos, um mosaico. É interessante porque a Gama Filho me parecia ser até democrática, embora não desse essa impressão e embora teoricamente não fosse se a gente levar em conta a mensalidade... mas a situação... a geografia da faculdade acho que favorecia isso. Então, eu notava, assim, certa estratificação da turma, então, quem era da zona sul tendia a ficar mais com os colegas da zona sul; quem era da zona norte, do subúrbio, da Baixada tendia a ficar ...e eu ficava por ali, ia pra um lado e pro outro sem muita preocupação.

Após formado, Fellipe fez residência médica nos anos seguintes. O seu casamento coincide com a aprovação no concurso para médico da rede pública municipal e médico civil das Forças Armadas. O início de sua vida marital se deu aos 29 anos. Neste período também saiu de Vaz Lobo e vai morar, já com a sua esposa, no bairro da Saúde. Relata que, apesar de considerar a região do centro feia, ficou apaixonado pelo ar bucólico da rua na qual residia, além da bela vista do centro da cidade que possuía de sua janela.

Quando eu me casei morei na Saúde, ali na Central, e foi interessante porque foi um período muito bom, e quem nos indicou o local foi uma colega de serviço da minha esposa, a dona Ana que era uma senhora portuguesa que trabalhava no berçário e elas se conheceram e se deram muito bem. Então fomos ver, nós fomos ver fomos a pé pra conhecer bem, então, aquela parte próxima da Central era uma parte meio esquisito mas depois que a gente pegava a Ladeira do Faria, a ladeira mesmo, o mudava e era aquele negócio histórico, aquelas casas antigas, eu gosto muito da história do Rio de Janeiro, e achei interessante, bem diferente, meu bairro era Vaz Lobo e era bem diferente. Então, fomos ver o apartamento e o apartamento fazia parte de um prediozinho que pertenceu a uma família e essa família morava no prédio, né? A proprietária, dona Celeste, morava no prédio em um dos apartamentos, e ela tinha filhos, casados já, algumas até já tinham netos que moravam ali. O ambiente era bem familiar, fomos ver e o apartamento era legal pra nós o aluguel era em conta e a gente acabou morando lá. A minha mãe deu o dormitório dela, que já era viúva, deu o dormitório de casal pra nós e a minha sogra deu a geladeira ou vice-versa. Então, a gente foi morar lá com pouca coisa e a gente até brincava que a gente tinha um salão, porque salão? Porque não tinha nada na sala. Então, a gente foi pra lá com o dormitório que a minha mãe nos deu e o fogão e geladeira. Aí começamos e fomos juntando, ela trabalhando e eu também e nós ficamos dois anos sem ter filhos.

A esposa de Fellipe também atuava na área da saúde, sendo técnica em Enfermagem, como relata o entrevistado. Apesar de falar pouco sobre a família, Fellipe faz considerações

bastante contundentes sobre sua admiração por sua esposa e, especialmente, por seu filho, que havia acabado de ser aprovado no vestibular para o curso de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

O pai da minha esposa ele era filho de índio e tinha um gênio muito forte também, tanto a minha sogra quanto meu sogro tem um gênio fortíssimo todos dois, e a minha esposa herdou o gênio forte; é uma mulher que tem muita determinação e, se ela colocar na cabeça que vai fazer determinado projeto, ela faz mesmo, só se acontecer uma coisa suficientemente forte, ou um fato novo completamente diferente que a faça mudar de ideia. Então, é uma mulher determinada; cuida da casa com muito esmero, eu acho até que ela exagera um pouquinho; mas ela cuida de mim e do meu garoto com uma dedicação, assim, impressionante. Ela trabalha, ela é técnica de enfermagem e também é muito dedicada ao trabalho dela; ela é muito respeitada pela qualidade do trabalho. É uma mulher que sabe por o seu ponto de vista e sabe reconhecer quando esta errada também, mas se ela estiver certa é melhor não contrariar, é mais prudente. Então ela é assim. Ela ganha presentes dos pacientes, assim, com muita frequência porque eles reconhecem o carinho e a atenção, ela procura ser muito atenciosa com eles e realizar o que tem que realizar da melhor maneira, até tecnicamente falando.

O grande orgulho de Fellipe é o seu filho, o adolescente, a época, recém-aprovado no vestibular e que pretendia atuar na mesma área do tio paterno, o Direito.

O meu filho é um garoto que eu não sei nem se eu merecia ter um filho desses, pra você ter uma ideia ele passou pra UFRJ; ele passou pra UFF em 120º, pra UFRJ em 27º e pra UERJ ele passou em 18º. [...] É interessante porque ele foi melhor exatamente pra onde ele queria, então, eu acho que, talvez, inconscientemente, ele tivesse se empenhado mais. Foi uma coisa muito interessante porque eu estava num plantão, um plantão daqueles muito pesados, era uma sexta-feira, dia do meu plantão lá, e eu recebi um telefonema e era a coordenadora do colégio, aí ela se identificou e meu deu os parabéns porque o meu garoto (...), foi o primeiro resultado que eu soube, tinha passado em 27º pra UFRJ. Eu fiquei satisfeitiíssimo né? O plantão ficou melhor, não sei se coincidência ou não mas o plantão ficou melhor. Ele é um garoto dessa natureza, não preciso mandar ele estudar [...] É um garoto desse tipo. Eu acho até que quem tem que tomar cuidado com ele sou eu pra não atrapalhar porque ele tem luz própria. Então, da minha família eu não posso reclamar entendeu? Eu acho que até que por eles serem quem eles são, eu acho que tenho uma responsabilidade muito grande, uma espécie de provedor, não como único provedor que eu não tenho essa pretensão, mas naquilo que eu tiver que atuar como provedor eu não posso faltar a eles. Então, não posso reclamar da minha família.

Saindo do plano da narrativa biográfica, são as ideias de Fellipe a respeito da sociedade brasileira que mais chamam a atenção. Sua reflexão é produto de uma inserção social bastante crítica e, ao mesmo tempo, muito otimista a respeito dos dilemas brasileiros e, em especial, a respeito das questões étnico-raciais. Segundo o entrevistado, o principal problema da sociedade brasileira está na incapacidade desta de elaborar uma narrativa identitária autônoma. Os brasileiros estariam perpetuamente encarando o país como estrangeiros, tendo em perspectiva referências externas que, apesar de interessantes, não podem indicar um caminho para a solução dos conflitos nacionais. Caberia ao Brasil elaborar a sua própria identidade e, com isso, definir um rumo particular no concerto das nações.

Eu acho que a nossa sociedade ela busca uma coisa chamada “identidade”, nós ainda não sabemos quem nós somos. Então, ora achamos que somos europeus; ora achamos que não somos europeus, que somos latino-americanos; ora nós achamos que somos uma sociedade multirracial, uma sociedade bem singular, formada pela mistura do branco, do negro e do índio. Então, eu acho que nós ainda não conseguimos vislumbrar a nossa imagem no espelho, então este é um aprendizado que a gente ainda está passando por ele e que precisa ainda ser concluído. [...] Encontrar sua identidade e definir seu caminho. O caminho do Brasil hoje não é o caminho de nenhum outro país na história, esse é que é o nosso problema; nós temos que ter a capacidade de construir o nosso caminho. Então, por exemplo, se o Japão foi pra um lado; se a Coreia, a Rússia foram para outro lado e a China foi pra outro lado, o Brasil não sabe pra que lado vai e nós temos que saber.

Entretanto, apesar desta alegada ausência de identidade que o entrevistado remete ao Brasil, ele possui perspectivas bastante positivas a respeito do país. Assim sendo, quando indagado se, na sua percepção, o Brasil de hoje está melhor do que o Brasil de sua infância, a resposta é bastante contundente. Segundo Felipe, o Brasil de presente é melhor que o Brasil do passado porque o acesso aos bens tecnológicos tem se ampliado. E isto seria uma das facetas positivas do atual momento do país. Entretanto, ele ressalva que isto não é uma celebração do consumismo tecnológico. Na verdade, ele entende que o crescimento do acesso à tecnologia como parte um processo de inclusão social, de inclusão do sujeito no contexto de seu tempo histórico.

Ademais, quando comenta a respeito das vantagens comparativas do Brasil, revela uma interpretação aparentemente assentada em um racismo disfarçado de culturalismo, algo produzido com a mesma perspectiva intelectual de uma parte da geração de teóricos brasileiros dos anos 20 e 30. Segundo Felipe, as vantagens comparativas do Brasil estariam assentadas na capacidade de recepção do seu povo, prática oriunda dos portugueses e africanos. Ora, as vantagens comparativas do Brasil estariam assentadas no seu povo e em suas práticas culturais herdadas de povos originários.

Temos uma hospitalidade fantástica, isso é natural nosso, e, talvez, seja um dom dos portugueses e dos africanos; dos índios eu não tenho bem certeza, mas dos negros e dos portugueses com certeza. Então, essa hospitalidade, saber receber bem, é uma característica nossa. A outra é a inventividade, quer dizer, até pelo fato de nós carecermos de recursos nós somos obrigados a criar alguma coisa, então a nossa criatividade é um dado que pode ser usado a nosso favor, é claro que a inventividade pode ser usado para um lado ruim mas isso a maioria das coisas existentes na face da Terra tem esta ambiguidade, tem esta potencialidade. Eu acho que a hospitalidade e a criatividade nossa são os elementos mais importantes.

Apesar de crítico do “jeitinho brasileiro” em sua acepção associada ao desrespeito às leis, Felipe aciona como vantagem do Brasil o seu povo, povo este inventivo, criativo, frente à dinâmica cotidiana de escassez ao qual está submetido. O que, na verdade, é um dos sentidos do chamado jeitinho brasileiro. Como se pode ver abaixo, apesar da recusa em aceitar uma postura de desrespeito à lei e, especialmente, algo que gere prejuízo a outrem,

Fellipe entende o jeitinho como uma modalidade legítima frente às questões sociais colocadas.

Eu acho que é uma opção moral, esse negócio do “jeitinho” é uma questão moral de cada um. Eu até admito que em determinadas situações o jeitinho até seja a melhor opção, mas não se pode transformar o jeitinho numa filosofia de vida “Tudo eu resolvo com jeitinho” Eu acho que não é bem isso. O jeitinho me parece aceitável à medida que ele permite certa flexibilização. Eu acho que é uma opção moral, esse negócio do “jeitinho” é uma questão moral de cada um. Eu até admito que em determinadas situações o jeitinho até seja a melhor opção, mas não se pode transformar o jeitinho numa filosofia de vida “Tudo eu resolvo com jeitinho” Eu acho que não é bem isso. O jeitinho me parece aceitável à medida que ele permite certa flexibilização dizer, ao invés de ver o “jeitinho” como uma forma de adequar, por exemplo, a uma situação que a norma não permite uma mas é uma situação que não vai causar prejuízo a ninguém apenas naquela situação, relativamente limitada, a aplicação da norma se torna um tanto bizarra, um tanto inadequada, aí eu até entendo o jeitinho.

Outra crítica frequente na narrativa de Fellipe se direciona ao que ele entende como pessoas que tornam o fato de serem vítimas de processos discriminatórios em moedas de troca para obter vantagens a partir do discurso à perpétua vitimização. O entrevistado não está negando a existência de práticas discriminatórias na vida cotidiana e nem a existência de mecanismos de exclusão, apenas entende que esses problemas precisam ser enfrentados para que sejam superados e não nutridos para manter a atualização das práticas e a legitimidade dos discursos. Especificamente falando a respeito de um episódio no espaço de trabalho que entende não ter sido tratado com justiça, Fellipe relata:

Não digo nem declaradamente, decisivamente. Pode até ter sido um fator acessório, mas não vou dizer “Só aconteceu comigo em função disso” Não vou dizer isso não, tanto é que eu já vi acontecerem coisas aqui com outros colegas que se tivessem acontecido comigo será que aconteceu comigo tanto é que eu já vi acontecer coisas aqui com outros colegas que se tivesse acontecido comigo eu poderia “Puxa, será que aconteceu comigo porque eu sou negro?” Então, eu acho que este discurso da discriminação nós, os negros, temos que ter muito cuidado com ele e não podemos usar este discurso como mecanismo de acomodação “Ah, eu não tenho uma chance melhor porque eu sou negro”. Pode não ser bem isso...

O entrevistado não está negando a existência da possibilidade real de alguém ser vítima de discriminação, ele apenas é contrário ao fato de que o discurso excessivo da vitimização pelo preconceito pode gerar inatividade, imobilismo frente às questões da vida. Ademais, não é simples precisar com clareza os motivos pelos quais determinados episódios produzidos. E, neste sentido, Fellipe entende que é necessário tentar se colocar no lugar do outro para tentar entender o que se passa com essa pessoa. Apesar de ter poucos relatos sobre episódios de discriminação e/ou mal entendidos de caráter objetivamente racial, Fellipe relata um episódio que foi marcante no período de sua residência.

Um dia ela (irmã Raquel) chegou pra mim e falou assim “Doutor Fellipe é um negro de alma branca” “Olha irmã, eu não sei se alma tem cor mas se tiver eu gostaria que tivesse a cor da minha pele” Aí ela ficou olhando pra mim assim como quem pensa “Nunca ouvi falar disso” E não me pareceu que tivesse desgostado, mas também eu saí dali e fui fazer alguma coisa e não (...) qual foi a reação dela, só que eu falei num tom de voz tranquilo e o nosso relacionamento foi bem, quer dizer, isso se teve um peso foi positivo, negativo com certeza não foi. Então, eu tenho a impressão a pessoa fazer uma brincadeira envolvendo, assim, favelado; envolvendo, assim, por exemplo, macaco e a pessoa quando via que eu estava perto você via o desconforto, entendeu? Então eu tive... eu notei que eu estava ensinando às pessoas, não a todas, mas a quem precisasse, que ela precisaria rever determinados hábitos, ou seja, a partir do momento que eu estava ali determinados hábitos tinham que ser revistos, e na maioria das vezes eu notei claramente uma diferença, viu?

O episódio com a freira chefe de enfermagem da Santa Casa, assim como em noutros episódios relatados por Fellipe, deu a ele a possibilidade real de exercer uma atividade político-pedagógica. Ele entende que a sua própria existência em lugares sociais nos quais os negros são minoria apresenta a possibilidade de educar alguém para que não haja de forma excludente. Ademais, os negros ascendentes teriam a possibilidade de inovar o conjunto das ideias que a sociedade brasileira nutre em seus subterrâneos a respeito da diferença racial. Um negro ascendente, não ascende sozinho, ele se torna o símbolo de todos aqueles que ainda não ascenderam. E, neste sentido, Fellipe entende que há um caráter pedagógico a ser cumprido por aqueles que ascenderam: desestabilizar os valores sociais que hierarquizam as pessoas e subalternizam simbolicamente os negros.

E neste sentido, Fellipe relata que aprendeu com os pais aquilo que seria uma estratégia de diferenciação. Segundo ele, os pais falavam a todo tempo que o fato de dele ser um menino “de cor” tornava-o alvo fácil das críticas. Esperava-se o pior dele e, exatamente por isso, caberia a ele e aos irmãos darem bom exemplo.

Então determinada atitude que seria aceitável para um branco pra vocês não é aceitável, não é a mesma coisa, a sociedade não vê da mesma forma uma atitude quando ela é feita por um branco e quando ela é feita por um negro, a sociedade não vê isso então, é importante vocês terem educação, saberem se comportar, até porque vocês vão estar sendo observados.

Essa postura de controle do comportamento a partir da qual os três irmãos foram criados parece ter sido influente o suficiente para se tornar uma forma de estar no mundo até a vida adulta de Fellipe. A conjugação entre o processo de mobilidade experimentado pelo pai e, ao mesmo tempo, a inserção numa sociedade marcada pela desigualdade com facetas estéticas perceptíveis, fez com que Fellipe incorporasse como prática cotidiana o cuidado com o seu comportamento na tentativa de “não dar motivos” para acionar valores negativos associados a sua cor. Entretanto, não apenas isso. Ele compreende que o ensinamento dos seus pais não era apenas expressão de preocupações de ordem racial, mas expressão do conjunto das inserções vivenciadas pelos filhos. “Essa questão de saber se posicionar é importante; é

claro que não era só porque nós éramos negros, mas ser negro era um motivo poderoso a mais pra ter que cuidar disso”.

O processo de formação de Fellipe e seus irmãos demonstra alguma modalidade de educação para viver numa sociedade desigual e com valores sociais que, em determinados contextos, subalternizam a população negra. Assim como foi com ele, Fellipe também produziu uma “pedagogia racial afirmativa” com seu filho. Diferentemente dos seus pais, cuja estratégia de formação passava pela centralidade do bom comportamento para evitar as categorias acusatórias, o filho de Fellipe passou por um processo de formação desde pequeno para identificar-se como uma criança negra. E, ao mesmo tempo, manter a dinâmica da gramática racial.

[...] Antes de ir para o colégio teve um negócio. Não sei se foi se me chamaram... me chamaram de negão, brincando com ele me chamaram de negão “Seu pai é aquele negão” “Meu pai não é negão, meu pai é moreno”. A pessoa comentou, não sei se foi minha cunhada que brincou ou um dos meus sobrinhos “Seu pai é negão sim, por quê?” “Meu pai não é negão, meu pai é moreno”. A pessoa nos contou a reação dele e conversando com ele, a minha esposa explicou “Seu pai é negão, por quê?” “Meu pai não é não” “Seu pai é negro mesmo” “Não é não, eu sou moreno claro”. A minha esposa é mais clara e ele é um pouquinho mais claro que eu, isso foi antes dele vir para o colégio e ele viu que a professora dele era negra, ele achou aquilo estranho, estranho não, diferente. Ele comentou com a mãe depois e ela falou comigo sobre ele ter estranhado e eu conversei com ele “Meu filho, qual é o problema? Eu sou negro e a professora é negra também”. Eu senti que ele foi... na cabecinha dele ele já não foi tão incisivo como antes.

O filho de Fellipe, ao contrário do mesmo que era uma “criança de cor”, foi educado para ser negro, para assumir uma narrativa identitária a respeito de seu pertencimento social, uma expressão de uma atualização das narrativas de pertencimento. No entanto, por outro lado, apesar do elemento novo introduzido que é a própria construção social contemporânea da categoria “negro”, houve a manutenção de certa “etiqueta racial” na educação do rapaz.

Aí passou um ano e veio o ano seguinte e já não foi mais a mesma professora, não, acho que foi com ela ainda; aí ele perguntou pra inspetora qual era cor da professora que ia ser dele, aí a inspetora “Sua professora é negra, professora Tânia”. Acho que a Rita estava perto e falou comigo, eu tive outra conversa com ele “A gente pergunta cor quando vai comprar camisa, quando vai comprar uma calça, quando vai comprar um carro... pra uma pessoa não se pergunta, pra que você quer saber? O que você vai fazer?” “Mas papai...” Ele ficou meio sem jeito “Vamos deixar uma coisa bem clara aqui, o papai já falou com você e vai falar de novo, papai é negro e o seu avô era negro, que você já viu o retrato, era negro; seus tios são negros e você é negro... tem um tom de pele um pouco mais claro? Tem, mas olha seu cabelo, seu nariz, então, suas características...você é negro” “Eu sou negro papai?” “Isso”.

Na narrativa acima, dois elementos se destacam: a construção de uma categoria de classificação que converte-se em identidade e, como tal, transmitida ainda na infância. O filho de Fellipe, ao acionar a categoria “moreno” não estava contrariando o sistema de classificação tradicional. Mesmo sendo pequeno, nota-se a percepção das diferenças e a inserção numa

categoria que ele compreendia mais adequada, segundo sua percepção. No entanto, os pais ofereceram, na verdade, outras fontes de construção de identidade e auto-percepção. Ao mesmo tempo, ao educar o filho com a perspectiva de que não se pergunta a cor das pessoas, os pais estavam atualizando uma dinâmica social na qual, ao mesmo tempo em que a cor é elemento central para classificação, ela é silenciada pela etiqueta, seu acionamento varia segundo intenção, proximidade e polidez.

O entrevistado prossegue afirmando que, apesar de recusar qualquer noção de diferença assentada na genética humana, há diferenças entre brancos e negros que precisam ser levadas em consideração. Segundo ele, a inserção diferenciada, a forma como cada grupo foi introduzido no Brasil, gerou diferentes perspectivas a respeito de si e de sua própria história. A diferença entre brancos e negros hoje seria de ordem histórica e, exatamente por isso, também cultural.

Então, eu acho que ser negro é diferente por isso; não é que sejamos melhores, necessariamente melhores, eu tenho muito medo desse discurso, então não é que nós sejamos melhores é que temos a nossa identidade; o branco não é necessariamente melhor, mas eles têm a identidade deles; o índio é outra identidade diferente, e os índios nós deveríamos até ter pedido licença a eles e não pedimos. No nosso caso não pediram autorização pra vir, nos trouxeram Então, eu acho que agora vamos sentar e cada um com seu patrimônio histórico, afetivo e cultural vamos construir um país que a gente ainda não conseguiu.

Mas, se por um lado, Felipe recusa uma narrativa biologicamente essencializada, por outro, a perspectiva culturalista parece não ter resultado menos essencializador. Como se verá abaixo, numa perspectiva circunstancialmente binária, na qual “os negros” englobariam todas as outras categorias de não-brancos – com exceção de indígena –, ele produz uma narrativa a respeito da essência dos negros no Brasil, produto de sua própria história. Segundo essa narrativa de essência, os negros seriam fortes, emotivos e talentosos.

O negro que se acomoda ele vai ter que lutar pra viver ou até pra sobreviver; e o negro que não se acomoda vai ter que lutar pelas oportunidades que ele merece. Então, esta predisposição à luta eu acho que é inerente à negritude, então, se não lutar por bem vai ter que lutar por mal, então faça a sua opção. Esse é o principal dado, o segundo é uma emocionalidade, então, a gente tem emoções... a gente... usando a figura da senzala, do tronco, do quilombo, do capataz, do capitão do mato, a gente tem uma riqueza de experiência histórica extremamente absurda, e isso se reflete na nossa emoção, então a emocionalidade é outro atributo que eu acho inerente a negritude, entendeu? E o terceiro seria o talento e nós não estaríamos onde nós estamos, com essa riqueza cultural toda, se a gente não tivesse talento pra isso. Então nós temos que saber utilizar essa capacidade de luta, utilizar as emoções advindas da nossa história e mesclar ao nosso talento pra construir o nosso futuro.

O discurso essencialista, apesar de assentado numa perspectiva histórica simplificada, produz uma imagem que apenas re-significa algumas categorias já tradicionais, especialmente a percepção da força moral dos negros e de sua emocionalidade inata. Toma por positivas

alguns elementos simbólicos presentes em discursos tradicionais. No entanto, por outro lado, Fellipe recusa a posição de perpétua vítima da história. Segundo ele, a existência de preconceito não pode ser pretexto para a inatividade e ausência de senso de superação, o que seria um dos traços negativos de ser negro no Brasil.

O que eu acho de mais negativo em ser negro é se esconder atrás do discurso do preconceito racial, quer dizer, que isso é uma realidade eu não discuto. Agora, nós temos que lidar com essa realidade não como uma forma de obter privilégios ou não como um biombo para a nossa incompetência. Nós temos que lidar com o preconceito racial, realmente, como um dado da realidade que nós queremos mudar. [...] Então, o dado mais negativo que eu vejo com relação a ser negro no Brasil é a tendência de se acomodar atrás do preconceito racial.

Se, por um lado, o discurso de Fellipe está marcado por uma forte dose de essencialização, por outro, isso não se converte em segregacionismo. Na realidade, toda a entrevista é marcada pela afirmação que somos uma sociedade múltipla, com diferenças históricas, mas que precisamos construir um consenso e ampliar a integração. E, neste sentido, ele entende que a noção de democracia racial é algo que está em processo de acontecer, lenta e gradualmente. A crescente integração dos diferentes e o desbotamento dos valores que subalternizam seriam parte do processo de afirmação de identidade daqueles que foram historicamente subalternizados.

O Brasil é, realmente, um país multirracial; isso é uma questão de fato, e o que se discute é se esta multirracionalidade é integrada ou não. Eu acho que a tendência é positiva nesse sentido, eu acho que a tendência que realmente esta multirracionalidade, que é um dado de fato, se torne de direito também. Então, eu acho que é pelo menos a tendência que eu vejo no futuro, certo? Com relação a isso eu sou otimista. [...]Um horizonte envolvendo um valor como esse, da democracia racial, me parece que seja algo razoável, se é utópico ou não é outra discussão; mas eu prefiro ter no horizonte a democracia racial do que a segregação racial. Então, eu prefiro acreditar na democracia e até direcionar minha ação, minha atividade, nesse sentido.

A sua defesa de uma sociedade em processo de integração igualitária, assentada na afirmação da diferença, passa pelo apoio a políticas públicas de caráter afirmativo. Fellipe, ao ser indagado a respeito da política de cotas por cor nas universidades, repete um discurso presente em outras entrevistas, afirma que apoia a medida excepcional, mas que ela precisa ter prazo de validade.

Eu acho que se a gente tem que discutir sobre as cotas é porque a situação não está boa, se tivesse boa ninguém ia falar em cotas. Eu acho que é razoável mas até pela própria natureza dela ela deve ter um prazo de validade, quer dizer, enquanto nós temos o regime de cotas nós vamos investindo na educação nos três níveis pra um dia nós não precisarmos mais das cotas, então, nada contra e é uma opção pra um país como o nosso de poucas oportunidades mas não dá pra utilizar como prazo permanente; ao contrário tem que se trabalhar pra que um dia elas não sejam mais necessárias.



Se fosse possível definir a narrativa de Fellipe a respeito do Brasil e dos dilemas sociais que se colocam para esta sociedade, os termos essencialismo de caráter histórico-cultural, integração social, universalismo como finalidade e diferencialismo identitário seriam as categorias-chave. Fellipe pretende ser negro, antes de tudo, mas plenamente integrado a sociedade brasileira e, neste caso, é preciso entender essa integração do ponto de vista de sua posição de classe. A integração significa, na verdade, integração não subalterna. E, ao mesmo tempo, apregoa um universalismo das políticas e a defesa do caráter temporário de qualquer política que não esteja assentada no princípio do universalismo. O discurso dele, contraditório em vários momentos, acaba sintetizando o conjunto das questões se colocam para outros que se encontram na mesma posição de status e classe que ele.

### 3.2 **Revedo conceitos**

Quando o psicólogo social Serge Moscovici (2003) decidiu estudar as maneiras como a sociedade francesa estava incorporando os conhecimentos, os conceitos e as práticas oriundas da Psicanálise, reintroduziu uma discussão teórica a respeito das representações sociais e seus lugares de criação, produção e transformação, resgatando conceitos durkheimianos de consciência coletiva e resignificando-os para tentar dar conta da maneira como indivíduos e grupos elaboram mecanismos e, seus produtos, para dar conta da realidade vivenciada. Na perspectiva de Moscovici, a psicanálise havia extrapolado os muros do domínio dos especialistas, aquilo que definiria o campo científico, para tornar-se parte da vida cotidiana, o que necessariamente significa dizer que estes conteúdos passam a estar em dois registros distintos de conhecimento: o científico – entendido como produto de uma atividade racional socialmente compartilhada entre os especialistas em um tema ou área e aberto a revisão e contestação – e o senso comum, como mecanismo a partir do qual todas as pessoas operam na vida cotidiana, incorporando conhecimentos que, por sua generalidade, perdem especificidade ou primor pela excelência do conteúdo teórico.

Para Moscovici, estes dois procedimentos não são formas hierarquizadas de conceber o mundo, são apenas representações a respeito do mundo oriundas de grupos sociais distintos. Não há entre elas, portanto, um juízo sobre o certo e o errado, apenas o reconhecimento de que – a respeito de um mesmo tema, a psicanálise – é possível ter apropriações diferenciadas e vivências distintas. Há entre o conhecimento produzido pelos especialistas e a maneira como sociedade francesa entendia a psicanálise uma distância impossível de ser ignorada. Esta distância epistemológica seria ocupada pelas representações que a sociedade francesa

elaborou a respeito desta área do conhecimento. A produção dos especialistas e a representação, apesar de intimamente relacionadas, não se confundem. Há entre elas uma distinção fundamental. Distinção, não hierarquia. São apenas formas diferenciais de apropriação do conhecimento social, não necessariamente coletivo. Apesar do próprio Moscovici não se aprofundar na distinção entre social e coletivo, conhecimento social daria conta de reconhecer que o conhecimento é produto das interações humanas feitas em conjunto, mas, ao mesmo tempo, reconhecer que este coletivo é fraturado e diferenciado. O termo coletivo como concebido por Durkheim, por sua vez, não permitiria compreender as cisões na estrutura social, os grupos de oposição e distinção, tomariam a sociedade como um bloco homogêneo.

Segundo Xavier (2002, p. 22), Moscovici retira o caráter ontológico que o conceito de representação coletiva havia assumido em Durkheim, para dar ao conceito de representações sociais o sentido de “meio caminho entre o social e o psicológico”. Mais do que isso, ao enfatizar a centralidade das interações sociais cotidianas, Moscovici aproxima o conceito das dinâmicas concretas dos sujeitos numa sociedade marcada pela diferenciação social nas mais variadas ordens. Assim sendo, o conceito de representações sociais – diferentemente do conceito de consciência coletiva, por exemplo – daria conta de compreender a multiplicidade do mundo moderno tendo em vista que a forma de apropriação do mundo seria diferenciada segundo o contexto sociocultural no qual o sujeito estaria inserido (OLIVEIRA, 2003).

Ao compreender as representações sociais como mecanismos associados ao plano das relações sociais e seus efeitos na apropriação do mundo por parte de indivíduos e grupos, Moscovici se insere numa tradição intelectual que retirou o problema da representação do plano unicamente cognitivo-filosófico para torna-lo como parte de processos sociais concretos (XAVIER, 2002). As representações sociais tornar-se-iam “concretas” à medida que, a partir delas, os sujeitos socialmente localizados, produtos de uma socialização específica e partilhando de uma inserção socialmente estabelecida, elaborariam interpretações circunstanciais a respeito do seu mundo e agiriam segundo elas (MADEIRA, 1991).

As representações sociais são, portanto, mecanismos socialmente localizados a partir dos quais os sujeitos produzem teorias a respeito dos objetos sociais – ou “realidade social” – tendo como referência tanto os saberes científicos popularizados e, portanto, deficitários do ponto de vista de conteúdo; como as tradições culturais presentes na sociedade. Ora, a complexidade das sociedades modernas possibilita a emergência de uma multiplicidade cultural inegável e, ao mesmo tempo, as dinâmicas sociais modernas de comunicação do saber teórico e científico através dos grandes meios de comunicação oferecem aos sujeitos

categorias de análise nascidas no universo das ciências e a sua apropriação e utilização na vida cotidiana.

As ideias só se tornam representações sociais no momento em que são “objetivadas” pelo processo de projeção das ideias e conversão das mesmas em coisas, independentes por si, perdendo assim sua história própria de construção. O princípio de objetivação das ideias se torna mais claro quando se tem em perspectiva o contexto do trabalho de Moscovici e seu estudo sobre como categorias nascidas no contexto das discussões acadêmicas sobre a Psicanálise e, portanto, marcado por um conjunto de rituais típicos do mundo acadêmico ocidental, convertem-se em categorias estáveis no senso comum, em realidades em si. A teoria, neste processo, deixa de ser uma maneira dentre outras de interpretar um fenômeno, deixa de ser produto da disputa intelectual entre agentes e grupos e converte-se em “realidade por si” no senso comum, sem história, sem tensões. Este processo analisado tendo a Psicanálise como objeto, poderia ser feito com qualquer outra área do conhecimento e sua relação com a vida cotidiana. Seja via incorporação das categorias analíticas no discurso midiático ou naturalização de teorias interpretativas de fenômenos em livros escolares, por exemplo, no momento em que a produção acadêmica se incorpora à vida cotidiana, os conceitos são objetivados como realidade e não como interpretações possíveis de um fenômeno.

É preciso, no entanto, que este é um processo dinâmico e marcado com constantes inovações, além de diferenciações importantes tendo em vista o posicionamento da pessoa ou grupo na estrutura social, a relação intersubjetiva e intergrupar, além das diferentes capacidades de apropriação discursiva de conteúdos e apropriação de novas ideias. E somente assim o conceito de “ancoragem” torna-se significativo. Ancoragem seria o processo de incorporação de novas modalidades cognitivas ao um sistema pré-existentes por parte de um sujeito ou grupo. Moscovici tenta com este conceito compreender e, ao mesmo tempo, dar conta do fato de que as pessoas e grupos elaboram narrativas discursivas que variam ao longo do tempo e segundo as tensões sociais nas quais aquele grupo está inserido.

Ora, não é possível compreender as representações sociais sem levar em consideração o fato de que elas estão assentadas na comunicação de categorias cujo sentido socialmente construído se reproduz como instância intersubjetiva. As representações são unidades de conteúdo transmitidas em redes sociais e dotadas de sentido e significado subjetivos compartilhados. As representações não são apenas ideias individuais sobre um fenômeno, um objeto, elas são formas de conhecimento assentadas na vida cotidiana e nas interações dos sujeitos, cuja posição social e cultural interfere diretamente na maneira como estas categorias

são interiorizadas intersubjetivamente. Apesar da contundente crítica de Xavier (2002, p. 29,30) a Moscovici por sua abordagem não privilegiar as diferenças de poder na sociedade, mesmo privilegiando e reconhecendo a diferença, o conceito como elaborado permite ampliar o seu escopo para dar conta tanto dos diferenciais de poder, quanto das hierarquias presentes em qualquer sociedade.

Quando Elias (2000) debruça-se sobre os processos de diferenciação e marcação de fronteiras numa comunidade com elevada homogeneidade étnico-racial e de classe, percebe que o processo de estabelecimento das representações coletivas são elementos centrais na construção da autoimagem dos indivíduos. Em um contexto marcado pela desigualdade e hierarquia, os diferentes grupos da comunidade nutriam imagens, representações, compartilhadas sobre si e sobre o outro. Essas representações, e seus efeitos subjetivos, não eram apenas produto da imaginação dos agentes, mas parte de um processo no qual pensar-se superior (ou inferior) era, antes de tudo, ser superior fato. Não necessariamente uma superioridade inata, mas parte de uma rede de relações que possibilitava ao grupo dominante construir uma representação de si assentada nos espaços de poder ocupados e nos mecanismos de coesão e coerção intragrupal. O êxito do grupo dominante em representar-se como melhores, como pessoas de uma índole superior, estava no fato de que exerciam um controle político das instituições de prestígio na comunidade e possuíam uma rede social eficiente para a autoproteção e autopromoção.

O grupo dominante como percebido por Elias não tinha esta percepção de si apenas como fruto de sua imaginação, ela estava calçada nos efeitos concretos da ocupação de posições sociais de maior prestígio. As representações sociais, portanto, assim como aponta Moscovici, não flutuam no mundo, elas estão vinculadas a práticas sociais reais. Além disso, o grupo dominante não apenas nutria uma narrativa de si como um grupo superior, como se sentia superior. Sem necessariamente terem uma percepção clara dos motivos sociologicamente explicáveis de sua “superioridade”, os grupos dominantes foram eficientes em convencer também os grupos subalternos – inseridos naquela estrutura social sem ainda terem tido condições de elaborar a sua própria narrativa identitária, sua própria auto-representação, autônoma – de sua inferioridade inata. Nesta perspectiva, as representações sociais, numa sociedade marcada pela desigualdade de acesso aos postos de poder, também refletem esta desigualdade. O acesso às posições de poder é central para que determinadas representações se tornem mais influentes que outras. Se, no plano teórico, as representações sociais nascem como produto intersubjetivo da apropriação compartilhada do mundo; no

plano analítico, é preciso levar em consideração que as representações são parte importante da consolidação da dominação social e política de um grupo sobre o outro.

Assim sendo, as representações sociais são também expressões de desigualdade. Esta desigualdade expressa nas representações sociais precisa ser compreendida de duas maneiras inter-relacionadas. A primeira diz respeito ao conteúdo das ideias e valores contidos nas representações. Um grupo, ao elaborar uma narrativa de si e sobre o mundo no qual está inserido, refletirá nesta narrativa, nesta representação, a sua posição social concreta. O que significa dizer que o conteúdo produzido pelos grupos socialmente subalternos, especialmente em situações de desigualdade real muito intensa, tende a refletir o conjunto das ideias do grupo do dominante. Quando maior a desigualdade concreta, quanto menor o acesso de grupos “outsiders” aos postos de poder, menores as chances de elaborarem uma representação de si marcada pelos signos da positividade. Os sujeitos tendem a incorporar as interpretações do grupo dominante, julgando-se a si mesmo com os critérios definidos pelo grupo dominante, incorporando as representações produzidas sobre a seu respeito.

O segundo elemento central a se levar em consideração na difusão das representações e seus impactos na construção das identidades dos sujeitos, é o acesso por parte dos grupos dominantes aos postos de poder que possibilitam não somente a “confirmação” social e subjetiva de sua alegada superioridade, mas também dá aos membros dos grupos estabelecidos, dominantes, instrumentos eficientes na propagação de sua narrativa sobre si e sobre o outro. Ao se introduzir as noções de poder, status e hierarquia e relacioná-las ao conceito de representação social, é possível ter uma melhor compreensão do mundo social e da formação de representações individuais e grupais.

### 3.3 **Analisando narrativas**

Héricles é paulistano, 50 anos, reside no Estado do Rio de Janeiro desde o início da década de 80. Formado em Direito, atua como Procurador no Ministério Público há 10 anos. Filho de estivador – que veio a falecer precocemente – e uma empregada doméstica, Héricles e seu irmão – professor universitário de uma das maiores universidades do país – conseguiram estudar graças ao empenho da mãe e as roupas que lavava para manter os filhos estudando.

Olha, a minha mãe era uma senhora, conforme eu disse, empregada doméstica, simples, muito religiosa, devota da igreja católica. Meu pai eu conheci pouco porque ele faleceu, eu tinha seis anos de idade, então eu tenho vagas lembranças da pessoa dele, tenho algumas, mas vagas lembranças. A minha origem é bastante pobre, bastante humilde, uma origem muito pobre, muito pobre mesmo. Eu vivi uma parte grande da minha infância, da minha adolescência e da

minha juventude no limite da pobreza, o que me ajudou na juventude porque, muitas vezes a minha atividade intelectual se deu por falta de opção, por não ter dinheiro pra ir a um cinema, um teatro, eu compensava isso nos livros. Isso até me ajudou sob certo aspecto. Teve o lado bom, o lado mau que foi a privação de uma série de coisas que eu gostaria de ter feito mais eu não pude fazer e o lado bom que foi eu ter focado numa atividade intelectual que me subsidia até os dias de hoje.

Hércules e seu irmão estavam inseridos, apesar de pobres, como relata, em duas redes de pertencimento importantes para a formação de seus interesses intelectuais quando jovens: eles eram os vizinhos pobres em um bairro de classe média; e a inserção de sua mãe nas famílias de classe média também parecer ser um elemento que precisa ser levado em consideração para compreender sua trajetória e as perspectivas de mundo. No entanto, isto não parece com clareza na sua narrativa, especialmente o segundo elemento. Do período em que acompanhava a mãe como lavadeira, Hércules tem a seguinte recordação:

Onde ela ia lavar roupa, eu ia pendurado na barra da saia da minha mãe, quando ela ia lavar roupa na casa do Português lembro – são cenas que vão estar sempre vivas na minha memória. Eu ia segurando na barra da saia dela, às vezes chorando porque queria um doce, alguma coisa e ela não tinha dinheiro, ela falava “meu filho nunca mexa em nada que não for seu. Se o Zé (que era o filho do Português) mexer em alguma coisa, ele vai ser contemporizado, você vai ser chutado, humilhado, senão tomar um tiro senão morrer”. E essa é a filosofia que eu trouxe, que me fez vencer e que me faz continuar vitorioso. Foi então assim, ela ensinou a coisa mais importante da minha vida, na sociedade em que nós vivemos uns tem o direito de errar e outros não. E eu sempre soube que estive, que estou e sempre estive entre os que não têm o direito de errar. [...] Isso vem daquela empregada doméstica.

A ausência do “direito de errar” também aparece na narrativa de Fellipe. Dois homens da mesma geração, cuja perspectiva de inserção social está marcada pelo comportamento excelente como forma de lidar com a posição subalterna ocupada, seja ela econômica ou simbólica. No caso de Hércules, duplamente subalterna. Em certa medida, essa é apenas uma versão particular na cobrança – por vezes internalizada – de perpétua excelência, do êxito constante, da necessidade de estar na primeira posição sempre, como aparecem em outras entrevistas deste trabalho.

A segunda inserção fundamental para compreender a posição social de Hércules é o fato de ter morado em um bairro de classe média e de estar, por isso, inserido numa rede social que possibilitava acesso a determinados bens e expectativas de vida diferenciadas.

Era uma família pobre encravada num bairro de classe média lá de São Paulo, Tatuapé, que agora é um bairro de classe média-alta, já era um bairro de emergentes. Nós morávamos num terreno com um monte de casas, quase um cortiço, acho que as duas únicas famílias negras do bairro e, portanto eu tive uma infância pobre entre garotos que tinham uma infância rica. Eu era o menino que não tinha bicicleta, que não tinha patinete, que o presente de natal, quando era ainda mais criança, muitas vezes minha mãe entrou em filas nessas instituições de caridade que doam brinquedos pra crianças etc., foi essa a minha infância. Adolescência foi um pouco menos isso, mas foi um pouco, acho que foi essa a parte mais marcante.

Foi na adolescência que Hércles tem contato com os movimentos sociais, especialmente com o movimento negro, e começa a elaborar um conjunto de ideias sobre o Brasil, a partir do seu ponto de vista de jovem pobre e inquieto, como afirma, buscando entender o mundo que o rodeava. Quando responde de onde vieram as suas ideias sobre negritude, responde:

Da minha opressão, opressão que eu sofri já desde criança, e da luta contra a discriminação. Eu me rebeldei contra a discriminação da forma que foi melhor pra minha vida, lutando contra ela. Eu poderia ter rebelado da forma que, infelizmente tem se rebelado milhões e milhões de adolescentes negros que não completam a sua adolescência porque vão antes pra uma cova, um buraco ou micro-ondas das comunidades mais pobres. Eu, graças a Deus, a forma de eu me rebelar, eu sempre tive a chave da minha vitória, porque eu me considero, sou e me considero subjetivamente uma pessoa vitoriosa, e a chave da minha vitória foi nunca fazer nada de errado. Eu sempre tive consciência de que eu estou entre os que não podem fazer nada de errado, fosse lá quando eu era um simples militante que não tinha, às vezes, nem dinheiro pra pagar o ônibus (risos) até hoje que eu moro numa casa apresentável, tenho um automóvel apresentável, eu sempre soube que os outros podem errar, eu nunca poderia, isso me transformou. Se eu não tivesse tido isso eu não me transformaria numa pessoa vitoriosa, porque nós somos alvos sempre, nós somos e sempre seremos alvos.

Segundo Hércles, a vivência da opressão e da discriminação quando adolescente forneceu a ele uma percepção bastante crítica da sociedade brasileira e, ao mesmo tempo, forneceu os instrumentos para a superação das precárias condições nas quais vivia até então. A chave narrativa para este processo e emancipação individual teria sido o encontro com os movimentos sociais e as organizações do movimento negro na capital paulista. Na sua perspectiva, a sociedade brasileira seria “uma sociedade muito velha com uma roupagem muito nova. Eu diria que o Brasil é um casal de sinhozinho e sinhá digitando, navegando na rede e usando roupas muito moderninhas.” O lado arcaico da sociedade brasileira seria exatamente aquilo que o entrevistado entende como o maior desafio para o país: superar as desigualdades raciais. A argumentação de Hércles está assentada no fato de que, na sua perspectiva, não plena coincidência entre racismo e desigualdades social. É possível que a ascensão social dos negros mantenha os padrões de reprodução do racismo. E, neste sentido, a sociedade brasileira ainda não teria feito a transição necessária para romper com as modalidades de exclusão e violência que afetam prioritariamente os negros.

Por outro lado, assim como Fellipe, Hércles entende que o melhor do Brasil é o seu povo, um povo que não desistiria nunca de lutar e que estaria sempre em busca de consolidar algo melhor. Curiosamente, o entrevistado argumenta que esta força, esta garra, seria um produto da mistura racial.

A principal virtude da sociedade brasileira é que ela tem um povo que não se conforma um povo que não desiste de lutar nunca. Eu diria que essa é a principal virtude e que esse é o principal futuro do Brasil, um povo inquieto, inconformado e que quer melhorar a sociedade

brasileira. O povo brasileiro é um povo maravilhoso, e agora vou usar uma expressão deles, utilizada pelo Presidente da República<sup>iii</sup> que essa é verdadeira, uma vez feita a crítica, é uma mistura de raças maravilhosa pena que em patamares tão desiguais, ainda tão desiguais.

Apesar deste suposto povo forte e inconformado, na perspectiva de Hérciles a sociedade brasileira produz enormes desigualdades, levando a conclusão de que o Brasil “ainda não, não é, é um país de muito poucos, o Brasil é um país de muito poucos. Mas existe uma vontade de todos que o Brasil venha a ser um país de todos.” Na percepção de Hérciles, este país de poucos, cujos benefícios se concentram nas elites econômicas, está em franco processo de transformação. Ainda lento, porém em mutação, tornando-se mais democrático. A perspectiva do entrevistado é fortemente marcada por um viés liberal de crítica a estratificação social brasileira. Argumenta que apenas uma sociedade que ofereça reais oportunidades igualitárias poderá ter um nível de competição adequado e produtivo.

Um país que é de todos é um país que abre oportunidades para todos; um país que não discrimina os seus, quer dizer, um país que coloca os seus num patamar de competição descente, cada qual vai se desenvolvendo de acordo com suas potencialidades individuais. As pessoas não são iguais umas as outras, nunca serão. [...] Eu acho que a mais simples e simplória das utopias foi aquela que acreditou que as pessoas pudessem ser iguais e viver igualmente. Quer dizer, uma sociedade qualquer que seja ela, mesmo que seja uma diferença menor do que a que existe no Brasil, ente um diplomata e um varredor de calçadas vai haver sempre uma diferença.

Hérciles, quando indagado qual o problema da sociedade brasileira que mais afeta a sua vida, é taxativo: “o racismo”. E retoma a mesma perspectiva quando indagado se considerava que, ao longo da sua vida, havia sido tratado com justiça. Para um homem que conseguiu ascender surpreendentemente, possuindo um dos maiores salários do serviço público federal, o problema mais recorrente da sua vida é o conjunto de valores sociais com os quais ele precisa lidar diuturnamente que exigem uma constante afirmação de seu direito de estar nos espaços que ocupa e de circular na rede social que circula. Essas constantes exigências de confirmação são, na perspectiva do entrevistado, expressão do racismo reinante na sociedade brasileira.

Sim, sempre. O Brasil é um país muito racista embora, se eu tivesse que dar uma imagem para o racismo no Brasil eu construiria a seguinte imagem: o racismo no Brasil é mudo, ninguém fala em racismo; o racismo no Brasil é surdo, ninguém ouve falar em racismo, mas ele enxerga com olhos de lince. Mas em qualquer oportunidade, pra selecionar em qualquer oportunidade, lá está o racismo com seu olho cumprido escolhendo os que vão ficar de fora. E veja a cor dos que entraram e veja a cor dos que ficaram de fora, qualquer que seja a oportunidade. O Brasil é um país muito racista, não é pouco, é preciso reconhecer isso até pra que as nossas gerações futuras, não precisem fazer esse mesmo discurso, o Brasil é um país muito racista, não é um país pouco racista. Os critérios de seleção, de tratamento, de homenagem levam em conta a cor dos olhos, do cabelo, a estética. Se você caminhar na Avenida Rio Branco e olhar pras capas das revistas, você não vai reconhecer as pessoas que estão passando nas ruas, você vai achar que está em outro país porque você vai olhar pras



capas das revistas e vai ver um tipo, e até as pessoas que estão nas capas de revistas são sempre melhores tratadas em qualquer espaço. E aquelas pessoas que você vê nas ruas, quando não tem uma rejeição formal tem uma rejeição informal, também em qualquer espaço. O Brasil fala muito na sua miscigenação, mas eu não vejo pessoas miscigenadas fazendo papéis de galã das telenovelas, só vejo pessoas brancas e muito brancas. Fala-se muito da miscigenação no Brasil, mas eu não vejo que o padrão de beleza esteja focado nos miscigenados. Os nossos apresentadores de telejornais, nas nossas atrizes e atores de telenovelas... Então até mesmo esse discurso da miscigenação que surgiu com Gilberto Freire é uma falácia.

A crítica aos padrões de desigualdade brasileiros se expressa também, segundo relata Hércules, em uma construção da noção de beleza marcadamente hierarquizada e desvinculada daquilo que seria o padrão físico de uma parcela expressiva dos brasileiros. Este elemento, segundo entende, parte das desigualdades raciais que fundam a sociedade brasileira, teve impactos na sua vida afetiva. Como relatado em outro capítulo, Hércules afirma que a única área da sua vida que ainda não está resolvida plena é a afetiva.

Esta percepção está intimamente atrelada à percepção que nutre a respeito do sentido de ser negro na sociedade brasileira. Como afirma, ele pertence ao grupo daqueles que são pretos indisfarçáveis. Isso significa dizer que, apesar das categorias elásticas do sistema de classificação racial brasileiro, ele se encontra no extremo do gradiente. E o seu status social não foi capaz de alterar as categorias nas quais ele estava inserido. Na sua concepção, a prática socialmente recorrente de classificar os pretos bem-sucedidos com termos que o clareiam, não pode ser aplicada a ele. Em tom de brincadeira, afirma:

Costumo dizer o seguinte, entre os negros no Brasil são os tinta forte e os tinta fraca, como sou tinta forte então não há essa coisa de, normalmente quando você tem negro mais tinta fraca, então eles chamam de uma coisa, chamam de outra, dependendo chamam até de branco, conforme o status e a posição que ele tiver, vai ser chamado até de branco. Mas no meu caso isso não é possível porque eu sou muito preto, então não há espaço pra esse tipo de dúvida.

E, neste sentido, assim como Fellipe, aciona uma noção de diferencialismo cultural com efeitos emocionais. Talvez de maneira mais elaborada do que o primeiro, Hércules entende a estrutura simbólica e socialmente hierarquizada da sociedade brasileira, leva a população negra a produzir uma noção de si marcada pela dificuldade de auto-aceitação e a vontade de ser outro. Essa dificuldade se mantém ativa a medida que a população branca monopoliza os lugares de poder na sociedade brasileira, assumindo para si maior status que os demais grupos da sociedade. A desigualdade simbólica estaria vinculada a desigualdade real.

Primeiro no sentido da aceitação social, ser negro significa ser menos aceito sob todos os aspectos, inclusive eu já disse isso e não vou repetir, até no plano afetivo etc.. Significa ter um sentimento de auto-identificação e uma cultura também, existe uma cultura diferente entre a cultura africana e a cultura europeia. A diferença entre os grupos étnicos é uma riqueza, o racismo consiste na hierarquização dessas diferenças. [...] Brancos e negros, a desigualdade

entre brancos e negros porque os brancos ocupam as posições de poder no Brasil, nos negros estão fora do poder. A desigualdade é entre brancos e negros e não entre negros e brancos. Se fosse entre negros e brancos, nós estaríamos no poder e eles estariam tentando ocupar o poder, lutando contra a discriminação e etc, o que verdadeiramente não ocorre.

Por fim, Hércles entende que são necessárias medidas do Estado para efetivamente reduzir a desigualdade étnico-racial. A sua posição a respeito das políticas afirmativas e, especialmente sobre o sistema de reserva de vagas na universidade, é que são necessárias, mas não são a solução de um problema. Assim como Fellipe, o entrevistado entende que são necessárias medidas efetivas de investimento que possibilitem uma competição mais igualitária, e estes investimentos devem ser aplicados em um sistema educacional universal e eficiente.

Acho que elas são necessárias temporariamente. Eu quero viver num país que não precise de ações afirmativas pra nada, não vou viver nesse país, mas gostaria que meus descendentes viessem a viver num país que não precisasse de ações afirmativas pra nada. [...] Esse é o mundo que eu quero para o futuro, não é o mundo de ações afirmativas, é o mundo pós-racial como a juventude americana começou a construir nesse momento. Eu acredito num futuro pós-racial, mas as ações afirmativas são necessárias pra levar esse futuro, como foram necessárias nos EUA. Eu vejo essas ações afirmativas como políticas transitórias, mas necessárias.

As posições de Hércles em muito distoia da biografia e das narrativas do jovem Gustavo. Nascido em Campos dos Goytacazes, com apenas 29 anos, engenheiro químico, funcionário efetivo da Petrobrás, Gustavo é um jovem “negro... moreno... negro” – como se apresentou durante a entrevista – com uma biografia e um discurso menos marcado pela pobreza e também pouco centrado na questão racial. Filho de um casal de advogados que não exerciam a função – seu pai era policial militar e sua mãe atuava como tesoureira de uma escola privada em sua cidade – Gustavo teve uma infância e adolescência tranquila, tendo condições econômicas razoáveis. Ao longo da vida, estudou em escolas privadas da região e depois seguiu para a rede pública. Segundo relata, era “a melhor escola da cidade”. Fez curso técnico também na rede pública e foi aprovado no vestibular da UFRJ.

Eu fui criado com os meus pais. Tenho três irmãos. Minha mãe faleceu quando eu tinha 16 anos, e eu sou o filho mais velho. O meu pai casou de novo e teve mais dois filhos, então, eu tenho um irmão do primeiro casamento do meu pai, que é três anos mais novo que eu, e tenho dois irmãos do segundo casamento, um tem dez anos e o outro tem três.

Após a aprovação no vestibular, Gustavo veio morar na cidade do Rio de Janeiro. Inicialmente morou na casa de uma tia, na zona norte da cidade; posteriormente, mudou-se para Niterói e foi dividir apartamento com amigos. A mudança para o Rio para cursar universidade foi um desejo que sua mãe o incentivou durante a vida. Ele relata que, como ela não pode sair da cidade para estudar por imposição do avô, ela desejava que os filhos

tivessem horizontes mais amplos do que a cidade do norte-fluminense oferece. Segundo Gustavo, sair da cidade era parte de um desejo de conhecer novos lugares e experimentar o novo. Tanto que o jovem foi aprovado na seleção para UENF e optou por estudar na cidade do Rio.

Qual é a pergunta mesmo? Ah da faculdade e tal. A minha mãe sempre batia muito nessa tecla “Não, vocês têm que fazer faculdade e tal, sair de Campos e morar no Rio, blá, blá, blá”. Assim, desde criança já tinha isso em mente assim, e eu achava, e eles achavam que eu ia fazer Informática, né? Tanto que meu curso de 2º grau foi processamento de dados. Aí nesse meio tempo minha mãe faleceu, eu estava no 3º ano... Aí eu entrei no cursinho pra fazer Informática, aí na metade do curso eu resolvi fazer Engenharia Química, porque eu sempre gostei muito de Química, Matemática, e... Química principalmente, foi o que me chamou muita atenção no cursinho pré-vestibular. Aí eu comecei a cogitar, e essa ideia foi ficando mais forte, eu conversei com o meu professor do cursinho, que é engenheiro químico, e ele notava que eu tinha muito interesse em Química, porque eu sempre ia conversar com ele, tirar dúvidas, aí ele me incentivou, colocou uma pilha, “Faz Engenharia Química que você vai gostar”. Aí eu fui fazer Engenharia Química. Confesso que foi meio sem saber assim do que se tratava, só porque eu gostava de Química. Foi aí que eu comecei a ler, porque na época, eu nem sabia que existia Engenharia Química, não sabia bem do que se tratava; e na época a Petrobrás não estava tão forte com essa coisa de admitir gente como tá hoje em dia, então, se eu fosse pensar assim, friamente, nem teria tantas perspectivas depois que eu me formasse.

Com suporte financeiro do pai, Gustavo terminou toda a graduação. Ao longo dos anos morando fora de casa, na capital, conseguiu compensar a diferença de capital cultural que o marcava em relação aos seus amigos de curso. A diferença de capital cultural não era apenas produto de sua criação no interior, mas também efeito da posição social dele em comparação com a posição social dos amigos que fez ao longo da graduação.

Mas eu sentia uma diferença, cultural principalmente sabe? Eles sempre tiveram acesso a muito mais coisas do que eu, tanto em termos de grana mesmo, de viajar, de conhecer outros lugares, como em termos de... Até música... Não sei te explicar, mas os papos, sabe? Tinha coisa que eu não conseguia chegar, porque eu não conhecia, sabe? Eu acabava, às vezes, me sentindo um pouco inferior, até em questão de inteligência e tal, eu me sentia mais... No início assim, porque eu não tinha tido meu feedback, nem da própria faculdade mesmo, nem qual seria meu desempenho e tal. Com o tempo eu fui me integrando mais, fui vendo que... e eu sempre achei que eu fosse ter uma resposta pior, assim um desempenho pior, por não ter tido... Eu achava que eu não tinha tido uma boa formação de segundo grau, justamente por não ter tido várias matérias, por ter feito curso profissionalizante; e ter feito cursinho, que é aquela correria pra te preparar só para o vestibular; então, eu achava que ia ter deficiência em Física, Química, Matemática, que eram muito importantes, principalmente no ciclo básico do meu curso. Mas aí, eu comecei a fazer provas e fui vendo que não era bem assim, que eu estava em pé de igualdade, isso foi me dando uma certa segurança. E em termos de conversa, eu sempre ficava meio, às vezes, de fora porque... não é de fora, mas sobre muita coisa eu não tinha condição de conversar, porque eu tinha vivido uma outra realidade.

Concluída a graduação, Gustavo entrou direto para o Mestrado na sua área. Neste período, conseguiu bolsa de estudos da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis e foi morar novamente com amigos, mas desta vez, na mesma região na

qual morava a sua tia, na zona norte da cidade do Rio. Após concluir o Mestrado, iniciou o doutorado e, logo depois, foi aprovado em concurso para a estatal. Mudou-se com o irmão para Botafogo. No momento da entrevista, Gustavo estava às voltas com a tese e sem grande motivação para concluí-la.

Toda a sua trajetória é, até o momento, bastante retilínea, quando comparada a de Fellipe ou Hérciles. Ele é um jovem que, apesar da perda da mãe, construiu uma trajetória assentado no lugar social herdado de seus pais, o que já indicava uma posição com relativa tranquilidade. Adentrou no mercado de trabalho já com elevada qualificação, em uma especialidade bem-remunerada e numa posição de trabalhador concursado de uma empresa federal. Ao longo de toda a sua narrativa, não há a presença de relatos de grandes dificuldades oriundas de sua posição social e/ou étnico-racial. No caso da segunda, menos ainda, visto que o mesmo pouco opera com este elemento.

Entretanto, a questão racial só se tornou relevante na vida de Gustavo no momento em o mesmo teve que solicitar o visto para a entrada nos Estados Unidos. Segundo relata, apesar de recolher toda a documentação necessária, o visto foi surpreendentemente negado sem maiores explicações.

Fui tirar o visto e me negaram. Só que tinha... Eu levei documento comprovando que eu tinha um emprego estável, que eu tinha condições financeiras de bancar a viagem, e que eu não pretendia ficar lá como imigrante ilegal blá, blá, blá. E fui tirar o visto, aí cheguei lá, o cara me fez três perguntas, nem pegou documento nenhum meu, me devolveu o passaporte e disse que naquele momento ele lamentava mas não me achava apto a receber o visto. Aí eu fui pra casa, assim, morrendo de raiva, escrevi uma carta para O Globo e para a embaixada também, consulado, sei lá. No dia que O Globo publicou a carta, me ligaram do consulado, me chamando, me convidando pra fazer outra entrevista.

A segunda entrevista feita após a publicação da carta no jornal foi exitosa e Gustavo conseguiu ingressar nos EUA. Na sua percepção, a recusa do funcionário da embaixada está associada a estereótipos raciais. Afirma que chegou a sugerir isto na sua carta, mas esta parte do conteúdo foi editada na publicação. “Eu acho que pode ter sido isso porque se ele não viu nada e simplesmente negou, em alguma coisa ele teve que se basear, né? E provavelmente foi no aspecto físico.”

A diferença de narrativa de Gustavo e Hérciles, até mesmo de Fellipe, é notável. A sua trajetória foi marcada praticamente toda pela ausência de questões relativas ao preconceito racial e afins. E, por conseguinte, com exceção do episódio do visto, este tema não era central na sua trajetória. Ou, o que não seria a mesma coisa, o fato de Gustavo não estar inserido numa rede interprete formalmente o mundo através das categorias associadas à raça, faz com

ele que dote de outros sentidos experiências que, para alguns, seriam de caráter racial. Ademais, não se pode ignorar a diferença etária entre estes. Seja como for, a trajetória do jovem é marcada por um processo de declarada mobilidade ascendente quando comparado a seus pais.

Apesar das diferenças de trajetória e de interpretação de sentido atribuído à própria vida, Gustavo também reproduz um discurso de que há diferenças sociais entre brancos e negros no Brasil. Esta percepção, que não se aplicou em boa parte da sua vida, parece muito concreta para ele:

Eu acho que é diferente porque não dá pra ignorar que o racismo existe, então, você sempre é visto de outra forma, quer dizer, não por todo mundo, mas sempre vai... Sempre não, mas ainda você é visto de uma outra forma. Não tem como dizer que é a mesma coisa, porque não é.

Assim como Héricles e Fellipe, ele afirma que reconhece como lado negativo da existência enquanto sujeito negro o fato de ter que comprovar a todo tempo os motivos de sua inserção social.

Negativo é a questão do racismo. Positivo... Positivo eu não sei... Positivo eu não sei, talvez o aspecto positivo é... Eu acho que qualquer conquista é mais importante, assim, é mais valorizada até pela própria pessoa porque você acaba tendo que vencer... Provar... Você tem que provar muito mais porque o seu desempenho tem que superar a cor e... Acho que tem um pouco disso assim.

O jovem – que nunca teve nenhum tipo de inserção política – entende que a melhor forma de superar o preconceito seja através da ascensão social. Na sua perspectiva, como a desigualdade é produto de nossa herança histórica e a posição social da população negra é produto do passado escravista, no momento em que o sujeito ascende socialmente, ele consegue impor limites aos outros que sem a ascensão seria menos viável. “É uma forma de você falar: ‘Sou negro, não sei o que, mas você não é melhor do que eu por causa disso’. Eu sou inteligente, sou bem sucedido, sou... e você não é melhor do que eu’. Eu acho que sim.”

Gustavo acredita que as práticas de discriminação e as ideias que alimentam concepções estigmatizadoras desaparecerão por um artifício bastante peculiar. A miscigenação e as teses que supunham o desaparecimento dos traços negroides da população brasileira foi resignificada no seu discurso. A solução para os problemas raciais é a miscigenação, ela faria desaparecer progressivamente os traços distintivos, tornando a todos morenos.

Eu acho assim, que naturalmente uma hora se resolve, porque vai chegar uma hora que não vai ter nem cor mais, todo mundo da mesma cor. Porque você vai se misturando, misturando, uma hora né? É uma tendência mundial que é mais rápida em alguns lugares e mais demoradas em outros. No Brasil, por exemplo, sai na rua e começa a observar as pessoas, sabe? Não tem ninguém branco, branco de cabelo louro; negro tem né? Mas você vê que a maioria já é misturada, a maioria é moreninha, clarinha, de cabelo preto e não sei o que, e vai só... no final, vai ficar todo mundo moreno.

A perspectiva de Gustavo a respeito da desigualdade de cor e problemas correlatos é bastante peculiar. Possivelmente seja fruto de sua inserção particular, mas também se sua trajetória na qual a cor nunca foi um peso. Outros entrevistados mais jovens também articulam ideias semelhantes. É possível pensar que a diferença de trajetória e o contexto de ascensão venha alterando o conjunto das relações e das concepções vinculadas aos estereótipos sobre a população preta e parda, especialmente nas camadas médias da sociedade fluminense.

Natália, jornalista, 39 anos, está numa faixa etária intermediária entre Gustavo, de um lado, e Felipe e Hércules, de outro. Ademais, além da faixa etária, a sua identidade de gênero a diferencia dos demais citados. E, como se verá a seguir, a posição de mulher negra inserida nos estratos médios cariocas revela dilemas que não são recorrentes na narrativa masculina.

Nascida em Irajá, zona norte da cidade do Rio de Janeiro, Natália foi criada pela mãe que atuava como auxiliar administrativa. Seu pai saiu de casa quando ainda era criança e morava no Espírito Santo. Já era falecido no momento da entrevista. E Natália manteve pouco contato com ele. Ao longo de sua trajetória, estudou nas escolas públicas de sua região. A primeira delas bastante precária, como se recorda. Mudou de escola por recomendação de uma professora que reconheceu nela, ainda menina, talentos que a instituição na qual estava matriculada não teria condições de incentivar: “Olha, sua filha é muito inteligente tira essa dessa escola porque ela não vai melhorar.” A orientação da professora foi seguida por sua mãe. E, como Natália afirma ao longo da entrevista, esta mudança foi central para explicar as escolhas que viria a fazer a frente. Foi nesta nova escola, nos anos finais do ensino fundamental, que Natália conheceu o curso preparatório para as melhores escolas públicas da cidade. Convenceu sua mãe a arcar com os custos do preparatório e foi aprovada para Escola Nacional de Ciência Estatística – ENCE – para cursar o atualmente chamado ensino médio. A entrada na ENCE, assim como relata Marcelo, citado noutro capítulo, foi a porta de entrada para um universo com acesso a um capital cultural privilegiado.

E na ENCE, que eu entrei com 14 anos, é que eu fui conviver com adolescentes da mesma faixa etária mas de bairros mais nobres, bem mais se comparado aonde eu morava, e todos eles, assim, era uma coisa meio óbvia porque a maioria tinha ou pai ou mãe, ou pai e mãe, com curso universitário; tinha muita gente que era filho de funcionário do IBGE, por motivos

óbvios, o pai da minha melhor amiga... Das duas melhores amigas eram engenheiros da Embratel, entendeu? Então, era uma classe assim de funcionário de estatal com faculdade e um bom salário, benefícios, enfim, um tipo de emprego cobiçado. E na cabeça dessas pessoas, no padrão, como é que eu vou dizer, na história mesmo delas era meio óbvia sair do 2º grau e entrar na faculdade

O acesso a esta escola, via concurso público, foi o início de uma trajetória de ascensão social. A mãe Natália, figura mais importante na sua biografia do ponto de vista de transmissão da posição de classe, era uma mulher com baixa escolaridade que não pode continuar estudando por conta da pobreza. Migrante, veio de Salvador tentar empregos melhores na cidade do Rio de Janeiro. Apesar de ganhado bolsa de estudos para o antigo ginásio, a mãe de Natália não pode continuar estudando como desejava pois seu pai não tinha recursos nem para o material didático. A frustração com relação aos próprios projetos de vida parece ter gerado em sua mãe um desejo muito grande pelo sucesso da única filha. Como em outros casos, essa busca pelo êxito se refletia em intensas cobranças por bom rendimento e excelência escolar.

[...] Se você conhecer minha mãe ela vai te dizer isso, que ela queria ter continuado a estudar. Então ela me pressionava muito, de um jeito duro, nordestino, pesado... Por melhor que fossem as minhas notas, era sempre considerava que era a minha obrigação e não... Eu tinha um medo absurdo de tirar nota baixa, enfim, porque achava que ela não ia me... Então, assim, eu tinha algum talento e as minhas redações as professoras elogiavam, mas, assim, minha mãe sempre quis que eu estudasse, sabe? Nunca abriu mão de estudo, sempre comprou muito livro, comprava enciclopédia, do jeito dela, um jeito pouco culto, mas ela comprava enciclopédia, coleção de Monteiro Lobato, sabe essas coisas? Uns livros imensos, ela fala até hoje “Você nunca leu o Monteiro Lobato que eu te comprei” Mas era chatíssimo, uns livros desse tamanho...

Quando Natália inicia o ensino médio em uma escola fora do seu bairro e, mais do que isso, fora do seu circuito cultural, passa a ter acesso a novas expectativas e projetos de vida que não faziam parte de sua realidade até então. A entrada na ENCE, mais do que o acesso a uma escola, possibilitou a construção de desejos até então não concebidos para aquela menina preta, pobre e do subúrbio.

Então, assim, a transição na minha vida tanto de adquirir valores classe média, entre aspas, desde sonhar em ir pra faculdade a ter um emprego de mais alta qualificação, tudo isso eu acho que tem a ver com essa transição pra ENCE porque eu comecei a conviver com gente de melhor poder aquisitivo, de uma classe média carioca da Tijuca, algumas pessoas do Méier, algumas de Botafogo, que era uma realidade muito diferente da realidade onde eu vivia lá em Irajá.

A trajetória ao longo do ensino médio transcorreu sem grandes percalços. A pressão materna por bons rendimentos, aliadas à institucionalidade da tradicional escola, possibilitaram uma trajetória produtiva para a adolescente. Silenciosamente, no entanto,

Natália ia construindo um projeto de vida contextualizado com as expectativas deste novo ambiente na qual estava inserida. Concluído o ensino médio, a jovem foi aprovada no vestibular para Comunicação Social na Universidade Federal Fluminense.

O Jornalismo me apareceu de uma forma acidental, eu estava na casa de uma grande amiga minha, amiga até hoje, Cris, e era domingo e estava passando Fantástico... ela morre de rir dessa história porque ela nem lembra, mas como aquilo foi emblemático pra mim, aí apareceu o Ferreira Gullar e eu falei “Olha o Ferreira Gullar” E ela falou “Nossa cara, você conhece todo mundo você devia ser jornalista” Sabe quando aquilo faz sentido? Eu precisava que alguém me falasse aquilo. A partir daquilo eu nunca mais mudei. Eu fazia o jornal da escola, eu era representante de turma, eu escrevia super bem. Então tinha tudo a ver.

A escolha do curso universitário de Natália teve repercussões na rede de vizinhos. Talvez por um reconhecimento tácito dos acessos diferenciais a determinadas profissões e a desigualdade que este acesso diferencial ajuda a manter, certos vizinhos tentaram persuadir a adolescente a escolher uma carreira menos concorrida e com menor status, mas que tivesse uma empregabilidade e retorno financeiro mais certo.

“Você não devia fazer Jornalismo, você devia fazer Ciências Contábeis ou Administração pra arrumar um emprego de secretária que é mais fácil”. “Mas eu não quero ser secretária, quero ser jornalista”. E ele falou pra mim “Mas jornalismo é uma profissão de moças ricas e bonitas da zona sul...”

Obviamente Natália não ouviu o conselho do vizinho, professor de Matemática, e seguiu fazendo a graduação em Comunicação Social. Escolheu a UFF pois jornalistas famosos eram egressos do corpo discente desta universidade. O período de graduação, sempre com o apoio da mãe, não foi tranquilo. Na verdade, como relembra, formar-se exigiu muitos sacrifícios financeiros, sociais e emocionais. A distância entre a sua casa e a universidade era uma forte barreira a sua formação.

A minha mãe bancou mais um ano de cursinho pré-vestibular, coitada. É isso que eu falo ela tinha essa de me ver na faculdade e era uma coisa forte porque ela, realmente, não tinha dinheiro. A minha mãe se aposentou tem dez anos e a aposentadoria dela é de R\$ 470, então você pode ter uma noção de quanto ela ganhava.

Além da distância e da condição financeira desfavorável, o horário das aulas na universidade, que a impediam de trabalhar, era outra barreira. A possibilidade de sair do Irajá e morar com amigas em Niterói também não se colocava, pois não tinha dinheiro para dividir casa ou apartamento. O jeito era atravessar a baía de barca e fazer o longo percurso até chegar em casa à noite. Novamente a sua mãe participa do processo, indo diariamente ao ponto de ônibus buscar a filha com medo da violência urbana.



A rede social na qual se inseriu após a entrada na universidade não somente possibilitou a Natália uma formação com rendimentos muito mais expressivos do que os rendimentos de seus pais, como teve, já no início da graduação, impactos sobre a sua autoestima e imagem própria.

Foi, assim, o primeiro grupo que eu comecei a conviver que enxergou beleza em mim, o que eu achava impossível, eu achava que eu era preta, suburbana... Ser bonita? Não cabia! E eu fazia o maior sucesso na faculdade, assim, não ficava com ninguém porque eu namorava e naquela época era uma relação suburbana, monogâmica, fiel, não podia olhar para o lado mas era uma novidade ali, eu era um bicho estranho eu nunca me senti discriminada na faculdade.

Ainda em processo de conclusão de curso, Natália consegue vaga de estágio em um grande jornal especializado em assuntos econômicos. Neste momento, a sua formação na ENCE e sua familiaridade com número, índices, dados e tabelas foram o diferencial que possibilitaram a jovem ter uma carreira excepcional no seu ramo. Ainda recém-formada já atuava na área, em uma empresa conceituada, mesmo tendo um cargo mais simples na editoria da área econômica. O acesso ao mercado de trabalho na área de formação foi marcado por uma profunda dualidade. Natália relata que durante este período foi excessivamente assediada. Na sua percepção, o seu gênero, a sua faixa etária e, especialmente, a sua cor, os seus traços, eram um conjunto que despertava uma percepção sexualizada nos homens que a rodeavam.

[...] É um preconceito diferente porque vê uma mulata e tem uma relação sexual forte. Então, eu fui muito assediada, muito assediada sexualmente, até assédios pesados que me levaram, sei lá, durante muitos anos até a primeira metade da minha carreira eu mudei meu jeito de vestir, sabe, eu me escondia muito pra disfarçar esta descoberta... Eu não usava batom, não usava maquiagem, não usava decote, enfim, isso mudou depois que eu fiz 30 anos. Aí já fui mãe e já não sentia com tanta necessidade de provar coisas, provar minha capacidade, porque eu já tinha alguma estrada.

Natália afirma que aprendeu a lidar com esta visão estereotipada ao longo de sua atuação profissional. Aquilo que no início era um grande desafio, perdeu importância com o tempo. Não que o olhar a seu respeito tenha mudado, mas a necessidade de se firmar como mulher negra profissional tornou-se desnecessária.

A primeira impressão que eu causo nos homens é tesão; os caras num primeiro momento... Me conheceu quer me “comer” Então, eu passei muitos anos tentando mostrar assim “Eu não sou um bocão, um bundão. Eu sou uma jornalista formada que entende de Economia tem perguntas pra te fazer” Eu ficava “puta” com a (...), entendeu? Mas eu acho que eu consegui, assim, eu não tenho rancor ou grandes rancores na minha carreira. Ser negra não atrapalhou minha carreira em termos de ascensão profissional; também não diria que ser mulher atrapalhou a minha ascensão profissional; eu diria que ser mulher negra me trouxe alguns problemas, não problemas de ascensão, de promoção, mas disso... De confusão, de uma imagem preconceituosa que outras mulheres não sofrem e que homem também não sofre, entendeu? Então, é diferente.

Talvez aqui já resida uma esfera que diferencia a trajetória de Natália das trajetórias dos homens citados anteriormente. Natália teve que lidar com uma concepção que valorizava seus traços de mulata enquanto objeto sexual desejado mais do que seu intelecto e demais atributos. Hércules, assim como Jorge Luís em outro capítulo, falam sobre a percepção do seu corpo como não desejoso para a manutenção dos vínculos afetivos e sexuais. Se isto era verdade também para a Natália até a entrada na universidade, após este momento passou a lidar com outra perspectiva que é a da mulata, com toda a carga simbólica na qual está figura típico-ideal está envolvida. A mulata é uma categoria-símbolo de classificação. Mais do que traços físicos, ela é portadora de uma capacidade “natural” de sedução dos homens (GIACOMINI, 2006; DIAS FILHO, 1996). A mulata é um símbolo de sexualidade exótica e atraente, “naturalmente” dotada de atributos sexuais e que funciona como atrativo para homens estrangeiros, mas também para nacionais. Era contra esse estereótipo centraliza nas potencialidades sexuais de seu corpo que a jovem Natália teve que lidar. Escapar do enquadramento nesta categoria era estratégia necessária para se firmar como profissional séria no mercado de trabalho.

Natália é convidada dois de depois de formada a integrar a equipe do maior jornal da cidade e um dos mais importantes do país. No momento da entrevista, a jornalista estava já tinha 14 anos trabalhando nesta instituição, feliz e realizada com a sua inserção profissional e com as portas que conseguiu abrir na sua área.

Na vida pessoal, os anos após a formatura foram de grandes mudanças para Natália. Foi neste período que ela se casou com o namorado que conheceu ainda na época do ensino médio. O casamento e a, subsequente, separação ocorreram ao longo do processo de consolidação profissional da entrevistada. Neste período também, começou a experimentar o processo de migração interna pela cidade como expressão de sua progressiva ascensão profissional: primeiro mudou-se com o primeiro marido para o Meier e, posteriormente, para a Tijuca. A saída do Irajá em direção estes dois bairros tipicamente de classe média na zona norte da cidade foi a primeira grande expressão de que a jovem moradora do Irajá havia alçado voos mais altos. Do ponto de vista das representações sociais numa cidade partida, migrar, de áreas com menos prestígio para áreas de mais prestígio é expressão de mobilidade ascendente, mesmo que esta migração seja de um lado da linha do trem para o outro. Natália foi mais longe.

Morava na Tijuca mas eu cresci em Irajá, no subúrbio; passei pelo Méier, me casei e mudei pro Méier. São degraus que (...) pra que você entenda bem o significado disso. Eu cresci em Irajá, que é um subúrbio distante, e quando me casei mudei pro Méier que é um subúrbio mais

próximo. [...] Não, é “Grande Méier” é uma referência pro que a gente pode chamar de zona norte, classe média, digamos assim, porque tem os subúrbios muito pobres. Quando eu era pequena a gente chamava o Méier de “Princesinha do Subúrbio”, quer dizer, era a melhor coisa do subúrbio. Então, o primeiro passo em mobilidade social começa quando eu saio de Irajá e vou pro Méier; aí quando eu engravidei, fui pra Tijuca e fiquei na Tijuca de 95, pouco antes da minha filha nascer, até o início deste ano [2009] quando eu mudei em janeiro pra Lagoa, já no meu segundo casamento.

A inserção profissional e a sua situação econômica e social possibilitam a Natália uma visão bastante particular da sociedade brasileira e das relações raciais nesta sociedade. Nascida numa família de migrantes, a formação moral e, quiçá, “política” de Natália foi voltada para o ideal de embranquecer o quanto possível as futuras gerações.

[...] A minha mãe é baiana, a Bahia é muito racista. A minha avó, ela morreu eu tinha três anos, era mega racista e a minha mãe conta que ela não admitia ninguém mais preto que os filhos dela pra casar com os filhos dela, é aquela ideologia do embranquecimento que predominou e ainda hoje se procura... Eu sou muito mais clara que a minha mãe e ela falava “Eu tive barriga limpa”. Era uma expressão corriqueira, então, assim, ser preto era uma “merda”, o ideal era ser o menos preto possível e era esse o trabalho da família, desde a minha avó até as minhas tias, minha mãe, todo mundo reproduzia isso, no subúrbio se reproduz isso e na sociedade brasileira se reproduz isso o tempo inteiro.

A concepção de traços negros como algo positivo estava ausente no processo de criação da entrevistada, o que gerava práticas sistemáticas, por vezes, violentas ou perigosas, para tentar apagar ou minorar o máximo possível estes tais traços

Eu fui absolutamente reprimida nisso e você não toca no assunto, você finge que não é (...). Eu lembro da minha mãe alisar meu cabelo – não sei se você já ouviu falar, mas era um negócio de esquentar no fogão – e eu aparecia com o cabelo... Violência mega, e aí eu chegava no prédio e as meninas “O que você fez no cabelo?” “Nada, meu cabelo é assim”. Loucura isso.

A relação inicial de Natália com o seu corpo, com os seus traços físicos, parece ter sido uma relação de rejeição induzida em nome de valores estéticos aos quais ela poderia naturalmente atender. Possivelmente, isto esteja na base dela nunca ter se achado bonita até a universidade e ter descoberto já no final da adolescência que poderia ser desejada e tido como bonita por outros. A formação dos seus valores sociais e estéticos foram atravessados pela recusa das características do seu corpo, que precisariam ser apagadas da família até a plena extinção. Como vai afirmar em diferentes momentos, a construção de sua autoimagem como uma mulher negra e bonita foi um produto da sua vida adulta, após a entrada na universidade. Flores (2007), ao investigar a construção do ideal de beleza entre o nascimento da república e a ascensão de Getúlio Vargas ao poder e, por conseguinte, o de feiura, aponta para o fato de que a narrativa nacional sobre beleza estava assentada na negação dos traços negros e na tentativa sistemática de construir um povo novo, “belo como os europeus”, branco, em suma.

Em sua obra, a autora consegue expor um conjunto de proposições das elites intelectuais marcadas pela rejeição da população negra reputada como feia, dentre outros atributos pejorativos. Esta representação tornou-se influente mesmo dentre famílias pretas e pardas. Com a família de Natália, assim como a família de milhares de meninas pretas e pardas, a necessidade de conter o cabelo, de baixar seu volume e domar seus cachos era imperiosa, mesmo que isso significasse riscos à saúde.

Carvalho (2008) também aponta para os efeitos da construção do corpo branco como referencial e unidade de análise a partir do qual a representação dos corpos não-brancos, em contexto de desigualdade colonial, tinham sido elaboradas. Aponta também para o impacto contemporâneo da indústria cultural ao celebrar um tipo específico de constituição física, projetando para o mundo um padrão global de beleza, mas assentado em traços locais no que se refere ao grupo originário deste padrão. A indústria cultural global, assim como as práticas de colonialismo anteriores, tem mantido uma referência de beleza que exclui todas as outras possibilidades de constituição física.

Entretanto, a este respeito, Natália acredita que estão acontecendo mudanças na sociedade brasileira. Ela acredita que, diferentemente da sua infância, a noção de belo tem se alterado ou, pelo menos se tornado mais elástica, quando os meios de comunicação de massa incorporam atores não-brancos com papéis de destaque nas peças publicitárias e nas novelas. A ausência de referencial positivo às crianças negras para a construção de uma autoimagem como belo estaria em processo lento de alteração. Ainda ineficiente, mas já iniciado.

Eu acho que hoje você tem... Aí, assim, vamos pensar no mercado, no capitalismo, que foi em 1986, em 1986 o Brasil teve a primeira Miss Brasil negra. No em marketing, aí sim... existem algumas tentativas, alguns sinais de reconhecimento da população negra como um mercado consumidor a ser cobiçado, alguma coisa assim. Então você tem personagens negros em novelas que não são mais 100% empregados domésticos; você tem alguns artistas que são referências de beleza, isso não era normal né? Foi uma coisa estrondosa, eu acho século XXI, Deise Nunes, eu não acreditei naquilo sabe? Eu era muito nova e falava "Nada a ver essa mulher". Sabe aquele processo de você não encontrar beleza em ser negra? Tinha brancas muito mais bonitas que ela. Hoje quando você vê uma Camila Pitanga que tem uma consciência racial ou uma Taís Araújo, Lázaro Ramos, entendeu? Estas duas mulheres são símbolos sexuais, protagonistas de novelas e com consciência racial. Eu acho que isso é uma mudança porque isso gera na garota que está vendo novela essa capacidade de sonhar "Eu posso ser bonita sim, eu posso trabalhar em televisão" Entende? Que é uma coisa que quando você não vê começa a ficar tão fora da sua realidade que você nem sonha, é muito cruel, já falei isso antes e falo de novo, é muito cruel essa estratégia, não sei, ou uma cultura que tira, digamos assim, de uma camada da população a capacidade de sonhar, não te permite sonhar. Agora, são modestos... são mudanças que não tem escala ainda, não tem escala mas tem mudança, entendeu?

Segundo relata Natália, o seu processo de ascensão foi marcada por uma crescente sensação de tornar-se a única nos espaços. À medida que foi se desvinculando do círculo de vizinhança no Irajá, a presença de pretos e pardos no entorno foi reduzindo-se de maneira

perceptível. Este processo gerou ao longo dos anos uma sensação de estranhamento, de deslocamento. A sensação de ser frequentemente a única nos espaços.

Eu também não me sinto plenamente parte do lado de cá em relação a determinadas etapas que as pessoas... Jornalistas que já nasceram na classe média e sempre moraram na zona sul, então, boa parte dos meus amigos de hoje sempre tiveram uma vida confortável; sempre tiveram escola particular, algumas lacunas que eu tenho na minha formação e na minha experiência de vida, até chegar onde eu cheguei hoje, elas não são preenchidas.

A sensação de deslocamento é uma frequente nas narrativas daqueles negros que ascenderam, especialmente para os que migraram para a zona sul da cidade. A inserção como membro de uma classe social, possuindo renda e status profissional que legitime estar em espaços tradicionalmente ocupados pelas classes médias não parece possibilitar uma inserção concreta nos espaços de classe média, majoritariamente auto-representada como branca. No caso dos pretos e pardos ascendentes, especialmente os que são “negros indisfarçáveis”, a inserção em espaços e redes de sociabilidade e consumo típicos de classe média precisa ser acompanhada de sinais claros, exteriores, de ascensão e riqueza. A estratégia de estar sempre bem-vestida e de ostentar sinais de prosperidade e bom gosto faz parte de um mecanismo nem sempre óbvio que blinda o sujeito e reduz as possibilidades de mal-entendidos.

Vou responder a parte mais fácil, intimidada eu me sinto muitas vezes, especialmente, assim, se eu tiver consciência, já mencionei, se eu for a uma festa onde eu sou a única negra e eu me sinto muito intimidada. A primeira vez que eu fui ao Fashion Mall tem uns quatro anos, eu nunca tinha entrado lá, e eu só fui lá três vezes na vida e eu me sinto muito intimidade, eu não vou vestida de eu, eu no sentido de chinelo não sei que, não sei o que lá, eu preciso de uma muleta tenho que ir de calça jeans da Fórum, uma bolsa legal, não sei que lá, pros caras entenderem que (...). Hospital, hospital é um lugar que eu descobri que se você vai mal vestida você é maltratada mesmo acompanhando filho doente, não sei o que lá... Copa D’Or, Barra D’Or, Quinta D’Or as pessoas te tratam diferente se você está mal vestida, então, em geral, se eu estou assim eu me sinto constrangida.

Segundo relata, este processo tendo a se alterar à medida que novos atores assumam posição de elite no Brasil. Reconhecendo-se como parte da elite brasileira, apesar de não ser de uma família de proprietários ou de elevada escolaridade, Natália entende que a ascensão dos negros tende a reduzir o desconforto que a sua cor, que a percepção e apropriação simbólica dos seus traços físicos por parte do outro geram. Não por acaso, Natália relata mais de uma vez – como já citado em outro capítulo – que foi confundida com prostituta ao chegar no hotel no qual estava hospedada. Ou que, ao seguir a residência de uma figura importante do cenário industrial brasileiro, morador do Leblon, para entrevista-lo para sua coluna no jornal, ter ouvido o porteiro perguntar ao proprietário se deveria deixa-la entrar pela porta da frente ou pela porta dos fundos. Segundo Natália, mais do que a simples naturalização dos

lugares sociais segundo a cor por parte dos profissionais de atendimento, o que ocorre é a orientação por parte dos seus superiores – os moradores dos prédios, por exemplo – para operem segundo a lógica na qual preto é sinônimo de prestador de serviços e, como tal, deve ter a entrada franqueada pela porta dos fundos.

Apesar desses episódios, Natália compreende que não foi discriminada ao longo de sua vida. Não deixou de alcançar posições importantes por conta de sua cor ou gênero. Teve que lutar, especialmente quando mais nova, contra uma representação sexualizada de seu corpo no processo de inserção no mercado de trabalho. Jovem, mulata e assediada com relativa frequência, o que a levou a optar por práticas de maior comedimento estético e gestual nos primeiros anos no mercado de trabalho.

Na origem, quando eu era assediada de um jeito, digamos assim, pouco delicado, eu já fiz coisas, assim, tipo quase pedir demissão, de confrontar diretor e (...) meu chefe imediato e ir parar até no Recursos Humanos. Hoje eu não passo mais por isso porque é outra situação, primeiro eu tenho 16 anos de carreira e 14 anos nessa empresa. Então, hoje eu não tenho mais que provar que além de bunda grande eu tenho uma imensa capacidade de trabalho. É talento e competência, sem ser pretenciosa; mas já provei, provei pelas funções que assumi aqui; pelos projetos que eles já me entregaram; pelos prêmios que eu ganhei, internos e fora; pelo retorno que as minhas fontes dão que, obviamente, as informações circulam e ninguém nunca ouviu nenhuma história minha, de ter trepado com o chefe ou alguma nesse sentido. Então, assim, não tenho mais que provar nada pra ninguém. Houve um momento que eu tinha, quando eu cheguei era uma jovem gostosa, mulata, que desperta a libido... isso era uma coisa, e o meu marido fala “Você não queria ter bunda, você queria ser feia...” Ele fala isso... mas é porque isso vira um desafio adicional, entendeu? O cara te olha... Já aconteceu em entrevista também, nego confunde as coisas.

Apesar das tensões vividas com a representação sexualizada de seu corpo, considera que a vida foi justa com ela, do ponto de vista objetivo. Ou seja, concretamente, ela tem recebido o retorno por seus investimentos. A sua cor e o seu gênero nunca foram impedimentos reais para que ocupasse espaços e posições ao longo da vida.

Aí eu não sei se você está falando de se sentir injustiçada do ponto de subjetivo ou do ponto de vida objetivo. Eu não acho que eu tenha sido maltratada na minha vida acadêmica por ser... tipo assim, nenhuma professora me chamou de burra, favelada, suburbana, de... o mal trato objetivo.

Apesar dessa percepção de que os preconceitos não foram barreiras concretas a sua ascensão, a entrevistada também entende que não é fácil reagir aos processos de estigmatização racial dos quais foi vítima tendo em vista a maneira como eles se dão no Brasil. A gramática racial, polida e sutil, não permite que ações de denúncia sejam tomadas sem que haja fortes chances da vítima ser tomada como neurótica por ver racismo onde não tem. Quando do episódio na portaria do prédio no Leblon relatado acima, Natália interpretou como parte de uma gramática racial, sentiu-se vítima de racismo visto que, em nenhum

momento lhe foi perguntado se ela era uma visita ou uma trabalhadora prestando serviços. A pergunta não ocorreu, segundo ela, porque o seu corpo ofereceu ao porteiro todas as informações necessárias para classificá-la. A sutileza dessas práticas inviabilizam respostas que possibilitem uma discussão mais ampla do processo. Como nada é muito declarada, fica passível de diferentes interpretações, vira coisa da cabeça de quem alega ter sido vítima de preconceito e racismo. Mais do que isso, Natália reconhece que é na linguagem não verbal que as representações sobre as posições sociais se reproduzem: “e na linguagem não verbal, não precisa falar. O negro brasileiro, teoricamente, sabe o seu lugar. Não tem conflito. Quando a Polícia Militar entra no ônibus e vai revistar, você vê vários negros já abrindo a bolsa, já se levantando, abrindo a carteira, né? O código está tatuado”

Entretanto, Natália entende – assim Vânia e Lourdes, apresentadas em outro capítulo – que foi vítima de uma enorme injustiça subjetiva. Segundo ela, a necessidade de auto-superação constante foi sempre um peso muito grande para que pudesse vencer, para que pudesse chegar onde outros dos seus companheiros atuais de trabalho chegaram com bem menos esforço. O processo de ter que superar as barreiras e também superar-se o tempo todo, as constantes cobranças pelo destaque pela excelência, a impossibilidade de errar – como também aponta Hércules – são encaradas pela jornalista como parte de um profundo processo de tratamento injusto ao qual pessoas com os seus traços e origem estão submetidas.

[...] Mas subjetivamente eu acho, eu acho que, assim, a minha trajetória tem um viés de injustiça social de injustiça social no sentido de que de eu precisei ou de mim foi cobrado mais do que de outras pessoas que já encontraram a oportunidade construída, é mais cansativo porque eu tive que construir as minhas brechas de oportunidade, não me deram nada né? Então, assim, eu tive que estudar mais... Eu não tive o direito de ser mediana, que é o que eu defendo, acho que as pessoas têm o direito de ser medianas, ter uma educação digna, terem sua casa, seus filhos matriculados na escola e viverem sua vida; ninguém tem que ser submetido a um nível de desafio além do humano, a menos que se queira, e no Brasil não está posto isso, entendeu? Se você é pobre, se você é preto, ou você vai ralar além da conta ou não vai chegar a lugar nenhum. Eu acho isso injusto, entendeu? Outras pessoas não precisam, nasceram... Minha filha, por exemplo, ela em relação a mim ela nasceu eu já tinha computador em casa; ela aos sete anos estava na Cultura Inglesa; estuda num super colégio; já viajou e isso é muito injusto com 90% das crianças brasileiras, eu tenho consciência disso. É injusto né? Daqui a dez anos vai ter emprego pra esse moleque e pra ela, entendeu? O grau de desafio, de superação, ao que ele teve que submeter pra chegar numa situação igual é imensa. O cara, mal comparando, numa corrida de 100 metros rasos um ouve a largada e corre e o outro ainda está sem tênis, entendeu? Para o cara chegar junto... Tem que botar o tênis, tem que amarrar, tem que correr...

Assim como Natália, narrativas semelhantes aparecem em outras biografias. Aos negros ascendentes foi exigido um nível mais elevado de esforços. Não somente porque, majoritariamente eram pobres, mas também devido a sua cor. A centralidade da cor, inclusive, se expressa no fato de que, mesmo depois de superado a pobreza, obtido boa formação e renda, essas pessoas ainda permanecem relatando frequentemente processos de cobrança cuja

fonte pode ser tanto externa quanto interna. Sim, parece haver uma internalização dos mecanismos perpétuos de competição e uma cobrança constante pela comprovação das credenciais que permitem a inserção em determinado estrato social e rede profissional ou de vizinhança.

O reconhecimento de seu deslocamento em relação ao grupo de origem, em relação à maioria dos seus amigos de infância, e da população negra em geral gera em Natália uma necessidade de investir de alguma forma nas suas raízes. A jornalista não nega que sua história gera impactos em jovens cuja origem é a mesma dela. Na verdade, ela entende que o retorno ao local de origem, a manutenção da vivência social no Irajá e no Complexo do Alemão, a introdução da filha adolescente – nascida na Tijuca e atualmente morando na Lagoa – nesta rede social são elementos importantes para a construção de uma sociedade mais plural e mais equânime.

[...] Você cria referências de que é possível naquela questão da construção de um novo sonho. Então, eu vou lá e passo uma mensagem pra uma juventude... Então eu vou lá e estou formando artilheiros ou artilharia? Artilheiros né? É redistributivo. Eu estou, de alguma forma, devolvendo o que a vida me deu. É pouco? É pouco, não vou me associar, não vou me candidatar, não vou nada, mas eu acho já é alguma coisa.

Mais do que isso, retornar às redes sociais de origem auxilia Natália a lidar com aquilo que seriam as agruras da ascensão. Ao longo de sua trajetória, foi deixando para trás amigos e pessoas queridas que, apesar dos seus esforços para que permaneçam na sua vida cotidiana, as relações com os amigos do Irajá e dos companheiros da escola de samba são pontuais. A sua rede cotidiana de amigos é marcada pelos profissionais com os quais compartilha o status profissional, a renda, o bairro e os locais de entretenimento e socialização cotidianos.

Toda vez que eu penso nisso, toda vez que eu faço algum tipo de reflexão sobre essa grande mudança na minha trajetória é uma coisa que embora eu tenha uma vida legal, confortável e tal, mas que de alguma forma causa alguma dor, entendeu? Não é o caminho da realização plena porque você deixa um monte de vínculos pelo caminho que você não substitui na outra ponta, entendeu? Aquela brincadeira que a gente fazia lá em Irajá que a gente fazia de passar a noite tocando violão, bebendo vinho barato nas adegas de quinta categoria, não sei que, eu vivi com aquelas pessoas e hoje eu não consigo dividir os meus dramas familiares, emocionais, classe média, intelectuais, com aquelas pessoas que conheceram uma parte tão importante da minha vida, entendeu? E, eventualmente, eu não consigo entrar plenamente ou fazer com que essas pessoas entrem plenamente, entendeu?

Apesar de reconhecer o conjunto amplo de problemas da sociedade brasileira, Natália tem perspectivas bastante positivas quanto ao país. Em grande medida, no seu discurso, a cidade do Rio de Janeiro se confunde com o símbolo de Brasil. E, como tal, celebra aquilo que seria o tipo-ideal do carioca como sendo o tipo-ideal do brasileiro: cordialidade,



espontaneidade, praia e celebração da capacidade de incorporação pacífica da diferença. A sociedade brasileira, inserida em um ambiente de beleza natural impar, teria como desafio apenas a superação das mazelas do processo de formação nacional e as desigualdades decorrentes de uma estrutura social escravocrata e, posteriormente, racista, visando apagar a presença da população negra e gerando, com isso, pobreza e desigualdade. A sociedade brasileira teria, exatamente por isso, um desafio a resolver. Entretanto, ela ainda é celebrada como especial, especialmente no que se refere ao seu povo e a sua alegria de estar no mundo.

O povo brasileiro teria na sua pacificidade por excelência – talvez produto da miscigenação ou do clima, segundo Natália – um elemento positivo, mas também negativo. Pela compreensão da entrevistada, determinados problemas já teriam sido superados no Brasil caso o povo fosse menos pacífico. Por outro lado, ela se surpreende com o fato de que, mesmo com a enorme desigualdade social, ainda seja possível uma convivência mais harmoniosa em espaços comuns. E, nesse sentido, a praia tornar-se-ia síntese deste espaço democrático. E, ao mesmo tempo, a cidade do Rio de Janeiro, especialmente a zona sul desta cidade, se tornaria a síntese das relações sociais no Brasil.

Como se imagina uma cidade como o Rio de Janeiro que tem a Rocinha, o Cantagalo, Pavão-Pavaozinho, a duas quadras daqueles prédios incríveis da Delfim Moreira, da Vieira Souto, da Avenida Atlântica e as pessoas vão ali à praia e tomam banho de mar no mesmo lugar. Não é incrível? É um povo incrível.

Profundamente crítica daqueles que “fazem a linha retirante”, ou seja, brasileiros escolarizados que saem do país para exercer funções aquém da sua formação em outros países, Natália acredita que o melhor do Brasil é o seu povo. Povo este produto da mistura, da miscigenação, de um caldo cultural de diversidades que deu origem a um povo particular e acolhedor. A mesma pacificidade celebrada é também condenada quando Natália se refere aos processos de produção de desigualdade. Os brasileiros seriam demasiadamente pacíficos, o que permitiria a reprodução de mecanismos excludentes.

Eu acho que a gente é um povo muito alegre, muito solidário, eu tenho uma visão meio romântica disso; eu acho que a gente é simpático, acolhedor. Eu acho que tem a ver com a mistura mesmo, com este caldo de cultura que se formou. É engraçado que ao mesmo tempo que eu critico o nosso modelo de colonização ele fez a gente ser quem a gente é, tem umas coisas muito legais aqui, né? [...]A gente não é um povo que se isola, solitário, melancólico, deprimido e teríamos muitos motivos pra sermos assim. Eu acho muito legal ser brasileira nesse sentido de “Porra, vamos dar a volta por cima, vamos dar um jeito” O bom uso disso, das nossas qualidades, porque existe um mau uso e não sou cega.

Como já dito anteriormente, Natália não considera ter sido vítima de discriminação e suas representações sobre sua cor, sobre sua “negritude” possuem uma origem muito difusa.

Sua família materna, marcadamente racista, a formou para que “embranquecesse” o quanto possível. Também não foi no movimento negro ou nos movimentos sociais que Natália construiu uma representação positiva sobre seu próprio corpo. O processo de construção de uma identidade negra se deu a partir da inserção na ENCE e seu contato com os dados sobre desigualdade e consolidou na vida adulta, passando pelo contato com as discussões sobre questões raciais feitas na universidade e a desigualdade vivida cotidianamente à medida que foi ascendendo educacional e economicamente.

Então, assim, essa identidade negra é uma construção que eu posso dizer que está mais associada à minha vida adulta de soltar meu cabelo mesmo, de ter cabelo crespo assumido, comprido, (...) descabelada; de usar batom no meu bocão enorme de mulata; é... de até abraçar a cultura, de não ter vergonha de falar de orixá; de frequentar a escola de samba e ficar mega suada como ficam suados os pretos quando ouvem os tambores. Tudo isso é uma construção que durante muito tempo na minha vida eu reprimi, batom eu não usava, cabelo eu prendia. Então, assim, a negritude ela foi construída, eu aprendi a valorizar isso. Hoje eu vou nos lugares eu não me sinto... pelo contrário, eu uso salto cada vez maior pra parece maior, entendeu? [...] Assumir a negritude foi a minha libertação. Eu fui absolutamente reprimida nisso e você não toca no assunto, você finge que não é. [...] Agora, nesse sentido eu acho que o jornalismo, em que pese todas essas questões de assédio, ele me dá um saldo mais positivo porque é como eu te falei, da faculdade à entrada no mercado do trabalho foi quando, efetivamente, eu comecei a ser vista como uma mulher bonita e eu achava incrível acharem beleza em mim.

A trajetória ascendente de Natália e sua inserção social possibilitam perceber algumas questões que se colocam para as mulheres negras, o que não aparece com tanta relevância dentre os homens. E mais do que isso, chama atenção o fato da entrevistada reconhecer que foi vítima de preconceito racial, mas não de discriminação racial. Além de perceber que o Brasil, apesar de profundamente desigual, é um país cuja pacificidade da sua população, pretensamente fruto da miscigenação, é, ao mesmo tempo, um aspecto positivo e negativo. E mais do que isso, Natália percebe que a sociedade brasileira está num lento, mas gradual, processo de transformação assentado na mudança dos padrões simbólicos de beleza, na alteração da posição social dos negros, na melhoria das estruturas econômicas e na criação de um sistema de amortização da pobreza e de anteparo aos mais fragilizados. A desigualdade ainda permanece sendo, na perspectiva de Natália, que se assume como um membro novo das elites brasileiras, o grande desafio para se consolidar uma democracia social e racial de fato. Natália recusa qualquer perspectiva exclusivista de construção de identidade racial e defende a atuação do Estado no intuito de realmente realizar o desejo de uma sociedade de oportunidades iguais para todos, na qual uns não tenham que fazer, como ela fez, sacrifícios intensos, como parte de um projeto de vida de ascensão. E, neste sentido, Natália defende que a adoção de políticas públicas com recorte de cor como elemento fundamental para construção dessa democracia efetiva de oportunidades para todos. Essas ações, limitadas e

transitórias, seriam parte fundamental para que o Brasil superasse o mais grave dos seus obstáculos: a desigualdade.

Alessandra, assim como Natália, é uma mulher com uma trajetória profissional marcada pela ascensão social. Negra, nascida em Curitiba, filha de pais migrantes – o pai de São e Paulo e a mãe de Minas Gerais –, 42 anos no momento da entrevista, formada em Física pela Universidade Federal de Santa Catarina e com pós-doutorado em Astrofísica na Europa, Alessandra teve uma trajetória similar a dos demais entrevistados. Sua formação inicial se deu em escola pública na sua cidade. Ao chegar na adolescência, fez concurso para a escola técnica-profissionalizante também pública. Como vários outros, a formação técnica serviu apenas como correia de transmissão para o ensino superior, nunca tendo atuado diretamente com sua formação de nível médio.

A segunda de uma família de quatro irmãos foi a que mais se distanciou da posição social dos pais. Seus irmãos executam funções de nível médio em Curitiba, apenas Alessandra concluiu o ensino superior. A sua irmã mais velha chegou a ser aprovada no vestibular, mas desistiu do curso, casou-se e teve quatro filhos. Os pais de Alessandra, especialmente o pai, tiveram diferentes ocupações ao longo da vida.

Pobre faz de tudo, né? Meu pai: marceneiro, caminhoneiro, arrendou um sítio no sul do Paraná, fomos morar num sítio 4 anos, virou fazendeiro no sentido... Ele ganhava mas era arrendado, não era tudo dele. Ele tinha um sítio no norte do Paraná. Era muito consciente com a questão da educação. Onde ele tinha um sítio de café, ele não podia trabalhar porque as escolas eram longe e ruins. Então a gente saiu da capital e foi morar num sítio com criação de vaca, porco, galinha, a sete quilômetros da primeira cidadezinha, mas que tinha uma escola legal. Ele achava que era importante. É importante você saber viver no campo, daí a mudar a família... E ele tinha uma casa muito simples, um casebre na cidade. E tinha outro sítio em outro lugar. Depois ele voltou e montou uma distribuidora de bebidas. Na verdade é porque eu tinha um tio que tinha um alambique no norte do Paraná, e tinha o próprio caminhão e distribuía. Ele montou uma distribuidora no nome dele e da minha mãe e distribuía cachaça. E a minha mãe foi cozinheira, cuidou das cozinhas de vários restaurantes. Depois ela voltou a ser do lar

Ao contrário dos demais entrevistados, Alessandra não tece muitos comentários sobre sua trajetória escolar. Apenas justifica a sua aprovação no vestibular como consequência de ter entrado nesta escola que, apesar de pública, atendia às camadas médias da cidade. A sua inserção nesta escola, portanto, possibilitou que ela tivesse contato com filhos de famílias com maior escolaridade que a sua. Seus pais só foram concluir o atual ensino médio quando os filhos já eram crescidos.

E era uma escola pública, mas que todos os filhos das escolas privadas, quando terminavam o 1o grau, iam estudar. Então, quando eu fui já não era todo aquele glamour, mas era a escola que tinha o planetário, a banda, o coral. Dos esportes às artes estava em cima, e no vestibular também. Então fiz essa escola que tinha terceiro, então no 3o ano você estudava de manhã e

de tarde. Era na época daquele horrível somente profissionalizante. Até o nome é difícil de saber. Então era muito importante ter o terceiro, esse reforço, senão seria impossível aprovar no vestibular. Era uma maravilha o Jarbas Passarinho. Por isso, eu consegui ser aprovada na primeira vez que fiz vestibular pra UFSC. É verdade que tem outro fator muito importante, que é Física. Física não tem 300 pessoas por vaga, então eu passo. Eu fui bem aprovada.

Durante a graduação, Alessandra participou da Aliança Bíblica Universitária do Brasil – ABUB –, uma entidade evangelística fortemente influenciada pela teologia da libertação e que congregava católicos, com vocação ecumênica, e protestantes, principalmente de igrejas históricas, com a finalidade de pregar o evangelho, atuar política e socialmente. Os grupos da ABUB são majoritariamente formados por jovens. Alessandra participou ativamente deste grupo. De origem católica, foi a partir da militância religiosa e política desenvolvida na universidade que desenvolveu uma perspectiva crítica a respeito das questões sociais nas quais estava inserida. Mais do que isso, a rede social na qual foi inserida através do contato com a ABUB possibilitou familiarizar-se com as discussões típicas das Ciências Humanas, apesar de sua formação ter sido toda na área técnica e, na universidade, nas Ciências Exatas.

A ABUB é uma das fontes, outra fonte é que a maior parte dos meus amigos nessa época, quase todo mundo fazia Humanas. E os debates todos eram do lado das humanas. Quem ia querer debater física? Então a gente debatia coisas das Humanas. Então tinha muita influência disso. E tinha o pessoal da Luterana, da Metodista, que era um pouco mais assim, com engajamento forte.

Após concluir a graduação, aos 22 anos, prestou concurso para o Mestrado na Universidade de São Paulo, tendo sido aprovada. Como relata, o interesse pela USP era tanto pela tradição na sua área de atuação, quanto uma necessidade legítima para conseguir sair de casa. Alessandra reconhece que, além das famílias brasileiras não terem por hábito incentivar que seus filhos morarem sozinhos, no caso de uma mulher a situação é sempre mais grave. Assim sendo, apenas os estudos serviriam de justificativa legítima para sair do seio da família, recusando os seus cuidados.

Depois de seis anos morando em São Paulo, a entrevistada, já com o doutorado concluído, segue para a Espanha, onde permanecerá por dois anos com bolsa do Governo brasileiro. Após esses dois anos, quando deveria retornar ao país, surge uma oportunidade de emprego na Espanha. Decide, contrariando o contrato estabelecido com a instituição de fomento no Brasil, permanecer trabalhando na Espanha. Retorna ao Brasil anos depois para fazer concurso para professora universitária. Realiza dois concursos, sendo aprovada nos dois. Opta por vir morar no Rio de Janeiro. Quando foi entrevistada, Alessandra estava morando há 2 anos no bairro de Copacabana. E não estava nada feliz. Profundamente crítica quanto ao bairro e a cidade, Alessandra considerava a cidade como exigindo dela um elevado nível de

desumanização tendo em vista o fato de que os problemas sociais eram muito mais evidentes do que em São Paulo ou Curitiba, por exemplo. Ademais, ele não estava se familiarizando com que entendia como falta de honradez com a palavra empenhada que, no seu ponto de vista, era culturalmente estabelecido na cidade. Por outro lado, o Rio de Janeiro seria uma cidade com uma população mais agradável na interação, mais abertos a incorporar o novo.

Alessandra elabora uma narrativa comparativa sobre o Brasil na qual afirma que a constituição plural do povo brasileira dá ao país uma vantagem que inexiste em vários locais do mundo, especialmente na Europa, segundo ela. A formação nacional, marcadamente miscigenada, assumidamente miscigenada, possibilitaria ao brasileiro ter uma relação com a alteridade desde muito cedo. Na sua perspectiva, essa miscigenação, escamoteadora de hierarquias e desigualdades, também possibilitaria uma vivência mais profícua e respeitosa com a diferença.

A questão é essa: a gente sabe um pouco conviver com isso, a gente aprendeu. Estou dizendo da minha experiência para falar dos brasileiros. Pra mim é muito sintomático as pessoas quererem saber de onde vieram meus ancestrais da África. Não quero saber. Me parece tão europeu, é como eu negar a minha negritude. Eu sou tão negra quanto índio, é a minha cultura. É uma cultura de mescla. Então, pode identificar aquela e aquela pessoa, e aí que influência vem daqui e dali, porque o que eu sou mesmo é uma mistura. É um mistério. É uma história muito específica. O que eu tenho que saber é que sou uma mistura. A outra parte é que é como você pegar as duas e pensar que é um milagre. Não é um milagre, é histórico. Essa minha realidade, e a de muitos outros. [...]Mas a gente sabe pelo menos, e eles não sabem de jeito nenhum. Eu estava com uma dona há pouco tempo, ela é titular de literatura brasileira da UFF, dá aula em Berlim e literatura latino americana. Fora da academia, ela vê as discussões que as pessoas têm, e ela chega e diz que é um direito dela ser da mistura, e isso em Berlim, uma sociedade cosmopolita e misturada. Então, isso é uma coisa legal da cultura brasileira. Mas que depois é mal usada, porque escondem o preconceito atrás da mestiçagem. Mas essa é a nossa característica mais forte, e nesse ponto temos muito a ensinar pra muitos porque eles não viveram isso.

No entanto, o fato de Alessandra compreender a miscigenação como uma vantagem, não muda a sua percepção crítica de que a sociedade brasileira é profundamente desigual e preconceituosa. Quando indagada se, ao longo da sua vida, foi tratada com justiça, Alessandra alega que não e que algumas dessas injustiças estavam assentadas na cor da sua pele. Segundo relata, o próprio acesso a universidade na qual trabalhava foi marcada por um mal-entendido de caráter racial:

Num concurso aqui, eu morava em São Paulo, vim pra cá fazer os exames. 35 exames médicos, alguns deles tive que fazer uma 2ª vez. Na entrevista, pediram as características. Me mandaram fazer os exames, e eu mandava por fax. O médico que mandava fazer os exames, não mediu. E num concurso público você não escreve qual é a cor do candidato. Muito bem, estava lá. Aí, ele olhava meus exames e via alguma anomalia e decidia refazer os exames. Aí, começo a descobrir o que estava acontecendo. Três indicadores de sangue completamente normais entre negros, e completamente anormais entre brancos. Como os médicos não têm na cabeça a possibilidade que um professor adjunto de universidade seja negro, eu estava doente e não podia ser admitida. Esse foi o histórico de entrada na aqui. Aí, eu liguei e falei qual era

o problema. Eu fiquei na internet pra entender qual era o problema. E falei que o médico não sabia que eu era negra. A questão, nem sei o que é pior, se é a falta de capacidade ou de curiosidade científica. Depois, passou tudo isso, foi enroladíssimo esse processo.

Se já não bastasse este confuso processo de entrada, quando Alessandra foi tomar posse do cargo, passou por um constrangedor mal-entendido. Sobre o seu acesso a universidade, a sua entrada via concurso, afirma: “Entrar aqui foi a maior marca de racismo que já vivi. Sintomático!”

Quando eu assumi, vim pra cerimônia, mas tinha que ir na reitoria com o pró-reitor. E a minha diretora da minha unidade foi comigo porque queria prestigiar, são 14 professores. Cheguei de São Paulo, viajei de noite, troquei de roupa e fui com ela pra universidade. E ela é loira de olhos azuis. Tinha outro cara que ia assumir, um francês, que tinha uma namorada mulata, nem negra nem branca, mulata. Isso só a gente sabia. Aí chega o cara da posse, e vê dois nomes, de um homem e uma mulher. Olhou para o francês, não olhou o nome, mas disse meus parabéns, bem-vindo à universidade. Aí olhou pra diretora, tinha lido o nome Alessandra, e falou parabéns. Aí ela falou, não, Alessandra é ela. Aí ele olhou, tinha a mulata e eu. E perguntou: “Então quem tomou a posse?”. Isso era o pró-reitor da universidade.

Este não foi o único mal-entendido envolvendo Alessandra assim que chegou ao Rio. A sua percepção sobre a cidade, por certo, passa pelo conjunto que episódios como estes que ela não vivenciou em Curitiba – apesar de ser profundamente crítica das relações raciais no Paraná – e também não em São Paulo. No entanto, na cidade do Rio, desde a sua chegada, foram muitas as narrativas de desencontro aquilo que ela é e as expectativas das pessoas com as quais se relacionou.

Mas aqui, em que o contato é tão forte, é patente. Eu cheguei com um colega da Polícia Federal, que não é mais amigo porque é da PF, então ele (incompreensível) tinha muita coisa de mala (incompreensível) Aí eu vim com um monte de mala e ele foi buscar, e estava com um carro novinho, enorme. Ele chegou em Copa, e não tinha lugar pra ele parar, então ele entrou num lugar rebaixado, na frente de uma garagem, parou pra eu tirar as coisas, e ele nem saiu do carro. Então eu entrei... (incompreensível) Aí veio uma velhinha e pediu pra eu ajudar a atravessar a rua... Mas, antes disso, ela falou, eles estavam discutindo porque ele tinha parado num lugar rebaixado e ela era velhinha e só conseguia passar por ali. Era um lugar rebaixado pra entrada de carros, não pessoas. Ela bateu com a bengala no carro. Ele pegou o bastão da mulher, e aí ela brigando com ele. E ela me pediu ajuda pra atravessar, ele falou pra não ajudar essa velha. Ela reclamou, e eu falei pra ela: “olha, me desculpe, mas além do que não é lugar para a senhora atravessar, a senhora pode reclamar, mas não pode bater no carro dele”. Se bate na lata, amassa. Aí ela olhou pra mim, e disse “ah, você está com ele? Claro, você é empregada dele você defende ele”.

A representação cristalizada da mulher negra como ocupando sempre posições subalternas. Ou melhor, da pessoa negra ocupando sempre posições subalternas, parece estar na base desta constante vigilância e necessidade de comprovação de credenciais que vários entrevistados relatam. Essas pessoas querem ser reconhecidas naquilo que elas fazem, como parte do processo de ascensão que, via de regra, custou muito caro a elas, foi fruto de muito

investimento e sacrifício. No entanto, em um momento qualquer, todo esse esforço na construção e execução de um projeto de vida, todos os sacrifícios pessoais e coletivos visando a ascensão, desaparece.

Na vida cotidiana, Alessandra ocupa uma posição muito particular. Ela é uma mulher, em um universo de físicos e astrônomos; ela é negra em um universo científico dominado por brancos. Ela é latino-americana em um universo acadêmico dominado por europeus e americanos. É a partir desta posição específica que ela assume uma posição de militância. E neste contexto assume faz questões de tornar a identidade de mulher negra como protagonista no seu processo de auto-apresentação.

Porque é bom. Nessa realidade de ciência não é nem para negros, nem para pobres, nem para mulheres. Não é uma realidade só carioca, é universal. Então você precisa levantar a bandeira. São bandeiras. Isso é importante dizer. Na sua área, as pessoas têm essas discussões na cabeça, ou são pelo menos mais cuidadosas com o preconceito do que na área de exatas. Nas exatas, pensam que negro não está na universidade porque é preguiçoso. Quantos negros fazem vestibular pra Fuvest? Mostra-me estatística de quem faz propaganda de que é possível para um negro entrar na Fuvest. Nas favelas? Nas escolas que essas pessoas estudam? Isso não existe. Os vizinhos são faxineiros, trabalham na farmácia, no máximo peão de obra. De onde você vai tirar que vai fazer Fuvest? Não faz parte da realidade. Então são baixíssimas as tentativas. Mas é essa história. Então você tem que levantar bandeira. Se eu estou numa conferência, eu não teria sido convidada se não tivesse por trás um conhecimento da capacidade científica. A gente pode nunca discutir as questões de racismo. Normalmente é o que se faz. Mas na mínima oportunidade eu faço o contrário, porque é a chance que eu tenho de militância.

Alessandra, apesar de reconhecer os limites das políticas de ação afirmativa, defende que elas sejam implantadas como solução a desigualdade racial brasileira. A sua estadia nos Estados Unidos auxiliou a construir uma representação de que é possível, via intervenção do Estado, criar uma situação de maior igualdade, mesmo sendo a educação – nas suas palavras – o maior desafio da sociedade brasileira.

A inserção social de Alessandra guarda grandes particularidades e a entrevistada parece ter plena consciência disto. Militante, mas não pertencendo a nenhum grupo específico, nutre uma perspectiva de que a sua história de vida e, especialmente, o seu corpo são entidades políticas. O seu corpo evidencia seu gênero – subalternizado no ambiente científico internacional em que convive – e o seu corpo trás os traços de seu pertencimento étnico-racial, traços negros – subalternizados em todo o mundo no processo de expansão colonial europeu. No seu caso, mais do que na realidade de outros, o seu corpo é uma unidade política. O exercício de sua profissão, uma área cujo tipo-ideal é do pesquisador branco, euro-americano e homem, ser uma das poucas mulheres negras latino-americanas neste universo não é uma posição qualquer. A posição de classe de Alessandra, parte das camadas médias

cariocas, se torna menos relevante quando se considera a sua posição no mundo dinâmico e global das poucas pessoas que estão produzindo pesquisa de ponta.

### 3.4 Considerações finais

Tendo em vista as narrativas acima, pode-se perceber que, em linhas gerais, há uma percepção muito positiva sobre o Brasil, percepção esta sintetizada em seu povo que, com certa, frequência aparece como solícito, aguerrido, hospitaleiro. O povo seria o melhor do Brasil, ao lado das belezas naturais. No entanto, esta construção sobre o país traz consigo uma transposição dos elementos simbólicos atribuídos ao Rio de Janeiro e ao carioca como sua síntese. Rio de Janeiro aparece com síntese do Brasil. Talvez esta transposição seja consequência de uma ausência de identidade. Bem, levando em consideração que as identidades pessoais e coletivas, grupais e nacionais, são fruto de um conjunto amplo de relações de poder e contexto de interação entre os agentes, deve-se considerar o fato que, para muitos, o primeiro momento em que tiveram que pensar a respeito do tema tenha sido o momento da entrevista. Como toda identidade, a nacionalidade se afirma assentada em ritos que servem como mecanismos para reforçar a todos o seu pertencimento. No entanto, as identidades nacionais ou representações são instâncias que orbitam entre o racial e o não-racional. A identidade, se por um lado, ela é produto de uma construção linguística e simbólicas, por outro, ela é produto de uma apropriação não-racional do mundo e das suas relações de poder e fluxos culturais. Logo, o Brasil representado na fala, com o seu povo idílico, também é uma construção narrativa pouco espontânea, mas diz respeito acerto senso comum que acredita na excepcionalidade da simpatia brasileira frente às frias nações do mundo. Apesar das críticas feitas, vistas abaixo, há a reprodução de uma percepção coletiva e quase institucional a respeito do Brasil. E isto tendo como foco apenas o elemento-chave “povo”.

No entanto, este mesmo país que tem um povo fantástico. Também é o país que tem o povo do jeitinho – neste caso, como sinônimo de corrupção – e também é o povo passivo frente aos desmandos, especialmente na ordem política. A passionalidade do povo brasileiro é tida com parte do problema do país, um dos seus elementos centrais. E neste sentido, apesar de todos serem brasileiros, o brasileiro passional é, com frequência, o outro. O pronome “nós” tende a desaparecer e, em seu lugar, surge o termo “eles”. “Brasileiros”, quando se refere àquilo que é entendido como negativo, deixa de ser uma categoria na qual o analista participa para virar um categoria de referência externa. No entanto, há certo consenso de que o país está



melhorando e que ficará melhor no futuro. Há uma elevada dose de reconhecimento de que as coisas mudaram em diferentes setores e que isso, para a maioria dos entrevistados, é visto como ponto positivo. Seja a política de intervenção estatal no combate a miséria, seja a inserção na sociedade de consumo e o acesso às tecnologias comerciais de ponta, estes elementos servem como exemplos do quanto a situação social do país hoje é melhor que há 30 anos atrás.

Por outro lado, o país ainda tem dois grandes desafios pela frente: o primeiro é reduzir a desigualdade. E neste caso, a desigualdade pode ser representada tanto como desigualdade social, como desigualdade racial. O foco varia, mas a ideia é a mesma: esta sociedade tem que descobrir formas de combater a desigualdade. No entanto, o que chama atenção nessa necessidade urgente é que boa parte dessas pessoas, dos entrevistados, compõem a parcela mais privilegiada da população. São todos trabalhadores, verdade, mas trabalhadores com elevado nível de renda e status. Seja como for, entendem que é preciso reduzir a desigualdade.

O elemento chave para reduzir esta desigualdade, assim como o grande desafio nacional seria criar um sistema educacional eficiente, capaz de formar cidadãos e, ao mesmo tempo, criar condições de competição igualitária entre sujeitos oriundos de diferentes posições sociais. A grande demanda para o Brasil do futuro é um sistema educacional eficiente, mais do que qualquer outra política que venha a ser implantada como redução da desigualdade.

A celebração da educação como solução para todos os males nacionais, além de fazer parte de um conjunto de narrativas midiáticas frequentes, apontam para um elemento importante. Majoritariamente, estas pessoas ascenderam como parte de sua inserção em redes educacionais eficientes. É verdade que, com muita frequência, essa inserção foi acompanhada de um capital familiar que incentivasse a excelência no processo escolar. Estas pessoas, em sua maioria, ou seus pais, são ascenderam porque investiram em escolarização. E escolarização com qualidade, em redes educacionais eficientes, capazes de suprir outras ordens de diferenças de acesso a ao capital cultural das classes superiores, aquele que é cobrado nas seleções e nos vestibulares tradicionais.

A educação não somente é um bom antídoto contra a desigualdade, como seria também uma excelente maneira de combater as práticas de discriminação e violência. Tendo em vista que preconceito é, em muitos casos, associado à ignorância, a escolarização seria capaz de reduzir estas práticas. Para além de qualquer discussão objetiva a este respeito, a representação dos poderes espetaculares da melhoria educacional não pode ser ignorado.

No que se refere às relações raciais, há um conjunto de ideias igualmente recorrentes. A primeira delas é a inexistência de qualquer elemento biológico na definição e na marcação de diferença entre os grupos. O princípio da igualdade fundamental da espécie é um elemento central na interpretação das relações entre brancos e negros no Brasil. Mais do que expressão de conhecimentos objetivos, o acionamento desta representação demonstra a pouca eficácia de discursos particularistas dentro deste grupo. Assim sendo, a desigualdade – quando pensada sob a ótica do “racial” – e a existência de hierarquias simbólicas e estéticas entre brancos e negros seria apenas expressão de uma história particular. E aqui, outro elemento sobre a desigualdade racial brasileira, se apresenta. A instituição social da escravidão, parte fundamental e complexa da formação das estruturas sociais e culturais brasileiras, torna-se símbolo, torna-se representação visto que a associação entre este fenômeno e a desigualdade presente não está necessariamente assentada em dados historiográficos. Construiu-se uma narrativa sobre a escravidão, tão simbólica como qualquer outro elemento que deixa sua concretude para tornar-se símbolo, ideia.

A escravidão é, portanto, a causa principal da desigualdade e, especialmente, do preconceito racial. A força motriz da desigualdade e da exclusão está no passado. Poucos são capazes de elaborar outros elementos importantes na construção e consolidação das desigualdades sociais, seja por cor ou gênero. Mais do que isso, ao colocar os motivos da desigualdade em um passado pouco conhecido e, por isso, simbólico, deixa-se de reconhecer no presente às formas de marcação, invenção e reinvenção das hierarquias sociais.

No entanto, apesar de um reconhecimento mais ou menos compartilhado de alguma modalidade intensa de desigualdade, não se espera uma posição resignada das vítimas. Antes, ao tratar da população negra, espera-se que esta seja capaz de superar estes processos. Não seria possível superar o racismo ou a exclusão apenas assumindo uma postura resignada, seria preciso lutar. No entanto, o sentido desta luta é majoritariamente individual. As instâncias coletivas de luta, políticas por excelência, não gozam de muito prestígio dentre os entrevistados, mesmo dentre aqueles que se assumem militante de movimento social ou partido.

Por fim, cabe frisar a enorme dificuldade em encontrar elementos positivos em ser negro no Brasil. Estas dificuldades talvez sejam sintoma de uma sociedade que ainda não conseguiu perceber a diferença como um todo positivo para todos. E, mais do que isso, expressão de um conjunto populacional que, apesar de negros, não elaboraram de fato uma narrativa positiva sobre si, para além do bronzeado e de serem tidos como pessoas comuns, teoricamente longe dos assaltos e das práticas de violência urbana das cidades brasileiras.

## 4 **RELAÇÕES SOCIAIS, RELAÇÕES AFETIVAS E MERCADO MATRIMONIAL**

Neste capítulo pretende-se discutir qual a relação entre este grupo de pessoas negras ascendentes e a sua inserção em redes de sociabilidade, além de refletir sobre os efeitos da inserção nestas redes. Com ênfase na vida afetiva e matrimonial, pretende-se verificar como se dá a conjugação no plano das representações, mas também das vivências concretas essa inserção como grupo minoritário, segundo a sua cor, em um status de classe marcado por uma simbólica homogeneidade étnica e racial.

### 4.1 **Um caso exemplar**

Lourdes nasceu em Salvador, tendo à época da entrevista 63 anos. Perdeu a mãe biológica ainda muito cedo, não tendo lembranças dela. Foi criada por uma tia e pelo pai biológico, apesar deste não residir com a filha. Tendo mais uma irmã biológica – além de um primo bem mais velho –, teve uma infância marcada pela pobreza e por uma criação repressiva.

Dos meus 4 anos até os 9, eu e minha irmã fizemos planos de suicídio, porque achava que não ia aguentar aquela vida. Dos 9 aos 12, plano de fuga. Mas eu morria de medo de a polícia me pegar, como menor. Na Bahia, o juizado de menores é atuante mesmo. Eu tinha medo de ir parar num orfanato. Não tinha nenhum parente que morasse fora da Bahia. Aos 12 anos eu parei de fazer os planos de fuga e decidi esperar ser maior de idade pra sair de casa e correr o mundo. Eu sempre achei que fosse correr o mundo.

A infância pobre foi marcada pela inserção precoce no mundo do trabalho doméstico para auxiliar a tia. Alfabetizada por uma professora aposentada da vizinhança, a ida a escola era um prêmio que só era possível após o cumprimento de todas as atividades domésticas. Para isso, acordava ainda na madrugada e cumpria, junto com sua irmã, as atividades previstas no trato da casa.

Minha mãe [tia] nos acordava às 4 da manhã, aí eu e minha irmã dividíamos: uma lavava banheiro, a outra o quintal e outra botava comida no fogo, varria a casa. [As tarefas], eram divididas. As7 eu tomava banho e ia pro colégio.

Lourdes foi matriculada em uma escola regular após a professora particular reconhecer que não tinha mais nada para ensiná-la. Entretanto, o acesso a esta escola regular foi fruto da própria iniciativa de Lourdes quando criança. Ela relata que a sua tia não conseguia vaga na escola, mas que também não fazia grandes esforços para tal. A matrícula só foi efetivada quando a própria dirigiu-se para o Colégio Getúlio Vargas, em Salvador, tendo pego o bonde às 4 horas da manhã, sozinha, segundo suas memórias.

Eu cheguei lá na frente onde a professora estava fazendo matrícula, e a professora: “O que você está fazendo aqui, menina? Cadê seu pai, cadê sua mãe?” Eu digo “Não tenho pai nem mãe”. “E quem é seu responsável?” “Não pode vir, está muito ocupada”. “E o que você está fazendo aqui?” “Eu quero me matricular”. “Em que ano? 4ª série? Não, você não pode não.” “Mas eu sou da 4ª série”. “Ah, então você vai ter que fazer a prova.” Fiz a prova, passei, se não passasse, era rebaixada 1 ano. Aí passei, fiquei na mesma série.

A entrada nesta escola foi um passo marcante para a trajetória pessoal, e posteriormente profissional, de Lourdes. Foi a primeira vez que se percebeu minoria em algum lugar, percebeu-se diferente, visto que apenas duas outras pessoas não eram brancas na escola.

Quando eu fazia o curso primário, e olha que a Bahia é um lugar predominantemente de negros, nesse colégio só tinham duas negras: eu e a Inês, em todo o colégio. Nós éramos da mesma turma. E dava pra perceber que as pessoas nos tratavam diferente. Na aula de ginástica, a professora perguntou quem gostaria de participar da festa da primavera. Eu e a Inês queríamos, e tinha o negócio de ser a borboleta da primavera. No meio da apresentação, no teatro, o melhor teatro, que era do Instituto de Educação, e todas as peças eram exibidas ao público, acho que é o primeiro teatro da Bahia. Acabou a apresentação, saí de lá, desci e fui ficar no lugar da turma. Aí a professora chegou pra mim: “posso saber quem autorizou você e a Inês a participar disso aí?” Eu disse: “Ninguém, eu mesma. É proibido porque a gente é preta? Tem borboleta preta também! Não é só branquinha e amarelinha, não. Têm várias borboletas pretas, você nunca viu, não?”

A vivência na escola não foi marcada apenas por algum nível de violência simbólica, também estava associada à violência física. Numa escola tradicionalista da década de 50, o uso da força e de castigos físicos era um mecanismo legítimo presente no processo educacional.

Teve um 1º de abril que eu nunca vou esquecer, porque levei 3 surras num dia só. Na escola tinha que aprender a bordar. Toda menina era obrigada a fazer um pano de ponto-de-cruz. Começava simples e terminava elaborado. E eu tinha acabado, estava colocando meu nome. E resolvi levar pra casa no dia 31 de março pra mostrar. Tinha 6 pra 7 anos. No dia seguinte, trouxe porque tinha aula de bordado. Aí, num determinado local, um rapaz de uns 18 anos, ele falou: “menina, caiu um pacote seu”. Eu disse “proveite e leve”, porque ninguém me pegava, quem é que ia me pegar no 1º de abril? Ele falou que ia pegar, eu falei que tudo bem. Só que eu achei que ele estivesse brincando de 1º de abril. E como ninguém me pegava, quando chegou na hora da costura...Lembrei do pacote, e o rapaz pegou e levou mesmo. O cara não entendeu que eu era criança. Eu, adulta, faria isso, não teria levado. Apanhei na escola. Cheguei em casa, levei uma surra da minha mãe, e quando meu pai foi em casa, minha mãe

contou e eu levei outra surra. O 1º de abril que nunca vou esquecer. Tinha 6 anos. Todos tinham o direito de me bater. Não era surrinha, não, deixavam marca.

A trajetória escolar seguiu com relativa tranquilidade até a conclusão do ginásial. A partir deste momento, instaurou-se um conflito que seria permanente na relação entre a jovem Lourdes e seus pais. Tendo em vista o contexto social da família, o investimento em educação não era entendido como prioridade naquele momento. Já tendo escolaridade muito maior que grande parte dos vizinhos, os pais de Lourdes entendiam que a mesma deveria parar de estudar para se dedicar ao trabalho.

É aquela história. Vivia numa cidade relativamente pobre, com a visão de que negro e pobre tem que servir o branco. Negro, pobre, estudar? Inconcebível. Preto e pobre tem mais é que ser empregada doméstica. Quando eu terminei o Ginásio, meu pai falou que eu já era bacharel em Letras, e que tinha de ir trabalhar pra ajudar a mãe e não sei mais o quê. Foi uma guerra. Terminar o ginásio já me dava um super status. Em compensação, pra mim, era um comezinho. Isso eles não conseguiam ver.

Se o intuito de manter-se estudando gerou conflitos familiares, a escolha pelo Científico tornou as relações domésticas e familiares mais tensas. Como diz a própria Lourdes, ela foi criada para servir em atividades domésticas às elites locais e não para tentar ser doutora, seu sonho de infância que lhe rendeu a alcunha “neguinha metida besta” na vizinhança. Não somente suas escolhas contrariavam as expectativas familiares e sociais a respeito de sua inserção no mundo como jovem negra, mas contrariavam também o conjunto das representações de gênero. No caso dela, os atores sociais com os quais interagira estavam impondo uma dupla limitação associada à multiplicidade de desvantagens sociais que se impunham àquele corpo: mulher, negra e pobre.

O que uma família humilde pensa para uma filha? Que aprenda a costurar, bordar, lavar, passar, cuidar de casa, filho. A mulher era preparada pra isso. Eu fui criada pra isso, mas nunca foi minha praia. Eu sempre me imaginei profissional, trabalhando, ganhando dinheiro, mudando de vida, num ambiente melhor.

Como estratégia para obter autonomia financeira, Lourdes optou por tentar concursos públicos. Era 1964, o tumulto das mudanças políticas tiveram o impacto de cancelar os concursos para os quais havia se inscrito. A única exceção foi o processo de seleção à bolsa de estudos na PUC – PE. Lourdes havia feito o concurso, competindo com todo o nordeste, e conseguido a vaga para a graduação em Química. Para estudar teria que sair de Salvador e seguir sozinha para Recife. Sua família, especialmente seu pai, foi contrária. Recriminada e no seio da família, Lourdes segue para Pernambuco e começa a graduação. Sendo, a única estudante negra de todo o curso. E, possivelmente, como relata, a única pobre. Sendo, no

entanto, muito bem recebida pelos amigos de faculdades, assim como por seus familiares que, frequentemente, se espantavam com a presença dela em um ambiente universitário dominado por homens brancos e de famílias ricas. Ou, pelo menos, originários de famílias de classe média. Seja como for, por qualquer um dos três recortes, Lourdes representava uma minoria.

Aí já foi outro drama porque ninguém queria que eu saísse de Salvador. Ninguém me dava nada. Eu não recebia a ajuda de ninguém, mas na hora de sair... Meu pai disse que não ia me deixar sair. Aí eu disse “Não vim aqui pedi pro senhor, eu vim dizer que estou saindo, afinal de contas tenho mais de 18 anos”

Durante a graduação, Lourdes estabeleceu contato com um mundo que desconhecia e, a partir destes novos contatos, foi ampliando sua perspectiva cultural e ampliando seus projetos de vida. O acesso à universidade permitiu que entrasse numa rede social contendo pessoas de estratos sociais muito superiores ao de sua origem, assim como com acesso a bens culturais que não faziam parte da vida de Lourdes até então. Assim, se tornou uma frequentadora dos cinemas de Recife, algo que era praticamente proibido em Salvador, tanto por limitações financeiras, mas, especialmente por limitações morais impostas por seu meio social.

Alguns deles eram de classe média, mas a maioria era filhos de engenheiro. Eles não conheciam a minha realidade. Era a PUC de Pernambuco. Eles não conheciam a minha realidade. Eles até me adotaram, todos eles me adotaram, eu ia pra casa deles no final de semana, mas não conheciam, não conseguiam chegar lá. Nunca ter ido ao teatro era uma coisa inadmissível. Nunca foi ao cinema? Só ia ao cinema na semana santa, pra ver a Paixão de Cristo, só isso. Isso com 18, 19 anos. Eu não podia ir a cinema, só homem podia ir a cinema. Se eu falasse isso, as pessoas ficavam chocadas. Não deixavam, ir a cinema era imoral. Eles não tinham muita ideia do que era minha realidade, às vezes até achavam que eu estava imaginando coisas.

Ao concluir a graduação em Recife, Lourdes veio para o Rio de Janeiro onde fez especialização na UFRRJ e mestrado na UFRJ. Neste período surgiu a chance de fazer doutorado na Alemanha. Ao contrário de seus amigos de turma, Lourdes nunca havia viajado para fora do país. Para conseguir a vaga como estudante de Química Nuclear na Universidade de Kalrsruher aprendeu alemão sem frequentar cursos.

Lourdes volta ao Brasil na década de 80. Sua primeira inserção profissional é como professora universitária. Posteriormente, se torna funcionária de um instituto federal de pesquisa na qual cumpriria toda sua carreira. Quando nos conhecemos, Lourdes estava em processo de aposentadoria.

Lourdes relata que toda a infância de juventude foi marcada pela repressão e violência, inclusive como mecanismo para evitar que a jovem “se perdesse”. Sua tia exercia controle intenso sobre suas práticas, impedindo-a de ir ao cinema ou andar de bicicleta, por exemplo.

A entrevistada relata em mais de um episódio as surras que levou pela simples suspeita de estar de “namorico” pela rua.

Eu não podia ter amigos em Salvador, porque minha mãe não deixava. Pra ela, todas as pessoas não prestavam pra mim. Eu não tinha liberdade nenhuma, não ia à casa de ninguém, e ninguém me visitava, não ia a cinema, não fazia nada. [...] Sair com as colegas pra ir a cinema, nem pensar. Voltava e levava porrada, cara quebrada. Só de pensar já tive dois dentes quebrados. Minha mãe pensou que saí e arrumei um namorado, não tinha arrumado nada, tudo imaginação dela, quando cheguei em casa ela me deu uma coça e quebrou meus dois dentes da frente.

Além dos violentos mecanismos de controle de sua sexualidade, Lourdes relata ter tido muito medo de estabelecer qualquer tipo de relação afetiva em Salvador. O seu grande receio era ficar como as mulheres de sua vizinhança: jovens e com muitos filhos. Para não correr riscos, Lourdes decidiu nunca ter um namorado em Salvador. Sua vida afetiva se iniciou no mesmo processo de sua vida acadêmica, em Recife.

Lourdes nunca se casou e no momento da entrevista estava em uma relação estável com um europeu. Também não teve filhos, apesar de expressar que isto ainda era um desejo que, talvez, pudesse se realizar nesta nova fase de sua vida, na qual teria tempo para cuidar de uma criança. Apesar de não ter tido filhos, Lourdes – assim como outros entrevistados – estabeleceu uma relação de apoio aos sobrinhos através de investimentos em educação e saúde para estes. No entanto, ao que tudo indica, os sobrinhos não seguiram o caminho esperado pela tia.

Ajudei todo mundo, dei estudo pra todo mundo, paguei colégio, comprei livros, roupas, médico, dentista, tudo o que você imaginar. Eu praticamente assumi uma família, não casei e já tinha uma carga. Mas só um fez Direito, os outros não estudaram. Uma chegou ao 3º ano de contabilidade, mas parece uma mendiga. Você não muda. Eu digo o que vi, o que fiz, mando postal, mas não querem nada. Não toca, se a pessoa não tem dentro dela, não toca. Se você ouve música clássica, mas não tem dentro de você, você odeia música clássica, assim como eu odeio rap, funk, essas coisas. Não tem nada lá dentro. É a mesma coisa. [...] Hoje eu digo: eu sou preta e pobre, mas não sou burra, eu posso conquistar o lugar que outras pessoas conquistaram. Eu tentei colocar isso na cabeça dos meus sobrinhos, mas é aquilo, não tem dentro deles. Mais uma vez eu digo.

Os relatos da vida afetiva desta mulher são emblemáticos para pensar como se dá a relação das mulheres negras profissionais, formadas, com elevados rendimentos, com o mercado matrimonial. Lourdes, assim como outras mulheres negras com inserção de classe semelhante, nunca se casou. Mais do que isso, do conjunto de suas relações, boa parte delas se deu com estrangeiros, majoritariamente brancos.

Já até namorei um negro, mas só namoro branco. Também não vou namorar o preto só porque ele é preto. Não vou namorar o lixeiro porque não tem nada a ver comigo. Eu acho que há

diferenças sociais e de cultura, não tem o que conversar. Estou começando um namoro com um cara lá da Alemanha, muito do feio, muito do feio, mas o cara tem cultura. O cara é muito feio, muito feio, nunca namorei uma pessoa tão feia. Mas o cara morou na Espanha, na França, esteve no Brasil, então o cara tem papo. É feio, mas é bom. Intelecto me atrai. Mas não vou namorar um cara que só fala de pagodão, de sambão, me poupe, não gosto disso.

Pela narrativa percebe-se que o elemento pertencimento de classe e consumo cultural é central na seleção de seus parceiros afetivos. Assim sendo, tendo em vista os critérios que associam classe a consumo cultural de estratos médios, a oferta de homens negros em igualdade de classe são bastante restritas para uma mulher como Lourdes. E, tendo em vista, o lugar prioritário que o pertencimento de classe exerce na seleção, compreende-se o motivo de ter tido apenas um namorado negro em toda a sua vida.

Por outro, a vivência afetiva com homens brancos numa sociedade como a brasileira também apresenta amplas tensões. Incluindo a possibilidade de rejeição das famílias envolvidas. Na verdade, da família do namorado, visto que a entrevistada não possui muitos vínculos com a família de origem. Lourdes, por exemplo, ao estar em Copacabana com um amigo francês – logo, estrangeiro e, neste caso, branco – foi tida e tratada como prostituta pelos atendentes do restaurante no qual estavam. Este foi o único momento ao longo de toda entrevista no qual Lourdes demonstrou-se “fragilizada” ao rememorar o episódio, indo às lágrimas enquanto falava.

Olha, namorar talvez. Com a família, talvez, não sei. Essas coisas não são bem faladas, não são clara. Mas, andando em Copacabana, é muito forte a maneira como eles acham que toda mulher negra é prostituta. Toda mulher negra com estrangeiro é considerada prostituta. Uma vez eu estava com um francês e entrei na (incompreensível). Mas, quando ele me ligou, eu já tinha jantado. Aí eu falei que ia só acompanhá-lo. Sentei na mesa, pedi um chopp e ele pediu alguma bebida. Aí o garçom começou a dizer: “vai pedir um chopp? Pede um uísque, boba!” Eu disse que não gostava de uísque. Aí o cara pediu o prato dele e o garçom tentando me convencer a pedir um prato, que tinha camarão. E o cara enchendo meu saco. Aí não aguentei e disse: “Meu filho, quem está aqui sentado na mesa não é a sua mãe, não é sua mulher, nem sua filha. Então, quando elas tiverem aqui, você tente convencê-las. Porque quem está aqui sentada não é nenhuma puta.”

No que se refere às suas relações sociais em geral, Lourdes possui muitos amigos. Amigos de diferentes nacionalidades, inclusive. Relações construídas como parte de sua inserção como pesquisadora no cenário internacional. Portanto, a inserção nas redes sociais nunca foi um grande problema para a entrevistada. Entretanto, segundo relata, ela não tem amigos negros: “Tenho amigos de todas as cores, de todas as raças e de todos os países, mas negros são muito poucos. Eu tinha dito que só conheci uma pessoa... De homem, conheci um negro que ascendeu lá na UFPE”. Pela construção, assim como também se percebe na narrativa anterior, a posição de classe é central para explicar a baixa representação de negros nas suas relações sociais.



Por outro lado, apesar de sua rede de amigos ser composta majoritariamente por pessoas que pertencem ao seu meio profissional e, portanto, pertencentes ao mesmo estrato social, isso não significa a ausência de preconceito. “Eu conheço pessoas que escondem os amigos pretos. E eu já tive uma amiga assim, de me esconder porque vinha um amigo dela. Eu tenho milhões de histórias pra contar.” Essa história denota que esta inserção também apresenta, eventualmente, algum nível de dissonância. Se, por um lado, Lourdes está aberta a manter relações sociais e afetivas com as mais diversas pessoas – desde que pertencentes à mesma classe social –, por outro, a sua inserção nessas redes também apresentam questões de diferentes ordens.

A vida afetiva de Lourdes é marcada por um conjunto de tensões que se apresentaram também em outras narrativas. Numa sociedade marcada por desigualdades sociais e formas de estigma assentados nos traços físicos, na marca, o mercado afetivo-matrimonial apresenta particularidades múltiplas que vão desde a eleição do parceiro, as limitações de classe, as hierarquias estéticas reinantes e etc. O que veremos a seguir, a partir da vivência de Lourdes e de outras pessoas, é que tensões são estas que marcam a inserção de homens e mulheres negros no mercado afetivo e nas suas relações sociais.

#### 4.2 **Reverendo conceitos e dados**

Quando Bourdieu publica “O camponês e seu corpo” (2006), no intuito de pensar quais eram os elementos do habitus camponês e sua relação com o campo matrimonial que explicasse a sobrerrepresentação de celibatários em uma pequena cidade do sudoeste francês, ele estava lançando as pistas para pensar como se dá a inserção dos sujeitos no campo matrimonial, apesar do foco declarado do autor ser a constituição do corpo, da linguagem corporal típica do camponês. Bourdieu escreve a partir de um lugar conhecido, uma vila na qual passara a infância. A peculiaridade que marcava este vilarejo na década de 60 era o grande número de homens solteiros nas comunidades rurais. O autor percebe que havia um descompasso entre a constituição do corpo e da linguagem corporal dos camponeses frente às aspirações das jovens disponíveis para casar, muito mais vinculadas ao espaço urbano e sua linguagem estética.

Os camponeses de Bourdieu são homens cujas possibilidades de inserção na educação foram limitadas visto às necessidades de assumir as funções do campo. Estes homens, com menos escolaridade que as mulheres de mesma faixa etária na comunidade, enfrentavam dificuldades em estabelecer relações afetivas. As estruturas do passado para a

constituição de relacionamentos se deterioraram, os intermediadores do matrimônio desapareceram, e a sorte em busca do casamento tornou-se um peso exclusivo das capacidades masculinas. Estes homens, numa sociedade rural na qual a separação entre mundo masculino e mundo feminino era intensa, estão em constante desvantagem quando comparados aos rapazes da cidade na competição no mercado matrimonial.

O elevado índice de celibato entre homens do interior está relacionado com elementos da própria estrutura social francesa que possibilitava às mulheres um deslocamento do espaço rural para o espaço urbano e a inserção profissional em nichos tipicamente urbanos. Esta maior escolaridade, associada à inserção no espaço urbano e ao consumo cultural tipicamente influenciado por uma cultura mais global – fortemente influenciada pela cultura norte-americana –, gera um descompasso entre o que homens da vizinhança podem oferecer às parceiras e aquilo que elas anseiam receber. As mulheres possuem expectativas do comportamento masculino que, nessas comunidades rurais são desvalorizados pelo grupo dos homens, ou, pelo menos, por uma parcela deste.

Em uma sociedade dominada pelos valores masculinos, tudo contribui, em contrapartida, para favorecer a postura tosca e grosseira, rude e belicosa. Um homem muito atento a seus trajes, a sua aparência, seria considerado muito ‘encavalheirado’, ou ainda, o que dá na mesma, muito afeminado. (BOURDIEU, 2006, p.88 – 89)

Ora, para além da discussão de Bourdieu sobre o corpo e sua relação com o campus matrimonial, cabe perceber neste trabalho uma perspectiva fundamental para lidar com o mercado matrimonial em qualquer lugar. O mercado matrimonial possui especificidades locais que são fundamentais para que seja corretamente compreendido. É preciso pensar quais são as dinâmicas particulares deste mercado em cada situação. Aquilo que Bourdieu fala a respeito do celibato entre os camponeses, por certo, não se processaria da mesma forma se estivesse interessado em pensar as taxas de sucesso ou de compressão<sup>2</sup> no mercado matrimonial num espaço urbano como o Rio de Janeiro, por exemplo.

Desde a década de 80, a situação do mercado matrimonial brasileiro, e suas peculiaridades, tem sido investigado por alguns demógrafos e cientistas sociais. Os diferentes desempenhos segundo a cor ou raça é uma das marcas mais particulares deste mercado e os primeiros dados sobre as diferentes taxas de sucesso, especialmente das mulheres, foram divulgados inicialmente com os trabalhos de Berquó, dentre outros, em 1987 e 1988. Nestes trabalhos, a autora demonstra que o mercado matrimonial brasileiro é marcado pela

---

<sup>2</sup> Compressão no mercado matrimonial é o nome dado a desequilíbrios no número total de homens e mulheres na faixa etária na qual se estabelecem as uniões. Ver: Greene, Margaret E.; Rao, Vijayendra. Revista Brasileira de Estudos Populacionais, p. 168 – 183, Campinas, 9 (2), 1992; Breque, Elza. Novos Estudos CEBRAP, p. 74 – 84, Campinas, 1988.

desigualdade no número de homens e mulheres, o que geraria maior competitividade tendo em vista a menor disponibilidade de homens. Além do excedente numérico feminino, o número de homens disponíveis para casar também seria afetado pela forma como tradicionalmente o casamento está estruturando, sendo a maioria dos casais compostos por homens mais velhos e mulheres mais novas.

Dada a conformação da estrutura por idade e sexo de nossa população, o total de mulheres em um grupo etário, por exemplo, na faixa dos 30 aos 35 anos, disporá, para escolha, de um volume de homens mais velhos muito menor do que aquele de mulheres mais jovens com que contarão os homens de 30 a 35 anos. (BERQUÓ, 1988, p.93 – 94)

Cabe frisar que a faixa etária acima dos 25 anos é quando homens e mulheres com maior escolaridade estão adentrando no mercado de trabalho formal. Não que estes estejam fora do mercado de trabalho anteriormente<sup>3</sup>. Na verdade, a inserção no mercado de trabalho após a formação no ensino superior abre novas possibilidades de trabalho, frequentemente melhor remuneradas. Em outras palavras, o mercado matrimonial vai se tornando cada vez mais excludentes para as mulheres à medida que ampliam a escolaridade e retardam a efetivação de uma família, segundo os modelos tradicionais. Apesar de Berquó não discutir especificamente a situação das mulheres com maior escolaridade, especialmente da mulher negra, sabe-se que as possibilidades matrimoniais se reduzem de maneira correlata ao aumento da escolaridade, dentre outros fatores.

Ao decompor os dados segundo a cor, Berquó observa que este excedente feminino é basicamente composto por mulheres brancas. Desta forma, hipoteticamente, supondo relações endogâmicas segundo os grupos de cor, as mulheres brancas teriam maior dificuldade de encontrar parceiro ao longo da vida. No entanto, segundo a autora, mulheres brancas entram em competição no mercado matrimonial com mulheres pretas e pardas, tendo, ao que tudo indica, vantagens sobre as demais. Esta competição estaria na base do crescimento população autoclassificada como parda entre os anos de 1960 e 1980. E teria na combinação homem preto com mulher mais clara, parda ou branca, o seu principal agente formador.

Não somente a situação da mulher preta seria menos vantajosa no mercado matrimonial, como também este mercado apresentaria particularidades para o homem preto. Estes, assim como as mulheres brancas, são responsáveis pelo excedente no mercado matrimonial até a faixa dos 30 anos de idade. Estes homens, segundo Berquó, apresentariam maior taxa de celibato quando comparados aos homens brancos e pardos.

---

<sup>3</sup> Ver: Cardoso, Ruth; Sampaio, Helena. *Estudantes universitários e o trabalho*. Revista Brasileira de Ciências Sociais (impresso), v. 26, p 30 – 50, 1994.

Utilizando a PNAD, base de dados diferente da utilizada por Berquó, Petrucelli aborda a questão do mercado matrimonial e da seletividade marital do ponto de vista demográfico. A hipótese de trabalho do autor é de que a visibilidade crescente dos casais mistos, das relações exogâmicas do ponto de vista racial, estariam, na verdade, servindo como mecanismo para a manutenção das grandes desigualdades raciais no país. Apesar de considerar que a esta hipótese não fica bem elucidada ao longo do texto, os dados e as informações construídas pelo autor fazem coro com outros especialistas, indicando certa recorrência do mesmo fenômeno.

Petrucelli demonstra que as variações nas taxas de endogamia precisam ser compreendidas levando em consideração as diferenças regionais. Isto porque, levando em consideração a distribuição desigual da população segundo no território nacional, as diferenças regionais são fundamentais. Assim sendo, por exemplo, o autor afirma que “no Sudeste as mulheres pretas aparecem com o menor percentual de casadas no país (47%) entre todas as mulheres dos diferentes grupos de cor, enquanto no Norte este percentual aumenta significativamente (56%)”(PETRUCCELLI, 2001, p. 41)

Ainda segundo o autor, apesar da manutenção das influências comportamentais na seleção marital, os resultados apresentados apontando para uma maior taxa de endogamia dentre as pessoas autodeclaradas brancas são, na realidade, fruto do tamanho desproporcional dos grupos de cor no país, especialmente no caso do autodeclarados pretos. Cabe frisar que, como afirma Berquó (1987) e Ribeiro (2009), a proximidade de brancos e pardos na sociabilidade afetiva opõe estes ao grupo dos pretos, mesmo havendo mais semelhança socioeconômica entre pardos e pretos.

O que estas informações estão indicando é que o relativamente alto comportamento exogâmico da população preta, observado nos dados originais, pode ser explicado em boa parte, apenas pelo tamanho relativo deste grupo na população total: sendo minoritário, está mais perto de um comportamento de isolamento demográfico, e seu alto grau de miscigenação aparente seria, em grande parte, consequência das variações marginais nos comportamentos dos outros grupos de cor. (PETRUCCELLI, 2001, p. 47)

Por fim, ao analisar a relação entre endogamia, exogamia e escolaridade, Petrucelli demonstra que o número de solteiros aumenta para a população como um todo à medida que o nível de escolaridade aumenta. No entanto, ao decompor os dados segundo a cor, percebe-se que “metade das mulheres pretas aparecem como solteiras dentre as mais educadas, e menos de 20% entre as que se declaram sem instrução. Desta maneira, apenas 40% das mulheres pretas aparecem como casadas entre as que declaram ter 8 anos ou mais de estudos, sendo esta a menor proporção entre todas as categorias analisadas.” (PETRUCCELLI, 2001, p.43)

Ribeiro; Valle Silva(2009) publicaram recentemente trabalho em que retomam questão do mercado matrimonial no Brasil. Este trabalho, mais abrangente que os anteriores, foi realizado a partir de dados dos censos de 1960, 1980 e 2000. Assim sendo, possuem uma visão panorâmica do mercado matrimonial no Brasil contemporâneo e as tendências que dominaram este mercado nos últimos 40 anos. Em linhas gerais, os autores demonstram que o mercado matrimonial brasileiro, inicialmente com fortes inclinações endogâmicas segundo a cor, foi-se abrindo de maneira a compor uma sociedade mais plural do ponto de vista das relações raciais. Segundo as tabulações, em 1960, apenas 1 em cada 10 casamentos era realizado entre pessoas de cores distintas, segundo a classificação oficial do IBGE. Os dados de 1980 apontam para um aumento das relações exogâmicas visto que 5 em cada 10 casamentos era realizado por parceiros de cores distintas. Esta mesma tendência confirmou-se com os dados dos anos 2000. Atualmente, 1 em cada 3 casamentos é realizado entre pessoas de cores distintas.

Os autores demonstram ao longo do trabalho que a redução das barreiras aos casamentos interracialis é expressão também da redução, na verdade, das limitações às uniões intereducacionais ao longo dos últimos anos. Após as mudanças na estrutura social brasileira, com a urbanização e industrialização, ampliação dos índices de educação formal, redução das desigualdades educacionais médias entre brancos e negros, e reversão das desigualdades educacionais entre homens e mulheres, as barreiras às uniões exogâmicas se reduziram drasticamente tanto para pessoas de cores distintas, quanto para pessoas com diferentes níveis de escolaridade.

Essa redução das barreiras, no entanto, não significa a extinção das mesmas. Os autores demonstram que as chances matrimoniais mais diversificadas são expressivamente maiores para pardos e brancos em oposição aos pretos. Assim como Berquó, apontam para a necessidade de decompor, no que se refere ao mercado matrimonial, as categorias negros ou não-brancos em suas partes originais: pretos e pardos. Esta necessidade se dá visto que, apesar das grandes semelhanças socioeconômicas de pretos e pardos, no mercado matrimonial as condições dos pardos são muito mais semelhantes às dos brancos.

Ou seja, no mercado matrimonial, em oposição ao mercado de trabalho e ao sistema educacional, os pardos têm mais chances de se casar com brancos do que com pretos. Teoricamente, esses resultados são importantes porque, ao tomarmos weberianamente o casamento como um indicador de sociabilidade ou contatos sociais entre diferentes grupos raciais (isto é, da distância *social*, diferente de distância *socioeconômica*, entre os grupos de cor), confirmamos a observação de que o Brasil se caracteriza por relações raciais cada vez mais fluidas, com forte favorecimento a miscigenação. Esses resultados contrastam com as análises sobre ascensão social em áreas mais duras, como mercado de trabalho e sistema educacional, nas quais as desvantagens de pretos e pardos se alteraram de forma mais lenta ao

longo das décadas. No mercado matrimonial e, portanto, na esfera da sociabilidade e da proximidade mais íntima entre os grupos raciais, há um aumento rápido e significativo da fluidez, indicando crescente proximidade e aceitação entre os diferentes grupos de cor (RIBEIRO; SILVA, 2009, p. 33 – 34).

Os dados de Ribeiro e Silva levantam uma questão antropológica que, apesar de fugir dos propósitos do trabalho dos autores, não deixa de ser pertinente: não estariam os dados sobre as desigualdades entre pretos e pardos indicando uma capacidade de sobrevivência e reorganização dos mecanismos de classificação e hierarquização segundo a marca, segundo os traços físicos? Ou, em outras palavras, a inegável redução das barreiras de sociabilidade presentes no mercado matrimonial segundo a cor – também indicada nos trabalhos de Berquó – não estaria associada à manutenção de uma maneira tradicional da sociedade brasileira em organizar os grupos, tendo em perspectiva ideia de gradiente de cor?

Nesse gradiente de cor, os extremos podem ser representados idealmente como polos negativos e positivos – isso sem juízo de valor da parte do autor – nas quais as variações entre um sujeito classificado socialmente como o mais branco possível – aquele que possui em si todas as características do tipo ideal branco – e um sujeito classificado socialmente como o mais preto – aquele que possui em si todas as características do tipo social preto. O que sobra, é organizado ao longo do gradiente. (SOUZA, 2008, p. 34)

Moutinho (2004) segue um caminho antropológico a partir dos dados demográficos para demonstrar a diferenciação entre o discurso político de homens e mulheres negros militantes a respeito de relacionamentos entre pessoas de “raças” diferentes. A heterocromia, pouco representativa nos dados demográficos, mas muito celebrada como mecanismo de integração e embranquecimento da população, por um lado, e deveras criticada do ponto de vista político dos movimentos negros, por outro, seria o elemento divisor que levaria homens a construir uma retórica política focada nas questões referentes ao espaço público e mulheres a construir uma retórica política que, além das questões tradicionalmente entendidas como “públicas” também trariam para a cena política a construção dos vínculos afetivos e sexuais. Além disso, a autora demonstra que a constituição do par mulher branca/homem negro alteraria a perspectiva tradicional no qual o par seria homem branco/ mulher negra (MOUTINHO, 2004a), sendo esta mulher negra concebida como parceira ou concubina, não necessariamente como esposa.

Ora, a formação dos desejos é parte do conjunto das configurações culturais, não é produto do livre exercício de potências individuais. O desejo e o afeto, como qualquer linguagem, são socialmente construídos e expressam inserções e concepções de mundo. E, neste sentido, em um mundo marcadamente desigual, o suposto desejo do homem branco pela mulher negra seria parte da constituição de uma realização da identidade negra como

incompleta e imperfeita, algo que estaria na ordem da intersubjetividade constituída ao longo do processo histórico de formação da sociedade brasileira. Este é o argumento de Souza (1990) ao analisar o processo de ascensão social dos negros e a sua formação subjetiva do ponto de vista da psicanálise. Entretanto, cabe ressaltar, que não somente o homem negro desejaria a mulher branca, como a mulher negra também desejaria o homem branco.

Carneiro (1995), ao estudar a relação entre sexo e gênero, afirma que a preferência dos homens negros por mulheres brancas seria uma maneira de adentrar simbolicamente no mundo proibido, porém desejado, dos homens brancos. Seria uma maneira de romper com a própria inferioridade social, ascendendo através da mulher branca, a avalista desta nova inserção social. Entretanto, segundo a autora, todos os homens negros seriam marcados por uma ferida narcísica constituída frente a sua inferioridade de macho frente à dominação de homens brancos. Na perspectiva de Carneiro, o homem negro participa da dominação junto aos homens brancos por permissão, por concessão dos últimos aos primeiros, especialmente em locais nos quais os homens brancos não teriam interesse.

#### 4.3 Analisando narrativas

Catarina, 60 anos, nasceu em Sergipe e migrou, ainda adolescente, para a cidade do Rio de Janeiro com o intuito de fazer curso de Enfermagem na Cruz Vermelha. Não tenho sido aprovada nesta instituição, prestou a prova de acesso para a escola que, atualmente, faz parte da UERJ. Tendo sido aprovada e iniciando sua carreira. Isto nos idos de 1958. A escolha pela área se deu tendo em vista a crescente demanda por esta profissão e a questão das limitações ao trabalho feminino naquele período, especialmente na sua cidade de origem.

Porque a profissão foi interessante...porque... Eu nasci em Aracaju. Você sabe que em Aracaju é o menor Estado. Na época, na década de cinquenta ele não tinha nem a projeção...as pessoas consideravam Aracaju como uma extensão da Bahia. E naquela época...e tem o problema racial. Vou falar isso pra você, mas não sei se é válido. Mas porque eu vim fazer enfermagem? Não que eu tivesse vocação. É porque eu tenho uma origem humilde e eu reúno qualidades de minorias. Primeiro, sou mulher. Segundo, sou negra. Terceiro, sou pobre. Nasci numa família pobre. Então eu reúno essas três coisas que são classificadas como minoria. Minoria discriminada num lugar. Num território. E também discrimina, lógico, pelas tradições . E então, na minha família que era de origem humilde, então a primeira coisa, a primeira preocupação, que eu sou órfã de mãe. E meu pai...eu não fui criada pelo meu pai. Minha mãe porque morreu e meu porque constituiu outra família e mudou-se para Salvador. Eu fui criada pela minha avó e pela minha tia. Então, elas acreditavam que o melhor investimento para mim era a educação. Na época que eu sai de Aracaju, eu sai porque eu queria fazer enfermagem mesmo. Eu queria uma profissão que garantisse a minha sobrevivência e que me ajudasse a garantir a minha família.

Catarina relata que o interesse por desenho começou como efeito da entrada na nova escola. Ao que parece, Catarina conseguiu ser aprovada para fazer o ginásio em uma escola pública de referência na cidade, ainda nos anos 50. Nesta escola, apesar de mista, havia um número pequeno de meninas, a maioria dos estudantes era composta por meninos. E, como não poderia deixar de ser, as poucas meninas existentes eram brancas. Neste contexto, sem conseguir estabelecer laços com as meninas, acabou se aproximando dos meninos e tinha por hábito fazer caricaturas das meninas com as quais não conseguiu estabelecer relações ao longo de sua trajetória ginásial.

Desenhar eu descobri desenhando. Eu estudei numa instituição pública em Aracaju. E naquela época a questão do preconceito existe. E a gente....algumas vezes o indivíduo que é discriminado não quer nem admitir isso. Mas o que foi que eu identifiquei quando eu ingressei no ginásio? Eu fui estudar...na turma no primeiro ano que eu ingressei só tinha cinco meninas. Os outros todos eram meninos. Quem tinha passado na seleção para estudar ali eram pessoas que tinham estudado, que tinham algum conhecimento para poder entrar. Entraram pelo conhecimento. Eu identifiquei. Depois eu comecei a ver quem eram as minhas quatro colegas. Uma era sobrinha do governador do estado. Outra era filha de um maestro muito reconhecido lá...Então a única que tinha origem mais humilde era eu. E eu me descobri desenhando as meninas. Porque eu via que existia uma diferença...E eu era a única negra. [...] Na época tinha uma habilidade para desenhar incrível. E sonhava em ser escritora porque eu gostava muito de ler. E eu sonhava em um dia escrever um romance. Não queria escrever livros didáticos como eu escrevo hoje muitos. Mas eu queria escrever romance, ficção científica.

Catarina vem para o Rio com o apoio da tia, que trabalhava em fábrica em Aracaju, e de sua avó, que lavava roupa para as famílias das redondezas. O seu pai, que morava em Salvador com outra família, foi contrário à viagem da jovem, especialmente porque não queria ter filha enfermeira. Ele desejava ter uma filha professora. A docência já era uma profissão feminina consolidada. Já a enfermagem estava se estruturando como campo profissional. A jovem chega ao Rio de Janeiro e fica hospedada no internato da Cruz Vermelha, posteriormente, vai morar com uma vizinha de Aracaju, amiga de sua tia. Apesar de ter um tio na cidade, Catarina não podia morar com ele, pois ele era solteiro.

Minha mãe morreu e meu pai construiu outra família. Então, eu achava que minha avó e minha tia não tinham nenhuma responsabilidade de me manter. Então a minha luta pela minha independência financeira passou por isso. Então, isso fez com que eu me determinasse a ter minha sobrevivência e a buscar recursos para me adaptar...

O desejo de independência de Catarina levou a jovem a morar sozinha, assim que conseguiu o seu segundo emprego, mesmo estando solteira. No entanto, afirma que não passou muito tempo sozinha. Logo depois, vieram parentes de sua geração para estudar no Rio, seguiram o exemplo da prima que desbravou a capital para se formar.



Catarina foi do exercício da enfermagem a docência. Fez mestrado e doutorado na sua área, tornou-se livre docente e atua ainda hoje como professora universitária. Possui duas matrículas como professora universitária. Aposentada na primeira por tempo de serviço e caminhando para a aposentadoria compulsória na segunda.

Catarina mantém uma forte relação de apoio e investimento nos parentes, especialmente nos sobrinhos, que ficaram em Sergipe. Assim como Lourdes, o fato de não ter filhos biológicos não significa não manter uma relação de responsabilidade financeira com a geração seguinte, filhos de irmãos que não tiveram a mesma inserção profissional e, subsequente, ascensão. Catarina teve, na verdade, mais de 13 irmãos, a maioria em Salvador, mas teve contato com poucos. Os seus sobrinhos criados como filhos são, na verdade, primos, filhos da sua tia que a criou. No entanto, ter a trajetória de Catarina, construir-se como profissional fora da casa dos pais, morando sozinha, sendo uma jovem negra, nordestina e pobre, teve impactos de ordem pessoal. Como relata, essa trajetória e as escolhas relacionadas exigiram dela algumas renúncias, especialmente as referentes às questões afetivas. Catarina nunca constituiu a própria família, nunca veio a casar.

Olha... Eu acho que a minha vida é melhor mas não pela questão financeira em si. A questão financeira pra mim entra como melhor porque eu tive condições de ajudar outras pessoas. Ajudar pessoas da minha família. Por isso que eu digo que é melhor. A família toda. Desde a minha tia, que eu ajudo até hoje, que foi a tia que me criou. Dos sobrinhos que são sobrinhos meus, porque às vezes são filhos de primos ou filhos dessa tia que me criou... Sobrinhos dos meus irmãos que são irmãos só por parte de pai. Então essa minha vida pra mim é melhor porque eu tenho essa condição. E porque eu digo que é melhor? Porque eu gosto. Eu consegui alcançar uma coisa que eu queria. O que eu queria? Ajudar essas pessoas. Eu renunciei algumas coisas. Mas isso me satisfaz porque eu tenho condição. [...] Olha, digamos... Eu posso dizer o seguinte. Todo mundo tem assim...a mulher tem o ideal do casamento, de ter casa e ter seus filhos. Então eu mais de uma vez desisti de casar. E eu não me dava conta disso. Um dia foi preciso uma das minhas irmãs dizer que eu não me casei por causa deles. Por causa deles.

Apesar de estar morando sozinha e não ter constituído a sua própria família, Catarina se pensa como uma pessoa realizada. Não somente por ter tido condições de ajudar os demais parentes, mas porque conseguiu construir uma rede de amigos que sempre lhe deram suporte ao longo da vida. Tendo amigos de diferentes origens e cores, Catarina reclama de não conseguir ter muitos amigos negros, o que se deve ao fato, já mencionado por Lourdes, de conviver em numa rede social marcadamente de classe média.

Catarina morou boa parte da sua vida em Botafogo, mais de 20 anos. No entanto, com o intuito de ficar mais próxima do trabalho e fugir dos engarrafamentos constantes na cidade, mudou-se para a Tijuca. Além do fator geográfico, Catarina considera o bairro muito funcional para uma pessoa de sua idade, com serviços em abundância e com tudo próximo,

além do expressivo número de pessoas de sua idade, o que parece um elemento importante de sua sociabilidade.

Agora a Tijuca, eu fui morar na Tijuca ali na Praça Saens Pena. Pra mim é ótimo. Primeiro, a Tijuca tem muita gente...a gente só nota quando a gente procura por isso. No edifício que eu moro, que é antigo, a maioria são idosos. Então, eu estou no meu elemento, né. Eu adoro aquilo lá porque eu me identifico. Vejo pessoas da minha faixa etária. Se eu saio tem muitos restaurantes e eu encontro pessoas da minha faixa etária. Eu tenho tudo o que eu quero. Proximidade com tudo. O local que eu escolhi pra mim é ótimo. Tem cabeleireiro, banco, tudo! É a maior facilidade. A única coisa que falta mais próximo de mim aqui na Tijuca é teatro. Só isso. O resto tem todas as vantagens. Então, pra uma pessoa que na minha idade ainda é ativa e trabalha, ter proximidade com tudo isso é excelente. Eu não troco hoje o meu apartamento por um na barra ou...Nem pensar. Tem tudo o que você quer. Tudo!

A única queixa de Catarina com relação ao bairro é quanto ao fato de que ali, diferentemente do que ocorria em Botafogo, ela não é requisitada como enfermeira pelos vizinhos. Apesar de alguns saberem de sua atuação, ela nunca foi acionada em momento algum para prestar algum tipo de auxílio.

É boa. Mas sabe, eu vou contar uma coisa interessante. Eu ganhei de uma orientanda uma plaquinha, que trouxe de São Luiz, em azulejo escrito enfermeira. Eu botei na porta. E eu fico triste que ninguém nunca me procurou com enfermeira (risos). Ninguém nunca me procurou. Não dão crédito para a minha profissão. Não adianta nem me apresentar como enfermeira. Não dão crédito. Eles dão crédito como pessoa. Eu acho que eles pensam que eu sou aposentada. Ninguém sabe o que eu vou fazer na rua. Eles só sabem que eu venho na UERJ porque eu tenho o selo do estacionamento. Mas o enfermeiro eu fico triste com isso.

Catarina é uma mulher que abriu mão de estabelecer relacionamentos estáveis para cuidar de sua família e se sente plena com isso. O investimento nas gerações seguintes é uma forma de contribuição “comunitária”. Possivelmente, falar em comunidade negra no Brasil seja um equívoco do ponto de vista analítico. No entanto, tanto Catarina quanto Lourdes fizeram investimentos numa outra ordem, investimentos na geração seguinte a sua. Ascender, portanto, não foi apenas parte de um projeto individual, mas teve impactos na família. Impactos diferentes, é verdade, ainda assim algum nível de comprometimento e responsabilidade com os estratos de origem, não no sentido de comunidade, mas no sentido mais restrito de comunidade familiar.

Assim como Catarina, Luiza também mora na Tijuca, mas com planos de se retirar do bairro em direção a Botafogo. Luiza foi assistente social durante boa parte de sua vida. Estava aposentada quando cedeu a entrevista. Nascida em Ramos e tendo morado em diversas localidades da região metropolitana devido às condições financeiras da família, Luiza tem uma trajetória de ascensão menos expressiva que a das mulheres citadas anteriormente. A sua posição de classe ainda está mais próxima à base da pirâmide social. Definindo-se como

negra, a entrevistada é filha de uma mulher descendente de africanos, como relata, e de um homem filho de portugueses. Essa distinção é central para compreender as perspectivas de Luiza frente ao mundo.

Luiza começou a trabalhar muito nova. Teve seu primeiro emprego formal como vendedora e depois se tornou digitadora em um órgão público. Já nesta empresa pública, concluiu o atual ensino médio e ingressou numa universidade privada. Pretendia cursar Ciências Econômicas, mas não tinha condições para isto. Optou, então, pelo Serviço Social. Depois alguns anos de dupla jornada, atravessando a cidade para estudar e trabalhar, Luiza conclui o curso superior e prestou concurso interno na empresa em que atuava. Ascendeu da função de digitadora para a função de assistente social da empresa.

A narrativa sobre sua trajetória é repleta de episódios aos quais interpreta como discriminatórios. A começar pelos avós paternos que não aceitavam o fato de terem netos negros.

Eu acho que com oito anos eu tinha que estar no colégio e, às vezes, ela não tinha como botar a gente no colégio, como eu já te falei, nós mudávamos muito e era muito complicada essa questão da educação; o meu pai doente, de hospital em hospital. Os meus avós não gostavam da gente e teve uma época que ela deixou a gente morar no quintal dela, ela tinha uma casa muito grande em Marechal Hermes, e ela não permitia que a gente aparecesse; eu, principalmente, porque era a de pele mais escura, ela dizia que nós éramos filhos de um empregado que ela tinha que morava no quintal. Então, era complicado, pra uma criança entender isso era complicado. Eu me lembro que ela tinha muita mangueira no fundo do quintal, e criança acorda de manhã e que pegar manga, né? Mas ela dizia que não e pegava as piores mangas botava na bacia e dava pra gente; as boas eram pros netos brancos.

Segundo relata, a relação com os seus avós paternos nunca foi tranquila por conta da elevada rejeição que ela e os irmãos sofriam quando comparados aos demais primos. Na realidade, isto não seria uma exclusividade dos seus avós, mas seria uma característica da família paterna ou, pelo menos, da geração dos mais velhos, incluindo sua tia.

Eu tenho uma tia que mora aqui na praça Xavier de Brito e ela é extremamente racista, né? Ela tem uma situação financeira muito boa e ela vem aqui em casa... outro dia ela estava na C&A e ela fingiu que não me viu, aí eu pensei “Vou sacanear ela” Ela estava numa banca que tinha uns casacos “Oi tia, tudo bem?” Ela ficou sem graça e “Oi minha filha, tudo bem?” Ela é racista mesmo, ela não diz que tem sobrinhos negros; ela não fala e não convida a gente na casa dela, minha irmã foi lá porque ela convidou; ela vem aqui em casa eu trato bem, recebo bem, mas não vou na casa dela... se me chamar eu fico na minha, dou uma desculpa e não vou. Então, ela sente que eu percebo o que ela está fazendo e vê que eu não sou burra.

Ao contrário de Catarina e Lourdes, Luiza foi casada quando mais nova. Casou-se aos 35 anos de idade, quando todos achavam que ela ia ficar “solteirona”. No entanto, o casamento durou pouco. Luiza teve muitos namorados, de várias cores, e mais de uma nacionalidade. O seu ex-marido era negro, mas cor nunca foi seu critério para estabelecer

relações afetivas. No entanto, esta não era uma postura recorrente em toda a família. A sua irmã, por exemplo, sempre se recusou a namorar homens negros.

Era, mas eu já namorei louro, mulato, e eu tive um noivo que ele era austríaco bem branco e a gente saía na rua ficava todo mundo olhando. Eu nunca me preocupei... eu acho que eu já nasci velha, entendeu? Eu sempre fui muito determinada... eu até os 15 anos eu era muito tímida, fechada, mas depois que eu decidi o que eu queria eu tracei um caminho e segui em frente e não fiquei muito preocupada com que as pessoas iam dizer ou iam pensar, e as pessoas diziam e quando eu estava namorando o Gherárd “Aquele branco, não sei o que” “Mas eu gosto dele” E gostava mesmo quando eu deixei de gostar terminei. O meu marido não é um homem bonito não e as pessoas diziam “Como você vai casar com aquele negão?” Mas eu tinha deixado um antes que tinha dinheiro, era branco, bonito e eu não o quis, sabe? Então, é muito relativo.

A postura frente ao mercado afetivo da irmã de Luiza remete a uma queixa presente em outra entrevista. Antônio, citado em outro capítulo, afirma, em diversos momentos, que as mulheres negras nunca deram atenção a ele, apenas as mulheres brancas. Inclusive, a sua atual esposa é uma mulher branca.

Eu nunca namorei uma pessoa negra porque nenhuma quis namorar comigo. Então, quando eu falo pra Maria, “Maria, se você vir um rapaz negro com uma mulher branca, vai perguntar quantas mulheres negras ele namorou?”. Porque a maioria das mulheres negras querem casar com brancos para ter filhos morenos e brancos. Poucas, da minha geração, queriam casar com negros para ter filhos negros. Lógico. Nunca me deram bola. Impressionante. Eu nunca namorei uma pretinha. Se vier uma branca pode ficar tranquila, mas se vier uma pretinha você vai dançar. Eu nunca namorei. A minha vida foi sempre permeada por pessoas brancas. Não foi porque eu não gostava, foi porque não tinha condição. Nunca queriam. Eu até falava, “Maria, as pessoas negras não gostam de negros, impressionante”. As mulheres que eu conheci só queriam branco. Mas, pra mim, mostra alguma coisa.

Atualmente, Luiza estava numa relação estável há vinte anos, sem coabitação pois gostavam da liberdade de cada um ter a sua casa. O namorado de Luiza é um engenheiro, negro – aos olhos de Luiza, moreno aos seus próprios olhos. Juntos há muitos anos, tem sido o companheiro de Luiza na vida cotidiana. Casamento está fora dos seus planos, mesmo com a insistente pressão familiar.

Acham que a mulher tem sempre que casar, ter marido... pode ser que depois a gente resolva, eu não sei, tudo é incerto, eu não sei se amanhã eu vou estar por aqui, então quero viver o hoje e agora; se você vive muito chega a uma determinada idade que começam as limitações e vou aproveitar enquanto eu estou bem e com saúde não vou ficar muito presa a essas coisas porque eu acho que são coisas muito pequenas que eu tento não vou valorizar, se você começa a valorizar muito começa a adoecer.

Luiza diz que circula em todos os grupos sociais, em diferentes espaços, com gente de todo o tipo. Afirma não possuir vocação para ficar presa a questões raciais, nem ficar se preocupando com práticas discriminatórias, apesar de já ter passado por algumas. O fato de

circular em determinado grupos sociais, segundo ela, potencializa o preconceito. No entanto, ainda assim, não acredita que possa manter-se pensando nessas questões.

Eu transito muito bem por todas as classes sociais, então, eu tenho amigos que tem muito dinheiro e amigos que moram na favela e eu acho isso, em termos de acrescentar, muito bom. Eu tenho uma amiga que morava na Vieira Souto. Uma vez eu fui a casa dela... Eu frequentava a casa dela, mas a primeira vez que eu fui eu estava na portaria e tinha um casal branco e eu do lado, aí o porteiro “psiu” e como eu não me chamo “psiu” não atendi, daí ele chegou perto de mim e falou baixinho “Você vai pela entrada de serviço” “Mas onde está escrito isso?” “Empregada aqui sobe pela entrada de serviço” “Mas quem disse que eu sou empregada?” Ele ficou sem graça quando eu falei. Aí ainda briguei com a minha amiga, ela ligou pra ele e deu um esporro nele.

Luiza entende que estes episódios são fruto da ignorância, da ausência de uma postura reflexiva frente ao mundo. E, mais do que isso, ausência do conhecimento da própria história. Para ela, esta ignorância que desconhece a própria história se manifesta no fato de que as pessoas não conhecem as suas origens, como eram seus antepassados e nem como serão os seus netos.

A minha comadre a gente bate de frente, a minha comadre é branca, branca, e o meu afilhado era louro de olhos claros e a minha comadre é extremamente racista e somos amigas, quer coisa mais louca que essa? Eu falo pra ela que ela é racista, ela chega e fala “Você não gosta que eu fale, diz que é preconceito, mas a praia estava cheia de crioulo fazendo...” Pra mim isso é preconceito. Eu tenho conversar com ela, mas tem horas que eu perco a paciência, o filho teve várias namoradas e ele teve um filho com uma menina que é mestiça, é aquele negócio, que alisa o cabelo e passa por branca e é filha de nordestinos e ela tem pavor de nordestino e o neto dela... eu tenho uma prima que a filha é mulata como a minha sobrinha e casou com um rapaz italiano, eles moram em Petrópolis, e os netos da minha prima você não diz que são netos dela, o menino é bem claro e tem um cabelo como seu. É um garoto muito bonito; o outro menino nasceu mulato e de olho verde. Então, ninguém diz que são netos dela. Já a minha comadre o filho teve uma criança, por isso que eu digo da miscigenação, o menino é mestiço com o cabelo todo encaracolado e ela adora o neto, quer dizer, é mais ignorância né?

Luiza tem uma inserção bastante peculiar. Apesar de ter renda compatível com os estratos médios e formação no nível superior. Apesar de já ter viajado para vários países do mundo com o namorado. Apesar de uma série de sinais externos de classe e ascensão, suas narrativas são repletas de experiências de preconceito e discriminação, tanto na infância quando na vida adulta. Talvez a proximidade social dos estratos da base da pirâmide coloque em cheque a polidez mais recorrente nos setores médios no que se refere à gramática racial prevalecente. Em nenhuma outra entrevista são citados tantos casos de ofensa ou de episódios de mal-entendidos. Entretanto, a postura de Luiza é muito clara frente a todos estes processos: recusando qualquer atitude exclusivista ou que esteja centrada em alguma modalidade de “racismo às avessas”, opta por superar esses episódios, nem que seja com eventuais desavenças. Recusa a postura de coitada frente a estes processos.

Ademais, cabe frisar que, do ponto de vista dos dados, Luiza seria mais uma mulher negra solteira. Assim como Lourdes. No entanto, se é verdade que ela está solteira, não é verdade que ela esteja sozinha. E neste sentido é preciso pensar as categorias que apontam para a elevada taxa de celibato entre as mulheres negras.

Júlio é um dos homens que aceitou participar da pesquisa. Com 46 anos, nascido em Bento Ribeiro, mas morando em Jacarepaguá, é economista por formação e também atua em um instituto de pesquisa federal. Diferentemente de alguns entrevistados, Júlio já nasceu em uma família com algum conforto. Apesar disso não ter significado mudanças significativas nas práticas familiares, o fato de seu pai e seu avô terem pertencido aos quadros da Marinha, possibilitou uma vida mais confortável que a maioria dos seus vizinhos.

Meu pai teve experiências profissionais muito diferenciadas, ele foi da Marinha Mercante, ele foi radiotelegrafista da Marinha Mercante, ele foi sargento da Aeronáutica, controlador de voo, ele foi técnico em eletrônica, ele foi e é ainda, sob certos aspectos, autodidata; meu pai é uma pessoa que fala inglês e espanhol fluentemente sem nunca ter entrado em uma escola, aprendeu por correspondência e depois aprendeu profissionalmente porque ele era radiotelegrafista. À época da Segunda Guerra pra transmitir e receber em inglês tinha que saber inglês.

A formação de Júlio se deu no atual CEFET. Egresso de uma escola pública que considerava ruim, o entrevistado fez curso preparatório e ingressou no curso técnico, seguindo assim, o caminho dos outros irmãos e também dos primos. Vários membros da família de Júlio fizeram formação técnica com vistas ao ingresso no mercado de trabalho em meio à expansão do mercado industrial no país. No entanto, o nível de exigência e qualidade da escola capacitou a todos para seguir carreira no ensino superior. Com Júlio não foi diferente. Inicialmente aprovado em Engenharia na UFRJ, resolveu migrar para Ciências Econômicas na UERJ.

Apesar de ter mantido uma relação estável por um longo período, Júlio nunca se casou ou teve filhos. Na realidade, nenhuma das duas coisas faz parte dos seus planos. Mais do que isso, no momento da entrevista, estava organizando-se para sair de Jacarepaguá em direção a Tijuca. Já havia comprado o apartamento, estava apenas preparando-o para mudança. O principal motivo para sair do local no qual foi criado é técnico, tem a ver com as dificuldades de acesso, de deslocamento e com a ausência de equipamentos culturais do interesse do entrevistado. Sair de lá significa, para ele, também deixar de lado uma rede familiar e de vizinhança muito densa.

A rede de sociabilidade de Júlio, além dos membros da própria família – bastante numerosa, por sinal – também é composta por amigos de Bento Ribeiro, vizinhos de uma

favela próxima a sua casa, em Jacarepaguá, além de amigos feitos nas instituições de ensino e no trabalho. Este rede de sociabilidade tem fronteiras perceptíveis, segundo relata. Os amigos feitos após a entrada no ensino superior, são majoritariamente brancos; e, ao mesmo tempo, os amigos feitos antes da entrada no ensino superior são negros, como ele, e/ou nordestinos. A medida que Júlio foi acessando níveis mais elevados de escolaridade, sua rede de amigos foi se ampliando e se diversificando. Assim sendo, sair de Jacarepaguá significa romper com as relações mais sólidas dessa rede que foi constituída a partir de relações de vizinhança.

O processo de ruptura com a rede de origem é o mesmo citado por Natália e apresentado em outro capítulo. Ascender e dezoar do grupo de origem, quando se tem uma rede de solidariedade construída sob a lógica da vizinhança, significa perder ao acesso a pessoas e eventos cotidianos que foram fundamentais para a definição da própria biografia do sujeito. No entanto, aparentemente, numa cidade na qual o processo de ascensão é, geralmente, acompanhado de um processo migratório pelas áreas da cidade, deslocar-se é inevitável. Mais do que as funcionalidades do novo endereço, o habitar determinado espaços atribui status, tem valor simbólico eficaz para marcar a diferenciação. A migração entre os bairros da cidade pode ser entendida como um dos sinais mais claros de mobilidade ascendente ou descendente, ao menos do ponto de vista simbólico.

Júlio, com uma rede de amigos plural como esta, nunca foi afeto a exclusão de ninguém por conta de sua cor ou origem. Na verdade, também nunca experimentou no plano das amizades algum processo de exclusão devido a sua cor ou origem social. Toda a sua narrativa segue na direção de que isto não é importante para ele e que também não considera importante para as demais pessoas com as quais se relaciona. O mesmo padrão parece ter se reproduzido na sua vida afetiva. O único episódio narrado por Júlio que denota algum efeito do preconceito de cor sobre a sua vida foi com uma namorada que dizia não poder apresentá-lo aos pais, mais foi no final de sua adolescência.

*Não. Não. Tive pequenos problemas. Namorada eu sempre namorei, nunca escolhi cor de namorada, sempre namorei quem eu gostava. Acho que eu só tive uma vez explícita, uma namorada, era muito novo, 18, 19 anos, que ela dizia que eu não queria botar os pés na casa dela porque a família dela não aceitaria de jeito nenhum. Mas foi o único caso. Quer dizer, tinha uma bobagem ou outra, mas nada que...*

Na vida adulta, no entanto, assim como foi acontecendo com a sua rede de amigos, o seu contato com mulheres brancas, frequentadoras do mesmo curso universitário ou do mesmo nicho profissional também foi aumentando. E, com isso, a probabilidade do estabelecimento de contatos afetivos entre eles. Assim, segundo ele, a medida que isso foi

acontecendo, Júlio foi taxado de racista por amigos e parentes por somente namorar mulheres brancas. Cabe ressaltar que, segundo Júlio, a sua ex-namorada não era nem branca e nem negra, “ela se define como parda, mas ela tem filho loiro. Se ela quiser dizer que é branca, ela passa por branca.”

[...] Eu fui muito acusado de ser racista às avessas, as pessoas não enxergavam quando eu estava namorando negras, mas se eu namorasse uma branca... Aí eu sofri algumas vezes acusação de ser racista “Você namora brancas?”. Mas, perai, acho que a gente namora onde a gente convive. Como é que eu vou... Na faculdade só tem brancas, onde eu moro no meu condomínio só tem branco. 20 casas, onde eu morava com os meus pais tinha uma família de negros, onde eu moro agora que a minha casa é a última, 18 casas, tem três famílias de negros. E é Jacarepaguá. Então eu estabeleço relacionamentos com quem a gente convive.

Além de ser eventualmente criticado por manter relações mais frequentes com mulheres brancas do que com mulheres negras, a manifestação da ascensão social de Júlio, especialmente através das suas aquisições materiais, mas também a respeito de novos hábitos que as suas novas inserções possibilitam, tem gerado uma visão negativa por parte de algumas pessoas dessa rede de amigos de infância e vizinhança.

E também, aí eu acho que era uma coisa um pouco mais suave, eu fui muito acusado de ser metido. Eu sabia qual era a leitura que eu tinha que fazer. Eu sou um cara metido. Por quê? Porque de uns tempos pra cá, depois que eu terminei a faculdade, e tudo comecei a ter um sucesso profissional razoável... Você aparece com carro, se veste etc. Aí o que eu respondia a essas pessoas, talvez essa seja a minha atuação mais incisiva. Mas, olha, faz o seguinte... Se eu fosse loiro de olho verde você ia achar que isso era comportamento de doutor, como eu sou negro vocês acham que eu tenho que dar bom dia a cachorro, que eu tenho que falar com todo mundo. E eu sou uma pessoa muito efusiva, chego com meus colegas apertado a mão, se chegar num grupo e tiver dez, 15 pessoas, apertado a mão de todo mundo, falo com todo mundo, beijo... Mas, algumas pessoas tinham uma certa... Hoje em dia porque talvez eu parei muito de conhecer gente nova. Pois é, e por conhecer menos sofre menos esse tipo de... mas de vez em quando eu ouvia isso “Esse cara é metido” Porquê eu sou metido? Porque o meu colega não é? As pessoas acham que implicitamente pelo fato de você ser negro você tem que fazer algumas concessões que eu não sei quais.

Tecnicamente, Júlio também é um homem preto celibatário ou sozinho. Aos 46 anos de idade não cumpriu uma trajetória marital mais recorrente. Não teve filhos, não se casou. Entretanto, em sua entrevista, não aparece, em nenhum momento, algum pesar com relação a isto. Muito pelo contrário. Com relação a sua vida afetiva, apesar de estar solteiro no momento da entrevista, parece bastante realizado. Além de relatar nunca ter tido dificuldades no mercado afetivo, tendo namorado os diferentes tipos de mulheres.

Também não está presente na narrativa de Júlio algo que aparece na biografia de Hércules, uma dificuldade permanente de estabelecer contatos afetivos ao longo da vida. Hércules relata com forte pesar as dificuldades enfrentadas por ele na consolidação de uma vida afetiva razoável. Atribui isto a existência de padrões de beleza nos quais ele não se enquadrava.



A relação que me marcou mais na infância e na adolescência também, foi o fato de eu nunca ter conseguido uma namoradina na época da escola. Por causa do estereótipo, ser preto era ser feio. Então isso foi o aspecto que mais me marcou, quando eu vim a ter a minha primeira namorada, acho que eu já tinha mais de vinte três, vinte e quatro anos, a minha primeira namorada. Esse foi o aspecto mais marcante, qual foi a consequência disso, eu respeito às opiniões diferentes, mas eu jamais me utilizaria de serviços sexuais profissionais, exatamente por isso, para mim era um desafio conseguir ganhar uma garota. O desafio que eu só fui me desincumbir dele, eu passei a minha adolescência e uma parte da minha juventude em busca desse desafio, de conquistar uma pessoa. E o estereótipo e a pobreza me inviabilizavam isso, talvez seja esse o lado mais marcante. Estereótipo porque veja, você tem um modelo de beleza que é o inverso do que eu era, o inverso e até hoje a sociedade está baseada. Ela constrói um modelo ideal de ser humano e a possibilidade de você ser feliz, obter êxito na sociedade está na proximidade ou na distância que você tem daquele modelo ideal. Quanto mais próximo daquele modelo ideal maior suas chances de sucesso na vida pessoal, na vida profissional, na vida afetiva. Quanto mais a distância, menores suas chances de sucesso em tudo, em relação a qualquer oportunidade. E o modelo está se tornando mais determinante porque na medida em que as oportunidades vão se reduzindo e a competição vai aumentando, estar enquadrado no modelo se tornou mais importante do que ter diplomas vamos dizer assim. As oportunidades estão mais ligadas a sua proximidade do modelo do que a evocação formal que cada pessoa pode adquirir.

Diferentemente de Júlio, Héricles nunca teve essa facilidade para conseguir namoradas. Apesar de ter sido casado e ter filhos, ainda declara que sua vida afetiva não é plenamente realizada e atribui isso, em parte, a existência de mecanismos sociais de formação do belo e do desejável do qual ele dificilmente faria parte. Na sua perspectiva, os padrões de beleza, mesmo quando celebram a miscigenação, não são capazes de açambarcar os seus traços físicos, visto que ele estaria no extremo oposto negativo do gradiente de cor e status. Sua cor e seus traços, diferentemente de outros homens negros com traços mais próximos do arquétipo do homem branco, não seriam entendidos como atraentes no mercado matrimonial.

Jorge Luís também relata que, especialmente na sua juventude, a sua cor pesou negativamente, dificultando que estabelecesse relações afetivas satisfatórias durante um longo período. Este problema só teria se resolvido após o início da graduação. Jorge Luís não relata a permanência desta sensação de preterimento na vida adulta. Inclusive, casou, teve filhos e permanecia casado no momento da entrevista. No entanto, assim como Júlio, também passou por um episódio envolvendo a família da namorada. Entretanto, se no caso de Júlio isso não impediu a manutenção do relacionamento; no caso de Jorge, sim.

Nós éramos..pertencíamos a coletividade daqui. Que é praticamente. Então...mas você pertencia até um certo ponto. Por exemplo, como é que eu me via? Eu tinha os meus colegas, um grupo de colegas daqui, e naquela época, na adolescência, todo mundo iniciando aquela fase de namoro e aquela coisa toda e isso era algo ao qual eu não tinha acesso. Porque eu era diferente. Todo mundo me via como um amigo, como um cara legal, “sair com a gente e não sei o que”. Então, você...pra namorar você não existe como alguém....Ai você já sai daquele grupo. Você não faz parte do grupo, você é acompanhante. Eu acompanhava a todos e tal. Esta sempre no grupo....vai sair todo o mundo, vão os casais e vamos. Então, quer dizer, foi por isso que eu disse que no IME demorou...porque eu tentei me dedicar pra resolver essa dificuldade que eu tinha em termos de relacionamento. Que era...era decorrente da cor. Você pode até fingir que não era, e muita gente dizia...muitos os colegas e adultos tentaram colocar

na minha cabeça que não era, mas era. Eu que vivia as experiências. Cheguei a ter experiência.....eu (incompreensível) passei a dar aula particular. E com isso, quer dizer, você da aula pra homem quanto pra mulher. E isso acabava gerando uma proximidade. E numa dessas ocasiões a coisa acabou evoluindo pra um relacionamento. Então, quer dizer, era uma casa em que eu era recebido fantasticamente, mas quando observou-se que a coisa tinha evoluído pra isso, eu fui chamado pela mãe da menina. “Adoro você e tal, mas você não nega...então está na rua”. “Você é um negro”. A mãe não era de meias palavras.

Os relatos acima expressam uma multiplicidade de narrativas quanto aos desejos afetivos, a construção do desejo e da noção de beleza. As experiências particulares só podem ser tomadas como possibilidades dentro de uma estrutura social diversa na qual, apesar do reconhecimento da legitimidade de casais constituídos de pessoas de cores diferentes, enfrenta na prática barreiras que variam segundo as características físicas e classes sociais envolvidas.

#### 4.4 Considerações finais

Os relatos acima são parte da biografia de homens e mulheres e dizem respeito à maneira como estes sujeitos construíram suas redes de relações sociais e afetivas. Alguns elementos são compartilhados por diferentes agentes e dizem respeito tanto a uma inserção particular na estrutura, quanto a perspectivas não exclusivistas de se estar no mundo. Ou, em outras palavras, apesar desses sujeitos se definirem como negros e alguns, inclusive, reconhecerem momentos tensos em suas vidas, momentos em que foram vítimas de alguma modalidade de discriminação, não há uma perspectiva revanchista ou a defesa de algum processo de isolamento social, segundo o recorte racial. O elemento cor não é chave central na maneira como as pessoas se relacionam. Antes, o elemento classe parece ser muito central. E, mesmo assim, não se pode ter interpretação simplista dos processos. A mobilidade ascendente e, em muitos dos casos dos entrevistados, a migração, altera de maneira expressiva a rede social no qual o sujeito está inserido. Logo, um sujeito cuja rede social originária era virtualmente dominada por amigos negros, no processo de ascensão, essa rede vai progressivamente embranquecendo, tendo em vista os padrões de distribuição da riqueza na sociedade brasileira.

Assim sendo, as chances dos sujeitos negros estabelecerem contatos afetivos e inserirem nas suas relações de amizade pessoas brancas, aumenta a medida que se consolida o processo de ascensão e inserção na nova classe social. Obviamente, o sujeito sempre tem a possibilidade de reverter este processo, de acordo com os espaços de sociabilidade de escolhe frequentar. Foi essa, inclusive, a solução encontrada por Natália, Vânia e Eduardo, por exemplo. Os três estabeleceram racionalmente o intuito de não se afastar de suas origens e,

com isso, reduzir a sensação de deslocamento que a percepção de ser o único distinto em um grupo pode produzir.

Ademais, no que se refere às relações afetivas, percebe-se que é preciso qualificar melhor este grupo entendido como “sozinhos”. Todos os entrevistados acima, de uma maneira ou de outra, estão fora de um roteiro tradicional sobre como deveria ser a vida de um adulto. Sem um vínculo formal de casamento, sem filhos, na maioria. Entretanto, é preciso levar em consideração os diferentes motivos atribuídos a este “solidão”. Motivos variados foram apresentados. O processo de ascensão, por si, já foi para a maioria deles e, especialmente delas, um convite a permanecer sozinho. A centralidade do trabalho na vida de uns, a necessidade de sustentar a família no caso de outros; a ausência de desejo de casar, mesmo estando formalmente namorando há quase 20 anos. Talvez o gosto pela vida de solteiro ou a aversão a construir uma vida compartilhada. Todos são motivos igualmente legítimos.

Destes motivos dois precisam ser levados em consideração: parece sintomático que duas mulheres tenham, direta ou indiretamente, deixado de pensar em constituir família própria ou ter filhos, quando isto era um desejo real, com o intuito de transferir recursos à família e, portanto, contribuir para a criação dos sobrinhos e primos. Ora, sabe-se que, com a frequência em que as mulheres estão submetidas à dupla jornada, assumir um relacionamento estável ou ter filhos pode ter um custo elevadíssimo nos projetos de mobilidade e de consolidação profissional.

Ademais, para além do efeito da diferença populacional entre brancos e pardos, de um lado, pretos, do outro, é preciso atentar para o fato de que a sociedade brasileira possui um conjunto de representações a respeito do belo, do desejável e o do feio. E que, neste sentido, é possível que as queixas de alguns entrevistados a respeito da existência destas orientações gerais, assentadas na exclusão daqueles cujos traços físicos são mais próximos do lado escuro do gradiente de cor, o que significa dizer que a construção da noção de beleza pode, sim, estar vinculada a questões de construção da cor. E cor entendida como metáfora ou síntese de vários outros elementos que constituem os traços físicos numa sociedade plural como a brasileira.

## 5 CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo reconstruir trajetórias e analisar narrativas de homens e mulheres negros que ascenderam socialmente. Mais do que mapear este grupo social, o intuito era compreender qual a relação entre a ascensão e construção de valores e perspectivas a respeito do mundo circundante. E, neste sentido, alguns elementos podem ser retomados como parte da compreensão de quem são essas pessoas e como elas entendem o mundo. Cabe frisar que este trabalho retomou um tema cuja posição sempre foi dúbia nas Ciências Sociais (FIGUEIREDO, 2002, p.27 – 31). Por um lado, os negros ascendentes foram tomados como prova da inexistência de barreiras raciais a ascensão, a comprovação de que a sociedade brasileira seria realmente uma sociedade de classes e não de castas. A aparente desigualdade racial seria produto da desigualdade social. A ascensão de negros e, especialmente, de mulatos, seria a prova da realidade desta tese. Tendo em vista o conjunto das informações obtidas, o primeiro elemento a se ressaltar é que, com poucas exceções, essa é a primeira geração de ascendentes nas suas famílias e que esta ascensão se deu via ampliação do acesso ao sistema escolar e, particularmente em um sistema escolar eficiente o suficiente para compensar a ausência de capital de origem, capital herdado, e capaz de catapultar essas pessoas a estratos sociais mais privilegiados do que aqueles no qual foram criados. Como exposto acima, o pertencimento a redes sociais privilegiadas são parte da construção da desigualdade dominante entre nós. Como apontam Marques (2009) e Medeiros (2005), há redes sociais nas quais informações privilegiadas circulam e a inserção nestas redes é fundamental para ter acesso às melhores oportunidades com mais facilidade. Ora, estas redes sociais mais privilegiadas possuem uma forte conotação de classe social, sendo prioritariamente acessada por aqueles que nasceram em posição de classe mais vantajosa.

No entanto, não se pode ignorar a possibilidade de acessar estas redes sociais privilegiadas mesmo estando em posições subalternas. Teixeira (2003), ao falar do acesso a bens culturais e perspectivas de vida de seus entrevistados, cita o papel da inserção da mãe como empregada doméstica em lares de classe média como elemento que possibilitaria o acesso a expectativas de vida dos estratos superiores da sociedade brasileira. Esta, por certo, pode ser considerada uma forma de inserção numa rede social, mesmo que de forma subalternizada. Este caminha para a ascensão já fora percebido por Azevedo (1955) quando este atentou para os efeitos do paternalismo das elites brancas ao oferecerem aos filhos de trabalhadoras domésticas acesso ao sistema escolar ou alocação profissional.

Esta modalidade de inserção não aparece como relevante no material selecionado para esta pesquisa, ao contrário do que ocorreu no trabalho de Teixeira. Entretanto, os relatos de convivência com indivíduos oriundos de estratos sociais com outras aspirações aparecem na narrativa de alguns entrevistados que participaram desta pesquisa. O local que aparece como central na elaboração destes projetos sociais particulares parece ser a escola. Logo, a inserção daquelas pessoas nas escolas, majoritariamente públicas, na qual estudavam pessoas de estratos sociais superiores, pode ter sido a fagulha que despertou uma perspectiva de vida e, com ela, a consolidação de uma trajetória ascendente.

Percebe-se que a existência de uma rede pública e socialmente diversa de educação pode ser um elemento não plenamente tangível importante para a consolidação da ascensão social de crianças e jovens pobres. A existência desta rede de qualidade, além de oferecer mecanismos para o desenvolvimento de capacitações e habilidades necessárias ao mundo do trabalho e, com isso, reduzir os impactos da origem social dos alunos, permite a convivência com a alteridade e com isso a troca e a criação de diferentes perspectivas de vida. Não somente a inserção numa escola foi importante, mas também o acesso a pessoas e grupos cujo projeto compartilhado de vida incluía como um dado “natural” maiores investimentos em educação e acesso a profissões de nível superior. Estas trocas culturais, esta inserção numa rede social com outros interesses, não podem ser plenamente equacionadas, elas dizem respeito a uma consequência intangível da inserção no sistema escolar, supondo que este seja socialmente diverso.

Esta consolidação enquanto classe social numa posição mais confortável que aquela ocupada pela maioria da população brasileira se deu, em muitos casos, através do acesso ao emprego público. Para compreender plenamente os motivos desta recorrência, seria necessário realizar um amplo estudo sobre a estrutura do Estado brasileira, o que foge ao foco desta pesquisa. No entanto, outros trabalhos também já indicam esta recorrência (FIGUEIREDO, 1999; AZEVEDO, 1955; BACELAR, 2001). Do ponto de vista histórico, antes da consolidação dos novos mecanismos de acesso ao serviço público por concurso, os autores atribuem à entrada de pretos e, especialmente mestiços, em posição de destaque nas carreiras públicas como uma faceta das relações patrimonialistas visto que o acesso a estas posições, mesmo que subalternas, se dava através de bons relacionamentos com indivíduos e famílias com acesso ao poder. Entretanto, modernamente, muitas podem ser as explicações deste fenômeno. O primeiro seria a necessidade de seguridade e bons rendimentos, ao menos do ponto de vista dos sujeitos que ascenderam através da inserção nestas posições. Uma inserção que garantisse segurança se torna especialmente importante quando se tem em

perspectiva os limites da transmissão de bens dos pobres para a geração seguinte. Não sendo herdeiros de nada ou quase nada, não tendo os pais necessariamente condições materiais de garantir uma maior seletividade empregatícia, se torna fundamental ter uma inserção profissional que garanta renda segura e certa para a construção da própria vida. Ademais, nos processos de seleção para os cargos públicos, o efeito das redes sociais de origem tende a ser minorado, visto os métodos de seleção. Isto pode facilitar os pobres em geral e, numa sociedade na qual ainda há concepções preconceituosas que associam cor a capacidade, o método de seleção universal, com baixo nível de intervenção de personalismos pode franquear o acesso de uma população que precisa comprovar a todo tempo que tem o direito de estar na posição social na qual se encontra. Entretanto, isto não parece ter se aplicado a todos os casos. Alguns dos entrevistados possuíam uma estrutura mais consolidada e, ainda assim, optaram pelo emprego público. E outros, construíram a sua carreira na iniciativa privada. A recorrência da construção profissional via serviço público exige uma cuidadosa análise, até mesmo porque não é possível afirmar que esta seja uma estratégia apenas dos negros para ascender socialmente, o que parece pouco provável.

Este processo de ascensão só foi possível porque famílias inteiras incorporam um conjunto de valores sociais que celebravam a educação e a formação. Uma cultura que valorize a educação como mecanismo de ascensão social, arcando com os sacrifícios financeiros deste processo, está presente em trabalhos clássicos. A ideia de que os negros deveriam incorporar valores brancos como forma de ascensão passa, inclusive, pela adoção de uma política de educação formal e exigência quanto a esta formação. Bourdieu;Passeron (1977), já indicam essa complementar relação entre família e escola. Apesar de focarem nos processos silenciosos de seleção promovidos pelo sistema escolar e a dominação simbólica atrelada estes processos, a relação entre capital familiar e escola é um dos elementos centrais da obra para entender como opera o sistema escolar.

Entretanto, pode-se discutir aquilo que está presente em várias narrativas que é o peso da cobrança excessiva sobre estas pessoas e a necessidade de serem sempre as melhores e ocuparem os primeiros lugares. Souza (1990), ao realizar os estudos de caso com negros ascendentes, identifica essa excessiva cobrança como uma versão perversa da auto-rejeição a qual alguns negros estariam submetidos. A recusa de si, do seu corpo, através do desejo por um ideal branco, levaria a homens e mulheres a deslocar as inclinações emocionais oriundas de sua rejeição frente a um ideal inalcançável para a constante auto-superação, o que acarretaria cobranças sobre os seus filhos, suas projeções afetivas e emocionais. Aparentemente nebulosa, apesar de instigante, tal interpretação carece de substância.

Do ponto de vista sociológico, parece mais compreensível que a insistência na formação educacional era oriunda do reconhecimento tácito dos efeitos da educação e, especialmente, dos efeitos da não educação sobre a vida e o futuro. Investir em educação seria investir nas chances de garantir aos filhos uma vida melhor.

Entretanto, mais do que uma estratégia visando à ascensão, este tipo de pressão parece uma maneira de lidar com o reconhecimento da existência de expectativas ruins, socialmente construídas, associadas à cor da pele. Este cobrança tem uma mensagem tácita: o erro não será perdoado, o que também aparece em mais uma entrevista. Alguns são tomados pela sensação de que não possuem o direito de errar. E não há meias palavras quando essas pessoas pensam na própria vida nestes termos. O que está em jogo são concepções que afetam diretamente a vida de algumas dessas pessoas.

Gênero, por certo, é uma categoria estruturante das relações sociais. Quando comparadas narrativas de homens e mulheres há diferenças interessantes, mesmo estando todos no mesmo estrato social. Mulheres negras parecem ser muito mais prolixas ao narrarem o conjunto de questões que se colocam a eles no processo de ascensão de se consolidação de classe. Conforme afirma Carneiro (1995), as mulheres negras historicamente estão colocadas em posição de subalternidade. Elas trazem de maneira mais aguda em seu corpo a submissão de todas as mulheres numa sociedade patriarcal e, ao mesmo tempo, trazem a marca de uma sociedade fundamentada da exotização e erotização do corpo negro. Elas estão em meio à intersecção de duas modalidades poderosas de construção de estigma. Estas dificuldades se expressam em diferentes níveis. As mais velhas tiveram que lidar com um conjunto de valores que pretendia mantê-las em uma posição subalternizada, efetuando trabalhos domésticos ou aqueles concebidos como extensão da atividade doméstica.

Ademais, são elas que enfrentam um mercado matrimonial menos promissor, com menos ofertas, como já exposto anteriormente. Gonçalves (2007), ao estudar o sentido da “solidão” dentre mulheres negras percebeu que, apesar dos dados demográficos que apontam um cenário menos favorável para as mulheres em geral, e para as mulheres negras, em especial, percebe que a “solidão” é vivida de diversas formas. E que outros arranjos afetivos são elaborados para dar conta desta delicada inserção na qual os símbolos, as representações a respeito do corpo da mulher negra são construídos. De fato, apesar do grande número de mulheres solteiras ou separadas, várias relataram outros arranjos afetivos, outras construções de relacionamento que escapam de uma perspectiva tradicional da mulher solitária em busca ou da mulher casada conforme a representação tradicional. Além disso, no que se refere ao mercado afetivo, são estas mulheres negras que precisam lidar com estereótipo de que são

prostitutas, caso estejam com um homem branco. O mesmo não acontece com o homem negro acompanhado de uma mulher branca. O corpo da mulher negra é estereotipado, parte de uma indústria do espetáculo com a qual todas precisam lidar, cada uma com sua própria estratégia.

Na realidade, a posição destas mulheres no mercado matrimonial precisa ser pensada segundo um conjunto amplo de determinantes. As hierarquias simbólicas entre elas e as mulheres brancas, a necessidade de serem, como aponta o entrevistado de Moutinho (2004) excepcionais, a associação do corpo da mulher negra a prostituição e aos estereótipos sexualizados, todos estes elementos parecem criar questões adicionais ao já complexo mercado afetivo e das relações sociais.

Assim como todas as demais mulheres que tornam a profissão algo importante na constituição de suas vidas, as entrevistadas tiveram que fazer escolhas frente à pressão do mercado de trabalho para chegar ao topo da carreira ou postergar até o inviável o desejo de reprodução. A conciliação entre maternidade e êxito profissional é possível, mas, sem uma rede de apoio sólida, tente a ter custos emocionais e sociais enormes para estas mulheres.

Outro elemento fundamental obtido no desenvolvimento da pesquisa, é a maneira como a os entrevistados compreendem a relação que se estabelece entre cor e outros atributos simbólicos na sociedade. Dizer que as diferenças físicas são interpretadas segundo perspectivas culturais específicas significa dizer que as sociedades elegem sinais aos quais vão atentar ao construir a diferença entre os homens. O elemento central nesta construção no Brasil se refere à pele. Esta acaba por se tornar a síntese simbólica da marcação da diferença e, mais do que isso, da hierarquia. Entretanto, como a homogeneidade não é um suposto do sistema, as chances de ser vítima de alguma modalidade de preconceito variam segundo o elemento classe, expresso publicamente em sinais de classes, e a “intensidade” da “preitude” do sujeito. Quanto mais preto, maior a incidência de preconceitos associados, como parte das desvantagens acumuladas.

Apesar disso, chama atenção as perspectivas majoritariamente positivas com as quais estes homens e mulheres têm encarado o Brasil. Apesar de críticos quando a desigualdade e a crise educacional, entendem na sua maioria que o país está hoje muito melhor do que já esteve no passado. E mais, esperam mais do futuro.

No que se refere às questões raciais, destacam-se as poucas narrativas de discriminação concreta. Prevaecem os comentários a respeito da gramática racial que na sutileza permanece mantendo momentos de constrangimentos que se impõem a estes sujeitos. Com poucas exceções, a maioria reconhece a manutenção de padrões de preconceito, mas



divergem quanto à maneira de enfrentar a questão. Além disso, percebeu-se pelas narrativas que os negros que ascenderam possuem baixo nível de inserção política-institucional. Poucos participam de algum movimento social. O mesmo padrão se repete para inserção religiosa ou em associações de bairro. Há certa dose de inatividade política. Os movimentos negros também não parecem atrair com frequência a este público. Poucos foram os que tiveram algum nível de inserção nessas organizações. Na sua maioria, os entrevistados demonstraram ou desconhecer o movimento ou são críticos as posturas das organizações. As críticas seguem em duas direções: ineficiência e radicalismo. Ora juntas, ora separadas, estas críticas demonstram a ausência de penetração do movimento dentre estes entrevistados que já estão consolidados numa posição de classe. O que, por outro lado, não invalida o fato desses movimentos historicamente serem constituídos por homens e mulheres negros em ascensão social. Silva (2003) já aponta a relação entre ascensão social dos negros e formação de grupos políticos ao estudar a “União dos Homens de Cor”; percepção semelhante tem Pinto (1998) ao se referir ao “Teatro Experimental do Negro” como expressão dos interesses políticos dessa “nova elite de cor”. Basicamente, como aponta Figueiredo (2002:105), a ascensão social tem fornecido condições materiais, sociais e políticas para que esta nova “elite de cor” reformule o sentido do seu pertencimento étnico-racial.

O fato de aparecerem poucas inserções nos movimentos sociais nas entrevistas, não significa que estas pessoas não tenham elaborado um conjunto de narrativas dotando o “ser negro” de um significado específico. Esta categoria de classificação assume contornos identitários, mesmo que fazia de conteúdos políticos tradicionais. A política e a consolidação de uma nova narrativa identitária parece estar vinculada aos padrões de consumo, como aponta Fry (2002). No mercado das identidades, a nova identidade negra, aos menos do grupo que participou desta pesquisa, uma parcela de um universo muito maior, é um constructo linguístico sem referências culturais ou políticas diretas. A política parece estar simplesmente no corpo. Não são negros necessariamente porque são praticantes de uma cultura particular ou religião específica. São negros porque assim veem seus corpos. Pretendem ser “negros”, plenamente inseridos no seu universo de classe, o condicionante social fundamental para este grupo específico. A política parece estar no corpo. Ser negro nesse contexto parece ser, por si mesmo, uma atitude política.

Até esta geração que ascendeu em um contexto político e social bem menos favorável, os padrões gerais foram os apresentados acima. É possível que, com a ampliação de negros na universidade, e o efeito disto no mercado de trabalho venha alterar o desenho geral das relações sociais nos estratos médios, tornando este grupo bem mais representativo e

consolidando uma diversidade real e representativa em todas as cores do Brasil nos setores médios e nas posições de prestígio.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. Rio de Janeiro: Ática, 1989.
- AZEVEDO, Célia M. Marinho. Entre o universalismo e o diferencialismo: uma reflexão sobre as políticas anti-racistas e seus paradoxos. *Interseções – Revista de Estudos Interdisciplinares*, ano 2, n. 1, p 85-94, 2000.
- AZEVEDO, T de. *As elites de cor: um estudo sobre ascensão social*. São Paulo: Nacional, 1955.
- \_\_\_\_\_. *Mestiçagem e status*. In: \_\_\_\_\_. *Cultura e situação racial no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- BACELAR, Jéferson. *A hierarquia das raças: negros e brancos em Salvador*. Rio de Janeiro, Pallas, 2001.
- BARCELOS, Luiz Cláudio. *Raça e realização educacional no Brasil*. 1992. 98 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. (T. 0019).
- \_\_\_\_\_. Educação um quadro das desigualdades raciais. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, n.23, 1992.
- BARCELLOS, Deisy. *Família e ascensão social de negros em Porto Alegre* (Tese de Doutorado) - Museu Nacional, 1996.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Lisboa: Dinalivro, 2004.
- BOTT, E. *Família e rede social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção*. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- \_\_\_\_\_. O camponês e seu corpo. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, 26, p. 83 – 92, junho, 2006.
- \_\_\_\_\_; PASSERON, J. C. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha de. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-renumerado In: ARAUJO, Clara; PICANÇO, Felícia ; SCALON, Celi. *Novas conciliações e antigas tensões? Gênero, família e trabalho em perspectiva comparada*. São Paulo: Edusc, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Trabalho das mulheres no Brasil: continuidades e mudanças no período de 1985 – 1995*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1998.
- \_\_\_\_\_. Maternidade e trabalho feminino: Sinalizando tendências. *Reflexões sobre gênero e fecundidade no Brasil*. ARILHA, Margareth ; BARBOSA, Regina Maria; BRUSCHINI,

Maria Cristina Aranha de; COSTA, Sarah Hawker; GIFFIN, Karen; GREGORI, Maria Filomena; ROSEMBERG, Fúlvia (1995).

CALDEIRA, T.P.R. A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia. *Novos estudos CEBRAP*, n. 21, 1988.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CAILLAUX, E. L. Cor e mobilidade social no Brasil. *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 26, 1994.

CARDOSO, F. H.; IANNI, O. *Cor e mobilidade social em Florianópolis*: aspectos das relações entre negros e brancos numa comunidade do Brasil meridional. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960. (Coleção Brasileira, v. 307).

CARDOSO, Ruth.; SAMPAIO, Helena. Estudantes universitários e o trabalho. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* (impresso), v. 26, p 30 -50, 1994.

CARNEIRO, Sueli. Gênero, raça e ascensão social. *Estudos feministas*, 547, n.2, 1995.

CARVALHO, J. J. Racismo fenotípico e estéticas da segunda pele. *Revista cinética*, v. 1, p. 1, 2008.

CARVALHO, José Alberto Magno de.; WOOD, Charles H.; ANDRADE, Flávia Cristina Drumond. Notas acerca das categorias de cor dos censos e sobre a classificação subjetiva de cor no Brasil. *Revista brasileira de estudos de população*, v.20, n.1, jan./jun. 2003.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998

COSTA, Sergio. A construção sociológica da raça no Brasil. *Estudos Afro-Asiáticos*, ano 24, n.1, 2002.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Antropologia do Brasil*: mito, história, etnicidade. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Bonde do mal: notas sobre território, cor, violência e juventude numa favela carioca. In: MAGGIE, Yvonne; REZENDE, Claudia Barcellos (Org). *Raça como retórica*: a construção da diferença. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

DAMATTA, Roberto. O ofício de etnólogo: ou como ter “Atropological Blues” *Cadernos de Antropologia e Imagem*, v.1, 1978.

DIAS FILHO, Antônio Jonas. As mulatas que não estão no mapa. *Cadernos Pagu*, n.6-7, p.51-66, 1996.

DIEESE (2011) Boletim: *Os negros no mercado de trabalho da região metropolitana de São Paulo*.

DUARTE, Luiz Fernando Dias; GOMES, Edlaine de Campos. *Três famílias*: identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

ELIAS, Nobert; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

Elias, Norbert. *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995.

FARIAS, Patrícia Silveira. *Pegando uma cor na praia*. Rio de Janeiro. Secretaria Municipal das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 2003.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Dominus: Universidade de São Paulo, 1965.

\_\_\_\_\_. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

FIGUEIREDO, Ângela. *Fora do jogo: a experiência dos negros na classe média brasileira*. *Caderno Pagu*, n.23. Campinas: 2004.

\_\_\_\_\_. *Novas elites de cor: estudo sobre os profissionais liberais negros de Salvador*. Rio de Janeiro: UCAM, 2002.

\_\_\_\_\_. *Velhas e novas "elites negras"*. In: MAIO, M. C.; BÔAS, G. V. (Org.) *Ideais de modernidade e sociologia no Brasil*. Ensaios sobre Luiz Aguiar Costa Pinto. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

\_\_\_\_\_. *Maldita ou bendita classe média negra?* *Revista Interseções*, Rio de Janeiro, ano 6. n.1, 2004.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. *Tecnologia e estética do racismo: ciência e arte na política da beleza*. Chapecó: Argos, 2007.

FRY, Peter. *A persistência da raça: ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África austral*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005.

\_\_\_\_\_. *Estética e política: relações entre "raça", publicidade e produção de da beleza no Brasil*. In: GOLDENBERG, Mirian. (Org.). *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

\_\_\_\_\_. MAGGIE, Y. et al (Org.). *Divisões perigosas: políticas raciais no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v.1. 363p .

GARCIA, Vinicius Gaspar. *Questões de raça e gênero na desigualdade social brasileira recente*. (Mestrado) – Unicamp, Campinas, 2005.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1999.

GIACOMINI, Sonia Maria. *A alma da festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – o Renascença Clube*. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: Iuperj, 2006.

GIACOMINI, Sonia Maria. Elite negra e o drama de ser dois, In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL, 2000, Salvador. **Anais**. Disponível em <http://152.92.152.60/web/olped/documentos/ppcor/0221.pdf>

\_\_\_\_\_. Mulatas profissionais: raça, gênero e ocupação. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 14, n. 1, Abr.2006.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

\_\_\_\_\_. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.

GOFFMAN, Erving. *Stigma: notes on the management for Spoiled Identity*. New Jersey: Prentice-Hall, Inc. Englewood Cliffs, 1963.

GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GONÇALVES, Eliane. *Vidas no singular: noções sobre “mulheres sós” no Brasil contemporâneo*. (Doutorado) - UNICAMP, Campinas, SP, 2007.

GREENE, Margaret E.; RAO, Vijayendra. A compressão do mercado matrimonial e o aumento das uniões consensuais no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, Campinas, v.9, n.2, p. 168-183, 1992.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. *Introdução crítica a sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HANCHARD, Michel George. *Orfeu e o poder: o movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo (1945-1988)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

HERINGER, Rosana. Desigualdades raciais no Brasil: síntese de indicadores e desafios no campo da política pública no Brasil. *Cad. de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, n.18, 2002.

HASENBALG, Carlos. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, (1979) 2005.

\_\_\_\_\_. 1976: As desigualdades raciais revisitadas. *Revista Ciências Sociais Hoje*, n. 2, Anpocs, 1983.

\_\_\_\_\_. *Raça e mobilidade social*. In: HASENBALG, C.; VALLE SILVA, N. (Org.).

\_\_\_\_\_; VALLE SILVA, N. (Org.). *Estrutura social, mobilidade e raça*. Rio de Janeiro: Iuperj, 1988.

\_\_\_\_\_; VALLE SILVA, N. ; LIMA, M. *Cor e estratificação social*. Rio de Janeiro: Contracapa, 1999.

\_\_\_\_\_; Educação e diferenças raciais na mobilidade ocupacional no Brasil. In: HASENBALG, C.; VALLE SILVA, N.; LIMA, M. *Cor e estratificação social*. Rio de Janeiro: Contracapa, 1999.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniele. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de pesquisa da Fundação Carlos Chagas*, v.37. n. 132, p. 595-609, set./ dez., 2007.

\_\_\_\_\_. A classe operária tem dois sexos. *Estudos feministas*, ano 2, jul./dez., 1994.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). *Estatísticas do século XX*. Rio de Janeiro: IBGE, 2003.

JANNUZZI, Paulo de Martino. *Migração e mobilidade social: migrantes no mercado de trabalho paulista*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

JODELET, Denise. *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MACEDO, Macio. 'Serviço de preto': uma faceta do consumo da juventude afro-paulista. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS –GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 13, Caxambu, 2004.

MADEIRA, Margot Campos. Representações sociais: pressupostos e implicações. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, n.72, maio./ago1991.

MAIO, Márcio Chor et al. Cor/raça no Estudo Pró-Saúde: resultados comparativos de dois métodos de autoclassificação no Rio de Janeiro, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, v. 21, n.1, p.171-180, 2005.

MARCHELLI, Paulo Sérgio. Expansão e qualidade da educação básica no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, v.40, n.140, p. 561-585, maio/ago. 2010.

MARQUES, Antônio Manuel; AMÂNCIO, Ligia. Homens de classe: masculinidade e posições sociais. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8, 2004.

MARQUES, E. C. As redes importam para o acesso de bens e serviços obtidos fora de mercados? In: ENCONTRO ANUAL EM CIÊNCIAS SOCIAIS, Caxambu-MG, de 26 a 30 de outubro de 2009.

\_\_\_\_\_. Como são as redes de indivíduos em situação de pobreza no Brasil urbano? In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, Florianópolis, 2009<sup>a</sup>.

\_\_\_\_\_. As redes sociais importam para a pobreza urbana? *Revista Dados*, v. 52, n. 2, de 2009. Antes apresentando no "LASA 2009: Rethinking Inequalities. XXVIII International Congress of the Latin American Studies Association (LASA)", realizado entre 11 e 14 de Junho de 2009.

MEDEIROS, Marcelo. *O que faz os ricos ricos: o outro lado da desigualdade brasileira*. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2005. v. 1. 299p.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOUTINHO, Laura. Discursos normativos e desejos eróticos: a arena das paixões e dos conflitos entre “negros” e “brancos”. *Sexualidade, Gênero e Sociedade*, ano 11, n. 20, maio 2004.

\_\_\_\_\_. "Raça", sexualidade e gênero na construção da identidade nacional: uma comparação entre Brasil e África do Sul. *Cad. Pagu*, n.23, p. 55-88, 2004<sup>a</sup>.

NEVES, Paulo César da C. Luta anti-racista: entre reconhecimento e redistribuição. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.20, n. 59.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. *Tempo soc.*, v.19, n.1, p. 287-308, 2007.

\_\_\_\_\_. *Negro político, político negro*. São Paulo: EDUSP, 1992.

ODOUGHERTY, Maureen. Auto-retratos da classe média: hierarquias de ‘cultura’ e consumo em São Paulo. *Revista Dados*, Rio de Janeiro, v. 41, n.2, 1998.

OSORIO, Rafael Guerreiro. *A mobilidade social dos negros brasileiros*. Brasília: IPEA, 2004.

PASTORE, J. *Desigualdade e mobilidade social no Brasil*. São Paulo: T.A Queiróz Editor, 1979.

\_\_\_\_\_. As classes sociais do Brasil. *Jornal da Tarde*, 15 dez. 1999.

\_\_\_\_\_. N. V. SILVA (1999) *Mobilidade social no Brasil*. São Paulo: Makron Books, 2000.

PETRUCCELLI, José Luís. Seletividade por cor e escolhas conjugais no Brasil dos 90. *Estudos afro-asiáticos*, v.23, n.1, p. 5-28, 2001.

PINTO, L.A. Costa. *O negro no Rio de Janeiro: relações de raça numa sociedade em mudança*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

PIERSON, D. *Branços e pretos na Bahia*. São Paulo: Nacional, 1971.

PINHO, Osmundo de Araújo. *O efeito do sexo: políticas de raça, gênero e miscigenação*. *Cad. Pagu [online]*, n.23, 2004.

PRAXEDES, Rosângela Rosa. Classe média negra no Brasil: negros em ascensão social. *Revista Espaço Acadêmico*, n.20. 2003.

\_\_\_\_\_. As elites de cor. *Revista Espaço Acadêmico*, ano 3, n.24. 2003.

REZENDE, Claudia Barcellos. *Os significados da amizade: duas visões de pessoa e sociedade*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

\_\_\_\_\_. COELHO, Maria Claudia. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: FGV, 2010

RIBEIRO, Carlos Antônio Costa. Desigualdade de oportunidades educacionais no Brasil: raça, classe e gênero. *Educação on-Line (PUCRJ)*, v. 8, p. 1, 2011.



RIBEIRO, Carlos Antônio Costa ;VALLE SILVA, Nelson do. Cor, educação e casamento – tendências da seletividade marital no Brasil, 1960 a 2000. *Dados – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 52, n.1, p. 7 -51, 2009.

RIBEIRO, Antônio Carlos Costa. Classe, raça e mobilidade no Brasil. *Dados- Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v.49, n.4, p.833-873, 2006.

ROCHA, José Geraldo da. De preto a afrodescendente: implicações terminológicas. *Almanaque CIFEFIL*, v.15, p. 899-907, 2010.

RUFINO, J. O negro como lugar. In. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. GUERREIRO RAMOS. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

SALES JR , Ronaldo L.. Políticas de Ancestralidade: negritude e africanidade na esfera pública. *Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, n. 14, set. 2009.

SANSONE, Lívio. *Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção da cultura negra do Brasil*. Salvador : Edujba/ Pallas, 2004.

\_\_\_\_\_. O bebê e a água do banho - a ação afirmativa continua importante, não obstante os erros da UnB!. *Horiz. antropol.* [online]. v.11, n.23, p. 251- 254, 2005.

\_\_\_\_\_. Pai preto, filho negro: cor e diferença de geração. *Estudos Afro-Asiáticos*, n.25, p.7-98, 1993.

SANTOS, R. V. ; BORTOLINI, M. C. ; MAIO, M. C. No fio da navalha: raça, genética e identidades. *Revista USP*, São Paulo, v. 22, p. 22-35, 2006.

SCHWARTZMAN, Simon. Fora de foco: diversidade e identidades étnicas no Brasil. *Novos Estudos CEBRAP*, 55, nov., p. 83-96, 1999.

SEYFERTH, Giralda *As ciências sociais no Brasil e a questão racial*. Rio de Janeiro: IFCH/UERJ, 1989.

SHERIFF, Robin E. Como os senhores chamavam os escravos: raça e racismo num morro carioca. In: MAGGIE, Yvonne; REZENDE, Claudia Barcellos (Org). *Raça como retórica: a construção da diferença*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SILVA, Antônio Ozaí da. A representação do negro na política brasileira. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 40, 09, 2004.

SILVA, Adailton da., SILVA, Josenilton da., ROSA, Waldemir. Juventude negra e educação superior. In: CASTRO, Jorge Abrahão de; AQUINO, Luseni Maria C. de., ANDRADE, Carla Coelho de. *Juventude e políticas sociais no Brasil*. Brasília : Ipea, 2009.

SILVA, Joselina da. O Clube dos negros. *Interseções - Revista de Estudos Interseções*, ano 2, n.1, p. 47-63, 2000.

\_\_\_\_\_. A União dos homens de cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50. *Estudos Afro-Asiáticos*, ano 25, n. 2, p. 215-235, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SIMMEL, George. A Metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G (Org.). *O Fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

SOARES, Reinaldo da Silva. *Negros de classe média em São Paulo: estilo de vida e identidade negra*. (Doutorado) - FFLCH\ USP, São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. *O cotidiano de uma escola de samba paulista: o caso do Vai-Vai*. (Mestrado) - FFLCH/ USP. São Paulo: 1999.

SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.

SOUZA, G. N. *Os negros de camadas médias no Rio de Janeiro: um estudo sobre identidades sociais*. (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro*. Graal Editora, 1990.

TEIXEIRA, Moema de Poli. *Negros na universidade*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003

THOMÉ, Luciana Duatra; TELMO, Alice Queiroz; KOLLER, Silvia Helena. Inserção laboral juvenil: contexto e opinião sobre definições de trabalho. *Revista Paidéia*, v. 20, n. 46, p. 175-185, maio/ ago, 2010.

WOOD, C.H. ; CARVALHO, J.A.M. Categorias do censo e classificação subjetiva de cor no Brasil. *Revista brasileira de estudos de população*, v.11, n.1, 1994.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal. *Anuário Antropológico*, Lisboa, n. 95, p.161-190, 1996.

VALLE SILVA, Nelson do. Análise dos processos de mobilidade social no Brasil no último Século. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 25, Caxambu, de 16 a 20 de outubro de 2001.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

XAVIER, Rosane. Representação social e ideologia: conceitos intercambiáveis. *Psicologia & Sociedade*, v.14, n.2, p. 18-47, jul./dez. 2002.

## ANEXO A - Planilha de entrevistas

Planilha de Entrevistas

Caso	Personagem	Sexo	Idade	Formação	Profissão	Renda Individual	Moradia
1	Héricles	Masculino	50	Direito	Procurador	R\$ 23.000,00	Pendotiba - Niteroi
2	Gustavo	Masculino	29	Engenharia	Engenheiro Químico	R\$ 10.000,00	Botafogo
3	Pedro	Masculino	38	Designer	Designer		Copacabana
4	Giane	Feminino	49	Medicina	Médica	R\$ 15.000,00	Copacabana
5	Fellipe	Masculino	51	Medicina	Médico	R\$ 5.000,00	Vaz Lobo
6	Júlio	Masculino	46	Ciências Econômicas	Professor Universitário		Jacarepaguá
7	Arthur	Masculino	49	Engenharia	Cartógrafo/ Func. Publ.	R\$ 8.000,00	Freguesia
8	Mônica	Masculino	53	Direito	Empresário	R\$ 5.000,00	Jacarepaguá
9	Luiza	Feminino	59	Serviço Social	Aposentada	R\$ 5.500,00	Tijuca
10	Alessandra	Feminino	42	Astronomia	Professor Universitário	R\$ 6.000,00	Copacabana
11	Jorge Luís	Masculino	52	Engenharia	Oficial reformado		Copacabana
12	Vânia	Feminino	52	Psicologia	Auditor fiscal	R\$ 9.000,00	Botafogo
13	Eduardo	Masculino	45	Direito	Auditor fiscal	R\$ 14.000,00	Tijuca
14	Lourdes	Feminino	63	Química	Pesquisadora	R\$ 16.000,00	Flamengo
15	Joana	Feminino	60	Enfermeira	Professora Universitária	R\$ 12.000,00	Tijuca
16	Laura	Feminino	32	Turismóloga	Guia de Turismo	R\$ 6.000,00	Glória
17	Beatriz	Feminino	60	Historiadora	Assessora Pedagógica	R\$ 6.000,00	Humaitá
18	Antônio	Masculino	41	Farmácia	Professor Universitário		Duque de Caxias
19	Patrícia	Feminino	47	Medicina	Médica	R\$ 11.000,00	Laranjeiras
20	Natália	Feminino	39	Comunicação Social	Jornalista		Lagoa
21	Fátima	Femino	50	Psicologia	Psicóloga		Copacabana
22	Marcelo	Masculino	50	Engenharia	Pesquisador	R\$ 9.000,00	São Lourenço

**ANEXO B - Roteiro de Entrevista**

- 1) O que você faz? Você trabalha em que?
- 2) Ha quanto tempo você trabalha nisso? Ha quanto tempo você esta neste mesmo emprego? [OU NO CASO DE AUTONOMO] Você sempre foi autônomo? Aonde você trabalhava antes?
- 3) O que mais você me diria sobre você? Além do seu trabalho, o que mais você faz? Como você se descreveria? Que tipo de pessoa você diria que e?
- 4) O que significa para você ser um [usar característica citada – mulher, negro, etc – caso mulher honesta, nordestina trabalhadora, testar mulher/nordestina)? Ser [mulher, negro, etc] sempre foi importante pra você? O significado de ser [mulher, negro] sempre foi o mesmo ou ele mudou ao longo da sua vida?
- 5) [Se a 4 não RENDER] Ainda falando sobre você, que outras coisas você considera importantes para descrever você? Ser X e mais importante que ser Y? Por que? (não gostei...)
- 6) Fale um pouco sobre suas origens: o que faziam seus pais? Você acha que sua vida e melhor ou pior que a deles? Economicamente também? O que foi que seus pais tentaram lhe ensinar? Você tem irmãos/irmãs? O que eles fazem hoje? Seus pais e seus irmãos também se consideram X,Y,Z?
- 7) [CASO SEJA CASADO!] Você pode descrever sua família pra mim? [explorar: o que seu parceiro/filhos fazem? Onde eles vivem, etc?Eles também são X, Y, Z]
- 8) Como e o seu bairro? Você acha essa vizinhança agradável? Como e a vida aqui? Como são as outras pessoas que vivem aqui? Por que você mora aqui? Seus pais também vivem aqui? Por que você decidiu vir morar aqui? Desde quando você vive aqui [neste bairro]? Onde mais você viveu? Como era o lugar onde você cresceu? Como eram as pessoas lá?
- 9) E a escola onde você estudou? Era publica ou privada? Como eram os outros alunos? Você tinha muitos amigos na escola?
- 10) [para respondentes profissionais] Aonde você fez faculdade? Em que você se formou? Você sempre pensou em fazer faculdade? Como eram seus colegas de faculdade? Você fez amigos na faculdade? São seus amigos ate hoje?
- 11) Você faz parte de alguma organização, por exemplo igreja, sindicato, associações de moradores? De que forma você participa? Esse envolvimento e importante pra você? Por

que? Você poderia me descrever a associação? Quem são os outros membros? Que tipo de pessoa participa?

12) [CASO ASSOCIAÇÕES DE MORADORES NAO TENHAM APARECIDO NA ANTERIOR] Você se envolve na vida da sua comunidade? Como? Por que?

13) Bom, vamos falar agora sobre os tipos de gente que você gosta ou não gosta. Você tem alguém de quem se sente muito próximo [CASO MEMBRO DA FAMILIA, EXPLORAR: E FORA DA SUA FAMILIA?] Como é essa pessoa? O que é que você mais aprecia nela?

14) Sem mencionar nomes, há alguém de quem você não goste? Descreva apenas que tipo de pessoa ela é para eu poder entender o que é que você não gosta nela. Que tipo de pessoas te irrita, em geral?

15) Mesmo que a gente não queira admitir, às vezes nos sentimos melhor ou pior que outras pessoas. Você se sente melhor que algum tipo de pessoa? E pior?

16) Você tem algum herói na vida? Isto é alguém a quem você admira muito? O que é que você admira nele/a?

17) E agora pensando no Brasil, como você descreveria nossa sociedade? Quais os principais desafios do Brasil hoje? E as vantagens? Coisas boas? E para uma pessoa como você, que tipo de problema e mais serio/mais atrapalha sua vida?

18) Comparando a sua situação com a de outras pessoas no Brasil/Rio, você acha que esta melhor ou pior que a maioria?

19) O que pra você significa ter uma vida confortável? Para você, qual a importância do dinheiro nisso? Todos têm oportunidades/ chances de ter acesso a isso? Você acredita que o Brasil é um “país de todos”?

20) O que significa pra você ser brasileiro?

21) Você acha que “o melhor do brasil é o brasileiro”? Por que?

22) Você acha que o Brasil de hoje esta melhor do que o de antigamente [30 anos atrás]? Em que sentido? E em que sentido esta pior?

23) Bem, vamos falar agora sobre a famosa desigualdade brasileira. Muitos dizem que no Brasil todo mundo sempre acha um jeitinho de resolver as coisas. Outros acham que apenas uma minoria pode contar com o jeito para resolver as coisas (ou se dar bem?). O que você acha?

24) Você acha que ao longo da sua vida você foi tratado de maneira justa? Tem alguma situação em que você foi injustiçado – que merecia algo que não recebeu? Você pode me

descrever essa situação? Por que você acha que isso aconteceu? Como você reagiu? Você acha que esse tratamento tem alguma coisa a ver com a sua cor?

\*\*\*PRIMEIRA REFERENCIA A COR

25) [CASO A SITUAÇÃO DESCRITA NA 22 NÃO SEJA DE TRABALHO, CASO SEJA PULAR PARA 25] Você acha que já foi discriminado no trabalho? Como você reagiu?

26) Você se sente ou sentiu desrespeitado em alguma outra situação no trabalho?

27) [CASO A SITUAÇÃO DESCRITA INICIALMENTE SEJA DO TRABALHO] E fora do trabalho? Você se lembra de ter enfrentado problemas desse tipo? Como foi que aconteceu? Como você reagiu? Você acha que essa situação teria sido diferente se você fosse branco?

28) Anteriormente, quando perguntamos sua cor, você disse que era X. O que significa ser X pra você? Você já definiu sua cor de outra forma? Outras pessoas já usaram outras categorias/palavras para te definir?

29) Seus pais também se definiam como X? Eles te ensinaram alguma coisa sobre ser X? O que? Em que situações? E seus filhos se definem como X?

30) Existem pessoas na sua família que não se definem como X? Como elas se definem?

31) Você acha que ser X é diferente de ser branco? Em que sentido?

32) Quais são os aspectos mais positivos em ser X? E os negativos?

33) Tomando agora a tão discutida ideia do Brasil como uma democracia racial, ou seja um país onde o racismo não é muito forte: a partir de sua própria experiência você diria que essa tese é verdadeira ou falsa? Em comparação aos Estados Unidos e a África do Sul? Fale um pouco mais sobre isso? Como você vê a sociedade brasileira? E como você se vê nesse contexto? Como se descreveria? Explique.

34) Você acha que existe desigualdade entre negros e brancos? Quais os melhores instrumentos para diminuir essa desigualdade entre negros e brancos?

35) Você se lembra de situações em que se sentiu mal compreendido ao interagir com brancos?

36) Na sua casa se falava sobre racismo? Como foi que seus pais lhe ensinaram a conviver com racismo/discriminação?

37) (se for o caso) E como é/foi que você ensina(ou) seus filhos a lidar com racismo/discriminação?

38) Qual você acha a melhor forma de lidar com racismo? De reagir ao racismo? Você acha que estudar mais e trabalhar duro é uma estratégia?

39) Pra você, o que explica o racismo? [explorar: natureza humana, sociedade, biologia].

- 40) Você acha que pessoas de todas as cores são iguais? Por que? O que faz as pessoas iguais?
- 41) Você acha que é fácil ter amigos de cores diferentes da sua? Você tem amigos brancos? E amigos negros? A sua relação com amigos negros e brancos é diferente? Vocês falam sobre racismo e discriminação?
- 42) [se tiver filhos] Como você reagiria se seus filhos namorassem ou saíssem com uma pessoa branca? Isso seria um motivo de discussão?
- 43) Você acha que as relações entre pessoas de cores diferentes são mais aceitas hoje? As relações melhoraram? Que tipo de soluções você acha que podem existir para isso?
- 44) Vou ler agora uma lista que descreve várias maneiras de lidar com discriminação de cor/ racismo. Você poderia me dizer o que acha de cada uma delas? (buscar força na espiritualidade; juntar-se a um partido político ou a alguma associação; acreditar no sonho da democracia racial; mudar o sistema; ignorar o assunto; perdoar; etc.) Diga-me o porquê. Você já usou alguma dessas estratégias? Quando?
- 45) Na sua opinião, o que funciona melhor? Religião? Mostrar competência profissional? Se educar? Mudar o sistema? [explorar]
- 46) Você já pensou em participar do Movimento Negro? Por que?
- 47) Você acha que pode servir de modelo para outras pessoas que vivem hoje situações semelhantes as que você viveu? De que maneira? Você teve ou tem pessoas que lhe serviram ou servem de modelo?
- 48) De onde vieram suas ideias sobre cor. Nos falamos dos seus pais, mas você foi influenciado por outras pessoas ou organizações? [explorar: músicos, pessoas públicas, líderes religiosos, líderes políticos, movimentos]. De que maneira essas pessoas lhe influenciaram?
- 49) Qual a sua opinião sobre ação afirmativa? E sobre cotas? [explorar: o que justificaria esse tipo de prática? você tem dúvidas?]
- 50) Você conhece outras políticas para aumentar a participação de pessoas de cores variadas na universidade, no trabalho e em outros ambientes? Você acha que elas são justas? Porque? (se a escravidão for mencionada, explorar isso)
- 51) O que você acha das pessoas brancas que reclamam que os negros estão tomando os lugares que pertencem a eles na universidade, no trabalho, etc.
- 52) Você acha que brancos e negros são diferentes? Em que sentido? Existe alguma desvantagem em ser branco?
- 53) Entre as características que eu vou mencionar com quais você se identifica mais: mulher/homem, classe média/pobre/profissional(o tipo), brasileiro, moreno, negro, afro-

brasileiro, preto, pardo, mestiço, mulato, trabalhador. Por que? [EXPLORAR, principalmente comparar cor/Brasil/classe]

54) Você acha que responder ao racismo é um peso para você? Pessoalmente, você diria que tem ou teve algum custo com isso? Como? (explore: relações interpessoais, saúde, stress, etc.)

55) Depois do questionário de saúde: Eu estou particularmente interessada no impacto do racismo sobre a sua saúde. Você se incomodaria de preencher um questionário sobre suas experiências com racismo e o impacto na sua saúde?

Mas antes que gostaria de falar sobre como você definiria sua condição de saúde.

Você se considera estressado?

Quais os motivos desses stress?

Você acha que sua saúde e seu stress estão relacionados com as suas experiências com racismo de alguma forma?

---

<sup>i</sup> Disponível em <http://ideb.inep.gov.br>

<sup>ii</sup> Joaquim Nabuco, O Abolicionismo (sem ano ou paginação)

<sup>iii</sup> Luiz Inácio Lula da Silva